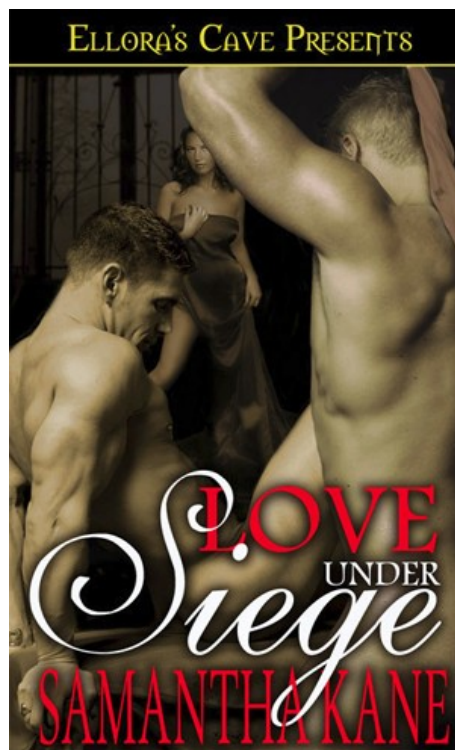


AMOR NO LUGAR

Companheiros de Armas 02

Samantha Kane



Disponibilização: Tradutoras Inexpertas

Tradução: YGMR

Revisão: Vânia

Rev. Final: Lina

Formatação: Iara

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Resumo

Philip e Jonathan formam parte das tropas que lutaram contra Napoleão como a todos seus camaradas a guerra os afetou profundamente. Agora têm voltado do continente e tem só uma missão, fazer que Marge aceite ao Philip como seu marido logo convencer-la de compartilhar sua cama com o Jonathan.

Marge não sabe o que é que não funciona em seu matrimônio, até que Jonathan lhes une. E tudo faz sentido. Quem a cortejava? Philip ou Jonathan? Os dois? Com a chegada do Jonathan tudo volta a ser perfeito.

Ela ama ao Phillip, mas suas fantasias passam pelo Jonathan. Como é possível que seu marido lhe permita jogar com essas fantasias? Como é possível que ela seja tão feliz com só os ter aos dois. Um estranho jogo começa.

Embora ninguém mais o veja Marge sabe que a relação do Philip e Jonathan é uma relação que ultrapassa os limites da amizade. Eles poderão aceitá-lo? Ela poderá aceitar ser compartilhada?

Enquanto isso Robertsom espreita, e as coisas não poderão seguir como estavam.

Nota da Revisora Lina: Amigas queridas confesso que foi a primeira vez que eu tive contato com um livro contendo esse conteúdo ménage t... rrsrs, ai ai ai ui iu iuiiiiiiiiiii!!!!!! Não decidi ainda se gostei ou não. Nada contra que fique bem claro, mais como foi minha primeira vez!!!!!! Kkkkkkk vou ter que praticar, mais dessa leitura é claroooooooooooooooo!!!!!! Só vou dizer mais uma coisa: nunca estive tanto tempo com um membro na minha mão!!!! Ops!!! Corrigindo, digitando. trocando de franga para membro... vcs já estavam pensando besteira né!??? Querem mais detalhes?? Leiam o livro!!!! Beijos!!

Capítulo 1

—Fiz tudo errado, — disse Philip Nevile com frustração enquanto passava sua mão por seu cabelo loiro escuro. Estava de pé em seu escritório; o quarto estava decorado com revestimentos de madeira escura com tons borgonha e esplêndidos reflexos dourados. Quando se deu volta para enfrentar a seu melhor amigo, a luz do sol que se vertia pela janela adicionou um quente brilho à bronzeada pele de sua cara e de suas mãos.

Jonathan Overton foi novamente golpeado pela beleza física do Phillip, alto com um pouco mais de seis pés, Philip enchia seu fino casaco azul excepcionalmente bem, sem acolchoado. Suas longas pernas estavam embutidas em calças de pele para terminar em altas botas Hessian brilhantemente polidas.

Beleza e Besta tinham sido seus apelidos na escola, e era verdade. Mais baixo que Philip em varias polegadas, a altura do Jonathan era simplesmente média. Seu cabelo era espesso e de um tom castanho escuro, tanto que algumas pessoas opinariam que é negro. Seus olhos emparelhavam a escuridão de seu cabelo. Seu corpo era grande, mas não havia uma onça de graxa sobre ele. Era uma parede de sólidos músculos como lhe dizia constantemente Philip quando boxeavam no Jackson. Sua roupa era elegante, mas ele não as levava iguais a Philip. Sobre o Philip eram como o envoltório de um presente. Sobre o Jonathan eram só algo com que cobrir-se. Ele tendia a escolher cores sombrias contra as luminosas manchas de cor do Phillip.

Jonathan não compreendia era como eles se completavam um ao outro, Philip parecia um arcanjo de ouro, Jonathan, um diabo pecaminoso.

O contido suspiro do Jonathan tinha tanta frustração como o do Philip Deixei-te sozinho durante três meses para fazer o trabalho do matrimônio, sinto-o Philip.

Philip se lançou sobre o sofá ao lado do Jonathan, descansando sua cabeça contra o

respaldo traseiro.

— Isto não é sua culpa, Jonathan, realmente. Pensei que poderia fazê-lo. Pensei que amava a Magie o bastante para ser o que ela necessitava um marido torpe, ordinário. Mas minha própria frustração se interpõe entre nós e não sei o que fazer. Ela parece tão infeliz como eu o sou e nenhum dos dois pode encontrar satisfação em nossa cama.

Jonathan se inclinou para frente, descansando seus cotovelos sobre seus joelhos enquanto unia suas mãos. — Talvez Magie não necessite a um marido ordinário e torpe. — Ele olhou para a direita, sobre a janela em vez de olhar Philip enquanto falava. — Disse-te antes que me fosse o que acreditava que ela necessitava, o que desejava. Pedi-me tempo para prepará-la. Philip levantou seu olhar para o perfil do Jonathan, tão severo, tão sério. Philip pensou que possivelmente o que ambos tinham suportado em suas vidas o tinha afetado mais profundamente que a ele. Sob seu brusco exterior Jonathan era o mais sensível dos dois.

— O que se isto a faz fugir? — Ele perguntou a seu amigo brandamente. Meia vida com a Magie é melhor que uma vida sem ela.

Jonathan girou com o seu olhar cheio de calor sobre o Philip. — sei. Philip disse-lhe simplesmente. — Mas tem que lhe dar o direito de escolher por ela. Está-lhe negando os prazeres que merece.

Philip suspirou e cabeceou. — Tem razão, certamente. Fui três classes de um idiota. Mas não sei como voltar e recomeçar. Estamos tão enredados na armadilha puritana que criei que não sei como iniciá-la em uma relação mais impropriamente física. Antes de Magie sempre tratamos com mulheres experimentadas.

Jonathan jurava que nunca se perguntou, nem tinha querido sabê-lo, mas agora as palavras nasceram espontaneamente. — Como é tranzar com a Magie? — Inclusive só perguntá-lo fez que fechasse seus olhos sabendo que ele sabia por que o fazia.

Philip o olhou com compaixão e frustração. — A primeira vez, foi glorioso só de estar dentro dela. Não estou seguro de ter notado se ela gozava, estava muito absorvido por seu calor e estreiteza. Ela é uma coisinha incrível, sua concha parece uma luva. Isso não mudou nestes três meses apesar de ter tido meu membro ali sobre uma base regular.

Jonathan gemeu e se fez para trás contra o sofá, seus olhos fechados, imaginando-se sentir a concha de Magie abrigando-se ao redor de seu torcido membro.

Philip riu com arrependimento. — Mas como esposa, ela não desfrutava disso. E as coisas foram de mal a pior. Dirigi-a incorretamente. Não joguei com ela o suficiente, ela estava preparada, mas nunca suficientemente molhada e eventualmente não molhada no absoluto. Ultimamente, somos estranhos que cumprimos com nosso dever matrimonial e tenho que usar lubrificante. Estamos recém casados, pelo amor de Cristo! Sempre temo que o que quer que faça a horrorize, e a faça me abandonar, esta frustração me converteu em um tolo idiota.

Jonathan levantou suas mãos e esfregou sua cara com brios, tentando dissipar a imagem de seu membro enterrado na concha de Magie

— Acreditas que um açoite algo ligeiro ou que lhe peça que te chupe o pênis fará que te abandone?

— Talvez não, mas assim que me ponha sobre sua concha e a devore vorazmente e logo tente pôr meu membro em seu cu, temo que proteste opondo-se.

Jonathan gemeu diante da imagem e abriu um olho para fulminar com o olhar ao Philip — Não posso acreditar se me estas torturando intencionalmente. Está-me pedindo

conselho?

— Sim, e a ironia não é que a tenha perdido, o ponto básico é que devo prepará-la para que tome a ambos em sua cama

— Cristo! — Jonathan exclamou e se lançou do sofá a caminhar pelo enorme quarto. .

O autocontrole do Jonathan era a viva imagem da frustração masculina.. Não pela primeira vez Philip se perguntava por que Jonathan se apartou em sua busca da Magie.

— Está apaixonado por ela? — perguntou ao Jonathan amigavelmente.

Jonathan deixou de caminhar para olhar fixo ao Philip.

— Sim. — Sua resposta foi tão franca e sincera como a maior parte de sua conversação.

Philip sacudiu sua cabeça no desconcerto. — Então por que te apartou? Poderia haver casado com ela em troca. Se o tivesse feito provavelmente ambos estaríamos já em sua cama agora.

Jonathan se inclinou para trás contra a prateleira e cruzou seus tornozelos em uma postura negligente que não enganou ao Philip no mais mínimo. Ele o conhecia muito bem.

— Você é o que tem uma família a favor de um matrimônio respeitável e a necessidade de um herdeiro legítimo, não eu. — O olhar do Jonathan se fez direto. — E sabia que logo sentiria falta da obrigação que compartilhamos e te faria chamar por mim outra vez.

Eles compartilharam um sorriso malicioso e logo Jonathan se endireitou, sacudindo sua cabeça como um leão despertando de um sonho profundo disposto a caçar. Philip se elevou do sofá para confrontá-lo.

— E bem? — Philip perguntou, claramente esperando a resposta – que me diz....

Jonathan surpreendeu ao Philip atropelando-o e lhe dando um firme abraço. Os braços do Philip automaticamente se levantaram descansando contra as musculosas costas do Jonathan. Jonathan se retirou ligeiramente e falou, um sorriso zombador se estendia através de sua cara.

— Leva-a a cama, homem, freqüentemente. E não lhe oculte sua sexualidade ou a sua. Há o quer fazer, seja aprazível, mas firme com ela, faz-a gozar repetidamente e prepara-a para mim. — Ele o deixou ir e se moveram para a porta. — E todo este tempo a cortejarei, sutilmente certamente, mas entre os dois ela montará uma linha constante de consciência sexual. — Ele se deteve e se voltou para olhar ao Philip. — Poremos lugar à formosa Magie. Eu a acenderei e você a satisfará, por agora. E quando o tempo nos der razão ela nos dará a bem-vinda a ambos em sua cama.

Capítulo Dois

Neste mesmo momento uma batida na porta do estúdio causou que tanto Jonathan como Philip dessem a volta. Frente a Philip a porta se abriu para dar lugar ao objeto de sua discussão.

Magie Neville era formosa. Não do tipo loira pulso de porcelana tão de modo nesse momento, mas sim de um modo voluptuoso, pecaminoso. Ela era alta para ser mulher, quase da altura do Jonathan. Tinha um espesso cabelo ondulado da cor de um casaco de cibelina e seus olhos cor avelã eram tão cambiante como seu humor.

Seu corpo estava longínquo do curvilíneo de moda, mas era do estilo dos que faz picar as mãos dos homens por tocá-la, beliscá-la, espremê-la e... possuí-la. Ela tinha peitos e quadris grandes e um estômago ligeiramente arredondado que se mostrava através da reta queda de seu vestido de musselina da cor pêssego de moda. Por alguma razão essa pequena curva sempre voltava louco ao Jonathan. Era um de seus atrativos. Fazia a um homem pensar em procurar um canto confortável e inundar-se completamente dentro daquela suave carne uma e outra vez e saciar-se.

Para Philip era o traseiro da Magie. Suas curvas se mostravam em seus vestidos, e assim como Jonathan estava obcecado com seu estômago, o mesmo motivo obcecava ao Philip com o traseiro de sua esposa. Ela era tão suave, ele sabia que sua pele era tão suave como a seda e o peso de suas nádegas enchiam suas grandes mãos. Como gostaria de afundar seu membro no pequeno casulo rosado e ser rodeado por aquela suave carne. Somente pensá-lo o fazia suar.

— Philip, eu... — ela começou enquanto se aproximava, então viu o Jonathan e sua cara se acendeu.

— Jonathan! — Ela gritou, correndo pelo quarto para colocar suas mãos sobre seus ombros e beijar sua bochecha em genuíno afeto. Sua reação os surpreendeu a todos e Magie se retirou ligeiramente envergonhada.

— Sinto interromper, não sabia que estava aqui, — ela falou com acanhamento, olhando para frente e para trás entre os dois homens. A expressão do Jonathan era defensiva, mas a do Philip era cautelosa e isso a desconcertou.

Magie tinha sentido falta do Jonathan. Durante o noivado do Philip e seu compromisso ele sempre estava ao redor. Em realidade tinha tomado a Magie quase três semanas entender quem fazia a corte. Se Philip ou Jonathan. Qualquer dos dois a assombrava. Ela sozinha era tranqüila, tímida e algo tola debutante. Tinha debutado tarde, com dezenove anos e quando estava na terceira temporada, Philip e Jonathan entraram no mercado matrimonial de Londres. Converteram-se no mais notório da temporada, Beleza e Besta, diziam-lhes, mesmo que Magie sempre viu o Jonathan como bastante bonito embora em certo modo perigoso com enormes músculos e um intenso olhar escuro. Quando voltaram seus cuidados nela, não estava segura de quem estava mais surpreendida, se ela ou a temporada..

Três poucos meses depois, ela se encontrou comprometida com um dos solteiros mais solicitados da Inglaterra e pouco tempo depois se casaram. Então o conto de fadas terminou. Jonathan partiu, e de repente nada parecia correto. Magie chorava até dormir sabendo em seu coração que Philip lamentava haver-se casado com ela. Ele a contra gosto vinha a sua cama durante as noites e ela era tão tola ali como o tinha sido antes, não, mais. Ela não sabia o que fazer com um nu e dominante Philip, quem claramente queria mais do que ela sabia dar. Parecia como se ele sempre esperasse que ela fizesse algo, ou dissesse algo, quando tudo que ela sentia era alívio ainda sendo evidente que a decepção se apalpava entre eles. Mas ele sempre a tratava com ternura e consideração, como se fosse sua falta. Se ela tão somente soubesse o que fazia mal!

Ela elevou a vista para o Jonathan no estúdio, de repente foi consciente do silêncio que tinha durado muito tempo. Jonathan se moveu lentamente, e logo depois de uma breve pausa, onde a obrigou a olhá-lo com a pura força de sua vontade, ele recolheu sua mão e a levou a seus lábios. Em vez de um breve beijo no ar sobre sua mão, ele colocou seus lábios firmemente sobre sua carne, apertando profundamente e quando ele se arrancou ela sentiu o fresco ar sobre a pele molhada que acabava de deixar. Magie

sentiu em todo seu corpo esse ponto molhado. Percorreu a todas as suas terminações nervosas, fazendo-a avermelhar, enquanto que fortes batimentos do coração em seu peito a confundiram. Ela se encontrou respirando ligeiramente por sua boca aberta como se tivesse corrido de uma ponta da casa à outra. A cabeça do Jonathan se inclinava enquanto a olhava estreitamente. Ele ainda sustentava sua mão.

— É bom retornar, Magie, e é bom saber que sou querido, — ele finalmente respondeu, sua voz era grave e sugestiva. Entretanto, ele deixou cair sua mão e se deu volta para o Philip como se nada estivesse mau.

— Philip, como sempre quando vejo a Magie noto que demônio afortunado é. — Ele girou e deu a Magie um sorriso malvado que sempre conseguia frisar os dedos de seus pés.

Ele era tão diferente do Philip que ela não entendeu como podia encontrar a ambos os homens tão atrativos. Mas Philip era seu marido e apesar de sua inabilidade na cama, ela o amava tremendamente. Philip era amável e nunca evitava a oportunidade de fazer coisas doces por ela, como lhe fazer pequenos presentes e sempre a tentando obtendo que o cozinheiro lhe faça suas sobremesas favoritas. Era engenhoso e inteligente e em realidade ele pensava o mesmo dela. Gostava de seu senso de humor e ela podia contar com ele para rir dos comentários cortantes que fazia a alguns membros da temporada. Eles se levavam harmoniosamente em todas as partes, exceto na cama.

Magie se tinha reconciliado com isso até que viu o Jonathan. Ele revolia sentimentos nela que pensava que tinha esquecido. Ele a fazia recordar os embriagadores dias em que Philip a cortejava, os beijos roubados, os abraços proibidos, até os coquetes toques que o mesmo Jonathan lhe dava de vez em quando. Ele a fazia sentir quão agradável era ser essa mulher.

Philip riu da última observação do Jonathan. — Tem razão, Jonathan, sou-o, — ele estava de acordo, logo Magie se assustou quando se moveu e chegou até ela abraçando-a e beijando-a na boca. Quando ele se separou as bochechas de Magie eram de um brilhante vermelho com a vergonha.

— OH Philip, — ela disse necessitada e de repente esperançada. Jonathan estava de volta e agora tudo estaria bem. .

Magie exigiu que Jonathan ficasse para jantar e esteve encantada quando Philip lhe informou que a mansão do Jonathan estava em reparações e que ele ficaria com eles indefinidamente. Quando ela saiu correndo para preparar seu quarto Jonathan sorriu diante o engenho do Philip.

Quando Magie entrou no salão mais tarde ambos os homens estavam de pé e se separaram para lhe abrir caminho. Ela tinha tomado especial cuidado com sua aparência e usava um vestido de corte baixo e diáfano, que a costureira tinha insistido, mas que sempre tinha estado pouco disposta a usá-lo, até essa noite, ver o Jonathan lhe tinha dado vida nova, esperanças novas a seu matrimônio. Philip se via mais feliz do que ela o tinha visto das bodas e planejava capitalizá-lo. Possivelmente finalmente, esta noite, ela poderia conseguir que lhe dissesse o que é que fazia mal e logo ela poderia melhorar as coisas.

Philip foi o primeiro em falar. — Magie, disse-lhe em um tom, mas grave de voz, —

vê-te atordoante.

As palavras do Philip levaram ao Jonathan à vida. Durante um momento considerou inadequado saudar a Magie porque seu membro já estava semi-erguido, mas se encolheu despreocupadamente por isso. Eles tinham decidido que era hora de iniciá-la. E já que só ver a Magie tendia a empurrá-lo com força ela logo se acostumaria a ele nesta condição. Ele bebeu sua bebida e se moveu para ela. Tomando sua mão, lhe deu outro beijo como o daquela tarde.

— Magie, — Jonathan disse em um tom barítono baixo, — faz-me o homem mais feliz do mundo me dizendo que isto é em honra a minha chegada.

Ela riu nervosamente, consciente que sua observação estava perto da verdade. — por que, senhor, — ela disse tensa, — é obvio que o direi se for o que quer ouvir, ou acaso não é esse papel de uma mulher?

Philip e Magie riram do olhar exageradamente abatido do Jonathan. Esta era terra familiar para a Magie, estas brincadeiras ligeiras, estas pequenas paqueras. Ela sentiu que a carga caía de seus ombros.

Seu olhar necessitado se dirigiu para as partes privadas do Jonathan, como sempre. O homem estava duro outra vez. Ele sempre andava assim, seu membro deve ser enorme, pensou ela, não pela primeira vez. Isso a hipnotizava, pensar em um homem sempre preparado, que podia tomá-la em qualquer momento e qualquer lugar. Philip era rápido para excitar-se, mas a condição do Jonathan era um estado permanente.

Magie se ruborizou e olhou ao chão com confusão para ocultar a direção de seu olhar, mas não pôde esconder sua observação do Philip.

Por Deus, pensou ele, ela estava olhando o pênis do Jonathan e gostava do que via. Não pôde parar o zombador sorriso de estender-se através de sua cara. Esta noite, sim, esta noite, começaria sua iniciação.

Capítulo Três

Magie se olhava sonhadoramente no espelho sem vaidade, sem ver realmente à criada que escovava sua longa cabeleira negra. Ela recordava à tarde com um brilho agradável, causado, sem dúvida, pelo vinho e os cuidados ferventes de dois machos viris.

Philip e Jonathan tinham tido assíduos cuidados para ela. Parecia como se eles a cortejassem outra vez, pensou com um suspiro. As brincadeiras ligeiramente coquetes, a risada pronta, as insinuações sutis que agora sim entendia tudo que recordava como a tinham ganho a primeira vez.

Eles, disse-se, sacudindo sua cabeça com um sorriso. Fez-lhe um gesto à criada e ficou de pé. Philip ganhou não Jonathan. Jonathan nem sequer o tinha tentado. Que boba era. Devo estar bêbada pensou.

Ela se despediu de sua criada e se abrigou com sua bata, preparando-se para apagar as velas e deitar-se. O sentir a seda deslizando-se para baixo por seus braços a fez tremer. As lembranças das mãos do Philip sobre ela voltaram. Então pensou nas carícias do Jonathan esta tarde, enquanto suas próprias mãos devagar remontavam as marcas que suas mãos lhe tinham deixado sobre os ombros quando a ajudou com sua cadeira durante o jantar, ou quando ele trouxe vinho no salão, excitada com seus

aprazíveis toques, tinha sentido em sua pele um comichão, desejando mais..

Ela suspirou de forma audível sob o desejo, desejava que Philip a visitasse esta noite, mas não o esperava. Estava segura de que ele e Jonathan teriam coisas que conversar. Então se deu volta assustada com a surpresa de sentir a voz de seu marido tão perto detrás dela.

— Isso foi um suspiro cheio de desejo, meu amor. É que acaso te fiz esperar muito?
— Philip lhe disse brandamente enquanto fechava a porta que unia seus dois quartos. Ele parecia um predador e sua esposa a presa. Ele podia cheirar sua excitação no ar e isso fez tremer seu membro.

— Philip! — Magie exclamou, desconcertada. — Eu... eu não te esperava esta noite.
— Seu olhar se tornou cauteloso enquanto olhava como Philip se aproximava. Ele parecia quase um selvagem esta noite, como se fora a devorá-la. Isso a emocionou e a assustou ao mesmo tempo.

Philip se deteve e olhou para Magie silenciosamente. Seu olhar tinha tal calor, que Magie sentiu que começava a transpirar. Bom Deus, o que estava errado com ele?

— Philip? — Lhe perguntou com uma voz trememente enquanto ele se colocava detrás dela. Quando ela tentou dar-se a volta ele colocou suas mãos sobre seus braços, sustentando-a no lugar. Ele se inclinou, seu corpo tocava o dela, e ela sentiu seus lábios sobre sua orelha. Ela tremeu deliciosamente com as sensações.

— Creio esposa, que fui muito clemente contigo, — ronronou Philip em seu ouvido, enviando mais tremores por ela.

Ela tragou nervosamente. Este era um Philip que não tinha visto antes e a assustou, mas também a excitava. Ela sempre suspeitou que houvesse mais nele do que lhe deixava ver e agora soube que ia mostrar-se. Poderiam trocar as coisas entre eles? Ela rezou que assim fosse, doía-lhe de só pensá-lo, sem saber como.

Ela suspirou procurando coragem e lhe respondeu. — Você que acredita?

Philip riu em seu cabelo diante a coragem de sua voz. OH, ela parecia bem disposta. Ele teria que dar-se patadas pelos meses passados quando poderia ter estado disciplinando a sua esposa.

Ele controlou suas mãos ligeiramente para cima e para baixo por seus braços e sentiu sua pele ficar arrepiada. Sua respiração se agitou e ele jogou uma olhada para baixo para ver seus gloriosos peitos elevar-se e cair rapidamente, os mamilos dilatados contra a seda. OH, se, sua Magie queria esta excitação. Coisa nada assombrosa quando nunca tinha encontrado a satisfação ficando imóvel embaixo dele. Ela não era dessa classe de mulher e ele tinha sido um idiota por pensá-lo.

Ele esperou até que a antecipação se construiu dentro dela um diapasão de febre, então aproximou seu enorme pênis na dobra de suas nádegas. Ela ofegou e começou a afastar-se, mas Philip a sustentou imóvel, puxando seus braços para trás até que sua cabeça descansou sobre seu ombro desamparadamente.

— Vi-te olhar ao Jonathan esta noite esposa, com luxúria. — Seus lábios estavam ainda contra seu ouvido e ele falou severamente. Ele moveu uma mão e a descansou firme contra seu estômago. Sentiu o tremor de músculos em seu toque, viu o puxão de seus peitos no entusiasmo. Deus, ele a amava assim, derrubando-se em sua luxúria. — foi uma pequena e travessa esposa e será castigada em consequência.

Ele se dobrou de repente e levantou Magie em seus braços. Ela ofegou e levantou seus braços ao redor de seu pescoço.

— Philip sou muito pesada! Deixe-me, — ela exigiu ofegando.

Ele riu de maneira sedutora. — Magie meu amor, é tão leve como uma pluma em sua luxúria. E pesará menos quando te colocar sobre meus joelhos enquanto açoito seu traseiro.

— Como que você...? — Magie falou, o fôlego se congelou em sua garganta. Sua cara ardia em reação a suas palavras. Seu sangue cantarolava por suas veias e seu sexo começou a palpitar uma sensação que ela havia sentido brevemente um par de vezes quando Philip estava em sua cama, mas nada como isto, não, nada assim.

— OH sim, Magie. Deixarei de me conter. — Philip a pôs sobre seus pés e se sentou sobre a cama diante dela. — vou fazer cada coisa má e perversa que alguma vez tenha sonhado te fazer, começando por estes açoites.

Ele se apoiou para trás sobre suas mãos, com um olhar lascivo sobre sua cara e deixou seus olhos vagar de cima a baixo por seu corpo. Ele podia ver seus peitos inchados, seus mamilos excitados claramente perfilados sob a seda quase translúcida da camisola. Jogando uma olhada para baixo, pôde ver o formoso triângulo escuro de cabelo que a cobria, grosso e encaracolado.

— Imediatamente depois de que lhe foda como louco esta noite, vamos barbear sua concha, amor, — ele ronronou. — desfrutará sentir minha boca e meu membro muito mais com menos cabelos entre eles.

— O que... me que...? — Magie gemeu não segura de ter ouvido corretamente, tinha confundido suas palavras.

Philip estendeu a mão e repetiu a frase, acariciando cada área.

— Peitos, mamilos, — ele disse ao acariciar a cada um.

Magie mordeu seu lábio inferior e fechou seus olhos, sua cara brilhava vermelha de mortificação. Philip beliscou seu mamilo e lhe deu um suave puxão e seus olhos voaram a abrir-se.

— Presta atenção, esposa. — Sua mão se moveu para baixo e grosseiramente cavou a junta de suas coxas. Ele esfregou seus dedos contra seus lábios molhados através da seda.

A cabeça de Magie perdeu terreno e seus olhos revoaram fechados em êxtase. Philip, nunca, nunca a havia tocado assim ou lhe tinha falado assim. Isto era tremendamente excitante. De repente sua mão se retirou e deu uma ligeira palmada a sua vagina. Outra vez, seus olhos se abriram enormes de assombro quando sentiu mais umidade gotejar-se de seu centro.

— Disse-te que prestasse atenção, — Philip o disse como se falasse com uma menina travessa. — Posso ver que faz muito que merece uns açoites

Sua mão desceu e levantou sua camisola, o fôlego de Magie se congelou. Quando sua mão a tocou sem a barreira da seda entre eles ela o afastou com pressa.

— A concha — disse Philip. — Repete depois de mim, esposa, a concha.

Quando Magie não disse nada, Philip repetiu a palmada.

— A concha, — ela sussurrou enrouquecida. Seu coração galopava com rapidez e ela se sentia enjoada.

Philip controlou um dedo debaixo da dobra molhada de sua concha e Maggie começou a fechar seus olhos outra vez, mas quando o sentiu retirar sua mão seus olhos se abriram.

— Ah, muito bem. Aprende rápido minha moça, — gorjeou Philip com aprovação.

Ele sustentou seu dedo, molhado por seus sucos e o rubor de Magie se fez mais e mais profundo. Ele o levou frente a sua cara para obrigá-la a olhá-lo e logo quando o

fez, viu com fascinação como o levava para sua boca e o chupava. Seu corpo positivamente cantarolou com entusiasmo e a consciência, podia sentir sua concha mais molhada.

— Nata, — Philip sussurrou apreciativamente. — Nata. Sabe maravilhosamente, especialmente quando é lambida diretamente da fonte. — Ele olhou a expressão ausente de seu olhar sobre a cara de Magie e sorriu em silêncio. — Mas esta lição deixaremos para outro momento.

Ele controlou seu dedo pela dobra uma vez mais, obtendo um gemido de Maggie. Seus olhos arredondados em consternação. Isso que soou veio dela? Philip elevou a vista para ela com um sorriso zombador, atrevido.

— Então assim é como sonhas quando deseja Magie. Perguntei-me como soaria quando finalmente abrisse seus segredos.

Ele introduziu e pressionou o dedo molhado por sua nata a seus lábios. — Abre-os e te prove Magie. — Quando ela vacilou, ele com cuidado tomou um punhado de seu cabelo pressionando mais firmemente seus lábios com seu dedo. — me obedeça, esposa, te prove.

Magie obedientemente abriu sua boca e Philip deslizou seu dedo dentro. — Chupa sua nata, Magie, — lhe sussurrou, olhando-a atentamente.

Magie de repente se encheu de um sentido de poder. Suas reações voltavam selvagem ao Philip, podia vê-lo em seus olhos. Ela devagar fechou seus lábios sobre seu dedo e com cuidado chupou, formando redemoinhos com sua língua ao redor do dedo. O gosto era salgado e Magie quase desmaiou na perversão do ato.

Desta vez custou ao Philip recuperar o fôlego quando a luxúria se fechou de repente sobre ele. Ele podia ver pelo olhar sobre a cara de Magie que agora pensava que era ela a que sustentava o controle. Era hora de seguir a iniciação. Ele se distanciou dela e se sentou a seu lado na cama outra vez.

— Te dispa, — ordenou-lhe

A boca do Magie se abriu. Philip nunca lhe tinha exigido despir-se antes. Ele sempre estava nu, mas lhe tinha permitido manter sua camisola.

— Philip, eu — ela começou vacilante, só para ser interrompida.

— Esposa te dispa, — disse-lhe ele. — ou eu te desperei.

Quando ela começou, Philip excitado se levantou bruscamente, fazendo que desse um passo para trás. Ele a seguiu e, estendendo a mão, agarrou a frente de sua camisola com ambas as mãos. Deu um puxão ao material e este se rompeu facilmente, abrindo-se na frente. Outro puxão e foi rasgado limpamente em dois de cima abaixo.

Magie estava muda. A violência controlada do Philip era mais excitante que a serena ternura que alguma vez lhe mostrasse. Ela não pôde pronunciar nem um som de protesto pelo desejo palpitante em sua cabeça.

Philip não disse uma palavra, só empurrou a camisola rasgada de seus ombros e logo a deixou e se sentou sobre a cama.

Seu olhar quente fez que Magie se sentisse orgulhosa de sua nudez, um sentimento que rapidamente foi seguido pelo de vergonha. Deveria estar mortificada, não excitada. E se era isso o que Philip queria? Pelo avultamento de suas calças, ele definitivamente estava excitado. Ela inconscientemente lambeu seus lábios olhando fixamente seu vulto.

— Deixaremos fora essa lição, — disse Philip brandamente. A passividade de Maggie lhe animava mais que desalentava. Ela ainda não corria. E o olhar faminto de seus olhos quando se fixou sobre seu pênis o fez esperar que logo ela o chuparia, mas

não esta noite. Ele procurou e desabotoou suas calças até que seu pênis saltou livre. Ele estava completamente excitado, sua longitude e grossura sempre tinham sido uma fonte de orgulho a ele.

— Este é meu membro, Magie. Diga-o, — lhe ordenou, devagar acariciando sua longitude enquanto seu olhar fixo se alargava hipnotizada com suas ações.

— Membro, — ela sussurrou, lambendo seus lábios outra vez.

Philip teve que fechar brevemente seus olhos para recuperar o controle, ou seus projetos durante a noite seriam desastrosamente cortados. Ele os abriu outra vez e riu de Magie.

— Logo te ensinarei como eu gosto que uma mulher chupe meu pênis, Magie. Você gostaria disso? Tomar em sua boca?

Os olhos do Magie voaram no assombro. — Em minha boca? — Ela exclamou.

Philip descansou feliz agora que a tensão ligeiramente se aliviou. — Assim é, Magie. Você gostará disto quase tanto como vai gostar de ter minha boca em sua concha.

— OH, — Foi tudo o que Magie pôde dizer com uma pequena voz.

Philip se sentou tornando-se para trás sobre a cama. — Magie, eu gostaria que trouxesse o pequeno pote de lubrificante que pus sobre sua penteadeira. Traga-me isso

Magie jogou uma olhada detrás dela, surpreendida de ver um pote ali que não reconhecia. Quando o tinha colocado ali? Ela o olhou incerta, mas girou e recuperou o lubrificante. Ela o deu e seus dedos se tocaram, provocando que os dedos do Magie se queimassem como se houvesse tocado fogo puro. Ela retirou sua mão para trás.

Philip sorriu sabendo-o e abriu o pote, pondo-o sobre a cama a seu lado. Ele tinha deixado aberta sua calça, seu rígido pênis estava firme. Magie não podia apartar seus olhos dele. Ela sabia que tinha estado dentro dela antes, mas sempre tinha sido na escuridão, sob as mantas. Ela realmente nunca o tinha visto antes. Vê-lo fazia que sua concha se apertasse na antecipação.

Como lhe tinha pedido o lubrificante, Magie assumiu que agora desejava que ela se deitasse sobre a cama e estendesse suas pernas preparando-se para... o ato, como tinha começado a chamá-lo em sua cabeça. Estava um pouco decepcionada de que a parte divertida terminasse, mas também curiosamente impaciente por completar o ato essa noite. Ela se moveu para afastar-se do Philip que seguia na cama, mas ele estendeu a mão e agarrou seu braço.

— Aonde vai? — Ele exigiu, atirando-a para trás e sobre ele.

— Eu... eu assumi que queria que me deitasse agora, — lhe respondeu, de repente insegura. — Então nós poderíamos... já sabe....

— Foder, Maggie. A palavra é foder. Diga-o. Quero que te acostume a utilizar estas palavras porque vamos passar muito tempo com elas a partir de agora em diante.

De repente Magie se sentiu tímida. Não podia olhar ao Philip e não podia dizer nenhuma só palavra, então olhou fixa e silenciosamente ao piso.

Philip ficou de pé devagar e, colocando um dedo sob o queixo de Magie, levantou sua cara até que ela o olhou.

— Adivinho que também teremos que te açoitar por não dizer foder, — disse-lhe brandamente, beijando sua bochecha com cuidado. Ele fez sua cabeça a um lado e seus lábios continuaram para baixo, para sua garganta onde colocou um beijo boquiaberto sobre o pulso que palpitava ali. Depois de um momento ele se retirou e com cuidado soprou sobre o ponto molhado que lhe tinha deixado, a sensação fez a Magie tremer de modo incontrolável.

Tão absorvida estava pelo que fazia que levou um tempo para que suas palavras a penetrassem. Ela se afastou com um gemido e Philip riu outra vez. Magie de repente compreendeu que esta noite era a primeira vez que Philip riu quando tinha vindo a sua cama. Gostou de sua risada, combinada com esta capitalista nova paixão.

Philip tomou sua mão e a atirou ligeiramente para a cama e logo ele se sentou outra vez. Ele olhou ao redor no chão durante um momento e logo tomou o pequeno tamborete de pé da cama e colocou seus pés nele, criando uma superfície ao mesmo nível que seu regaço. Ele ainda não deixava ir a sua mão e agora a atirou dela..

De repente Magie se assustou. Os açoites machucam. Seguro que Philip não pensava lhe fazer mal? Mas por que então os açoites?

— Philip, — disse-lhe com uma pequena voz, temerosa de lhe parecer novamente decepcionante, — assusta-me.

Philip a olhou e deixou cair à máscara dominante por um momento. Seu amor e ternura brilhavam em seus olhos.

— Magie meu amor, eu nunca te fariamal, não de um modo mau. Qualquer toque entre nós aqui, quando fazemos amor, propõe-se para seu prazer. Deve confiar em mim.

Magie soube que esse era o momento da verdade, o momento em que tinha que decidir se queria ser uma verdadeira esposa para o Philip. Tomou menos de um minuto responder com um ressonante sim em seu coração. Ela, o fazia, confiava nele por sobre todas as coisas.

— O que devo fazer? — perguntou-lhe com uma voz um pouco mais forte, como se tentasse ser valente. Por dentro tremia com a antecipação. Tudo o que Philip fazia esta noite a tinha emocionado. Ela sentia isso também.

— Esta é minha moça, — murmurou Philip com um sorriso. Então ele ficou sério e lhe perguntou com autoridade, — foste uma moça má, Magie?

— Sim, — ela sussurrou, temendo e tendo saudades de seu castigo.

— O que tem feito?

— Eu... eu olhei ao Jonathan com luxúria, — recitou Magie, recordando as palavras anteriores do Philip, — e... e eu não disse à palavra que queria.

Enquanto ela falava Philip tinha ido aproximando. Ela teve que sentar-se escarranchada sobre a banquetta, estender-se com as pernas abertas, o que a fazia sentir-se vulnerável. Philip passava suas mãos de cima a baixo desde seus braços até suas mãos onde brandamente esfregou suas palmas juntas e uniu suas mãos, esfregando seus dedos na suave carne entre os seus. Ela se estremeceu de desejo. Nunca antes havia sentido suas mãos tão viva.

— O que deveria fazer contigo, Magie? — Lhe perguntou brandamente, apoiando-se para frente colocando beijos quentes e molhados sobre seus peitos.

Magie ofegou. Philip a havia meio doido ali um par de vezes, mas nunca com sua boca. Ah Deus, ela pensou, não pares. Seus mamilos doíam e ela esperava que os beijasse também. Apenas ela o pensou, Philip de repente colocou sua boca sobre um e chupou com cuidado. Um gemido escapou do Magie e Philip se retirou.

— Ah, não mais disto, minha querida, até que tenha aprendido sua lição. Vêem, te deite através de minhas coxas, olhando o piso. Temo que devo te açoitar. — Ele parecia muito zangado, como se realmente estivesse decepcionado com ela.

Magie vacilou, por um momento, então torpemente se colocou atravessada sobre suas coxas. Philip a ajustou até que sua parte inferior esteve ligeiramente levantada. Ela encontrava difícil de respirar por seu entusiasmo.

— Agora, vejamos, se for uma boa moça com seus açoites, Magie, será recompensada. — Philip passou sua mão brandamente sobre as bochechas do traseiro de Magie, as esquentando ligeiramente. Ela não pôde suprimir o tremor que a sacudiu diante seu toque.

— Sim, você gosta assim, verdade? — Philip murmurou, mais a ele que a Magie. — Que pequeno e delicioso traseiro tem esposa.

De repente sua mão desceu sobre seu lado direito, lhe pegando com a mão ligeiramente, causando um maravilhoso e pequeno ardor que fez ofegar a Magie. Ela arqueou seu traseiro e gemeu diante o calor que acendeu sua concha.

Philip esfregou o ponto que acabava de tocar e logo deixou a sua mão baixar outra vez. Ele fez isto várias vezes até que a nádega da Magie queimava, então fez o mesmo do outro lado..

Deteve-se quando sentiu que as nádegas do Magie queimavam e sua concha parecia derreter-se, ela tinha tanto calor e estava tão molhada. Magie soluçou de mortificação, evidentemente gostava das palmadas.

— Deus, Magie, seu traseiro está formoso, todo rosado e quente de açoites. Aprendeu sua lição? — Philip lhe perguntou com voz rouca, incrivelmente excitada na resposta da Magie a sua disciplina.

— Sim, sim, — ela gritou, esperando que sua humilhação terminasse.

— Então o diga, Magie, diga a palavra, — Philip lhe ordenou.

Magie sacudiu sua cabeça com confusão. — Que palavra? — Ela ofegou quando Philip começou a esfregar seu traseiro outra vez.

Sua mão desceu sobre suas bochechas sensíveis duas vezes mais, causando que Magie gemesse e arqueasse seu traseiro.

— Você sabe que palavra, Magie. O que quer que te faça? — Seu tom era aprazível, quase de repreensão.

— Philip, não posso, — protestou Magie, descansando sua cabeça contra a colcha. — Por favor, não me faça dizê-lo, — lhe pediu.

Sem lhe advertir esta vez, a mão do Philip desceu outra vez, mais forte e Magie gritou.

— Diga-o, — exigiu-lhe.

— Me foda, — sussurrou Maggie com voz rouca, ocultando sua cabeça com vergonha.

A mão do Philip desceu outra vez e Maggie se sentiu diferente, uma pressão, uma necessidade que não entendia.

— OH Deus, Philip, disse-o!

— Diga-o mais forte, Maggie, — lhe ordenou, acentuando seu pedido com outra palmada.

— Foda-me, Philip! — Maggie gritou forte. — Foda-me!

De repente Maggie sentiu um dos dedos do Philip sobre sua entrada posterior e sentiu como se pusesse lubrificante sobre ela.

— Philip, o que faz? — Lhe perguntou, levantando sua cabeça e tentando dar-se volta.

— Vou recompensar-te, querida, — lhe ronronou, enquanto a ponta de seu dedo entrava nela por atrás.

— OH Deus! — Maggie gritou, involuntariamente arqueando-se sobre sua mão, obrigando a seu dedo a ir mais profundo. Seus músculos se apertaram ao redor dele e

Philip com cuidado moveu seu dedo dentro e fora.

— Te relaxe, Maggie meu amor, e me deixe entrar. Isto não é bom? — Ele cantarolou em seu ouvido, lambendo o ponto sensível atrás do lóbulo de sua orelha. — me diga se isto for bom.

Maggie ofegava com o esforço e o entusiasmo. OH Deus, isto realmente se sentia ilicitamente bom e pecaminosamente bom. Ela mordeu seu lábio e as palavras escaparam longe dela.

Philip riu em silêncio sabendo. — É obvio, sabia que você gostaria disto, anjo. Um traseiro tão glorioso e feito para o prazer. Só quero te agradar, gatinha, me deixe entrar, me deixe, — cantava Philip brandamente, todo o tempo seu dedo trabalhava mais e mais profundo na Maggie.

Sua voz a hipnotizava, seu dedo era uma aguda plenitude que a transpassava. Quando ele começou a mover-se dentro e fora, Maggie começou a gemer fracamente. Logo um segundo dedo se uniu o primeiro, um doloroso prazer começou a construir-se nela até que pensou que se derreteria com o calor que chamuscava sua concha.

— Mais um, meu amor, e logo estará preparada, — Philip lhe disse silenciosamente, quando um terceiro dedo se uniu à incursão.

Maggie estava indefesa atravessada sobre seu regaço, sua cabeça se movia agitadamente enquanto suas mãos agarraram a colcha. Ela arqueava seu traseiro convulsivamente, conduzida por seus dedos e gemia com cada impulso.

Muito logo, Philip tirou lentamente seus dedos e Maggie choramingou em desespero. Philip a ajudou a elevar-se, mas suas pernas estavam tão instáveis que não pôde ficar de pé e ele a levantou para a cama. Brandamente a pôs sobre seu traseiro, enquanto se sacudia o olhou com enormes olhos ausentes para vê-lo despir-se rapidamente. .

— Agora te vou foder Maggie, — disse-lhe com cuidado, subindo sobre a cama.

Ele impulsionou seus quadris sobre ela e colocou um travesseiro debaixo, assim poderia foder seu traseiro enquanto dava prazer a sua concha com seus dedos. Uma parte dele sabia que estava precipitando as coisas, mas ele não poderia estar outro dia sem embainhar seu membro em seu formoso traseiro.

— Philip, por favor, — pediu Maggie de uma pequena voz, não estava segura que pedia. Ela nunca tinha experimentado esta classe de dolorosa necessidade antes, nunca havia sentido tantas vontades de fazer que Philip a enchesse completamente.

Ela viu o Philip lubrificar seu pênis com o lubrificante, sua cabeça aparecia enquanto suas mãos massageavam sua enorme longitude. Ela fechou seus olhos na confusão. Estava suficientemente úmida? Então ela sentiu o pênis do Philip, mas não em sua concha, e sim contra sua parte traseira, ali onde acabavam de estar seus dedos.. Seus olhos voaram abertos.

— Philip, não! — Ela gritou, tentando elevar-se, mas Philip agarrou seus quadris e a sustentou.

— Maggie, — ele ofegou, — confia em mim, por favor.

Maggie se tornou para trás, recordando sua anterior decisão de confiar nele. Quando ele começou a entrar nela, ela se obrigou a relaxar-se. Ele era tão grande, jamais caberia ali, nunca! Sua cabeça começou a torcer-se agitadamente sobre a cama enquanto ele devagar começava a empurrar sua longitude nela.

— OH Deus, Philip, — ela gemeu, de repente quente e estremecida com o prazer de seu membro cavando em sua apertada entrada. Ela seguiu gemendo mais forte e mais

comprido enquanto ele lentamente se embainhava até o punho nela.

Philip teve que parar e reunir seu controle uma vez que esteve enterrado em seu traseiro. Seu calor, sua estreiteza, a suave carne que o amortecia, tudo isso era melhor do que alguma vez tinha sonhado. Ele queria fechar-se de repente nela até correr-se com um grito, mas se obrigaria a ir devagar. Depois de vários segundos, reduziu a marcha de seus embates para empurrar dois dedos com cuidado na molhada, quente e incrivelmente apertada concha..

— Philip, — ela gritou, esquivando seus quadris, conduzindo seu membro e seus dedos profundamente.

— Sim, meu amor, fode para trás, — ele a impulsionou, seguindo seus impulsos.

Os quadris de Maggie começaram a mover-se, torpemente ao princípio, mas ela logo encontrou seu ritmo e seus impulsos se fizeram mais duros, mais rápidos, enquanto ambos ofegavam e grunhiam com o esforço. Maggie não sabia para onde se dirigia até que novamente sentiu nela a pressão construir-se, sentiu que algo vinha que não podia controlar. Havia sons molhados, enquanto sentia que chupava o pênis do Philip e seus dedos cavando nela, o som foi uma música que despertou a Maggie. Ela começou a sacudir-se e se encontrou com a paixão do Philip, levando sua concha e seu traseiro contra ele, amando senti-lo dentro dele enquanto se sentia rasgar por seus capitalistas impulsos.

— Sim, Maggie, não pares, — exigiu-lhe com a voz severa que tinha usado para castigá-la.

Sua voz causou faíscas quentes de luxúria que dispararam pela Maggie, e inconscientemente seu ritmo aumentou, seus impulsos se fizeram mais selvagens. De repente o polegar do Philip esfregou o pequeno botão em sua concha em círculos ásperos e rápidos, e Maggie se desfez. Com um gemido apertado, seu traseiro arqueado se empurrou contra Philip uma última vez, vendo estrelas detrás de suas pálpebras fechadas, o prazer corria por seu corpo. Ela quase podia sentir o prazer disparar-se das pontas de seus dedos como relâmpagos e ela soluçou o nome do Philip.

Philip não podia conter seu próprio clímax enquanto era testemunha da violenta liberação de Maggie, a primeiro que ela alguma vez tivesse experimentado. Sua semente explorou de seu membro, disparando-se nas profundidades de seu traseiro, produzindo outro grito de Maggie enquanto ela se afundou em tremores, seu corpo rígido ficou flácido enquanto a voz rouca do Philip enchia o ar.

Philip se derrubou contra ela. Tomou um momento recuperar seus sentidos, e logo rodou ao seu lado, trazendo para Maggie contra ele, descansando sua cabeça sobre seu ombro. Ela parecia uma inerte bonequinha de pano e permitiu ao Philip colocá-la.

Quando a respiração do Philip se recompôs ele notou uma umidade quente sobre seu ombro e olhou para baixo a Maggie. As lágrimas escapavam de seus olhos fortemente fechados e ela mordida seu lábio inferior como se sufocasse o som de seus gritos.

— Maggie, amor, o que está mau? — Philip lhe perguntou com cuidado, preocupado. — Fiz-te mal? — Ele colocou sua palma contra sua bochecha, limpando suas lágrimas.

— OH Philip, — ela gritou rouca e começou abertamente a soluçar contra ele.

— O que? Por favor, Maggie, me diga que está mau, — pediu Phillip, realmente preocupado agora. Ele começou a sentar-se, mas a mão de Maggie sobre seu peito o parou.

— Não, Philip, não, há nada incorreto, meu querido. Só estou feliz, — ela gritou,

rindo dele por entre suas lágrimas.

— Chora por ser feliz? — Phillip lhe perguntou confuso.

— Sim, homem maravilhoso e doce.

Maggie se sentou, e Philip a seguiu. Eles se olharam um ao outro sobre a cama. Maggie o cheirou e golpeou em suas bochechas com suas palmas como um pequeno menino. Ela riu do Phillip outra vez.

— OH Philip, pela primeira vez realmente pareço sua esposa. O que compartilhamos esta noite, confiança, paixão, — ela se ruborizou profusamente aqui, mas animosamente seguiu — incluído o final, foi maravilhoso, o mais maravilhoso que alguma vez tenha sentido em toda minha vida. Realmente te amo, Philip, faço-o.

Nisto, Maggie lançou seus braços ao redor de seu pescoço e o abraçou forte, começando a chorar outra vez. Philip compreendeu que possivelmente ela estava muito sensível por sua feroz forma de fazer o amor, mas, suas palavras fizeram cantar seu coração

— OH Maggie, — sussurrou-lhe em seu cabelo, — Isto é somente o princípio.

Capítulo Quatro

A semana seguinte foi um sonho realizado para Maggie. Cada dia esteve cheio de risadas e companheirismo. Phillip teve alguns negócios prementes dos quais ocupar-se e não esteve na maior parte do dia, deixando sozinhos a Maggie e Jonathan. Jonathan manteve sua promessa e fazendo-a rir e esquentando-a com toques apazíveis e sedutores.

Mas de noite eram somente ela e Philip em seu dormitório, deleitando-se em sua paixão recém descoberta. Phillip lhe mostrou de quantas maneiras um homem e uma mulher podiam foder. Ensinou-lhe como chupar seu membro e como desfrutar que um homem coma sua concha. Durante horas eles se tentavam e torturavam mutuamente, correndo-se repetidamente antes de finalmente cair consumidos pelo esgotamento.

Maggie aprendeu a desfrutar do membro do Philip de muitos modos, em sua boca, em sua concha em seu traseiro. Ela começou a ansiá-lo e isso começou a voltar-se inquietante. Até com a luz do dia, todo o dia, pensava em foder devido aos sensuais roce do Jonathan. E Phillip simplesmente exacerbava o problema.

Uma manhã Maggie e Phillip despertaram antes que de costume e baixaram a tomar o café da manhã. Jonathan não tinha levantado ainda e depois de só uns minutos no quarto de cafés da manhã, Philip de repente se despediu dos serventes. Maggie o olhou de maneira inquisitiva.

— Decidi ter algo mais de café da manhã, — disse-lhe como por acidente, saindo de sua cadeira e rodeando a mesa.

Maggie teve alguma idéia do que faria, mas pensava que só brincava seguro que só era brincadeira. Certamente ele não comeria sua concha durante o dia, no quarto de cafés da manhã.

Philip a demonstrou quão equivocada estava. Deu-lhe um puxão para o lado de sua cadeira e levantou suas saias sobre seu regaço. Ele estendeu suas pernas e se ajoelhou entre elas antes que Maggie pudesse protestar. Aproveitando a abertura em seus calções, ele desceu sua cabeça e começou a vorazmente lamber sua concha. Maggie

ofegou e tentou apartar sua cabeça.

— Não me faça te castigar aqui, Maggie, — disse-lhe brandamente, olhando-a com olhos estreitados, baixando sua cabeça outra vez.

Esta vez Maggie não protestou. Seu medo de ser descoberta só aumentou sua consciência e logo esteve ao lado de seu clímax enquanto Philip lambia e chupava, sua língua formada redemoinhos em seus sucos. De repente ele penetrou dois dedos em sua molhada concha e começou a fode-la com eles enquanto seguia lambendo para logo chupá-la. Ela gozou, vindo-se com força, esfregando sua concha contra sua cara, mordendo os lábios para conter os gemidos enquanto se tirava dos braços da cadeira.

Philip se apartou imediatamente e a olhou com altivez.

— Te cubra esposa, é muito descuidada. Nosso convidado estará aqui dentro de pouco. — Então, quase antes que Maggie pudesse ajustar sua roupa, ele chamou os serventes.

Maggie foi deixada instável, sentada sobre sua própria nata, sua concha ainda palpitando por seu orgasmo, mas curiosamente insatisfeita quando Jonathan entrou no quarto. Ela esperava que o aroma do café da manhã cobrisse o aroma de seu sexo, mas o duvidava. Seus próprios sentidos estavam afligidos por seu aroma.

Quando Jonathan entrou no quarto saudou o Philip com um toque no ombro e logo se moveu para sentar-se ao lado dela. Ele parou detrás de sua cadeira e, colocando suas mãos sobre a pele nua de seus ombros onde seu pescoço descendeu para encontrá-lo, ele a beijou sobre a bochecha, seus lábios ligeiramente separados, deixando um pequeno ponto, molhado e sensível detrás. Ele se inclinou sobre seu cabelo e cheirou profundamente, então devagar separou suas mãos de seus ombros, sua ação quase era uma carícia.

— Cheira maravilhosamente esta manhã, Maggie, — murmurou ele, sentando-se.

Ela rapidamente se deu volta para olhá-lo e apanhou um olhar sonolento, profundamente sexual sobre sua cara. As aletas de seu nariz estavam dilatadas como as de um animal selvagem cheirando o vento. Maggie se ruborizou de profundo vermelho e apressadamente girou sua atenção a seu alimento.

— Obrigado, Jonathan, — ela resmungou.

Jonathan se dispôs a realizar um bate-papo socialmente aceitável e Maggie relaxou. Mas a seus nervos hipersensíveis parecia que ele aproveitava cada oportunidade que tinha de lhe dar pequenos e ligeiros toques no dorso de sua mão enquanto fazia alguma pergunta, seu joelho se esfregava com o seu quando ele parcialmente se elevava de sua cadeira para alcançar algo sobre a mesa. Até se inclinava através dela, descansando seu braço no dorso de sua cadeira para responder alguma das perguntas do Philip, seu aroma e presença a rodeavam. Maggie logo se sentiu como a corda de um arco fortemente trespassada pelo desejo. De repente ela se elevou de sua cadeira.

— Philip, posso ver-te no estudo, por favor? — perguntou com uma voz tão normal como pôde encontrar. Sem esperar uma resposta ela girou e saiu do quarto.

— Bem feito, Jonathan, — murmurou Philip na apreciação enquanto ele se elevava para seguir a sua esposa. — Isso foi quase muito sutil. Terei que me assegurar que ela sabe exatamente quem a excitou, verdade? — Ele tinha brilhos de maldade em seus olhos.

Jonathan soprou. — Podia cheirar sua nata no ar assim que entrei aqui, Philip. Você a pôs em caminho.

— Certamente que o fiz, meu amigo, — Philip disse enquanto se detinha na porta

para olhá-lo. — Estou-me cansando de esperar. — E com isso saiu.

* * * * *

Quando Philip entrou no estudo, Maggie rapidamente fechou a porta detrás dele e se lançou contra ele como se a perseguisse uma multidão. Philip simplesmente riu dela enquanto a recebia.

— Sim, meu amor? — Ele perguntou como ocasionalmente.

— Foda-me, Philip, — disse ela sem preâmbulos.

Suas sobrancelhas se elevaram. — Por alguma razão em especial, Maggie? —

— Por alguma razão? — Ela quase chiou. — Por alguma razão? Dir-lhe-ei as razões! Pusete-me tão quente como um broto de febre com suas palhaçadas esta manhã e exijo satisfação!

Inclusive quando o dizia, Maggie sabia que tinha sido um engano. Os olhos do Philip se estreitaram enquanto a olhava.

— Exige-o, esposa? Pede-me que lhe foda e logo faz demandas? Ah não.

De repente sua cara se iluminou como se tivesse recebido um ataque de inspiração. — Bem, amor, — disse-lhe ele afavelmente, — negociaremos. Para que possa fode-la e satisfazer a luxúria que sente pelo Jonathan, chupa meu membro, aqui e agora. — Lhe sorriu enquanto esperava uma resposta.

— Minha... minha luxúria pelo Jonathan? — Maggie chiou. — Por que, diz isso, Philip? — Ela começou a transpirar.

— OH não, meu anjo, eu vi como ele te esquentou esta manhã com seus pequenos toques. Ele te trouxe para o broto de febre, não eu. Já te satisfiz com minha boca. É Jonathan quem te incitou desejar um membro.

Ele sustentou uma mão para pará-la quando ela começou a protestar.

— Não o negue, Maggie, não há nenhuma necessidade. Não importo se for Jonathan quem te excita. Só demonstra que é uma mulher sã, a que amo e lhe demonstrarei isso. Mas primeiro, temos um trato?

— Um trato? — Maggie perguntou, tentando obrigar a sua mente a deixar de pensar no Jonathan e focar-se ao Philip.

— Uma chupada por um fodida? — Philip lhe recordou com um sorriso zombador.

Maggie tremeu com a antecipação.

— Sim, sim, Philip, — disse-lhe ela, ficando de joelhos diante dele. Ela habilmente começou a desabotoar sua calça, contente de ver que ele já estava duro.

Depois de que ela deixou seu membro livre e estava a ponto de abrigar seus lábios ao redor da ponta, Philip a parou com uma mão sobre sua cabeça.

— Não ainda, Maggie. Agora vou demonstrar-te que não me preocupo quanto quer ao Jonathan. Quero que feche seus olhos. Faz-o, — ordenou-lhe quando ela vacilou.

Ela fechou seus olhos.

— Agora quero que imagine que chupas o membro do Jonathan.

Os olhos do Maggie voaram olhando fixamente com assombro ao Philip.

— Ouviu-me corretamente, Maggie. Agora fecha seus olhos, seja boa garota e antes que o chupe, quero que descreva ao Jonathan. Descreve com o que fantasia. — A voz do Philip hipnotizava e Maggie fechou seus olhos.

Maggie estava mais envergonhada do que jamais tinha estado antes. Imaginar que seu marido era outro homem? Isso era depravado, mas como todas as coisas que Philip demandava dela, fazia o sangue tilintar e a sua concha doer. Ela falou de forma vacilante, descrevendo uma freqüente fantasia que a atormentava e a envergonhava.

— Jonathan está de pé no vestíbulo, e ele... ele me empurra ao piso, suas mãos sobre meus ombros. — A mão do Philip acariciava o cabelo de Maggie, com cuidado colocando um cacho solto detrás de seu ouvido, seu dedo se atrasou remontando as curvas ali. Ela tremeu.

— Continua, — ele a animou brandamente.

— Sua calça está aberta, e seu membro saiu dele, grande e longo, como o teu. — A mão do Philip se moveu para seu *pescoço* e massageava suas costas.

— Um.... Hum, — murmurou ele.

— Ele... ele toma em seu punho e o empurra contra meus lábios, obrigando-os a abrir-se. Então ele me ordena que o chupe com força e profundamente. — A respiração de Maggie era irregular enquanto a fantasia chegava a seu fim em sua mente.

— E você, Maggie? Você o chupa? — Philip exigiu, controlando a ponta de seu pênis sobre a cara de Maggie, suas bochechas, seu nariz, seus lábios.

— Sim, sim, faça-o, — ela sussurrou. Inconscientemente lambeu seus lábios.

— Quem sou eu? — Philip perguntou brandamente.

— Jonathan, — Maggie sussurrou bastante familiarizada com os jogos passionais do Philip agora para saber a resposta que ele requeria. E quando ele empurrou seu membro contra sua boca, obrigando a seus lábios a abrir-se, era o membro do Jonathan que recebia o membro do Jonathan que ela chupava e lambia amorosamente. Ela manteve seus olhos fechados vivendo em sua mente sua fantasia e Philip permanecia mudo, permitindo-lhe.

Finalmente Philip retirou seu membro da boca do Maggie.

— Bastante. Prometi fode-la. Baixa sobre suas mãos e joelhos ao chão. — Ele a empurrou para baixo. — mantém seus olhos fechados. Quero que siga imaginando que sou Jonathan.

O fôlego da Maggie era desigual, sua concha quente e molhada. Apertada dolorosamente de só pensar em que o duro pênis do Jonathan a fode-la.

Sem advertência, o membro do Philip penetrou de repente pela abertura de seus calções. Maggie ofegou para começar a gemer com força quando ele começou a empurrar para dentro uma e outra vez.

— Quem te está fodendo, Maggie? — Philip lhe exigiu com voz rouca.

— Jonathan, — ela ofegou, empurrando seus quadris para trás para encontrar-se com o duro membro que a enchia. Em sua mente podia ver claramente ao Jonathan tal como estava vestido essa manhã, sua calça aberta, seu membro se chocando contra sua molhada concha enquanto ela se ajoelhava no chão. Ela gemeu.

— Diga seu nome, — ordenou Philip. — Diga-o

— Jonathan, — Maggie gemeu.

— Outra vez.

— Jonathan. — Sua voz se elevava com entusiasmo enquanto ela via em sua fantasia que a cara do Jonathan começava a retorcer-se com o próximo clímax. Ela se apertou mais duro contra o pênis que a fodia, desejava sentir que o membro do Jonathan transbordava e enchia sua concha de sêmen. De só pensá-lo-a fez queixar-se com antecipação.

— Diga-o, Maggie, canta o nome do Jonathan. Quero seu nome sobre seus lábios enquanto goza, — Philip lhe ordenou fodendo-a com golpes duros, curtos, sentindo seu iminente orgasmo.

— Jonathan, Jonathan, Jonathan, — cantava Maggie forte, sua voz se elevava com cada duro impulso. Sua concha começou a convulsionar e ela se apertou para trás, montando o duro membro enquanto terminava. Quando o tiro de prazer a transpassou, contraindo sua matriz, ela gritou seu nome uma vez mais.

— Jonathan!

Ouvir o nome de seu amigo sobre os lábios de Maggie enquanto ela gozava, empurrou ao Philip ao lado e sentiu seu membro explodir enquanto o orgasmo da Maggie o chupava. Quando ele foi espremido, Philip saiu dela, caindo sobre seu traseiro no chão.

— Vê-o meu amor, — disse a Maggie com um sorriso enquanto ela o olhava, aturdida, — não me importou em quão absoluto queira foder ao Jonathan.

* * * *

Uma hora depois Philip relaxava sobre o sofá do estudo, o aroma do sexo daquela manhã ainda impregnava o ar. Jonathan entrou sem golpear e cheirou apreciativamente.

— E..., — disse-lhe com um sorriso zombador de conhecimento, — o que era que Maggie queria com tanta urgência esta manhã?

Philip riu em voz alta antes de responder.

— A ti, — disse-lhe, olhando a reação do Jonathan. Ele foi recompensado com um choque sobre a cara de seu amigo.

— Ela te disse isso? — A voz do Jonathan refletia seu assombro.

Philip começou a dizer não, mas trocou sua resposta no último minuto.

— Não com tantas palavras, mas ela não protestou quando a fiz fechar seus olhos e imaginar que era seu membro o que ela chupava.

— OH meu Deus, — gemeu Jonathan, caindo no sofá, sua cabeça caiu para trás contra o alto lado da poltrona.

Philip riu em silêncio quando se aproximou e pôs sua mão sobre o antebraço do Jonathan. Ele o deixou ali quando Jonathan levantou sua cabeça.

— Isso não é tudo, meu amigo. Antes que ela me chupasse, contou-me sobre uma pequena fantasia que implicava que a obrigava a ficar de joelhos para chupar seu membro no vestíbulo. — Philip estava virtualmente exultante de regozijo.

— Parece que ter as mesmas fantasias, — disse Jonathan, pasmado. Ele nunca tinha esperado que Maggie estivesse pronta tão logo.

A mão do Philip apertava ao braço do Jonathan e ele notou o avultamento de seus músculos debaixo em resposta. Ele rapidamente tirou sua mão, desconcertado pelo prazer que sentiu diante os avultados músculos de seu amigo.

— E o golpe de graça, querido Jonathan, falta por vir. — Philip ficou de pé enquanto falava e se deu volta para enfrentar ao Jonathan sobre o canapé. Jonathan se inclinou para frente com impaciência, incapaz de imaginar algo mais doce que ser o objeto das fantasias de Maggie.

Philip fez uma pausa para o efeito antes de dar a última informação. — Fiz-a seguir com sua fantasia enquanto a fodia. Fiz que fechasse seus olhos e simulasse que você a

fodia, e ao gozar ela chamou seu nome, em seu final, quando culminava gritava "Jonathan!"

O gemido do Jonathan coincidiu com sua mão que se movia para baixo para roçar a longa longitude de seu duro membro, apertando-o contra a frente ajustada de sua calça negra. O olhar do Philip se dirigiu para ali. Ele se assombrava com quanta freqüência e quão rapidamente Jonathan se excitava e quão grande e duro parecia seu membro. Ele arrancou seu olhar fixo quando Jonathan falou.

— Tem que fazer os preparativos finais esta noite, não posso esperar mais tempo, — ele raspou, suas mãos já desabotoavam os botões que ocultavam seu pênis. Este saltou livre e ele tomou em seu punho.

— Bem, — Jonathan continuou, apoiando sua cabeça para trás outra vez e fechando seus olhos, — me descreva como a fodeste, detalhadamente, por favor.

Quando Philip não falou, Jonathan abriu um olho. — O negaria a um homem moribundo, velho amigo? — Perguntou-lhe com muita dor.

Philip lambeu seus lábios e raspou, — Não, enquanto se dava voltas e se sentava detrás de seu escritório.

Jonathan se inclinou para trás contra o sofá outra vez, seu punho acariciava de acima a abaixo seu longo membro enquanto Philip devagar lhe contava cada detalhe de sua fodida com Maggie. Como seus olhos estavam fechados, Jonathan foi inconsciente de que os olhos do Philip devoraram sua verga durante toda a história.

Quando Philip disse, — Jonathan! — Com uma voz estrangulada, simulando o orgasmo de Maggie, Jonathan se correu, seu sêmen saiu disparado de seu membro para o piso até descarregar completamente seu comprido membro, ainda impressionante, lubrificando os últimos golpes com seu punho. Ele se estremeceu quando liberou sua mão e a deixou cair a seu regaço, sua respiração começou a normalizar-se.

Quando ele abriu seus olhos um momento mais tarde, viu que Philip estava sentado detrás de seu escritório com uma divertida careta em sua cara.

— Lamento-o, meu amigo, mas estava profundamente necessitado disto, — pediu-lhe perdão com arrependimento.

— Não se preocupe por isso, — disse Philip amavelmente, — entendo-te completamente. Fiz exatamente o mesmo quando ela gozou.

Eles riram amigavelmente enquanto Jonathan reajustava sua calça.

— Tenho que ir limpar-me, — disse-lhe, limpando inutilmente sua mão em um lenço. Sem olhá-lo se dirigiu à porta.

— Sim, sim, adiante, — Philip lhe disse, parecendo preocupado, — ver-te-ei no jantar.

Depois que Jonathan o deixou, Philip se afastou do escritório e olhou para baixo sua semente tinha orvalhado completamente e por toda parte seu regaço, seu membro ainda estava em seu punho, corcoveando com um orgasmo, cortesia do Jonathan.

Capítulo Cinco

Philip esperou que Maggie terminasse seu porto, uma indulgência que ele e Jonathan a tinham ensinado durante a semana quando resistiam a que os deixasse depois do jantar. Assim que ela o fez, ele ficou de pé bruscamente, cortando ao Jonathan no meio de uma oração. Maggie o olhou surpreendida enquanto lhe

apresentava sua mão.

— O que acontece, Philip? — Lhe perguntou, colocando sua palma na sua enquanto ele a ajudava a ficar de pé.

Philip riu, olhando fugazmente ao Jonathan pela comissura de seu olho. Seu amigo já estava de pé quando Maggie foi levantada, e os observava com um olhar quente.

— Um homem necessita uma razão de retirar-se cedo com sua esposa, sem outro desejo que o estar com ela? — Ele ronronou, fazendo o comentário deliberadamente sugestivo, sem deixar nenhuma dúvida de que estava pensando fode-la assim que estivessem sozinhos.

Maggie avermelhou, e Philip pôde ver que o pênis do Jonathan crescia duro debaixo de sua apertada calça de noite.

— Philip! — Maggie o desafiou ofegando. Ela estava envergonhada de ouvi-lo falar assim diante do Jonathan, mas uma parte dela estava também emocionada e excitada com o que Jonathan imaginaria dela e Philip juntos.

Jonathan se colocou mais perto detrás dela, suas mãos descansaram sobre seus ombros nus com o revelador vestido que levava. Elas acariciaram sua pele ligeiramente enquanto lhe falava brandamente. O prazer de sustentar a mão quente do Philip na sua própria enquanto as cálidas mãos do Jonathan acariciavam seus ombros quase fez gemer a Maggie em voz alta.

— Não te envergonhe, minha querida, — disse-lhe ele, com cuidado beijando seu ombro nu, — entendo completamente a impaciência do Philip.

Com aquelas sedutoras palavras e uma última carícia, Jonathan se afastou da Maggie, e ela o olhou por sobre seu ombro enquanto ele se dobrava e logo saía do quarto.

Philip olhou as pupilas de Maggie dilatarem-se com paixão quando Jonathan a acariciou e seu próprio desejo se elevou também. Ela estava quase pronta para tomá-los a ambos, mental e fisicamente. Esta noite, eles violariam a última barreira e Jonathan e eles compartilhariam o corpo do Maggie e seu coração.

* * * *

Maggie gemia enquanto os dedos do Philip dançavam dentro dela. Ele tinha dois dentro dela, e seu polegar ou fodia sua concha ou esfregava seu clitóris. Ela estava no céu. Não que podia pensar e muito menos responder quando Philip lhe perguntou brandamente.

— Maggie quero tentar algo novo esta noite. Deixará açúcarada? Comprei algo para ti que sei que você gostará. Em realidade, comprei-o o dia que nos comprometemos.

Maggie logo que conseguiu abrir seus olhos e olhar Philip antes que seus dedos cavassem nela e a fizessem novamente fechar seus olhos enquanto gemeu fracamente.

Philip sorriu em silêncio brandamente. — Tomarei isso como um sim.

Ele se inclinou para o lado da cama e, com sua mão livre recolheu algo da mesinha de noite que tinha estado oculto sob um lenço ao que não lhe tinha emprestado atenção. Maggie abriu seus olhos outra vez, e ela olhou fixamente o artigo, a confusão se escreveu sobre sua cara. Isso se parecia a uma roda de fuso de madeira quase Lisa, dura, escura, com finais arredondados e estreita no meio, seu tamanho aumentava para os extremos. Um extremo era mais amplo que o outro. Ela jogou uma olhada ao Philip

de maneira inquiridora.

Sorriu-lhe com maldade quando tirou a mão do meio de suas pernas, ação que fez a Maggie gemer de um prazer combinado com decepção.

Philip colocou facilmente a mão no pote de lubrificante que sempre estava colocado ao lado da cama e logo começou a passar o lubrificante sobre a parte de madeira. Uma lenta compreensão apareceu sobre a cara de Maggie.

— Philip? — ela começou com vacilação, elevando-se de seu traseiro sobre seus cotovelos enquanto olhava cautelosamente o fuso de madeira, — o que é isso?

— Isto se chama dildo, querida Maggie, e isto pode te trazer quase tanto prazer como um membro.

Os olhos de Maggie se abriram quando Philip terminou de pôr lubrificante e começou a pulverizá-lo com sua mão livre.

— Você vai... A Maggie abandonou a frase inconclusa em um chiado quando se dava voltas sobre seu estômago e Philip se sentava escarranchado sobre suas coxas.

— Foder-te com ele? Certamente, minha querida, e vai gostar.

Maggie gemeu quando desceu sua cabeça para a cama, outra vez mortificada por seu entusiasmo com as perversões do Philip. Deus gostava de deixá-lo fazer estas coisas.

Philip acariciou seu membro então tomou vários fôlegos profundos, tentando acalmar-se. Só pensar em foder o traseiro da Maggie com um dildo enquanto ele fodia sua concha o levava perto do orgasmo. Ele odiaria ter que pospor o acontecimento real só porque não podia controlar-se.

Com cuidado inseriu dois dedos em seu traseiro. Ela gemeu forte e atirou seus quadris contra sua mão, tentando encontrar o ritmo.

— Deus, Maggie, você gosta disto no traseiro, verdade? — Lhe sussurrou, como sempre hipnotizado pela vista de qualquer parte de seu corpo em que podia desaparecer em suas profundidades doces e quentes.

Ele olhou abaixo e viu seu membro que gotejava e imediatamente tirou seus dedos. Tinha que fazer isto agora, antes que fosse capaz de controlar-se. Ele colocou o extremo menor do fuso contra seu ânus depravado e o empurrou com cuidado. Vê-la tomar o dildo facilmente, enquanto seus quadris o empurravam mais profundo em seu traseiro, fez gemer ao Philip.

— OH Deus Philip, — respirou Maggie, — Sim! Sim! Eu gosto. — Ela ofegava e gemia, Philip pensou que vê-la com o dildo metido em seu traseiro era uma das coisas mais apaixonem que eles tinham feito até agora.

De repente Philip empurrou o dildo completamente nela, seus dedos o sustentavam pelo extremo maior. Maggie gemeu e se moveu agitadamente sobre a cama. Philip começou a bombear o dildo dentro e fora dela, e ela o fodia de bom grado, com muito prazer. Logo que o tinha inserido, Philip o tirou.

Maggie gritou na incredulidade e a decepção, dando-se volta para o Philip com olhos torturados. Ele riu dela, de sua cara cheia de desejo. Sustentando seu olhar, ele girou o dildo, então o sustentou do extremo menor. Ele empurrou seu traseiro para baixo sobre a cama, ao mesmo tempo em que pressionava o extremo grande do dildo contra sua entrada traseira.

— Sim, Philip, sim, — ofegou Maggie, — quero mais. — Ela se retrocedeu contra o dildo, introduzindo-lhe e gemendo no prazer ardente que disparou de seu traseiro a sua concha.

— *Este é um pouco maior do que eu sou Maggie,* — sussurrou Philip. — Creio que do tamanho do membro do Jonathan.

Seus sussurros eram quentes e sedutores, e Maggie respondeu a sua sutil sugestão, imaginando que o dildo era o membro do Jonathan entrando nela. Quando esteve completamente dentro, os dedos do Philip o sustentavam cômodo em sua entrada, logo ele o torceu ligeiramente e Maggie ofegou no puro prazer, que lhe queimava. Então Philip começou brandamente a foder a Maggie com o dildo, lhe sussurrando todo o tempo.

— Imagina que isto é Jonathan, não é assim, amor? Jonathan fodendo seu doce traseiro. Ele quer fazê-lo, deseja-o tanto. Ele é grande, Maggie e tão forte, de só ver-te ele mal pode controlar-se. Se lhe deixasse, ele estaria sobre ti em um segundo, chocando-se com seu membro em ti em todas as partes onde pode, sua boca, sua concha, seu traseiro. Eu deveria deixá-lo? Hum?

As palavras do Philip voltavam louca a Maggie. Ela choramingava tão perto da dor como do prazer enquanto seu orgasmo a rompia. Ela tremeu e logo começou a convulsionar com sua liberação enquanto sua matriz se apertada e seu ânus agarrava com força o dildo.

Enquanto seu orgasmo a mantinha na cúpula, Philip levantou os quadris de Maggie ligeiramente e levou seu membro a sua concha para culminar. Maggie soltou um grito estrangulado na invasão, sua concha se sentia tão apertada com o dildo preenchendo seu traseiro que o orgasmo que balançava seu membro lhe deixou um rastro ardente detrás dele. Sem lhe dar tempo a ajustar-se, outro orgasmo desceu fodendo-a com o dildo em um perfeito ritmo com seu membro, uma e o outro, uma e o outro, enquanto todo o tempo sussurrava-lhe.

— Sim, Maggie, sim, goze para nós, para o Jonathan e para mim. Imagina que este é o pênis do Jonathan em seu traseiro e minha franga em sua concha, e ambos lhe fodemos, que fodida tão doce e dura. Quer isso, Maggie? Posso fazê-lo passar, posso lhe deixar ter, Maggie. Posso te compartilhar com o Jonathan. Deixe-me te compartilhar, Maggie. Quero fode-la com o Jonathan.

O terceiro orgasmo de Maggie foi ainda mais intenso, sobressaltando-a com a profundidade de seu prazer, ela realmente queria que Jonathan a fodesse com o Philip. Ela gritou inconsciente do que dizia, seu traseiro se arqueou violentamente, levando-a contra Philip. Ela começou a soluçar de prazer os nomes dos dois homens. Estava fora de todo pensamento racional, mais à frente do entendimento, nas redes de um prazer quase doloroso.

Philip não pôde conter-se mais quando testemunhou a rendição completa da Maggie ao prazer que lhe dava. Assim seria com o Jonathan, Maggie apertada entre eles enquanto ela soluçava seus nomes, o prazer de atormentar seu corpo enquanto ela os chupava a seco. Ele recordou que gostava de foder a uma mulher com o Jonathan, sentir o membro do Jonathan com o seu através das magras paredes dentro dela. Seu orgasmo o esgotava, não só física a não ser mentalmente. Isto romperia todas as barreiras entre eles, e ele clamou os nomes de Maggie e Jonathan quando sentiu seu sêmen fluir de seu membro na Maggie.

Philip se derrubou sobre a Maggie depois do último estremecimento rasgado nele, completamente gasto. Maggie estava desvanecida embaixo dele, sua respiração agitada.

— Doce Maggie, quanto te amo, — sussurrou Philip, às cegas procurando seu pescoço com seus lábios, beijando-a brandamente, docemente.

Maggie estava alagada pelo horror. Como ela podia responder aos sussurros do Philip dessa maneira? O prazer de imaginar ao Jonathan e Philip fodendo-a juntos foi o mais intenso que algum sentido com Philip. Ela era uma espécie de monstro, certamente uma puta.

Philip rodou dela e a colocou a seu lado, inconsciente de sua angústia. Ele estava repleto de satisfação, emocionado para ter violado a última barreira dos três compartilhando uma cama. Maggie tinha respondido tão apaixonadamente a suas sugestões, que Philip sentia vertigem com o alívio.

— Maggie, vai gostar amor, vê-lo-á, — lhe disse com voz sonolenta. — Quando Jonathan se unir a nos, sentirá mais prazer de que sentiu até este momento. Será formoso, amor.

Seus olhos estavam fechados, então ele se surpreendeu quando Maggie se retirou de seus braços e se localizou ao final da cama, a toda pressa cobrindo-se com o lençol.

— Virá Jonathan? — Ela raspou, aterrorizada — Esta noite?

Seu fôlego entrava com dificuldade e Philip imediatamente compreendeu que não era pelo desejo, só de medo. Sua confusão foi evidente em sua voz quando lhe respondeu. — Não, não esta noite, amanhã possivelmente. Tem que descansar. Por que esta assustada, Maggie?

Maggie olhou fixamente ao Philip com horrorosa incredulidade. Por que ela estava assustada? Seu marido acabava de lhe dizer que ia compartilhar-la, com seu melhor amigo, e lhe perguntava por que ela estava assustada?

— Não quero que venha, — sussurrou Maggie severamente, ela respirava incontrolada agora. — Não vou fazer, não o farei. Não me pergunte isso, Philip, Deus, não me peça isso.

Philip sentiu um frio assentar-se em seu estômago. Eles se tinham movido muito rápido com ela? Ela ia correr? Estendeu-lhe a mão lentamente. Ela se afastou até que a cabeceira a deteve, então olhou de longe ao Philip que deixava cair sua mão.

— Acreditei que você também o queria, Maggie, o modo em que respondeste durante as poucas semanas passada as minhas sugestões, ao toque do Jonathan. — Ele manteve sua voz em um tom tranqüilo, quase neutro.

— Queria-o? — O sussurrou do Maggie cortou o ar entre eles. — Querer ser compartilhado por meu marido com outro homem, como uma puta comum? É isso o que pensa de mim agora, agora que te deixei me fazer estas coisas? Que sou uma puta? — Sua angústia cortou o coração do Philip como um estoque.

— Não! — Ele quase gritou. Obrigou-se a acalmar-se quando viu Maggie estremecer-se. — Não, Maggie, amo-te com todo meu coração e alma. É minha alma, eu não poderia viver sem ti. Mas Jonathan e eu... — ele não pôde terminar a frase, não estava preparado para dar explicações a Maggie. Que idiota, que idiota, repreendeu-se silenciosamente, certamente que ela queria saber o por que. Teria que ter pensado nisso.

Maggie começou a acalmar agora quando entendeu que Jonathan não viria esta noite, que, na verdade, ele não viria absolutamente se ela não o desejava. Ela suspirou e se voltou para olhar ao Philip. A vista de sua cara devastada quase rompeu o coração de Maggie, mas ela não podia lhe dar o que queria.

— Por quê?

Ela não teve que explicar a pergunta ao Philip. Ele entendia o que perguntava. Ele suspirou e, atirando-se para trás, amontoou os travesseiros contra a cabeceira e se

reclinou sobre eles. Ele se via preocupado ao ver sua formosa Maggie chorando. Pareceu a um anjo cansado, seu cabelo dourado se via enredado e seus formosos olhos cansados, abrigado no aroma do sexo e o pecado. Ele levantou um joelho e atirou o lençol para cobrir seu sexo, de repente se via espantado e torpe. Ele descansou um cotovelo sobre seu joelho levantado e esfregou sua cara com sua mão aberta, como se tentasse apagar lembranças que não partiam.

Ele simplesmente olhou a Maggie pelo que parecera minutos, sua cara em branco. Parecia que ela se afastaria da cama quando em realidade deu voltas afastando-se um pouco mais até que ele finalmente falou.

— Conhece minha família. — Isso não era uma declaração, nenhuma pergunta, mas Maggie respondeu.

— Sim. — Ela os tinha conhecido e havia sentido uma imediata aversão por eles com só vê-los. Um mais avaro que outro, conspiradores, insensíveis, sem amor para ninguém. Jamais tinha encontrado gente assim em toda sua vida. Agradeceu a Deus que Philip sentisse o mesmo, e não passassem muito tempo na casa de seus parentes. Todos eram parentes distantes, os pais do Philip tinham morrido quando ele era bastante jovem, por isso foi fácil evitá-los.

— Pensaste o que era ser um moço jovem e que essa fosse à única família disponível para ti? — A pergunta era aparentemente ocasional.

— N.. Não, — gaguejou Maggie um pouco, envergonhada em sua carência de idéias sobre a infância ao parecer miserável do Philip. Ela realmente não tinha pensado nisso.

O sorriso zombador do Philip era torcido e triste. — Em realidade quando eles me enviaram à escola foi uma coisa boa e depois jamais voltaram a pensar em mim.. Estava sozinho, mas muito melhor que estando acompanhados por eles.

Ele a olhou fixamente por sobre seu ombro um momento. — Os moços mais velhos implicavam comigo ao princípio, mas quando Jonathan chegou, eles pararam. Inclusive desde jovem, ele era mais forte que a maior parte deles.

Seus olhos voltaram para encontrar-se com os seus, e ela pôde ver o amor brilhar neles, o amor pelo Jonathan.

— Jonathan e eu nos fizemos inseparáveis. Seus pais estavam também mortos, e ele nem sequer tinha a moléstia de parentes horríveis. Ele estava realmente só no mundo. Então o adotei, fizemos de cada um uma família. Passávamos a maior parte de férias juntos na escola, logo continuamos em Oxford juntos, brevemente, e finalmente em um estupor bêbado, comissionamo-nos juntos na armada.

Philip parou sua narrativa, e um tremor o percorreu de acima a abaixo. Seus olhos agora refletiam as horríveis lembranças da guerra, lembrança que jamais tinha compartilhado com ela, e que ela nunca tinha perguntado. A Guerra sempre tinha sido um acontecimento distante para Maggie, algo que acontecia com alguém longe e só fazia aumentar o preço do chá, nada mais. Agora isto, foi como vê-la através dos olhos do Philip.

Ele uma vez mais olhava fixamente no espaço. — Não vou falar sobre a guerra, Maggie. Não te farei uma parte daquele horror. Basta dizer, que agradecia a Deus que Jonathan estivesse ali. Ele salvou minha vida mais que uma vez e supondo que eu a sua. Mas as coisas que nós vimos, as coisas que fizemos ao cabo de um tempo começaram a nos cobrar pedágio. Comecei a perder a minha humanidade, e Jonathan também.

Ele se deu volta para olhá-la. — Um oficial em nosso campo tomou à parte um dia e me perguntou se eu gostaria de compartilhar a uma mulher. Não havia bastante pelos

arredores e eu sabia que essa era uma prática comum. Jonathan estava longe, procurando provisões. Eu tinha ficado porque já não me preocupava mais. Mas quando Tony, o oficial, disse-me de compartilhar aquela mulher comigo, quando me falou disso, fez-me me preocupar com seu prazer e finalmente pude-me sentir vivo outra vez, e foi glorioso. Tudo no que podia pensar era compartilhar isso com o Jonathan, e o fiz, aquela noite.

Ele fez uma pausa durante um momento, e riu tristemente. — Estivemos naquele ato mais perto do que jamais tínhamos estado antes. Amei-o como nunca o tinha feito antes e senti que a obrigação entre nós fazia mais e mais forte cada vez que nós estávamos juntos com uma mulher. A conexão entre nós foi à única coisa verdadeira em minha vida, minha corda salva-vidas. Fizemo-nos mais que amigos, mais que irmãos, nessas vezes. Ele se fez minha outra metade.

Sua cabeça caiu durante as últimas palavras, uma caprichosa mecha caía sobre sua frente. Quando deixou de falar, ele levantou sua cabeça outra vez e Maggie viu as lágrimas sobre suas bochechas, e seus próprios olhos cheios.

— Ainda necessito aquela conexão, Maggie. Amo-te, mas me sinto incompleto sem o Jonathan, sem aquela corda salva-vidas. Não sei de que outra maneira lhe explicar isso. Necessito-o e ele me necessita.

— Philip, sinto muito. — A voz de Maggie parecia quebrada com sua própria dor e pesar. — Não posso te dar o que necessita. Quer que me parta? — A pergunta de Maggie foi a mais difícil que alguma vez tinha feito. Ela não queria partir. Philip era a primeira pessoa que alguma vez a amou, e ela sabia que ir causaria uma ferida em sua alma que nunca se curaria, mas o fazia se ele o pedia.

Philip a olhou fixamente um momento e logo riu. — Ambos lhe amamos. Sabe verdade?

Maggie se sobressaltou na mudança abrupta da conversação. — O que?

— Jonathan e eu, nós, ambos lhe amamos. Do mesmo minuto em que lhe vimos, soubemos que você foi. Quando estivemos contigo foi como se tudo caísse no lugar adequado. Você nos complementa. — O tom do Philip se fez agradável, quase cordial, como se eles tivessem uma normal conversação sobre o tempo.

— Complementa? — Maggie parecia um idiota, repetindo depois do Philip, mas já tinha tido muitas surpresas, não podia manter o fio da conversação.

— Você nos complementa, Maggie. Não nos abandone jamais te parta. — O tom do Philip ordenava, mas bem que suplicava.

— Se isto não for algo que possa fazer, então não o faremos. Só queremos te amar, e se assim é como o quer, então Jonathan não tentará lhe seduzir, e não te pedirei para que deixe entrar em nossa cama. — Philip fez uma pausa até que Maggie encontrou seus olhos. — Mas não pedirei ao Jonathan que parta. Necessito-o, Maggie, tanto como te necessito, embora de um modo diferente. — Ele parou outra vez e fechou seus olhos, e quando voltou a falar seu tom foi irregular devido às lágrimas que parecia não poder desfazer-se. — Por favor, por favor, não me abandone, Maggie. Por favor.

Maggie de repente recordou os três meses que eles haviam passado sem o Jonathan e quão infelizes tinham sido. Sua chegada tinha dado esperanças a Maggie, e quando tinha chegado o sentido de estar completos. Ela podia entender o que Philip finalmente dizia. Não, Jonathan nunca poderia partir. Mas eles poderiam viver dessa maneira? Ela avançou lentamente através da cama e abraçou a cabeça do Philip a seu peito. Seus braços a rodearam com ferocidade, tão apertadamente que ela mal podia

respirar.

— Não partirei amor, — sussurrou-lhe ela.

Capítulo Seis

Dois dias mais tarde, as três estavam na carruagem do Neville em caminho a um jantar com Lorde e Lady Randal. Maggie se tinha ocultado em seu quarto durante aqueles dois dias, bastante envergonhada para ver ou falar com o Jonathan e até evitava ao Philip como melhor podia. Philip tinha insistido em que aceitassem o convite de última hora, já que Lorde Randal era um querido amigo de seus dias do exército.

Jonathan e Philip olharam a Maggie com olhos quentes durante a maior parte da viagem em carruagem embora poucas palavras fossem ditas. Esfomeavam por seu olhar, mas suas bochechas ruborizadas e sua incapacidade para olhá-los os mantinham calados.

Em seu desespero ao vê-la retirar-se tinha falado ao Jason e Tony e sua esposa Kate. Os três tinham convencionado neste jantar com a esperança de que Maggie visse como era possível uma relação de três.

Maggie tinha tomado muito cuidado com seu aspecto, querendo provocar uma impressão favorável nos amigos do Philip e Jonathan. Ela tentou não falar extensamente do fato de que só pensava nos dois juntos em vez de só Philip. Ela tinha escolhido um vestido verde escuro, de linhas simples, com o único adorno de um colar e um bracelete de esmeraldas. Seu cabelo estava recolhido sobre sua cabeça em um penteado complicado que deixava pequenos cachos perto de suas têmporas. Ela sentia que o vestido dava ao contorno de sua figura um tom mais recatado, e seu penteado fazia parecer com seu rosto mais anguloso e sofisticado.

Em realidade o vestido acentuava seus peitos luxuriosos e fazia chamar a atenção sobre eles. Seu cabelo parecia que em qualquer momento cairia como uma cascata sobre seus ombros, todo o conjunto fazia com que os fizessem suspirar. Está simplesmente atordoante, disseram os convidados ao Philip e Jonathan brandamente longe dos ouvidos de Maggie, porque não queriam envergonhá-la, ao reconhecer sua inocência e sua graça.

Ela tinha encontrado com os Randal antes. Conhecia lady Randal quando ainda era a senhora Collier. Lhe tinha gostado enormemente. Estava muito feliz por ela agora, já que a única ocasião em que a tinha visto com Lorde Randal antes de suas bodas era óbvio que ele estava profundamente apaixonado por ela. O casal poucas vezes se apresentava em sociedade. Ela tinha ouvido rumores de que Lady Randal tinha sido a amante de outro homem antes do casamento com sua senhoria. E haviam outros, mais escuros, rumores secretos sobre ela, ditos sob sussurros.

Eles chegaram depois da maioria dos outros convidados e Maggie tentou não sentir-se afligida quando sentiu sobre ela muitos pares de olhos, medindo-a. Por que, perguntou-se? Acaso não era o bastante boa para o Philip? Já que evidentemente ele era um grande favorito, e Jonathan também. Eles foram calorosamente saudados com abraços e beijos por Lady Randal, e até por alguns dos homens presentes Philip tinha mencionado que a maior parte dos homens presentes eram veteranos militares como ele e Jonathan e tinham servido sob Lorde Randal.

Lady Randal, ou Kate como ela insistiu em que Maggie a chamasse, era

encantadora, tinha-lhe dado uma quente bem-vinda, deixando a clara impressão de que estava pronta para aceitar a Maggie no grupo. Ela era uma formosa mulher, de comprimentos membros, com um pequeno busto e uma vaporosa juba loira, mais brilhante que a do Philip. De pé entre dois enormes homens, parecia muito frágil, mas Maggie sabia que essa era uma falsa impressão.

Lorde Randal, estava ao seu lado direito, era um formoso homem, mais velho que sua esposa em vários anos, como testemunhava o tom ligeiramente prata de suas têmporas, quase imperceptível, em seu cabelo loiro. Ele era mais reservado que sua esposa, mas sua saudação foi muito cordial.

O homem que estava com eles foi apresentado como seu melhor amigo Anthony Richards. Maggie recordou haver o encontrá-lo uma vez no Gunther. É quase muito formoso para ser um homem, pensou Maggie, com seu brilhante cabelo negro e esses olhos azuis claro em uma cara longa angular de escuros e cheios lábios vermelhos. Ele saudou Maggie como se fossem velhos amigos, até beijou sua bochecha com uma piscada depois de pedir permissão ao Philip para fazê-lo. Ao Maggie gostou imediatamente.

Kate levou a Maggie pela sala apresentando-a, e Philip e Jonathan as seguiam um passo detrás como se a protegessem, embora ela soubesse que não era assim. Cada um era muito agradável e a atmosfera bastante relaxada. Maggie se surpreendeu ao reconhecer os nomes, se não às caras, de vários cavalheiros ali. Eles eram muito procurados por toda mãe casamenteira por sua riqueza e seus títulos. Eles insistiram na informalidade dos nomes de pilha e Maggie cumpriu com um rubor, sabendo que estava completamente contra cada restrição social com a que tinha vivido desde sua juventude.

Havia poucas mulheres ali, outra surpresa para a Maggie. Em geral uma anfitriã tentava cuidar dos números, mas ao parecer Kate não sentia tal necessidade. Além delas duas só estavam à mãe de Lorde e Lady Randal e a sobrinha de Lady Randal, a senhorita Verônica Thomas. Cinco mulheres diante mais de uma dúzia de homens, Maggie refletiu. Isto poderia ser interessante.

A reunião se armou em grupos íntimos e Kate não realizou nenhuma tentativa por dirigir a conversação. Ela tinha sentado no sofá em médio do quarto ao lado de Lorde Randal, ou Jason como ele disse ser chamado e Maggie os olhava desde uns passos de distância diante da chaminé. Ela estava de pé entre o Philip e Jonathan com dois outros cavalheiros, Derek Knightly e Ian Witherspoon. Os quatro homens relatavam um conto de um sapato perdido e um cavalo roubado em algum lugar na Espanha, para a hilaridade de todos. Maggie escutava com apenas meio ouvido.

Lorde Randal sustentava a mão de sua esposa. Aquele fato por acaso deixou a Maggie impressionada. Era quase inaudito que maridos de seu nível social se mostrassem afeto em público. Embora estivesse claro que Jason estava louco pela Kate. Maggie podia vê-lo esfregar seu polegar no dorso da mão de Kate em uma carícia rítmica. Enquanto ela os olhava, Anthony se localizou detrás deles e pôs uma mão sobre ambos os ombros, agachou-se e lhes sussurrou algo, as três cabeças se uniram. Kate e Jason riram brandamente e com um sorriso, Anthony se endireitou. Ele deixou sua mão sobre o ombro de Kate e ela com sua mão livre roçou com cuidado suas costas antes que ele girasse sua mão para sustentar a sua..

Maggie piscou várias vezes, assimilando o que via. De um modo, mas bem separado ela contemplou aos três e compreendeu que eles se viam... completos, Kate, Jason e Anthony. Não, isto não estava bem. Philip havia dito algo sobre o Tony, sim,

tinha razão. Onde tinha ouvido esse nome antes? De repente o recordou. Primeiro Philip tinha compartilhado uma mulher com o Tony. Isso deveria significar que...

— Três, dois, um, — sussurrou Kate sob seu fôlego, olhando a Maggie sob suas pestanas.

— O que, querida? — Jason lhe perguntou, inclinando-se.

Kate olhou os olhos de Maggie alargarem-se na compreensão quando ela respondia ao Jason.

— Creio que a pequena Maggie acaba de entender o nosso, amor, — lhe disse com um sorriso zombador, olhando a queda da aberta boca de Maggie com a incredulidade.

Jason jogou uma olhada a Maggie, notando a expressão sobre sua cara. — Possivelmente seja melhor que fale com ela, Kate, — disse-lhe ele secamente. — Ela parece como se fosse desmaiar.

Kate riu, chamando a atenção do Tony. Ele os viu observar a Maggie e seguiu seus olhares.

Ele se inclinou para baixo. — O que está mal com a Maggie? — Ele sussurrou, preocupado.

— Só que compreendeu que somos um trio, — disse-lhe Jason, por sobre seu ombro.

Kate começou a levantar-se e imediatamente Jason se levantou de um salto para ajudá-la.

— Ah por amor de Deus, ainda posso fazê-lo sozinha, homem tolo. — disse-lhe ela indulgente, mas exasperada. — vou tentar lhe falar para que entenda antes que saia correndo. — Ela rapidamente se dirigiu para a Maggie.

Tony deu a volta pelo sofá e se sentou ao lado do Jason. Jason acomodou sua cabeça perto do Tony quando o outro homem lhe falou.

— Espero Por Deus que ela possa porque não creio que esses dois homens podem esperar muito mais tempo. Jonathan parece preparado para romper-se.

Jason jogou uma olhada, viu a Kate tomar a mão de Maggie e habilmente manobrá-la para afastá-la dos homens e para as portas da terraço.

— Se alguém puder, Kate pode. — Ele fez uma pausa pensativo. — E, me chame um romântico, mas penso que a pequena moça já está apaixonada por ambos.

Ele voltou para o Tony. — Vêem, creio que temos que falar com o Jonathan e Philip sobre o Robertson. Posso estar completamente equivocado, mas quero que eles sejam cuidadosos, muito cuidadosos.

A mão do Tony sobre seu braço o parou, e ele procurou e viu os dois cavalheiros aproximar-se deles.

— O que acontece? — exigiu Jonathan em voz baixa enquanto se aproximavam do sofá. — Maggie parecia à beira de um ataque e logo Kate tomou e a arrastou para fora.

Tony lhe sorriu abertamente enquanto estirava suas pernas diante dele e cruzava suas mãos sobre seu estômago em uma postura exageradamente relaxada. — Creio que nossa esposa diz à tua algumas verdades da vida.

Philip empalideceu. — OH Deus, não pensei que ela o entenderia. Creio que pensei que eu o diria depois de que chegássemos a casa. — Ele jogou uma olhada preocupadamente para as portas janelas que conduziam a terraço.

Jason se sentou adiante, sua expressão era séria. — Robertson foi visto no Dover.

Ele não tinha que explicar de quem falava. O antigo protetor de Kate, Lorde Alberth Robertson, tinha orquestrado uma brutal violação grupal enquanto ela era sua amante,

alimentado por seu ódio para o Jason e Tony. Fazia nove meses, pouco antes que ele e Kate se casassem, Jason o tinha desafiado a duelo. Durante o mesmo Robertson tinha disparado antes que a conta fora terminada. Jonathan e Philip tinham estado com ele nesse momento e tinham sido parte do grupo de veteranos e amigos que tinham açoitado Robertson. Tinham-no obrigado a escapar exilado a Europa por sua perfídia. Parecia que tinha retornado.

As notícias causaram que tanto Jonathan como Philip trocassem o tema de conversação para Maggie.

— Estas seguro? — Philip perguntou, tinha emudecido de somente pensar que Robertson tinha a audácia de voltar.

— Infelizmente seguro. Nossa fonte é bastante confiável, Tom Flandes, sargento da Companhia do Hofstedtler.

— Por quê? O que pode esperar ganhar com sua volta? — Jonathan se perguntou em voz alta. — Certamente ele sabe que o buscaremos.

Tony se inclinou para frente, toda a diversão se foi de sua cara. — Saber que o mataremos, deveria ter sido uma força suficientemente dissuasiva. Independentemente de suas motivações, estou seguro disso. — Ele suspirou profundamente. — Queremos lhes advertir, já que ele sabe que são dos nossos. Ele pode estar planejando algum tipo de vingança e agora, com a Maggie, bem... — Ele deixou o pensamento incompleto, mas todos ali sabiam o que pensava. Robertson tinha uma história de abusos de mulheres igual ao de seus homens.

Por agora, vários dos cavalheiros no quarto lhes tinham unido. Derek Knightly, quem também tinha sido a parte da força que procurou Robertson, falou sobre isso.

— Juro-o, se ele desafia tocar a outra de nossas mulheres, sofrerá. — Sua voz vibrava com sua cólera. Seu companheiro Ian Witherspoon ligeiramente tocou seu braço, acalmando-o.

— Te acalme, Derek. Não sabemos por que está aqui ou inclusive se ainda segue aqui. Tem alguns investimentos e propriedades. Possivelmente só se ocupe de algum negócio, silenciosamente, e logo parta outra vez. — Ian olhou ao Jason inquisitivamente.

— Essa é uma possibilidade, — respondeu Jason, — a analisar. A gente foi notificada e está a sua caça. Ele ou estará sobre um navio rumo ao continente ou em nossas mãos antes de muito tempo. — Ele jogou uma olhada para as portas janela pelas que Kate e Maggie se partiram. — Mas até então, estejam atentos.

* * * *

Assim que elas alcançaram o terraço, Maggie se separou de Kate, e com suas pernas instáveis se derrubou no banco de pedra que estava ao longo da balaustrada. Ela caiu no assento, seus pensamentos rodavam em sua mente, lhe provocando vertigem.

— Estas bem, minha querida? — Kate perguntou com cuidado, vindo a sentar-se a seu lado.

— Eu..... eu não sei que dizer, — sussurrou Maggie, tentando olhar a Kate, mas sendo incapaz de fazê-lo, suas bochechas estavam de um brilhante vermelho. Ela não queria danificar os sentimentos de Kate ou envergonhá-la dizendo algo inadequado.

— Sobre o Jason e Tony? — Kate perguntou no mesmo tom aprazível.

A cabeça de Maggie se balançou rapidamente e ela abriu sua boca diante Kate. Ela

queria falar disso? Maggie era virtualmente uma estranha, por que ela se envergonharia assim?

Kate a olhava sem nada de vergonha. Seu olhar era de preocupação, mas preocupação pela Maggie, não por ela mesma. Ela se via quase orgulhosa, definitivamente desafiante, até satisfeita. Maggie se deu volta totalmente para ela quando a idéia tomou forma.

— Este jantar é sobre isso, verdade? — Lhe perguntou, não segura sobre como se sentia ao ter sido manipulada desta maneira. — Philip e Jonathan me trouxeram aqui assim você poderia me falar para que aceite sua pequena "relação". — Sua voz se endureceu quando falava e seus olhos pareciam fogo dirigido.

Kate suspirou. — Sim, temo-me que foi assim.

Maggie a interrompeu antes que ela pudesse continuar. — Bem, isso não funcionará. Não sou essa classe de mulher. — Ela estava sentada sobre o banco, que podia ver-se do salão desejando que as grossas cortinas estivessem abertas assim Philip e Jonathan poderia ver sua fúria para eles.

Kate descansou sua mão sobre a manga de Maggie. — Minha querida, por favor, isto não é o que parece. Eles simplesmente esperaram que eu pudesse me dirigir a você sobre o que é ser amada por dois homens. — Ela com cuidado atirou ao braço de Maggie até girá-la para olhá-la, ruborizada de novo diante a franqueza com que Kate falava desses temas proibidos.

— Já o vê, — ela seguiu, — eu sou dessa classe de mulher. Amo tanto ao Jason como Tony com todo meu coração e não me envergonho de dizê-lo ao mundo. — seus olhos se entrecerraram enquanto ela falava. — o que sinto é que o mundo se envergonhe de ouvi-lo.

Maggie inconscientemente atirou seu braço para trás e recolheu a mão de Kate com as suas consoladora. — Não há nada de que envergonhar-se. Eles parecem cavalheiros tão finos e claramente lhe adoram.

— Então não me condena? — Kate perguntou, limpando uma lágrima das comissuras de seus olhos. Maggie sacudiu sua cabeça negativamente. — Então por que te condena?

A pergunta de Kate foi sorte brandamente, mas seu efeito sobre Maggie foi como se lhe tivesse gritado. Ela saltou sobre seus pés e deu as costas a Kate, suas mãos apertadas em seus flancos.

— Não posso ser como você, — ela disse com voz estrangulada.

— Você? — A voz de Kate parecia como se estivessem falando do tempo e não de uma paixão proibida que dava bem-vinda a dois homens em sua cama e em seu coração.

Maggie girou outra vez, sua cara era uma máscara de dor e incerteza. — Como...? Como é isso? A condenação, os comentários cortantes, a falta de respeito? Sei que sussurram sobre você detrás dele, que as mulheres lhe olham com ódio e desdém e os homens com luxúria não dissimulada e falta de respeito. A sociedade lhe rechaçou! Você está virtualmente prisioneira em sua própria casa. Não posso viver assim, não posso! — A voz de Maggie se rompeu em soluços e ela se deu volta afastando-se outra vez.

Kate se levantou e foi para Maggie, pondo uma mão consoladora sobre seu ombro. — É isso o que vê aqui esta noite?

Maggie sacudiu sua cabeça. — Não, mas estes são seus amigos e sua família. Eles

vêm seu amor e o entendem, aceitam-no.

Kate girou a Maggie para ela com cuidado. A cabeça de Maggie pendurava baixo, em vergonha ou desespero, Kate não estava segura. Pondo suas mãos sobre os ombros de Maggie, ela dobrou seus joelhos até que pôde examinar os olhos de Maggie. — E que outros importam, minha querida? Esta é a gente a que dito amar, os únicos cuja aceitação me significa algo. Fazemos nossa própria sociedade, e uma que é por certo bastante animada. Estou freqüentemente longe de casa, ainda quando você não possa frequentar lady Chesterson.

Maggie reuniu uma risada então. Lady Chesterson era uma viciosa membro, de alta fila social e uma fofqueira terrível. Dizia-se que ela cortava diretamente com a gente, simplesmente porque não gostava da roupa que usavam. Maggie a odiava

— Há uma risada agora, — sorriu brandamente Kate. — Vêm e sente-se outra vez. — Ela conduziu a Maggie para o banco. — Sei que deve ter mil perguntas que quer me fazer, Faz-o. Não andarei com rodeios. Creio que a felicidade de muita gente depende delas.

Maggie se sentia um pouco envergonhada de fazer perguntas, mas muitas delas a queimavam. — Bem, como ocorreu?

Kate Fechou seus olhos sonhadores com suas lembranças. — Jason e Tony me perseguiram juntos. Desde o começo me tinham declarado suas intenções. Nós em realidade nos conhecíamos mutuamente uns aos outros durante algum tempo, mas eu sempre era a amante de um homem ou de outro. — Ela se parou quando Maggie ofegou a seu lado.

Kate a olhou arqueando suas sobrancelhas. — É obvio. Esses rumores são verdadeiros. Já vê, estive casada uma vez antes, com um jovem capitão que serviu com o Jason e Tony. Ele morreu com a guerra, e antes que eles pudessem vir para casa para me reclamar, já tinha aceitado a carta branca de um diplomático de alta fila. Eles assumiram que essa era a vida que desejava porque me tinha casado muito jovem e agora o lamento. Eles estavam um pouco confundidos, certamente. Só o fiz porque tinha contas que pagar além de ter a minha sobrinha Verônica ao meu cuidado. Parecia-me melhor ganhar meu pagamento algumas vezes debaixo de algum porco suado que obrigá-la a viver em um reformatório.

Maggie estava horrorizada. Nunca em sua vida tinha considerado por que uma mulher se convertia em amante. Em sua cabeça só o faziam algumas mulheres imorais. Ela se cambaleou diante do golpe, seu mundo tinha sofrido grandes mudanças da semana passada.

Kate simplesmente riu brandamente. — Creio que parece mais sobressaltada por isso que por meu matrimônio com dois homens.

— Não, não, — Maggie se precipitou a lhe assegurar. — É somente que nunca antes tinha considerado o por que uma mulher se convertia em amante.

Kate riu com força diante a admissão de Maggie. — E por que deveria fazê-lo? A maior parte das mulheres nunca tem que fazê-lo e isso é algo bom. De todos os modos Jason e Tony viajaram um pouco e durante um par de anos só nos vimos um ao outro em suas incomuns visita. Foi em uma dessas visitas que eles descobriram que eu estava sem um protetor, de fato tinha deixado aquela vida por uma vida tranqüila de trabalho. Tinha economizado bastante dinheiro para abrir uma pequena loja de modas. Eles me buscaram e a atração que sempre senti diante ambos se transformou em amor e aqui estamos — Ela terminou sua história com uma ampla risada, estendendo suas mãos

para indicar a formosa casa diante delas.

— Por que você se casou com o Jason? — perguntou Maggie, interessada na história do Kate apesar dela.

— Falamos disso e Jason tinha um título e os estados requeriam um herdeiro legítimo, Tony não o necessitava. Foi uma decisão mútua.

— Sim, Philip e Jonathan fizeram o mesmo, — murmurou Maggie, recordando os dias de seu noivado quando ela não estava segura sobre quem fazia a corte. Então de repente se fez claro porque Jonathan se distanciou. Eles tinham tomado a decisão então que Maggie deveria casar-se com o Philip, e Jonathan poderia unir-se mais tarde? Esse tinha sido seu plano após?

Ela voltou para a Kate. — E suas famílias? Como se sentem sobre isso?

Pela primeira vez Kate a olhou incômoda. — Não tenho nenhuma família, exceto Verônica e ela de bom grau os aceitou enquanto eu fosse feliz. Pode ver a mãe do Jason aqui, embora houve um comprido caminho até a aceitação. Com a família do Tony não falamos já desde antes das bodas.

— Ele o lamenta, então?

— Não, Jason e eu e até Lady Randal e Verônica são sua família agora. — Kate fez uma pausa, descansando sua mão sobre seu estômago, e olhou fixa e especulativamente a Maggie um momento. Ela pareceu tomar uma decisão e falou outra vez. — E logo teremos um bebê para amar também.

— OH Kate, que maravilhoso! — exclamou Maggie, tomando as mãos da outra mulher com alegria. E estava também feliz por ela, ela tinha compreendido. Sabia que Kate não lhe tinha contado muito de sua história, percebia a necessidade da outra mulher de uma casa e de amor. Podia ver a felicidade e a alegria em seus olhos e sentiu uma onda de ciúmes. Por que ela não podia ser tão forte, desafiar o mundo pelo amor de dois homens gloriosos?

Kate lhe dirigiu um olhar conhecedor. — Você não perguntou de quem é.

Maggie abriu seus olhos enormes. — Bem, eu... eu não pensei que importasse. Importa?

Kate envolveu a Maggie em um abraço quente. — Não, minha querida, não importa. E o fato de que o entende creio que faz que entenda tudo verdade?

Maggie se aderiu a Kate. — Sim—, ela sussurrou, — sim, faço-o. Mas tenho tanto medo, Kate. Não sou forte como você. Não sei se posso viver com a censura da sociedade. Como posso sabê-lo? Como posso decidir?

Kate se retirou e olhou a Maggie. — Só você pode sabê-lo, Maggie. Só você pode decidir. Mas faz logo. Esses dois homens lhe amam, e cada dia que lhes nega se parece com uma adaga cravada em seu coração. Compreende por tudo o que eles hão passado verdade?

Maggie cabeceou. — Sim, Philip me disse algo de todos os modos, sobre a guerra. Ele chama o Jonathan sua corda salva-vidas.

— Todos os homens aqui foram trocados pela guerra, Maggie. Todos eles todos procuraram consolo um com o outro de uma maneira ou outra. Gostam de um ao outro ou compartilham a suas mulheres. Entende-o?

Os olhos do Maggie se alargaram outra vez. Gostar do um ao outro? Podiam os homens...? Bem, certamente que podiam, pensou ela. Tal como Philip com frequência o dizia enquanto a amava, quando lhe dizia o que Jonathan lhe faria quando eles a compartilhassem. De todos os modos, os homens podiam amar-se um ao outro. Uma

idéia penetrou sua mente.. Philip e Jonathan se amavam?

Maggie ofegou. — Cada um dos aqui presentes? OH Deus, é que isso acaso significava que eles sabiam o que Philip e Jonathan queriam! — Suas mãos se elevaram para cobrir suas quentes bochechas.

A risada de Kate soou. — Certamente e eles estão tão ciumentos como o inferno. Todos eles têm fome por uma mulher que possa aceitá-los como são, Maggie. Eles invejam ao Jason e Tony e agora ao Philip e Jonathan. Durante muito tempo rogaram por amor e aceitação como todos outros.

— Kate? Maggie? — A voz do Tony as interrompeu e elas jogaram uma olhada até que o viram aparecer a uma folha da porta. — fui enviado para saber como estão. Está tudo bem?

Maggie lhe sorriu e o chamou. Ele apertou o passo no terraço com um sorriso zombador e se apressou, tomando sua mão e beijando-a com cuidado.

— Estas bem, minha querida? — Sua preocupação tocou a Maggie.

— É obvio, estou bem. — Ela se levantou e logo se elevou nas pontas dos pés para beijá-lo sobre a bochecha. — Creio que devo lhes felicitar.

Tony a olhou surpreso e logo conseguiu o olhar universalmente satisfeito de cada pai espectador, como se tivesse realizado alguma grande façanha.

— Sim de verdade. Somos muito felizes. Mas ainda não havemos dito nada a ninguém, nem sequer a Lady Randal. Jason queria anunciá-lo esta noite no jantar.

— Mantereí seu segredo então, — anunciou Maggie firmemente. Ela colocou sua mão sob o braço do Tony enquanto oferecia o outro a Kate do mesmo modo. — E tenho a honra de que o compartilhem comigo. — Ela suspirou por coragem e olhando ao Tony e os sorrisos alentadores de Kate, murmurou, — vamos comer.

Capítulo Sete

Maggie passou o dia seguinte em seu quarto outra vez, embora esta vez ela pensasse em sua conversação com Kate, deliberadamente evitou ao Philip e ao Jonathan. Tinha muito em que pensar. Kate, Jason e Tony pareciam muito felizes juntos. Quando eles anunciaram suas boas notícias depois do jantar a noite passada, cada um se encheu de alegria por eles. Maggie pôde ver o que Kate pensava quando lhe havia dito que a maior parte dos homens estava ciumentos. Eles os olhavam tristes e invejosos até que beijaram sua bochecha e deram um pancada nas costas aos dois homens em felicitações. A mãe do Jason gritou estava tão feliz de por fim ter a um neto. Ninguém perguntou quem era o pai porque era óbvio que não importava a nenhum deles.

A maior parte dos convidados do jantar haviam estados calados com Maggie, inseguro de como tratá-la e quanto dizer. Claramente tinham percebido que nem tudo estava bem entre os três e se moviam preocupados entre o desejo de convencê-la para aceitar ao Philip e Jonathan e tratá-la como ao inimigo por considerar tal relação detestável.

Só duas pessoas além de Kate tinham a temeridade de lhe falar claramente. A gente foi Brett Haversham, um homem muito triste que parecia ter uma claudicação pronunciada, resultado de uma ferida bastante grave durante a guerra. Inclusive com

sua claudicação era um formoso homem, com o cabelo encaracolado de cor castanha, rasgos angulares e um corpo muito musculoso. Ele estava ali com o Duque do Ashland, um jovem que tinha herdado seu título de improviso, ao ser o terceiro filho. Seu irmão mais velho e Haversham tinham sido companheiros durante a guerra. Seu irmão tinha morrido no mesmo incidente que tinha machucado ao Haversham.

— Então você deu as costas ao Jonathan, verdade? — Ihe tinha perguntado brandamente em lugar de saudá-la. Ela tinha começado a protestar, mas ele havia sustenido sua mão para fazê-la calar. — me deixe terminar. Aprendi que a vida de verdade é muito curta e que freqüentemente não é o que esperamos. Viva o hoje como se este fosse o último. E cada dia faça a mesma pergunta, que aconteceria se eu, Jonathan ou Philip morresse amanhã, lamentar-me-ia não havê-los amado? Se você francamente pode responder a esta pergunta que não, então você faz as coisas bem e ninguém pode lhe dizer que é sua culpa. Mas se a resposta é sim, então deve encontrar a coragem de escutar a seu coração.

Com aquelas palavras partiu, beijando sua mão com cuidado, tinha murmurado boa noite e se afastou. Várias pessoas que estavam perto o tinham escutado em silêncio, enquanto dizia brandamente essas palavras. Quando ele e o Duque se moveram através do quarto, ela viu os olhares de censura que dirigiram a ela.

Quão estranho era tudo! Aqui estava ela sendo censurada por não ceder diante uma paixão tão perversa, enquanto que na sociedade ela seria censurada se o fazia. A desaprovação daqueles tristes homens, feridos parecia mais difícil de agüentar que o que diria Lady Chestersons em que pese a tudo.

Isto era o que Kate pensava sobre não necessitar à sociedade? Maggie concordava com ela em que a aprovação daqueles homens e mulheres pareceu muito mais importante que a aprovação das matronas insensíveis da sociedade. Ela se respeitaria muito mais se os veteranos no salão de Kate a respeitassem que se Lady Chesterson a convidasse ao seu próximo ágape.

Outra pessoa que lhe falou abertamente sobre seu dilema foi a sobrinha de Kate, Verônica, ou Very como a chamavam. Ela a abandonou no quarto e queimou seus ouvidos com uma conferência severa. Tinha só dezessete anos, mas pareceu ser muito mais amadurecida do que seus anos ditavam.

— Não posso imaginar em que pensa para pôr debaixo isso ao querido Jonathan e Philip! — Ela tinha começado assim que a porta se fechou detrás de Kate. — Eu daria meu braço direito para ter dois maravilhosos homens que me amem, e aqui está você, atirando-o. Acaso você condena a Kate, por seu matrimônio com o Jason e Tony? Como é isso? É um matrimônio de três. Amam-se um ao outro tanto que faz meu coração doer, já que não creio que alguma vez me amem assim. Muito poucas pessoas o fazem. Você pode e é totalmente indigna disso, eu poderia....

Ela tinha passeado de um lado a outro diante da porta, agitando seus braços desordenadamente em sua diatribe, e teve que deter-se para tomar fôlego. Movendo seus braços, simplesmente parou e olhou airadamente a Maggie.

Maggie tinha suspirado e colocando suas mãos sobre seus joelhos que se elevaram do tamborete com toda dignidade, enquanto tinha estado sentada como se se enroscasse. .

— Se você terminou, — Maggie lhe havia dito com calma, — eu gostaria de dizer algo. — Ela ficou de pé diante de Verônica obviamente furiosa com seus braços cruzados, olhando-a com severidade. — E o que vou dizer começa com isto: não é de

sua incumbência, de fato não é incumbência de ninguém aqui exceto Jonathan, Philip e eu. Mas lhe direi isto, que entre em sua cabeça que os amo, a ambos. Sua tia me fez ver isto. Mas não estou segura de que possa viver assim. Um medo muito natural, — ela rapidamente cortando quando Verônica tentou abrir sua boca para falar outra vez. — Esta é uma experiência completamente nova para mim e vai contra tudo o que me ensinaram sobre o amor e o matrimônio. Perdoe-me por não estar preparada. Agora te sugiro que no futuro não te meta no que não te importa! Porque nem sempre há gente disposta a perdoar quando moças mandonas metem seus narizes onde ninguém as chamou.

Maggie tinha começado a mover-se para Verônica, muito ultrajada com sua interferência e sua sugestão que ela não era o bastante boa para o Philip e Jonathan. De repente a mão da Verônica se estendeu e parou ao Maggie com um apertão firme sobre seu braço.

— Sinto muito, — ela havia dito rapidamente, e olhando sua cara Maggie pôde ver que realmente o sentia. — Mas você tem que entender que estes homens aqui, são uma família para mim. Eles tomaram a Kate e a mim quando estávamos muito mal e nos protegeram e por isso os amos a todos. E não queria ver Kate ou meus tios ser tratados com falta de respeito. Seu amor é tão puro como de qualquer homem e esposa e só espero um dia ser amada assim. Eu não deveria havê-la julgado, e o sinto.

Maggie tinha acariciado sua mão. — Perdôo-te, Verônica. Mas deve ver que intento tomar uma difícil decisão, muito difícil. Só te peço que não me julgue tão severamente.

Verônica tinha rido dela timidamente. — Tendo há fazer isso muito freqüentemente, dizem-me. — Ela tinha colocado seu braço na Maggie e a tinha conduzido para trás do salão. — Você não é da classe má, supondo, — lhe tinha concedido um sorriso, — somente da terrivelmente equivocada.

Maggie riu agora a recordando. Gostava muito de Verônica, sobre tudo por sua apaixonada defesa dos homens na vida de sua tia. A maior parte dos cavalheiros tratava a Very como uma pequena irmã. Em realidade, ela tinha lutado ferozmente com um deles, um tal Lorde Kensington, enquanto alguns outros os olhavam e terminaram rindo tomado partido. Uma moça muito apaixonada, na verdade, e muito agradável.

Ela tinha estado perguntando-se todo o dia sobre a pergunta exposta pelo Haversham, e a resposta era sempre a mesma. Ela já lamentava ser muito tímida para seguir a seu coração. O que ele não tinha tido em conta, entretanto, era que ela poderia lamentar-se por dois dias, ou um ano, ou por dez anos. Poderia lamentar os havê-los amado ou ter deixado a aprovação de família e a sociedade. Mas poderia lamentar o não saber com exatidão quem era o pai de cada um de seus meninos?

Isso não poderia. Maggie suspirou. Era um círculo que dava voltas em sua cabeça. Ela tinha recostado sobre um sofá em seu dormitório quando a tarde começou a obscurecer, tentava descansar em silêncio, lutando contra a dor de cabeça que tinha estado espreitando-a todo o dia.

Como ela foi à deriva entrando e saindo do sonho, semi adormecida. Maggie finalmente deixou de pensar no que a tinha estado obcecando por vários dias. As imagens do Philip e Jonathan e seu carinho para ela, os três nus enquanto se retorciam de paixão, flutuaram por sua cabeça. Ela se imaginou todos os modos em que poderiam fazer amor juntos, ela montando o pênis do Jonathan em sua concha enquanto Philip cavava profundamente em seu apertado traseiro ou chupando o maravilhoso membro do Philip enquanto Jonathan a fodia duro e profundo.

Sua respiração se fez irregular e seu sexo palpitou. Ela rodou sobre seu estômago, tomou um travesseiro cheio entre suas pernas para criar pressão contra o pequeno nó de prazer que Philip lhe tinha apresentado. Enquanto sonhava acordada, empurrava seus quadris sobre o travesseiro, esfregando-a contra seu broto pulsante.

Ela ofegava depois de uns minutos de deliciosas fantasias, mas se sentia frustrada diante de sua inabilidade para gozar. Então uma absolutamente má imagem entrou em sua mente. Ela imaginou ao Philip e Jonathan, o modo em que a ambos gostaria de fode-la. Os dois sussurrando perto um do outro, as mesmas palavras quente e proibidas que Philip lhe sussurrava de noite. Eles beijando-se profundamente, enredando suas línguas um com o outro enquanto Philip montava ao Jonathan com força e profundo.

Em sua fantasia, Philip gozava, apertando-se de repente no Jonathan da maneira que o fazia nela, movendo sua cabeça e esvaziando-se no apertado traseiro do Jonathan e Jonathan também gozando, sua semente brotando de seu membro. Maggie tentou amortecer seu grito quando sua matriz se contraiu com seu orgasmo, suas coxas forte que agarram o travesseiro.

Ela relaxou completamente depois de que as duras ondas rodaram dela, saciada e esgotada depois de uma noite de muito pouco sonho. Logo sua respiração se tranqüilizou e dormiu profundamente, sem sonhos dos que preocupar-se.

Três dias mais tarde, Maggie estava no pequeno salão ao que ela tinha convertido em seu escritório pessoal. Ela trabalhava sobre um acerto de flores secas, inclinando-se sobre uma mesinha na esquina do quarto. Philip e Jonathan haviam ambos saído aquela manhã para encontrar-se com alguns interesses de seu negócio, e ela ficou sozinha, que não era o que queria.

Os poucos dias passados tinham visto uma volta à normalidade dentro da casa, embora com uma capa subjacente de tensão sexual. Philip não tinha voltado para sua cama ainda porque ela tinha estado tendo seu período menstrual, amaldiçoando o tempo, mas ao mesmo tempo feliz de ter a possibilidade de pensar sem a intimidação. Jonathan se tinha retirado detrás de uma máscara de galanteio ocasional e indiferença, similar a seu comportamento prévio. Mas sempre, fora de vista, ele sozinho queria tratá-la como a sua esposa.

Seu período tinha terminado e ela desesperadamente queria foder. Ela se envergonhava dos desejos carnis que lutavam por controlar sua mente e seu corpo. Ela queria a ambos os homens. Sozinhos ou juntos, não lhe preocupava, enquanto um membro atendesse a sua voraz concha.

Ela estava quase enlouquecida de paixão encerrada. Ela desejava ao Jonathan até sentir que lhe doía. Ela imaginava seu pênis tão grande como o que ela tinha visto em suas calças. Ela não tinha compreendido quanto o desejava até que a possibilidade do ter se fez realidade. Este desejo incontrolável seria de algum modo uma traição para o Philip?

Os pensamentos de Maggie a consumiam tanto que não ouviu a porta abrir-se. Quando Jonathan entrou ele esteve a ponto de lhe dizer algo, mas o suspiro profundo de Maggie o parou. Ela era inconsciente de sua presença, então ele silenciosamente fechou a porta e a olhou.

Ela se inclinava sobre a mesa, tentando conseguir algo que estava fora de alcance. Suas pernas estavam estendidas, os dedos de um pé posados no chão, o outro pé levantado ligeiramente de piso enquanto ela se estendia. Enquanto a olhava, ela pareceu por um momento pensar como pôr o joelho de sua perna levantada sobre a mesa e a velocidade que necessitava. Inclinada sobre a mesa como estava, não foi nada assombroso que Jonathan imediatamente a imaginasse nua naquela posição, seu membro pinçando em sua quente e molhada concha. Sem um pensamento consciente ele se aproximou sigilosamente.

Subiu detrás dela furtivamente, como se caçasse alguma prisioneira imprevisível. Quando suas mãos se detiveram para descansar ligeiramente sobre seus quadris, ela chiou surpreendida e tropeçou enquanto tentava dar a volta sobre seu pé. Jonathan a agarrou, seu traseiro encostado contra sua frente, enquanto ela encontrava seu equilíbrio.

— Jonathan! OH me assustou! — Maggie riu de sua reação, seu coração corria.

Ela agarrou seus antebraços que se abrigaram ao redor de sua cintura, inconscientemente soltando uma maré de desejo para o Jonathan. Todo seu aroma lhe rodeava, sua fresca extremidade inferior se embutiou contra a intimidade dele, suas mãos posaram levemente quentes sobre seu ventre. Ele não podia falar com princípio, a luxúria o dominava. Ele fechou seus olhos, baixando sua cabeça em uma tentativa de levar-se para o controle, mas seu nariz descansou sobre seu cabelo, e quando ele inalou profundamente, sentiu-se como azeite tornando-se sobre uma chama viva.

Jonathan não mostrou nenhuma intenção de querer liberá-la, em troca desceu sua cabeça e respirou profundamente, seus braços se apertaram a seu redor, o coração de Maggie começou a correr por outra razão. Seus mamilos ficaram duros contra a suave musselina de sua camisola e a umidade reunida entre as dobras de sua concha. Ela desejava desesperadamente fazer o amor com ele, não tomou muito tempo para acender seu corpo.

— Jonathan? — Ela perguntou em um sussurro.

Jonathan se distanciou ligeiramente e Maggie quase choramingou na frustração.

— Me deixe entrar, Maggie, — sussurrou Jonathan em seu ouvido enquanto sua mão rodava por seu quadril em uma carícia lenta, firme e sensual. Ele estava tão próximo detrás dela, o calor de seu corpo se irradiava ao dela, mas só sua mão a tocava. — Só quero te amar, Maggie, por favor, — ele seguiu enquanto seus dedos roçavam por cima do tecido de sua camisola. Ele começou devagar, devagar movendo pouco a pouco por cima de sua perna, expondo seus tornozelos ao ar fresco do quarto.

Os dentes do Jonathan com cuidado beliscaram o lóbulo de sua orelha, e o fôlego de Maggie se enganchou em sua garganta. Deus querido, que fazia ela? E quanto ao Philip? — Jonathan, não, — ela disse fracamente, finalmente movendo-se quando sua mão roçou inutilmente nela atirando de sua saia outra polegada.

— Maggie, sim, — ele respirou mais que falou diretamente em seu ouvido, o calor e a umidade de seu fôlego lhe provocavam deliciosos tremores.

— Não posso, — Maggie sussurrou rouca. — Quero, mas não posso. — A voz de Maggie se quebrou em um soluço tranquilo de prazer quando Jonathan finalmente levantou sua saia a sua cintura e sua mão tocou a pele de seu quadril, ela se moveu convulsivamente.

O toque pareceu galvanizar ao Jonathan e se inclinou completamente contra ela, atirando seus quadris para trás enquanto ele dobrava suas pernas e recostava a

longitude firme e dura de sua virilidade em suas quentes dobras inferiores.

— OH Deus! — Maggie gritou, tentando sufocar o som, mas incapaz de parar. Instintivamente ela se dobrou para frente ligeiramente, empurrando-se mais firmemente contra sua ereção.

A cabeça do Jonathan se dobrou e beijou o lado do pescoço de Maggie onde se juntava seu ombro. Sua boca estava aberta, molhada e quente e com cuidado amamentou sua pele antes de retê-la e dar à área uma lenta lambida. Ele foi recompensado por um comprido e baixo gemido das profundidades da garganta de Maggie.

— Por quê? Por que não pode? — Lhe perguntou nesse tom profundo, lhe hipnotizem que ele tinha, seduzindo-a com o som de sua voz.

Maggie estava perdida. Senti-lo sobre sua pele, suas mãos, sua boca, sua voz, tudo se combinava para que sua concha doesse com a necessidade de estar cheia dele. Mas ao contrário de pedir que se detenha, ela queria lhe pedir que tomasse aí, com força, rápida e profundamente. OH Deus, a isto era o que eles a tinham reduzido.

Nesse mesmo momento outra mão do Jonathan se moveu e deslizou sobre seu peito, tomando-o e o amassando-o com força enquanto dava voltas sua palma contra seu dilatado mamilo. Maggie sentiu correr direto a sua concha um atalho líquido, fazendo-a queimar-se e pulsar com o desejo.

— Não, — Maggie sussurrou, sacudindo sua cabeça até que caiu para trás contra o ombro do Jonathan. — Não, não, não. — Seu protesto se converteu em gemido profundo quando Jonathan aumentou a pressão sobre seu peito e lambeu as dobras interiores de seu ouvido, enquanto se deslizava de acima e abaixo por detrás dele, seu membro estava firme e glorioso contra suas nádegas.

— Jonathan, — ela gemeu. Seu nome sobre seus lábios lhe fez recuperar brevemente seus sentidos. — Philip... — ela começou. Seu fôlego entrava em baforadas agora, pequenas rajadas de ar empurravam seu peito mais firme contra sua palma e a fez enjoar-se.

— Philip quer isto, Maggie, — lhe disse brandamente, sua mão direita se deslizava por seu quadril à frente de seus calções. — Seu desejo mais profundo é que os três possam compartilhar esta classe de prazer. — Ele desfez o laço de seus calções e eles se deslizaram para baixo por suas pernas, para reunir-se ao redor de seus tornozelos.

O fôlego de Maggie correu rapidamente quando sentiu o ar fresco sobre sua concha molhada e quente. OH Deus, ela pensou, Jonathan, me toque! Por favor, me toque! Mas ela não podia dizer as palavras em voz alta. Sabia que se o permitia, não haveria retorno. Ela aceitaria uma relação que fazia umas poucas semanas lhe tinha sido detestável, inconcebível. Agora ela a ansiava, desejava-a com todas suas forças, com todo seu ser. Ela desceu sua cabeça para descansá-la sobre seus braços. Já não podia resistir e se moveu na direção do Jonathan.

— Sim, Maggie, sim, — cantarolou Jonathan. — Só me deixe tomar cuidado de ti. — Ele a rodeou com suas mãos e a inclinou para trás brandamente sobre suas nádegas, enquanto ele se ajoelhou detrás dela. — me deixe te tirar isto, Maggie, — sussurrou-lhe, levantando primeiro um pé logo o outro enquanto lhe tirava seus calções. Ele ajustou suas pernas as mantendo abertas e, como se a recompensasse, deu-lhe um molhado beijo com a boca aberta sobre a bochecha, passando sua língua ao longo da pele sensibilizada.

Os joelhos de Maggie quase se dobraram, mas as mãos do Jonathan a sustentaram

agarrando a de suas coxas.

— Quieta, — sussurrou-lhe. — Há muito mais para vir, anjo, então tem que ser forte— Ele fez uma pausa e passou suas mãos de acima para baixo por suas pernas, seus dedos remontaram suas ligas. — Eu gosto, — disse-lhe e ela pôde ouvir a risada em sua voz.

Como ele podia estar rindo-se com isto? Maggie pensou, sua mente quase intumescida com o prazer das mãos do Jonathan sobre ela, seu fôlego soprava sobre suas nádegas e fazia cócegas nos molhados cachos de sua concha.

— Vou provar-te agora, amor. Sonhei sobre como seria. Vou me dar um banquete com sua doce concha como o homem faminto que sou. — Jonathan não lhe deu nada de tempo para responder antes que sua língua passasse com força sob as dobras molhadas de sua concha, literalmente lambendo de sua nata como um gato.

Maggie ofegou e suas pernas se dobradas quando ela involuntariamente atirou seus quadris para sua boca. OH Deus, isto é melhor do que alguma vez sonhei.

— Estou contente de ouvir que também sonhou com isso, meu amor, — ronronou Jonathan, e Maggie compreendeu que tinha falado em voz alta.

Jonathan girou no chão para logo colocar-se longe da mesa, e dobrou sua cabeça de modo de poder lambar e chupar de sua doce e deliciosa concha. Ela esta tão molhada que poderia me afogar em sua maravilhosa nata, pensou ele. Deus, ele amava lambar a concha de uma mulher.

Ele controlou sua língua de acima para baixo por suas delicadas dobras e ao redor de seu broto de prazer. Ele empurrou sua cabeça mais longe e tomou o delicado bocado com cuidado entre seus dentes, antes de apertar seus lábios a seu redor e chupá-lo. Por entre a neblina de seu próprio prazer ele podia ouvir Maggie soluçar contra a mesa e ele compreendeu que suas mãos sobre suas coxas virtualmente a sustentavam. Pobrezinha, ele pensou e se retirou somente o suficiente para empurrar sua língua em suas quentes profundidades, fodendo-a com ela.

Maggie empurrou sua concha mais forte contra sua cara, suas mãos tentavam encontrar seu peito. — Jonathan, por favor, — ela ofegou e Jonathan soube o que lhe pedia.

Ele outra vez chupou seu broto em sua boca e ao mesmo tempo empurrou dois dedos profundamente em seu inchado canal. O grito de liberação de Maggie foi música para seus ouvidos.

Quando seus quadris pararam seu impulso frenético contra sua boca e dedos, Jonathan se arrancou e se levantou. Ele levantou Maggie acima da mesa e a girou, então ele a beijou, com força e possessivamente, obrigando a sua boca a abrir-se e empurrando sua língua em um duelo com a sua. Maggie provou sua própria nata de seus lábios e a sentiu sobre seu queixo e bochechas quando se roçaram no beijo. Ela quase gozou outra vez com o gosto e a sensação.

Jonathan terminou o beijo e com seus lábios embutidos com cuidado contra suas têmporas lhe disse: — Que gosto bom, a doce ambrosia da concha da Maggie. Farei isto freqüentemente.

Maggie tremeu com suas palavras. Eles soavam quase como as que Philip lhe havia dito. Ela começou a sacudir-se a sério ao pensar em dois homens disponíveis para lhe agradar sempre que ela o quisesse ou eles o ansiassem. — Eu gostaria disso, — ela sussurrou para trás, sentindo-o bastante cômoda para unir-se à conversação amorosa do Jonathan, embora não tão experimentada nisso como ele.

Jonathan riu contra sua têmpora. Deus, ele amava a esta mulher. Ela era a inocência licenciosa, se existisse tal coisa. Tão formosa, tão pura, ele se sentiu renascer de somente pensar em que ela era dele. O saber que Philip sentia estas mesmas coisas, que ele que têm também experimentava a alegria de amar a Maggie, fez que sua própria alegria fosse muito mais profunda.

Jonathan riu em silêncio e, descansou sua frente contra a sua, para lhe dizer, — Maggie, vou fazer amor contigo até que desmaie agora, se te parecer bem.

Diante suas palavras, o próprio desejo de Maggie se elevou outra vez. Seu sangue começou a pulsar e sua concha a palpitar e os sucos que tinham começado a secar-se fluíram uma vez mais. — Sim, por favor, — ela disse com voz trêmense.

Jonathan imediatamente a girou outra vez e colocou suas mãos sobre a mesa. — Quero-te desta maneira desde a primeira vez que te vi, — disse-lhe ele, sua voz obscurecida pela paixão. Ele a dobrou com cuidado sobre a mesa e levanto sua camisola sustentando-a ao redor de sua cintura. Sua urgência repentina fez que a luxúria de Maggie se intensificasse e ela ofegasse como ele enquanto pin ou para desprender os botões de sua calça.

— Depressa, Jonathan, — ela pediu com voz estrangulada.

De repente Jonathan agarrou seus quadris e a levantou sobre a ponta de seus p s, ele usou um p  para impulsionar suas pernas a abrir-se mais. Maggie condescendeu, e logo Jonathan a penetrou com um só golpe de seu membro empalando-a até seu punho sem preâmbulos.

Maggie não pôde suprimir um grito estrangulado quando o prazer e a dor se queimaram mesclados nela.

— Sim, Maggie, — ofegou Jonathan enquanto ele empurrou devagar e regularmente nela, — Tome tudo, docinho a ugarado. Tudo isto é para ti.

Maggie não se encontrou cantando seu nome estava mais se preocupando sobre os r idos que fazia quando ele empurrava tão profundamente nela Podia senti-lo em sua matriz. De todas as posi es que Philip lhe tinha apresentado, esta era sua favorita. Provocava que o membro de um homem se ro asse deliberadamente com esse maravilhoso ponto dentro dele que jamais fracassava em fazê-la sentir fraca com o prazer.

— Sim, Maggie? — Jonathan sussurrava em resposta a seu nome sobre seus lábios. — O que acontece? Diga-me isso amor, me diga como se sente. — Ele dobrou seus joelhos e empurrou para cima, quase levantando Maggie de seus p s.

— OH Deus! — Maggie gritou. — Jonathan, isto é tão bom, tão profundo, duro e maravilhoso. — Ela soluçou de agradar em seus braços cruzados sobre os quais ela dobrava sua cabeça. Sua nova posi o obteve que o p nis do Jonathan escorregasse mais profundo nela em seu seguinte impulso e ela quase se esqueceu de respirar.

Metido profundamente nela, Jonathan se deteve e se inclinou sobre ela, seus lábios em seu ouvido. — Posso fazê-lo melhor, Maggie. Diga-me que o quer melhor. — Suas palavras pareciam escuras e pecaminosas e Maggie tremeu.

— Sim, — ela sussurrou com uma voz instável, — faz-o melhor, Jonathan.

Jonathan imediatamente se endireitou e retirou seu pênis dela.

— Não! — Ela gritou em protesto então gemeu quando ele empurrou dois dedos dentro dela.

— S  necessito um pouco disto, — ele sussurrou, formando redemoinhos com seus dedos nela. Quando estiveram bem lubrificadas ele tirou seus dedos e outra vez empurrou seu membro até o punho. Maggie gemeu de prazer, incapaz de formar

palavras.

Jonathan empurrou nela duas ou três vezes e logo Maggie sentiu seus dedos molhados que roçaram o buraco apertado em seu traseiro.

— Jonathan, — ela gritou, justo antes que ele devagar inserisse a ponta de um dedo no pequeno casulo de rosa. Maggie respondeu instintivamente, tal como Philip a tinha ensinado. Ela se relaxou contra a mesa e deixou ao Jonathan trabalhar seu dedo mais profundo.

— Sim, assim é, — lhe disse com aprovação, — só te relaxe e me deixe entrar. — Sua outra mão acariciou seu traseiro com cuidado. — Philip te ensinou bem, meu amor.

Maggie ofegava agora, quase delirante com o prazer. Ela se abriu completamente e deixou ao Jonathan encontrar seu caminho nela.

Jonathan começou com uma série de impulsos profundos, tanto seu membro como seu dedo se afundaram nas profundidades de Maggie. Ele a sustentou com força pelos quadris enquanto seus impulsos aumentavam, os sons molhados da quente fodida enchiam o ar. Maggie não podia controlar seus gemidos de prazer, não queria fazê-lo. Isto era o que ela tinha sonhado, Jonathan fodendo-a a fundo possuindo-a com seu magnífico membro e seus inteligentes dedos. Uma pergunta se deslizou por sua mente por que tinha esperado tanto tempo?

— Maggie, meu amor... — Philip dizia enquanto entrava no quarto, só para parar diante a vista diante ele. Ele compreendeu tudo de uma só olhada, o olhar de Maggie de intenso prazer, o membro do Jonathan profundamente em sua concha, seus dedos em seu traseiro, até os sons de sexo.

A luxúria se apertou de repente nele. Ver Maggie, tão licenciosamente estendida através da mesa para ser gozada pelo Jonathan de um modo que ele acabava de lhe ensinar a desfrutar, fez que seu membro se endurecesse com intensidade quase dolorosa. Mas ele não se meteria. Isto era um momento decisivo para Maggie, ele sabia. Ela tinha deixado entrar o Jonathan, sozinha. Talvez estivesse pronta para mais mais tarde, mas por agora isto era mais do que eles tinham esperado. Ele saiu silenciosamente do quarto e brandamente fechou a porta detrás dele.

— Jonathan! — O gemido apertado de Maggie encheu o ar ao redor dele enquanto sentia como se contraíam com força suas paredes vaginais contra ele. Ele empurrou profundo, o bastante profundo como sentir cada espasmo de seu coração, deleitar-se no calor molhado e apertado enquanto ela retrocedia sobre seu membro. Maggie o estava fodendo, finalmente, desfrutando dele, gozando para ele, seu sonho feito realidade e não estava preparado nem tinha nenhuma pressa para terminá-lo. Ela retrocedia contra ele, moendo seu doce traseiro, brandamente contra ele, montando seu membro com força enquanto ela gemia.

— Sim, bebê, sim, assim, Maggie. Tome, me use. — Os sussurros do Jonathan eram guturais, ele estava sobre o lado. Mais duro ela o montava, mais perto estava de seu próprio êxtase.

De repente Maggie empurrou contra ele em um ritmo rápido, estável. — Outra vez, — ela disse, sua voz era áspera. Ela se levantou sobre seus braços, ergueu sua cabeça e a apoiou contra o ombro do Jonathan.

Sua risada foi leve e instável quando ele dobrou sua cabeça e mordiscou sobre seu pescoço. — gostou verdade? — lhe perguntou, tirando seu dedo de seu traseiro agarrando ambos os quadris e empurrando-a para baixo sobre seu membro.

Os gemidos de Maggie fluíram do um ao outro depois disto. Jonathan não podia

contar onde terminava um e começava o outro. Seu sangue começou a palpitar ao ritmo de seus quadris e sua voz. Ele a fodeu duro, empurrando-os a ambos, querendo e precisando fazê-la gozar outra vez antes que ele desatasse sua própria paixão, sem estar seguro de poder fazê-lo.

— Goze comigo, Jonathan, — suplicou Maggie de uma voz quebrada. — Não osso esperar Deus, foda-me, — ela gemeu, sua concha estava tão molhada e quente que Jonathan sentiu seu membro queimar-se com o prazer.

— Sim, sim, — ele sussurrou, e passou um braço ao seu redor para aproximar e acariciar o coração aumentado de seu desejo. Ele não podia esperar tampouco, sentia que seu orgasmo já subia por seu membro desde seus testículos.

Maggie se estremeceu e convulsionou. Outra vez sua concha agarrou seu membro apertando-o e ele ouviu um grito estrangulado. O calor de seu próprio sêmen se elevou e ele o sentiu arrebentar livre.

— Maggie! — Ele gritou. — Maggie, repetiu em um gemido. Era tudo o que podia dizer, o prazer era muito intenso. O calor de sua concha se elevou quando se encheu com seu sêmen e ele estremeceu de modo incontrolável enquanto sentia seu membro pulsar dentro dela uma e outra vez.

Quando ele recuperou seu julgamento, Maggie soluçava brandamente, inclinada pesadamente sobre a mesa. Ele se tinha cansado para frente contra ela, e sua cara pressionava seu pescoço. Ele tragava ar, como se tivesse participado de uma corrida.

— Maggie, Deus, estas bem? — Ele logo que reconheceu sua própria voz, era tão rouca.

Ela sacudiu sua cabeça, seus soluços se fizeram mais forte. Jonathan rapidamente saiu dela e a fez girar, apertando-a contra seus braços.

— Fiz-te mal? Fale-me, Maggie, por favor, — lhe pediu, seu coração em sua garganta, quase afogado de preocupação. O que lhe tinha feito?

Maggie só levantou seus braços ao redor de seu pescoço e se pendurou apertando-se enquanto seguia chorando, embora parecesse acalmar-se.

Jonathan a sustentou com força, uma mão acariciava seu cabelo solto. — Esta bem amor, — disse-lhe ele com doçura, — esta bem, tudo está bem. Diga-me isso Maggie, por favor.

Finalmente ela falou com uma voz baixa, sua cara apertou em seu pescoço. — Isto foi maravilhoso, formoso, Jonathan.

Ele se sentiu mais confuso que alguma vez. Se isto foi maravilhoso por que chorava?

Ela inspirou com força suas lágrimas logo que caíam. — Tão maravilhoso como é com o Philip. — De repente ela se arrancou. Afastou-se dele, seus braços se dobraram através de seu peito como se tivesse frio.

— No que me converte isto? — Ela perguntou severamente, girando-se para enfrentá-lo. — Que tipo da mulher se sente assim sobre um homem que não é seu marido?

Ahá! Jonathan pensou. As recriminações apareceram mais logo do esperado. Ele tinha esperado gozar de sua satisfação durante ao menos uns minutos, por isso não estava muito surpreso com sua reação.

— Maggie, Maggie— ele começou, só para ser cortado.

— Alguma vez amei realmente ao Philip? Amo-lhe? Os amo a ambos? Como pode ser? Isto não é normal, isto não é o modo em que se fazem as coisas. Por que faço isto?

— Sua voz era um grito angustiado e isso arrancou o coração do Jonathan.

— Maggie, — Jonathan disse firmemente, com brios atropelando e agarrando seus ombros. — Quem pode dizer o que é normal e o que não é? Quem pode deve te dizer o que pode ou não amar?

— A Sociedade! Deus! A igreja! Minha família e a tua, eles podem! — Lhe disse desesperadamente. — Este amor que sinto por vocês dois será condenado por qualquer deles. Eu serei etiquetada como uma puta e uma adúltera, e seria correto!

Jonathan a sacudiu, seu próprio caráter explodindo. — Nunca quero te ouvir dizer isto outra vez, Maggie. Uma puta é alguém a quem não lhe preocupa nada aqueles aos que fode, quem o faz por dinheiro ou o prazer, mas não por amor. Acaba de admitir que me ama e amas ao Philip. Isso é o que quisemos para ti, Maggie. Ser amada e protegida como o merece, por nós dois.

— E quanto a ser a uma adúltera, — ele disse com voz rouca, — em meu coração é tanto minha esposa como de Philip, a mulher que sustenta meu coração para toda a eternidade, a que espero leve aos meus meninos e envelheça comigo e com o Philip.

— Isto está mal, — ela sussurrou. — É um engano querer isso.

Jonathan examinou a amada cara de Maggie. — O amar alguém não é um engano, Maggie e realmente te amo com todo meu coração e alma. E sei que Philip sente o mesmo. — Suas mãos agarraram seus braços, desesperado por lhe fazer entender. — Não te afaste de mim, Maggie. Necessito-te, a ti e ao Philip. Vocês dois são as únicas pessoas a quem sempre amarei, não posso continuar sem ti, sem isto. — Ele caiu a seus joelhos e rodeio sua cintura, enterrando sua cara em seu estômago suave, quente.

— Toda minha vida, — ele seguiu desigualmente, — procurei a quem amar. Encontrei ao Philip e logo a ti. Contigo, Maggie, nasci de novo, limpo e puro, lavados por seu amor, seu corpo, seu amor pelo Philip. Por favor, não me afaste de ti.

Levantou-lhe sua cara, e Maggie viu as lágrimas raiar sua cara. Ela se agachou e tomou sua cara entre suas mãos. — Eu... — Ela não sabia o que dizer, então mordeu seus lábios.

— Por favor, Maggie, por favor, — Jonathan lhe pedia e ela via as lágrimas nadar em seus olhos.

Sem pensá-lo, ela caiu de joelhos e o abraçou. — OH querido Jonathan, realmente te amo e sempre o farei. — Ela continuou rapidamente, antes que ele pudesse falar. — Mas, por favor, não me peça mais, por favor. Não é isso bastante?

O suspiro do Jonathan foi desigual. — Sim, sim é o bastante, — ele sussurrou em seu cabelo.

* * * * *

Através da rua, da profunda sombra de uma árvore, uma figura escapava, sua cara oculta pelo rebuço de seu chapéu. Se um estranho o encontrasse por acaso e visse seu rosto, eles se assustariam pela cólera e o ódio que queimava seu olhar enquanto vigiava a mansão do Neville.

Capítulo Oito

Philip se sentou em seu escritório quando na luz da tarde começava a baixar. Havia

dito a seu pessoal que devia ocupar-se de alguma correspondência, mas o que realmente precisava era tempo para pensar. Pensar na coisa extraordinária e maravilhosa que havia passado esta tarde.

Eles estavam juntos, os três, e estariam juntos para sempre. Isto era mais do que alguma vez pudesse ter sonhado, saber que teria Maggie e ao Jonathan com ele para sempre. Tinha querido estar sozinho porque pensou que poderia gritar e nunca faria isso.

Emocionado até as lágrimas, sentiu um murro na porta. Philip limpou sua garganta antes de responder.

— Adiante.

Sheldrake, seu mordomo, entrou e silenciosamente fechou a porta detrás dele. Deteve-se de pé diante do escritório do Philip, esperando solenemente permissão para falar.

— O que acontece, Sheldrake? — perguntou Philip, embora acreditasse sabê-lo. Ele lamentaria perder ao Sheldrake, tinha sido um empregado exemplar, ele e sua esposa controlavam a casa do Neville silenciosamente de maneira eficiente.

— O cozinheiro deu o aviso de despedida, — Sheldrake lhe comunicou em um tom inexpressivo.

— Já vejo. — Não era o que Philip tinha esperado, mas tampouco uma surpresa. O cozinheiro tinha suspeitado da presença do Jonathan na casa. — Não creio que isto seja algo que deva falar com Lady Neville ou o fez?

Sheldrake em realidade o olhou algo incômodo por um momento. — Pensei que devia lhe evitar um momento desagradável, senhor

Philip se sentou adiante em sua cadeira. — Momento desagradável? — perguntou-lhe brandamente.

— Sim, senhor — Sheldrake levantou seus olhos para olhar por sobre o ombro direito do Philip. — Tive medo que ela pudesse desejar convencer ao cozinheiro de ficar e assim ser obrigada a receber um sermão que fale dos pecados da carne.

Philip ocultou um sorriso zombador detrás de sua mão. — Hmmm, pois sim. Possivelmente possa ser tão amável, Sheldrake, de dar a publicidade que necessitamos um novo cozinheiro.

— Sim, senhor — Sheldrake limpou sua garganta. — E possivelmente um laçao novo e também uma criada, dado que John Goode e Missy Clemm também deram o aviso. — Diante o olhar interrogante do Philip, Sheldrake continuou. — Houve especulação entre os serventes quanto à natureza da presença do Senhor Jonathan... aqui. Temo que suas suspeitas se confirmaram esta tarde.

Philip suspirou profundamente e se inclinou atrás em sua cadeira. — Também vou necessitar a um mordomo novo e um ama de chaves, Sheldrake? — Perguntou-lhe, lendo à medula do assunto.

— Não, a não ser que você queira me despedir, Fá-lo-á senhor? — Sheldrake olhou diretamente ao Philip ao dizê-lo.

Philip foi surpreso por não dizer algo menos. Ele sabia que Sheldrake era consciente da nova natureza da relação entre ele, Jonathan e Maggie.

— O Senhor Overton não partirá, Sheldrake, tampouco o fará, nunca.

Esta vez foi o turno do Sheldrake para suspirar. — Posso falar francamente, senhor? — Perguntou-lhe.

— Certamente, Sheldrake, por favor.

— Meu filho Edward morreu na península, — Sheldrake lhe disse, sua cara refletia a dor de sua perda.

— Sinto muito, Sheldrake, não sabia, — disse Philip brandamente.

— A Senhora Sheldrake e eu... nós cuidamos de você e ao Senhor Jonathan, como nós gostaríamos de pensar que a gente tivesse cuidado do Edward se ele tivesse retornado da guerra tão machucados como o fizeram vocês dois.

Philip olhou para seu escritório, comovido profundamente pela admissão do homem.

— Obrigado, Sheldrake. — Ele elevou a vista para o homem que se fez quase um pai para ele e o pequeno nó de angústia que tinha sentido diante a idéia de perdê-lo, começou-se a dissolver. — Isso significa muito para mim, e para o Jonathan e Maggie.

Sheldrake respirou profundamente, levantando suas sobrancelhas. — Sim, senhor então e que faremos sobre os Havilands, Senhor Neville?

Philip se confundiu pela abrupta mudança de tema. — O que acontece eles? — Perguntou-lhe. — Quem são eles?

— Seus vizinhos. Eles nos enviaram a dizer com um laçao que eles apreciariam se você fechasse suas cortinas se for dedicar a atividades mais infames. — Sheldrake lhe deu um olhar de conhecimento e disse secamente, — não creio que os Havilands tenham visto algo.

Ou, pensou Philip, chantagearam a seus criados. — Averigúe quem viu o que, silenciosamente e lhe ofereça uma pequena recompensa para que se esqueça.

— Sim, senhor, — disse Sheldrake, girando para ir-se

— Também, por favor, entreviste novo pessoal com cuidado, Sheldrake, disse Philip, seu significado foi claro.

— Sim, senhor, certamente. — Sheldrake fez uma pausa na porta e olhou para trás ao Philip. — O Senhor Jonathan começou com seus sonhos outra vez.

OH Deus, ele não sabia, pois tinha estado tão comprometido com Maggie. — Há quanto tempo?

— Várias noites. — Ele olhou de forma significativa ao Philip. — Possivelmente agora parem.

Philip sorriu detrás dele. — Sim, isso espero.

* * * *

O jantar foi um assunto ligeiro, servido pelo único servente que permanecia na casa, Jack Thompson. Tinha sido relegado a trabalhar no exterior só por ter sido prejudicado na guerra, mas a carência de pessoal o tinha restituído no interior. Maggie em segredo tinha decidido mantê-lo ali. Ele necessitava um empurrão a sua confiança.

Sem cozinheiro, eles comeram um jantar frio, bastante simples, mas Sheldrake os surpreendeu com uma garrafa de champanha. O humor era festivo e Philip despediu o pessoal cedo.

Maggie flutuava de felicidade e o champanha. Ela logo que poderia acreditar que ela era livre de amar a estes dois formosos homens. Ela os olhava atordoada com sua boa fortuna. Infelizmente, ainda tinha que dizer ao Philip sobre esta tarde e não estava segura de como fazê-lo. Ela não estava segura de que estivesse zangado, pelo contrário, mas estava nervosa.

Por sua parte, Jonathan e Philip estavam tão atordoados como Maggie. Jonathan se encontrou várias vezes ao lado de beliscar-se para ver se não era um sonho que por fim Maggie, Philip e ele, estavam juntos. Tinha-lhes levado muito tempo, até fazia uns dias tinha parecido tão longínquo e agora ela era dele.

Maggie olhava aturdida, uma risada reservada, feminina sobre sua cara, quando Jonathan se elevou e rodeou a mesa. Philip estava sentado à cabeça da mesa, Maggie sobre sua direita, Jonathan a sua esquerda. Ele colocou seu queixo em sua mão, seu cotovelo sobre a mesa, e olhou aos dois.

Jonathan parou detrás da cadeira de Maggie e ela sedutoramente inclinou sua cabeça para trás, olhando-o. Isto a fez enjoar-se e ela riu a gargalhadas.

— Me diga que é tão gracioso, Maggie, — disse-lhe brandamente, passando a ponta de seus dedos para baixo por braços, desde seus ombros até pulsos.

Maggie tremeu, tanto por seu toque como pelo estrondo profundo de sua voz detrás dela. — Estou enjoada, — disse ela ofegando.

Em vez de lhe responder, Jonathan riu devagar e sem deixar de olhar ao Maggie, disse ao Philip. — Hoje fiz amor com sua esposa. — Sua voz foi tranqüila, como se falasse do tempo.

Maggie ofegou e seus olhos voaram para o Philip. Nem sua posição nem sua expressão haviam mudado.

— Você? Que maravilhoso. Desfrutou-o ela? — Philip se fez para trás em sua cadeira completamente a gosto, só o brilho de seus olhos demonstrava algo. Toda a emoção que se via ali espreitou a Maggie sem poder decifrá-la.

Jonathan desceu para diante sobre Maggie e beijou seu ombro exposto. Sua voz foi um murmúrio rouco contra sua pele quando respondeu, pondo sua carne arrepiada. — Creio que sim. Se seus gemidos e gritos podem considerar-se algum tipo de indicador.

Philip rapidamente ocultou uma risada detrás de sua mão. Maggie não podia entender essa falta de uma reação mais intensa. Olhou-lhe fixo por um momento enquanto seus risonhos olhos se encontravam com os seus e de repente ela soube.

— Sabia, — ela sussurrou com incredulidade. Sua voz se fez mais forte. — Sabia que nós tínhamos estado juntos. Mas como? OH Philip, por favor, me diga que não ferimos seus sentimentos. — Seu próprio coração se rompeu de somente pensar que Philip poderia estar até ligeiramente alterado por este assunto. Ela se sentiu culpada de logo que lhe haver dedicado um só pensamento em toda a tarde desde que ela e Jonathan faziam amor.

Philip se precipitou para tranqüilizá-la, estendendo a mão e colocando sua mão sobre a sua na mesa. — Maggie, amor, deixa de preocupar-se. Sinto-me plenamente feliz de que finalmente tenha dado à bem-vinda a Jonathan em seu corpo, que realmente possa te compartilhar conosco, e nós contigo. Soube por que os andei procurando esta tarde. Estavam tão completamente absortos em fazer amor um ao outro, que nem sequer soube que estive no mesmo quarto. E isso foi formoso. Foi muito duro não me poder unir nisso

O rubor de Maggie coloriu toda sua cara e ela furtivamente olhou ao redor. — Eu preferiria não falar disto na sala de jantar, — ela sussurrou em um tom tão baixo que só pôde ser ouvido por ambos os homens.

Jonathan ainda estava de pé detrás dela, embora ele tivesse baixado suas mãos a seus lados. Jogou-lhe uma olhada sobre seu ombro e sua cara estava fechada, desprovida de emoção. OH Deus, pensou ela, o que hei dito agora? Só pensar havê-lo

machucado, não ia ser fácil para manter a dois homens felizes, especialmente quando ela rechaçava lhes dar o que eles realmente queriam. Ela bruscamente empurrou seu respaldo e sentiu ao Jonathan colocar-se detrás dela enquanto ficava de pé.

Sua cara ainda queimava com vergonha. — Desfrutem de seu oporto, cavalheiros, ver-lhes-ei no salão. — Ela se precipitou do quarto antes que qualquer pudesse lhe responder, desesperada por um pouco de tempo para preparar-se para a discussão que vinha.

Philip jogou uma olhada ao Jonathan e viu outro homem olhar fixamente com força no piso, enquanto franzia sua testa.

— O que está mau, Jonathan? — Perguntou-lhe brandamente. — Que eu fiz para transtornar tanto a Maggie?

Jonathan o olhou tristemente. — Creio que sou o culpado. Claramente ela não deseja que nossa nova relação física siga. — Ele se aproximou e empurrou o respaldo da cadeira para a mesa, golpeando-os com força no silencioso quarto.

Philip imediatamente se levantou e aproximou do Jonathan, colocando uma mão sobre seu antebraço. — Isso é impossível, Jonathan. Conhece Maggie como eu, ela nunca faria sexo com um homem só pela emoção disso. Ela compartilhou seu corpo contigo porque te ama e seguirá fazendo-o.

— Não sei Philip. — A voz do Jonathan revelou sua preocupação e confusão. — Então por que acredita que ela está tão alterada? Ela tem que saber depois de todo o passado que desejamos isto, portanto tempo.

Philip com cuidado colocou seu braço ao redor dos ombros do Jonathan, colocou-o seu lado e o dirigiu para as portas. — O único modo de averiguá-lo é lhe perguntando. Tomemos o oporto e vejamos que diz nossa esposa.

* * * *

No salão Maggie passeava para frente e para trás diante do lar vazio, desejando não ter saído correndo da sala de jantar tão precipitadamente. Ela tinha a necessidade de uma bebida ou duas para fortificasse. Como diabos devia dizer a estes dois maravilhosos homens que ela não podia, não... não os deixaria compartilhar sua cama ao mesmo tempo? Ela esperava e rezava por encontrar algum acerto que os satisfizesse. Acaso o fato de que ela os amava e estava disposta a fazer sexo a ambos, mas individualmente não deveria ser o bastante? Teria que sê-lo porque não podia lhes dar o que eles desejavam.

Ela deu a volta para enfrentar a porta quando os dois homens entraram. Ela tentou pôr sobre sua cara uma máscara serena, sabendo enquanto o fazia que falhava. Então ela viu o oporto e as taças na mão do Philip.

— Por favor, me diga que uma dessas taças é para mim, — ela perguntou só metade brincando.

Philip lhe ofereceu uma. — Tudo o que tem que fazer é pedi-lo, amor e receberá o que deseje.

Seu duplo significado não passou despercebido para Maggie e ela se amaldiçoou por dentro quando sentiu sua cara flamejar outra vez. Neste ponto já não deveria deixar de ruborizar-se com freqüência?

Philip sorriu abertamente sabendo a origem de sua expressão, mas quando ela jogou uma olhada ao Jonathan que estava parado silenciosamente ao lado do Philip, viu

que sua expressão era tão fechada como quando ela os tinha deixado

— Uma bebida é tudo que desejo agora mesmo, — ela resmungou, dando volta para o sofá. Ela não deixou de ver como Jonathan se estremecia levemente com suas palavras. OH Deus, isto não começava bem. Ela suspirou um pouco muito forte e Philip se preocupou.

— O que acontece, Maggie? — Lhe perguntou com suavidade, enquanto ela ouvia o som que fazia vertendo bebidas, o tinido da garrafa contra as taças, o chapinho do licor no cristal. — Certamente não pode ser tão horrível como não sabê-lo, — continuou ele.

Ela se voltou e se sentou e ele se aproximou dela com uma taça cheia. Ela a tirou dele. — Por favor, sentem-se, — ela advogou, indicando as duas cadeiras frente ao sofá, olhando de forma significativa ao Jonathan. Ele a contra gosto se moveu para uma das cadeiras como se fosse à força, pensou ela e a compreensão lhe chegou.

— OH Jonathan, — ela gritou tendendo a mão. Ele se deslizou para frente na cadeira que acabava de tomar e tomou sua mão. Estava fria, úmida, desdizendo sua expressão impassível.

— Jonathan, meu amor, — lhe disse, deixando ver seu amor sobre sua cara e em sua voz. — Amo-te, e te desejo, mas por cima de tudo espero que fique aqui, com o Philip e comigo, por todo o tempo que queira e espero seja por sempre. — O alívio sobre a cara do Jonathan foi tão intenso que Maggie quase chorou diante da dor que sem querer lhe tinha causado ao dirigir mal a situação.

Philip se deslizou na cadeira ao lado do Jonathan e colocou sua mão sobre o braço do Jonathan. — Disse-lhe isso, Jonathan. Maggie é tão constante como o sol. Ela nunca compartilharia seu calor contigo só para levar-lhe

Maggie o olhou com receio. — Isso foi muito poético senhor a que devo estes louvores?

Sua ácida resposta provocou um sorriso em ambos os homens e rompeu a tensão, como ela tinha esperado.

— Por que, minha amada esposa, não canto odes a sua beleza e te amo cada noite? — Philip gracejou, inconscientemente levantou a mão do braço do Jonathan para esfregá-la ao longo de sua bochecha.

O olhar que Jonathan lhe dirigiu cortou o fôlego de Maggie. Ela recordou o sonho que tinha tido dos dois se amando. Fariam-no? Olhou-os de novo, segura de haver mal lido sobre a cara do Jonathan amor. Ele e Philip eram bons amigos e o tinham sido desde fazia muito tempo. Até tinham compartilhado mulheres, por amor do céu. Certamente que havia entre eles uma sintonia maior que outros homens pudessem compartilhar. Quase tinha esquecido o fio da conversação quando compreendeu que ambos os homens a olhavam de uma maneira estranha.

— Maggie? — Philip a chamou, com voz perplexa. Ele tinha deixado cair à mão do Jonathan e os dois se recostaram em suas cadeiras, relaxados. Teria imaginado o toque, o olhar? Não podia estar muito segura. Nem sequer estava segura de que tivesse tomado a mão do Jonathan. A toda pressa deixou sua bebida. Obviamente tinha tomado muito licor já esta noite.

Maggie lançou uma gargalhada. — Odes? Assim é como o chama? Pensei que simplesmente gemia e me dava ordens.

A risada em resposta do Jonathan acalmou os nervos de Maggie. Sim, ela acabava de imaginar o brilho de que algo havia entre eles. Ela rechaçou falar extensamente da

decepção que sentiu ao pensá-lo.

— O maior elogio que uma mulher pode receber é de ser capaz de dar a um homem incapaz um discurso coerente, — dizia Philip com uma inclinação divertida a seus lábios, seus olhos transbordando de risada.

— Hmm, — foi toda a resposta que Maggie pôde reunir.

Philip de repente se inclinou para frente, sério outra vez. — Maggie, por que te retirou tão alterada antes quando escapou da sala de jantar? Que acontece?

O fôlego de Maggie ficou apanhado em sua garganta e ela literalmente teve que tossir para limpá-lo. Sabia que soava como se afogava e esse era o modo em que se sentia. Ela se afogava de pesar e culpa e, sim, de medo, temia que eles procurassem a outra mulher que pudesse satisfazê-los como eles desejavam.

Jonathan rapidamente veio a seus pés e se precipitou para a Maggie sobre o sofá quando ela começou a afogar-se. O que acontecia? Por que ela estava tão alterada? Ele podia ver o pânico em seus olhos.

— Maggie? Maggie está bem? — Ele apenas se absteve de golpear suas costas, para, em troca, tomar da mão.

Ela começou energicamente a cabecear sua cabeça e falou com voz rouca. — Sim, sim, estou bem. — depois de inalar profundamente, ela seguiu. — Quão completamente embaraçoso e desnecessário pareço dirigir todo este assunto, mas bem mau.

Ela agarrou a mão do Jonathan tão forte que ele quase protestou, mas um olhar em sua cara lhe assegurava que ela necessitava de seu apoio.

— Philip, — disse brandamente ao outro homem ainda sentado em sua cadeira, mas já não depravado, — vêem aqui. — Ele indicou o sofá ao outro lado de Maggie.

— OH não! — gritou Maggie, saltando e afastando-se como se o móvel fosse fogo. Seu movimento repentino assustou ao Jonathan tanto que caiu para trás contra as almofadas estofadas.

— Que... Maggie, o que acontece? — Ele exigiu, possivelmente um pouco mais convincentemente do que deveria, mas realmente, isto estava ficando ridículo.

— Não me quer Maggie? — Philip perguntou silenciosamente, sua voz era inexpressiva.

— OH não, — ela gritou outra vez, — isso não é assim! Não o é absolutamente! OH, quanto o lamento, por que não posso dizê-lo? — Ela retorcia suas mãos, mantendo-se afastada de ambos. Ela suspirou e fechou seus olhos.

— Realmente quero a ambos, mas... só que não juntos. Esse é o problema. — Ela abriu seus olhos e Jonathan pôde ver que as lágrimas estavam ali à espreita. — Sinto-o tanto, realmente o sinto, mas não posso. Sei que é o que você quer, mas eu... eu somente não posso. Não podemos estar juntos, separadamente? Não há algum modo em que ambos possam... compartilhar sem... pois sem me compartilhar? Isto não pode ser suficiente? — Sua voz, seus olhos, seu corpo inteiro imploravam para que eles a entendessem.

Philip tinha retrocedido com sua cadeira, e tinha as mãos sobre sua cara — Cristo, isso era tudo? — Ele moveu suas mãos e Jonathan pôde ver o alívio sobre sua cara. — Maggie, nós, bom ao menos eu, nunca esperei que tomasse a ambos em sua cama ao mesmo tempo. Sei que não está pronta para isso, — ele sustentou sua mão lhe fazendo um gesto para que calasse quando tentou falar, — e se nunca puder. Está bem. Ter-te é suficiente, poder te amar sabendo que Jonathan tem também esse direito é suficiente. Amo-te mais agora do que pensei que fosse possível, e sempre vou fazê-lo custe o que

custar, inclusive se nunca tomasse em sua cama juntos. Parece-te bem?

Tanto Maggie como Philip se deram volta para olhar ao Jonathan com espera. Ele teve que limpar a emoção de sua garganta antes de poder falar. — Disse-lhe isso antes, Maggie, seu amor é suficiente, estar dentro de ti é muito. — Maggie se ruborizou com suas palavras e seu coração se ampliou em seu peito com seu amor por ela. Ela tinha ido contra tudo o que lhe tinham ensinado a acreditar e até contra estritos códigos de comportamento porque sempre viveria para amá-lo, para fazer o amor com ele, para desfrutá-lo, a ele, quem nunca pensou ser digno de um amor assim. Mentir-lhe era duro, mas o fazia se era necessário fazê-la sentir a gosto, cômoda com este acerto, até que eles pudessem seduzi-la outra vez até obter seu último desejo. Sentiu um pequeno brilho de culpa. Sabia que ao final, esse desejo lhe daria o prazer último, tudo o que ela se merecia.

Obrigou a sua cara e sua voz a parecer sinceros evitando olhar ao Philip. — Somente me deixe te amar, Maggie, é tudo que vou pedir. — As palavras não eram uma mentira que teria que retomar depois, simplesmente omitia como a amaria. Um olhar de completo alívio sobre sua cara foi sua recompensa, ou ao menos isso pensou até que ela se levantou correndo do sofá e se lançou a seus braços rodeando-o com eles, até que os dois caíram em um enredo, Maggie sobre ele beijava seu pescoço.

— OH Jonathan, obrigado, amor. — Ela se levantou de um salto antes que ele pudesse conseguir apertá-la e se encontrasse com o Philip, fazendo o mesmo. — Juro que não o lamentará. Tentarei lhes fazer felizes, não te arrependerá, prometo-o. — Os olhos do Jonathan se encontraram com os do Philip sobre sua cabeça e o contato fez arder seu corpo apertando-se. OH se, eles não se arrependeriam do que teriam.

Capítulo Nove

Assim começaram para Maggie duas semanas no céu. Eles tinham chegado a um acerto no que os dois homens rodavam suas noites com Maggie. Ao princípio, Philip tinha concedido ao Jonathan várias noites, argumentando que como ele a tinha tido durante meses, Jonathan merecia ficar ao dia. Ele fez todo o possível. Maggie estava tão desgastada depois de três noites com o Jonathan que tinha dormido o quarto dia por inteiro. Ele era insaciável e seu membro era tão grande que a trazia uma e outra vez até que as lágrimas se derramavam de seus olhos e seus gritos rasgavam de sua garganta.

Finalmente, sobre a quarta noite Philip reclamou sua cama de matrimônio outra vez. Eles acabavam de terminar seu oporto no salão e Maggie logo que tinha deixado sua taça quando Philip a atropelou e sem cerimônias a tirou de sua cadeira.

— Vou à fode-la esta noite, Maggie, — anunciou-lhe, atirando-se sobre ela para que pudesse sentir sua ereção. Ele a esfregou contra seu estômago em uma pantomima do ato. — Alguma objeção? — Ele a olhou e logo devagar se deu a volta para olhar ao Jonathan quem sorria abertamente com ar de suficiência. Jonathan sacudiu sua cabeça. — Não? Bem, porque tive que lhes escutar durante três noites agora, e estou tão duro que dói. Deus, escutar seus gemidos e gritos, a Maggie pedindo mais, meu maldito punho está inchado de tanto sustentar meu membro.

Maggie ofegou e sentiu sua cara flamejar. Ela estava ainda assombrada de ter algum tipo de modéstia, mas os horríveis rubores ainda a perseguiam. Philip riu quando viu seu desgosto.

— OH Deus, Maggie, eu gosto de seus rubores, querida, e nunca os detenha. — Ele inclinou sua cabeça e fechou seus lábios sobre os seu em um beijo que quis ser devastador. Maggie lutou por um momento em ser consciente do Jonathan no quarto, mas cedeu diante do seu calor. Ela se sentiu derreter-se contra ele, seus braços subiram ao redor de seu pescoço, seus dedos se enterraram em seu formoso cabelo. Sua língua sossegou seus protestos, seus dentes e lábios a morderam e chuparam até fazê-la gemer. Suas mãos se moveram para baixo de sua cintura e agarraram seu traseiro, atirando-a até pô-la nas pontas dos pés então ele pôde esfregar seu glorioso membro contra seu sexo. Ele se arrancou, morrendo pelo ar como um homem a ponto de afogar-se.

— Cristo, sente-se tão bem. Vamos Maggie, dá boa noite ao Jonathan. Tenho que foder-te logo. — Ele a deixou, estabilizando-a com uma mão sobre seu cotovelo até que ela recuperasse sua calma.

Ela deu volta para o Jonathan, sua cara queimava outra vez no desejo ela o viu em seus olhos, um desejo que tinha provindo de testemunhar o beijo dela com o Philip. Ela tentou não olhar seu membro, sabendo que estaria cheio e duro. O só de pensá-lo trouxe imediatamente líquido a sua concha já úmida. — boa noite, Jonathan, — ela disse brandamente, quase sussurrando de vergonha. Ela deu a volta para caminhar para a porta com tanta dignidade como podia quando Philip a segurou no braço e a deteve.

— Assim não, — disse-lhe com essa voz que usava quando lhe dava ordens na cama. Ela sentiu os batimentos de seu coração acelerar-se, o pulso em sua garganta repetia os batimentos do coração baixos e profundos no mesmo ritmo. — Dá boa noite corretamente, esposa.

Ele a girou para enfrentar ao Jonathan, e a empurrou para embutir-se em seu traseiro, para recostar seu membro em seu traseiro. Ele a sustentou por ambos os ombros. — Olha-o. Há-o fodido com força, chupaste-o, há sentido sua boca sobre sua doce concha durante as últimas três noites. Acaso não merece mais que um tranqüilo boa noite? — Sua voz era baixa e sedutora, suas palavras aumentaram seu ardor. Em resposta sua mente se dirigiu por volta de imagens dela e Jonathan durante as poucas noites passadas. Viu-o outra vez elevar-se sobre dela, os músculos em seus braços se inchavam enquanto se sustentava e a olhou quando a amava duro e profundo, como se a transpassasse com seu membro. O suor caindo de sua cara, de seu cabelo para fixar-se em suas bochechas. Ele era magnífico. Ela fechou seus olhos e não pôde suprimir o gemido enquanto se apertava seu ventre.

— É obvio, ouvi esse som antes, Maggie. Se o que desejas. Vou foder-te bem, minha beleza, não tema. Mas primeiro paga ao Jonathan.

Enquanto ela tinha estado recordando, Jonathan tinha aproximado mais e agora estava de pé diretamente diante deles. Ele deu um último passo que o aproximou até ela e a mente de Maggie se cambaleou. O duro membro do Philip por detrás, o glorioso pênis do Jonathan na frente, tão quentes como pesados embutidos contra ela. Ela sentiu correr a toda pressa um calor como fogo por ela, o desejo a fez ofegar. Ela levantou seus enormes olhos para o Jonathan.

— Boa noite, doce Maggie, — sussurrou-lhe contra seus lábios justo antes que a beijasse. Philip ainda sustentava seus ombros, mas os braços do Jonathan rodearam sua cintura e ela os sentiu espremê-la entre ela e Philip. Philip não se moveu. Ela compreendeu que o membro do Philip devia estar pressionado contra os braços do Jonathan e sua respiração refletiu o tremor que sentia sua vagina, como se estivesse

tentando atrair algo, faminta de ser alimentada.

Ela gemeu contra os lábios do Jonathan e seus próprios lábios se fizeram exigentes. Jonathan condescendeu. Seus braços se apertaram, atraindo aos três mais perto. Maggie, no meio, sentia-se como se estivesse derretendo-se, no centro de um fogo. A boca do Jonathan se abriu amplamente sobre a sua e chupou sua língua em sua boca, empurrando a própria na sua no ritmo histórico do sexo. Inconscientemente os quadris de Maggie se moveram membros a golpeavam de frente e por detrás e ela não pôde controlar-se, sentiu-se feroz em sua luxúria. Ela lutou contra as mãos do Philip e pôs seus braços ao redor do pescoço do Jonathan, enterrando suas mãos em seu suave cabelo, agarrando sua cabeça por detrás com força e mantendo sua boca apertada contra a sua enquanto ela bebia.

Ela recuperou seu julgamento quando Jonathan retirou sua boca, sua respiração era pesada sobre sua bochecha. Ele soltou seus braços, suas mãos foram descansar sobre seus quadris. Ele se retirou com cuidado, rompendo seu afeto sobre sua cabeça, até que só seus quadris ainda beijavam as dela, sua ereção era uma marca contra seu estômago. Ele a roçou quase inconscientemente e Maggie ofegou, sua cabeça se fez para trás para apoiar-se sobre o ombro do Philip. Jonathan se separou completamente, suas mãos soltaram seus braços para finalmente deixá-los cair, com cuidado.

— Boa noite, — sussurrou-lhe, sua voz era rouca e Maggie recordou essa voz lhe pedindo para chupar seu membro, elogiar o calor apertado de seu traseiro, as palavras de amor murmuradas enquanto lambia e chupava a nata de seus inchados lábios. Ela teve que fechar seus olhos para tentar voltar a recuperar sua respiração. Nunca antes até esse momento ela tinha compreendido quão duro seria lhes negar.

— Agora sim foi um boa noite apropriado, — disse Philip brandamente contra seu cabelo.

* * * *

Uma semana mais tarde, Jonathan tinha um pesadelo. Eles tinham estado comercializando, Philip estaria na cama de Maggie esta noite, Jonathan a seguinte. Esta era a noite do Philip. Ele e Maggie haviam passado duas horas lânguidas fazendo amor até que ficaram suarentos e débeis e se derrubaram no esgotamento. Maggie estava completamente esgotada e saciada; imediatamente caiu em um profundo sonho.

Ela não estava segura do que a tinha despertado de um sonho profundo, mas seus olhos de repente se abriram amplos e ela viu o Jonathan de pé ao lado da cama. Ele parecia despenteado e seu olhar era selvagem, quase como a de um animal apanhado, assustado. Estava nu e quando levantou uma mão para passá-la por seu cabelo despenteado, ela viu como tremia.

— Jonathan, — ela sussurrou assustada, como aqueles que são despertados em meio da noite por alguma tragédia, com medo. Ela sentou e olhou ao Philip. Ele deu voltas para ela, balbuciando, ainda semi adormecido.

— Maggie, — Jonathan começou e sua voz tremia tanto como sua mão, — sinto muito, sinto muito.

Instintivamente Maggie o atraiu e ele subiu sobre a cama em uma torpe pressa, empurrando-a para baixo e caindo sobre ela, enterrando sua cara em seu pescoço.

— Necessito-te, me ajude Maggie, — sussurrou-lhe, sua voz era uma mescla de

medo, cólera e desejo.

Maggie o abraçou com força, procurando protegê-lo. Com uma mão tomou um de seus ombros e com a outra agarrou sua cabeça, sua boca quente e aberta sobre seu pescoço. Ela girou sua cabeça para ele, oferecendo-se completamente para o que ele quisesse. Ela tentou abrigar suas pernas ao redor dele, mas as mantas estavam em seu caminho.

— Sim, sim, amor, tudo o que queira, tudo o que necessite, — ela murmurou, sua voz era baixa e tranquilizadora. O que havia passado? OH Deus, o que estava mau?

De repente as mantas foram empurradas para baixo e Maggie as correu, e se deu volta para ver que Philip as tirava, enquanto se sentava, retirando-as dela. Ele estava preocupado pelo Jonathan, mas sua cara mostrava preocupação e compaixão, não temor.

— É o sonho, Jonathan? — Philip lhe perguntou brandamente, sua mão corria pelas costas do Jonathan com doçura. Jonathan choramingou com angústia e Maggie levantou suas pernas e as colocou ao redor de sua cintura, abraçando-o, atando-o com seu calor.

— Que sonho? — Maggie perguntou, acariciando seu cabelo com cuidado. Ele só sacudiu sua cabeça rapidamente contra ela. — diga-me isso Jonathan, — ela o impulsionou brandamente

Ele finalmente a olhou e sua cara se acendeu com o temor. — Não, não, Maggie. Quero esquecer-lo, esquecer-lo aqui em seus braços e profundamente dentro de ti. — Ele se levantou, descansando sobre suas mãos, seu torso se estirou sobre ela, os músculos de seus braços se incharam e estirou seu corpo para forçar seus quadris contra os seus. Esta era um de suas malditas posições favoritas. Havia dito a Maggie que gostava de olhar sua cara enquanto a fodia, gostava de olhar como seus peitos se moviam com cada impulso, como a luxúria ganhava seus olhos quando ela olhava seu corpo sobre ela, somente vê-lo nessa posição pôs a Maggie quente e molhada.

— Foda-me, Maggie. Foda-me e me faça esquecer tudo, você e o doce caramelo que é. — Jonathan retirou seus quadris e Maggie teve que afrouxar suas pernas para lhe dar espaço. Olhando-a profundamente aos olhos, ele se empurrou nela, não com muita força, mas com um impulso estável, firme em sua vagem não suficientemente úmida. Ela mordeu seus lábios quando seu membro queimou um caminho desde que o sentiu roçar seu cabelo pubiano, até que ele deu um pequeno, mas duro impulso para assentar-se profundamente. Ela seguiu olhando quando ele fechou seus olhos e se estremeceu de prazer. — Sim, sim, isto é o que necessito, — ele murmurou quase para si mesmo. — Isto, isto é todo que tenho que saber.

Ele abriu seus olhos ardentes e Maggie sentiu subir sua temperatura em resposta ao calor de seu olhar. Ela passou suas mãos por sobre seus braços ligeiramente, regozijando-se novamente com seu formoso físico. Deu-lhe toques brincalhões e sedutores e Jonathan grunhiu em sua garganta. Seus olhos se viam escuros, diante a débil luz do dormitório, suas pupilas estavam dilatadas de desejo ou medo ou possivelmente de uma combinação de ambos. Maggie caiu em suas profundidades, seus quadris empurravam em um ritmo aprendido em incontáveis horas de sexo com este homem, com estes homens. De somente pensá-lo, congelou-se momentaneamente e logo sua cabeça girou para seu lado e viu o Philip ainda sentado a seu lado, imóvel, olhando-os com olhos vidrados, quase tão escuros como os do Jonathan.

Maggie e Philip se olharam fixamente um ao outro durante um comprido minuto enquanto Jonathan ofegava sobre ela, ainda enterrado cheio e duro. Ele não se moveu,

nenhum deles o fez, como se todos esperassem que algo passasse. Finalmente Philip falou.

— Quer que me parta Maggie? — Enquanto fazia a pergunta, muito devagar se descia da cama, girando-se para os amantes, descansou sua bochecha em sua mão. Ele deu um pequeno sorriso triste a Maggie. — Lhe devo perguntar isso sabe.

Maggie tentou afastar-se de tudo exceto de seus próprios pensamentos. Queria que ele partisse? Enquanto examinava seus sentimentos, compreendeu que não queria. Pensar no Philip olhando-os a ela e Jonathan fazer amor não lhe incomodava, muito pelo contrário, excitava-a. Era esta uma razão suficiente para despedi-lo? Podia fazê-la mais vulnerável, esperá-los mais tempo? E se for assim, isso era necessariamente mau? Só compreendia que algumas perguntas deveriam esperar até que fosse o tempo apropriado quando não tivesse um quente e firme membro empurrando dentro dela, fazendo que sua concha saltasse tendo câibras com a necessidade de foder. Mas tinha que ser respondida agora. .

Ela olhou ao Philip e dali aos olhos do Jonathan, olhos cheios de paixão, mas também de vulnerabilidade. Assim como Philip necessitava ao Jonathan, Jonathan necessitava ao Philip sobre tudo esta noite. Embora tentasse negar seus efeitos, o pesadelo o tinha sacudido.

— Não, Philip, — ela sussurrou naqueles olhos, — não quero que vá. Quero que fique.

O marrom dos olhos do Jonathan queimava enquanto suas pupilas ficavam maiores e sua respiração se quebrava. Era claro que também Philip se excitava de ver o Jonathan excitado. Ele se estremeceu outra vez e involuntariamente seus quadris se moveram, conduzindo-se com força nela.

Maggie gemeu, gostou da dor misturada com prazer. Seu pescoço se fez para trás e se arqueou, dobrando-a sobre a cama. Seu estômago se pressionou contra Jonathan e ela pôde sentir a suave frescura de sua transpiração. Ela manteve seu corpo arqueado, alargando-o como se um gato se estirasse, esfregando-se contra seu suor e sua pele e Jonathan riu com um sorrisinho puramente masculino que falava de sexo e prazeres terrestres na noite. Maggie em resposta sentiu que sua pele ficava arrepiada sobre seus braços, um malvado sorriso zombador corria por sua cara.

Philip falou e sua voz fez que os músculos interiores de Maggie se apertassem sobre o Jonathan. Só com sua voz, aqui, neste preciso momento ela desfrutava do Jonathan com abandono, deleitando-se em seu sexo e em seu corpo. Isso adicionava uma nova dimensão à palavra foder, enquanto ela tinha pensado que já tinha experiente todos os prazeres que eles poderiam lhe haver dado. Ah como se havia equivocado.

— Deus, Maggie, é tão formosa, você e Jonathan, que formosos se vêem fodendo. — Sua voz sustentava luxúria e um temor que era quase reverencial, e Maggie desfrutou disso como se fosse sua obra. Ela se sentia formosa com o Jonathan dentro dela, adorando-a com seu corpo. Sentia-se onipotente, como se nada e ninguém pudesse tocá-los. — Sim, sim, — lhe respondeu, as palavras não tinham sentido, porque de maneira nenhuma poderiam refletir o que sentia.

Ela devagar saiu do arco e desceu suas pernas da cintura do Jonathan até que seus pés descansaram firmemente sobre a cama, seus joelhos se abriram bruscamente. Quando ela olhou ao Jonathan ele estava olhando fixamente, como se a visse pela primeira vez e ela se sentiu como se assim o fosse, sentindo sua insaciável fome. Ela compreendeu que ele a esperava para que lhe dissesse o que fazer.

— Foda-me, Jonathan, com força e rápido. Tome e esquece tudo, somente estamos você e eu em todo o universo, nada mais que nosso calor, sua dureza e meu suave calor, pressionando e palpitando juntos até que nada mais tenha importância. — Ela levantou seus quadris, apertando contra ele quase com dor, com intenso prazer e ele fechou seus olhos e sacudiu sua cabeça.

— Não, Maggie, — ele gemeu, — também está Philip. Posso sentir seus olhos que nos devoram. Quero que ele nos veja, que seja parte de nosso sexo

Sem afastar o olhar do Jonathan, Maggie falou, extremamente consciente do que ela dizia, queria-o e pela primeira entendia que só ela podia lhes dar isto, este compartilhar, e o faria. Sim, faria-o e por fim sentia que por fim estavam vivos. — Me toque Philip, me toque e seja parte de nós.

Philip se deslizou através dos lençóis para Maggie, que parecia uma chama atraindo a um traça. Esta noite ela era Vênus, uma deusa em toda sua glória. Deus, ele nunca a tinha visto assim, ela voltaria louco a um santo. Sua voz parecia o canto de uma sereia, seu corpo um templo para ser adorado. Esta era a Maggie que ele sabia estava profundamente enterrada dentro dela, uma mulher faminta de paixão que eles ao fim tinham liberado. Entretanto ainda se conteve. Não era correto fode-la juntos, este era o tempo do Jonathan, suas necessidades eram muito grandes para compartilhá-la.

Philip pressionou seus lábios sobre seu ombro ao mesmo tempo em que pressionava seu membro contra seu quadril. — Quero mais do que imagina, mas este é o turno de sexo do Jonathan, seu tempo. Faz-o bem, Maggie, foda-o completamente.

Maggie se deu volta para olhá-lo e sua nobreza quase escapou diante seu desejo. — Quero sua semente sobre mim, Philip. Quero que Jonathan venha dentro de mim, e quero que você nos cubra com sua quente liberação.

Philip ouviu o gemido do Jonathan, Maggie sentiu sua pélvis se chocar contra um golpe curto do Jonathan, com a força de uma explosão. Ele teve que baixar sua cabeça ao ombro de Maggie e tomar fôlegos profundos para manter sua calma antes de poder falar. — Sim. Sim te cobrirei Maggie, a ti e ao Jonathan.

Jonathan devagar saiu de Maggie e os olhos do Philip irresistivelmente foram atraídos para o comprido e duro pênis que surgia brilhante de sua nata. Philip ficou atordoado quando compreendeu quanto queria lambê-lo. Lamber toda sua longitude até deixá-lo limpo para logo chupá-lo profundamente em sua boca. Ele gemeu e arrancou seu olhar para olhar para baixo e chupar um dos mamilos de Maggie em sua boca, mordendo-o até que ela gemeu.

Ele prodigalizou sua atenção aos peitos de Maggie, ainda quando em cada momento ele estava consciente dos impulsos nela. Ela se estremecia e todo seu corpo se movia com os duros embates, enquanto os sons molhados do membro ao encontrar-se dentro de sua concha enchiam o ar.

Pequenos gritos rasgaram de sua garganta quando Jonathan se conduziu dentro dela com particular força e Philip soube por experiência como se sentia sua vagem naqueles momentos, quando uma pequena dor se mesclava com o prazer. Como se apertava ela até que quase afogava seu membro, até que não pudesse respirar. Ele teve uma repentina imagem de embates no traseiro do Jonathan, a mesma sensação sobre seu membro e ao Jonathan gritando como Maggie.

Ele levantou sua cabeça do peito de Maggie com um ofego, suas bolas faziam cócegas, seu membro palpitava. Era muito. Eles eram muito, ele não poderia durar. Ele ia gozar só ouvindo os sons de sexo e as fantasias que lhe inspiravam.

— Maggie, — ele se afogou, — vou gozar. Você dois são tão doce para mim, tão malditamente excitantes. Sinto muito, não posso esperá-los.

Com aquelas palavras ele veio sobre seus joelhos ao lado deles e agarrou seu membro. Ele começou a bombear com seu punho acima e abaixo no mesmo ritmo que Jonathan usava para foder a Maggie. Jonathan começou a reduzir a marcha, e Philip procurou afastar seu olhar daquele enorme e brilhante pênis quase sobre a cara do Jonathan. O outro homem lhe olhava fixamente, seus olhos eram quentes, escuros enquanto ele se masturbava com seu próprio punho. Philip não podia controlar o estremecimento de seu corpo olhando a cara do Jonathan e o olhar do Jonathan voou para o seu, a mensagem neles foi claro. A mesma mensagem que Philip sentiu em seus próprios olhos. As palavras permaneceram tácitas, mas agora Philip sabia. Ele sabia que Jonathan o queria, sabia que queria fode-lo.

O pensamento fez correr pelas costas do Philip como uma fatia de calor que viajou até seu membro. Ele jogou uma olhada outra vez à grossa ereção do Jonathan na concha de Maggie, sua respiração era trabalhosa. — Fode-a, — ele raspou. — Me deixe ver-te fode-la.

De repente ele sentiu um toque sobre a ponta de seu membro e jogou uma olhada para baixo para ver o índice de Maggie roçá-la com cuidado, estender a quente escapada pré-seminal a seu redor.

— Foda-me, Jonathan, — lhe sussurrou, olhando fixamente ao Philip. — Ele o deseja, quer nos olhar foder quando goza por toda parte sobre nós. — Suas palavras e o saber, o olhar sonolento sobre sua cara fez que Philip movesse sua cabeça e gemesse. O dedo de Maggie remontou de acima a abaixo por sobre sua mão, e logo ele sentiu como sustentava suas bolas e as apertava, até que ela as fizesse rodar juntas, desse modo que gostava, como havia lhe ensinando.

— Cristo, Maggie, Cristo, — ele soluçou, e os olhou para trás para ver o Jonathan deliberadamente tirar-se de Maggie até que a maior parte de seu membro foi visível, logo conduzir-se nela duro e rápido. Maggie gritou e deixou o saco do Philip enquanto Jonathan começava a palpitar nela em um ritmo de castigo. Ela soluçou seu nome e seus dedos agarraram a perna do Philip, lhe cravando suas unhas. Essa foi à gota que transbordou o copo. Ele gemeu seu nome e logo seu membro explodiu com seu sêmen, orvalhando o estômago de Maggie e mais abaixo sua semente se mesclava com sua nata em seu curto cabelo pubiano e sobre o membro do Jonathan enquanto ele o tirava dela, tirou-o e deliberadamente o deixou fora sob o rocio. A vista de seu sêmen sobre o membro do Jonathan fez que o pênis do Philip se apertasse quase dolorosamente e uma vez mais explodiu, sua semente escapou fracamente, enquanto um grito baixo saía de sua garganta.

Aturdido olhou como Jonathan passava um dedo sobre a nata derramada por seu membro. Então Jonathan agarrou os quadris de Maggie e se conduziu nela uma e outra vez como um homem possesso. Ela soluçou e Philip compreendeu quase de longe que ela estava gozando sem parar enquanto Jonathan forjava seu prazer sobre ela em uma brutal fodida.

De repente Jonathan empurrou profundamente nela, elevando seus quadris mais altos, até que ela arqueou seu traseiro como se fosse um arco cheio de graça contra a cama. Ele a olhava, sua cara refletia com força e sem piedade sua satisfação em um estado quase incoerente enquanto seu orgasmo se rompia nela. Então ele girou o olhar sobre o Philip e gemeu profundamente, devagar fechou seus olhos enquanto os

músculos de seus braços se incharam e ele sustentava a Maggie para que não esmagá-la, apertada contra ele. Os tremores sacudiam seu corpo quando gozou, seu orgasmo parecia quase doloroso em sua intensidade. Ele estava formoso em seu êxtase, muito formoso, e Philip desejou ir para ele e sustentá-lo e beijar sua boca até deixá-lo sem fôlego, e ele teve que fazer-se para trás, afastar-se, pôr distância entre eles, deter-se antes de fazê-lo.

Quando tudo acabou, Jonathan se derrubou ao lado de Maggie sobre a cama. Esta tinha sido a fodida mais intensa que alguma vez tinha tido. Maggie tinha estado espetacular, impaciente e lasciva em sua luxúria. Ela se tinha deleitado olhando ao Philip e logo sua participação. Foi como se ela pudesse ler a mente do Jonathan, como se soubesse quanto queria ao Philip. Mas ele sabia que não podia ser verdade, tinha sido muito cuidadoso em ocultá-lo, com medo do que isso significaria para os três se ele deixava que seus desejos fossem conhecidos. Ele os queria a ambos, fode-los e ser fodido. Esta era sua última fantasia, seu desejo mais secreto pertencer ambos, tanto a Maggie como ao Philip. Mas sabia que isso nunca passaria. Maggie não estava preparada para foder a ambos em ménage verdadeiro. Ela nunca permitiria ao Philip e Jonathan foderem-se um ao outro em sua presença. E tanto como ele queria ao Philip, queria que Maggie fosse uma parte disso.

Sua mente finalmente se rendeu esgotada. Não podia preocupar-se mais esta noite. Tinha que dormir, e soube que poderia fazê-lo, devido a Maggie e ao Philip. Ele foi à deriva com Maggie sustentada perto de seu lado, seu braço sobre seu peito, sua perna cobrindo a sua, sua cabeça sobre seu ombro. Ele fracamente sentiu os movimentos do Philip aproximando-se dela pelo outro lado, sustentando-a, mas estava dormido quando o braço do Philip a abraçou, e a mão do Philip veio para descansar sobre seu coração.

* * * * *

Dois dias depois Maggie parecia uma covarde. Ela tinha alegado ao Philip e Jonathan estar cansada e dolorida durante as noites para assim evitar a necessidade de tomar uma decisão final sobre ser ou não um ménage verdadeiro. Confessou a si mesmo durante a noite que estiveram juntos que era o que ela queria por sobre todas as coisas. Mas à luz da manhã sua confiança havia sumido. Outra vez, ela foi incapaz de aceitar o compromisso final. Por quê? Ela amava a ambos os homens, de fato os amava tanto que a assustava. Perder a um a devastaria, mas a ambos seria inconcebível. Mas se ela não podia dar aquele passo final esta era uma possibilidade. Se ela não podia ou não queria lhes dar o que desejavam possivelmente eles saíssem a procurar a alguém mais e Maggie não poderia agüentá-lo.

Ela estava no salão com o Jonathan quando Sheldrake anunciou que sua mãe tinha chegado. Maggie tinha estado olhando cegamente pela janela, perdida em seus pensamentos turbulentos, sua costura tinha ficado esquecida em seu regaço. Jonathan lia algo no Grego isso acreditava, mas com o anúncio do mordomo ele elevou a vista. Jonathan levantou suas sobrancelhas interrogando-a, mas o único que Maggie pôde fazer foi encolher-se de ombros sem resposta. Não era uma hora adequada para as visitas da tarde e a Sra. Trueheart só a tinha visitado uma vez antes, algo depois de seu matrimônio e tinha ido assegurar-se que a casa fosse adequadamente magnífica para reclamar uma conexão.

Com cautela, Maggie deixou seu trabalho de lado. — Faça-a entrar Sheldrake, — lhe disse com a agitação, — e, por favor, traga chá.

— Sim, Senhora, — lhe respondeu, e com cuidado fechou a porta detrás de si.

— O que supõe que quer de ti a velha bruxa? — Jonathan lhe perguntou com desdém

— Não seja impertinente, — Maggie disse calmamente. Ela podia sentir seu estômago fazer-se nós enquanto se levantava para enfrentar sua mãe.

— Quer que me parta? — Jonathan lhe perguntou, deixando seu livro.

— Não! — A negação do Maggie saiu mais convincente do que quis, revelando com o agudo acento quão inquieta estava.

— Te relaxe, Maggie, — Jonathan lhe disse com uma risada, — não vou a nenhuma parte. E prometo me comportar.

Isto último foi dito com uma piscada e a obrigou a sorrir, enquanto Sheldrake abria a porta e anunciava a Sra. Trueheart. Quando entrou ela viu uma cena íntima, dois amantes rindo um com o outro como se se tratasse de uma brincadeira privada.

— Então é verdade, — ela ofegou escandalizada. — É a mulher de ambos. Não tem vergonha? Como pode me humilhar desta maneira?

Inclusive enquanto dizia essas palavras, a Sra. Trueheart cruzava o quarto para onde Maggie estava sentada. Maggie se surpreendeu com a dureza de sua voz, o olhar indignado de sua cara, nem estava preparada quando a mulher mais velha estendida à mão e lhe bateu na cara.

— Que maldito demônio? — Jonathan rugiu enquanto ficava de pé. Em dois passos ele esteve ao lado da mãe de Maggie, agarrando seu braço e separando-a.

Maggie viu a cena como se estivesse longe, como se fosse um jogo no Teatro Real, ela era uma mera observadora. A porta do salão estava ainda aberta e Sheldrake parado em alguma parte para não ser visto, surpreso igualmente. Jonathan a olhava como se quisesse arrancar o braço de sua mãe, e sua mãe, a olhava com odioso desdém e decepção, como sempre.

— Como pode entrar em nossa de casa e atacar a Maggie desta maneira, — mordeu Jonathan, seu caráter apenas se sustentava sob controle.

— Como ousa eu? — gritou a Sra. Trueheart. — Como ousa você? Esta não é sua casa, pervertido descarado! Você veio aqui e destruiu a santidade desta casa, deste matrimônio! Arruinou nossa reputação! Minha filha é agora uma puta, graças a você!

Maggie parecia de uma maneira estranhamente tranqüila. Com uma claridade que nunca tinha tido antes, ela entendia o que sua mãe dizia. A reputação dos Trueheart estava arruinada, esse era o ponto aqui. Claramente ela tinha sido o sujeito da intriga sussurrada, possivelmente já não seria convidada a algum chá. Maggie tinha tomado a dois homens em sua cama e isso era socialmente inaceitável. Os Trueheart sempre tinham sido ligeiramente aceitos, depois de todo seu dinheiro só provinha do comércio. O matrimônio de Maggie tinha elevado seu status, mas sua situação atual ao parecer tinha investido aquele efeito. Se ela discretamente tivesse tomado ao Jonathan como seu amante teria sido passado como alto, mas ele estava vivendo com ela e Philip, e ela abertamente os amava a ambos.

De repente Maggie compreendeu que ela se afastou de sua mãe. Nem sequer recordava como o tinha feito, era um hábito tão profundamente inculcado. Maggie riu a gargalhadas. As maquinações de sua mãe tinham fracassado. Maggie com severidade a tinha decepcionado outra vez, como o tinha feito toda sua vida. Ela sempre tinha sido ou

muito alta, ou muito gorda, ou muito tola para sua mãe. Ela havia passado vinte e dois anos de sua vida tentando desesperadamente agradar a esta mulher, e de repente sua aprovação deixava de lhe importar. De repente Maggie soube quem era ela e o que queria. Ela não se preocupou por conseguir a aprovação de sua mãe ou da sociedade, não se conseguiu-la significava ter que deixar ao Jonathan.

Jonathan e a Sra. Trueheart se deu a volta para olhar a Maggie que estava rindo.

— Ela está louca, — sussurrou a Sra. Trueheart. — É por isso que ela o tem feito.

Maggie riu mais forte. — OH, então isto seria mais aceitável, não mãe? Ter uma filha louca é digno de compaixão, mas uma filha puta? Totalmente inconveniente. — Maggie não podia acalmar-se e seguia rindo com força.

Jonathan começava a sorrir abertamente. — O mundo inteiro está louco, Maggie, se eles acreditarem que é uma puta.

— O que passa aqui? — Philip exigiu enquanto cruzava de um limiar o quarto, Sheldrake discretamente fechou a porta detrás dele.

OH, Maggie pensou, o querido Cheldra tinha ido procurar ao Philip certamente.

— Bem, querido, nosso segredo é conhecido. Minha mãe amavelmente veio para nos informar que a sociedade é consciente do nosso, vamos chamar insólita relação. — Maggie lhe respondeu com uma risada, lhe apresentando sua mão, e ele veio e tomou, beijando-lhe meigamente.

Ele elevou a vista e com cuidado tocou o sinal vermelho sobre sua bochecha. — Possivelmente ela poderia ter repartido as notícias com um pouco menos ênfase, — ele disse de maneira ameaçadora, girando-se para fulminar com o olhar à mulher mais velha. Jonathan a tinha liberado, e ela se moveu para trás do sofá, como se protegesse ela mesma.

— E bem, mãe, — ele disse a palavra com desprezo, — o que é exatamente que a sociedade diz sobre minha formosa esposa? — Ele dirigiu a Maggie para uma das poltronas diante do lar, adotando uma postura rígida a seu lado. Jonathan como por acidente se aproximou e se sentou sobre um dos braços da poltrona, uma posição que causou a Sra. Trueheart avermelhar de raiva.

— Eles a chamam de puta, e corretamente diria, — ela declarou com veneno. — E vim para resgatá-la deste acerto pervertido que você obviamente a empurrou.

Maggie soprou com a alegria logo que contida ao entender o involuntário duplo sentido de sua mãe. Jonathan a olhou com um sorriso zombador e um sorriso, lhe indicando que ele também tinha encontrado gracioso sua expressão verbal.

A Senhora Trueheart estava indignada. — Maggie, vá e traz seu casaco. Enviaremos alguém pelo resto de suas coisas. — Ela começou a andar para a porta do salão como se esperasse que Maggie saltasse diante de sua ordem — Você deveria ir do país. Temo que com esta mudança permanente, certamente não será capaz de mostrar sua cara na sociedade outra vez. Um divórcio só pioraria este desastre, temo-me que seria por si inadmissível. — Ela parou, como se de repente fosse consciente de que Maggie não a seguia. — Maggie! — Lhe disse bruscamente, como se chamasse um cachorro mulherego.

— Sim, um divórcio é inadmissível, — disse Maggie calmamente, apoiando para trás na cadeira comodamente. — Teria que devolver o dote matrimonial, o que tanto você como papai encontrariam oneroso. E quanto a mim, sem dúvida nenhuma que não quero um divórcio. — Ela estendeu a mão e recolheu a mão do Philip com a sua, e ele olhou para baixo com um enorme sorriso zombador. Seu olhar disse que ele tinha

confiança absoluta na capacidade de Maggie de tratar com sua mãe e seu peito se ampliou de amor e orgulho.

Ela se deu volta para olhar ao Jonathan e lhe estendeu a outra mão. Ele tomou facilmente, levantando-a a seus lábios e beijando-a lentamente. A cintilação em seus olhos lhe disse que ele deliberadamente provocava à Sra. Trueheart, e Maggie não pôde suprimir um sorriso zombador.

A Sra. Trueheart ofegou diante da entrada, e Maggie se obrigou a olhá-la. Maggie estava pronta para terminar com esta conversação e começar o resto de sua vida. — Como pode ver Mãe, sou bastante feliz com meu matrimônio deste modo. Obrigado por sua amável oferta da casa de campo, mas não vou necessitar. Temos ao menos duas próprias.

— Três, em realidade, — proveu Jonathan amavelmente. — Tenho uma no Distrito do Lake.

Maggie riu dele com maldade. — Que encantador. Não posso esperar para provar seus prazeres. — Os olhos do Jonathan brilharam com apreciação diante de sua escolha de palavras.

A voz da senhora Trueheart tremeu de raiva enquanto dizia da entrada. — Se não for comigo agora, nunca me verá outra vez. Tratar-lhe-emos como a puta que é e cuidaríamos de não nos arriscar em te encontrar.

Maggie suspirou. — Sim, Mãe entendo-o. Que tenha uma vida boa, e dê a Pai meus melhores desejos. Sinto que vás ter que sentir falta dos seus netos, mas tem razão, este é o melhor caminho. — Ela sorriu à mulher mais velha com genuíno pesar. — Sinto que não possamos ter tido uma melhor relação, Mãe. Nunca fui bastante para você, verdade? Isto deve ser um alívio o que finalmente possa esquecer a enorme decepção que resultei ser para você.

A outra mulher a olhou impressionada, como se não pudesse acreditar que Maggie escolhesse ao Philip e Jonathan sobre ela. Sua cara girou com dureza e frieza diante as últimas palavras do Maggie. — Não diga que não tentei te salvar de sua própria loucura, — disse-lhe ela colocando suas luvas. — Tem razão, sempre foi uma decepção. Confiava em que poderia converter um matrimônio vantajoso em um completo desastre social. Considera-o obtido adeus! — Ela saiu para a porta sem olhar para traz e Sheldrake a fechou silenciosamente detrás dela.

Maggie suspirou outra vez. — Bem, estamos livres, cavalheiros, — ela disse com brios enquanto se levantou. Jonathan se levantou com ela, ambos os homens ainda sustentavam suas mãos, e a ajudaram a ficar de pé.

— Está segura que estas bem, Maggie? — Philip lhe perguntou brandamente.

Ela o olhou com surpresa. — É obvio amor, realmente estou bem. Esta era uma confrontação inevitável, considerando que não tenho a mais mínima intenção de deixar a nenhum dos dois alguma vez. E não é como se minha Mãe e eu tivéssemos tido uma relação muito próxima de todos os modos. — Ela fez uma pausa. — Realmente o lamento, mas não há nada mais que fazer.

— Quanto à razão de sua visita? — Philip persistiu. — Sobre os rumores? —

Maggie riu. — Ah esses. Bem, eles são verdadeiros, verdade? — Ela olhou a ambos os homens sensivelmente surpreendidos. — Por favor, queridos, não se alterem. Kate me advertiu sobre isso, e ela me disse que quando o tempo viesse compreenderia que a aprovação da sociedade a que minha Mãe tanto precisa conformar não importaria e que quão único vale a pena é a aprovação de seu círculo de amigos, e ela tinha razão. — Ela

se apoiou sobre eles e os beijou sobre a bochecha. — Teremos que reuni-los a em um jantar uma destas tardes, antes que Kate esteja limitada, embora acredite que para isso falta bastante. Eles pareceram bastante inseguros sobre mim a última vez que a encontramos.

Ela com cuidado se afastou de ambos os homens. — Agora se vocês me perdoam, vou descansar antes do jantar. Os acontecimentos dos últimos dias passados me desgastaram.

Eles silenciosamente a olharam ir-se, incapazes de apagar sua inquietação. Esta confrontação seria outro reverso, Jonathan se perguntou, justo quando eles tinham estado tão perto?

Capítulo Dez

Quando Maggie caminhou pela sala de jantar, cada músculo do corpo do Philip se foi apertando, um mais que outros. Ela levava o vestido de encaixe flutuante que se pôs a primeira noite em que Jonathan retornou, este se deslocava ao redor dela. Era certamente isto um bom sinal? O vestido quase a estava revelando também para todo o grupo. Definitivamente enviava uma mensagem a qualquer homem no salão. Ele estava esperando que essa mensagem fosse para ele e Jonathan.

Ela levava um xale grande cobrindo seus ombros, ocultando seus peitos e a maioria de seu decote à vista de todos, mas Philip conhecia esses peitos de cor, o não vê-los não lhe impedia de recordar sua suavidade firme, a pele cremosa, seus mamilos atrativos e as auréolas rosadas. Era muito excitante apesar de havê-los oculto.

Philip jogou uma olhada ao Jonathan e o encontrou tão arrebatado pela aparência de Maggie como ele o estava. Reconheceu os sinais de desejo no outro homem, a pele tensa sobre seus maçãs do rosto, seus orifícios nasais alargando-se, seus olhos estreitados em uma reluzente escuridão. Ele desceu seu olhar porque se não, não poderia deter-se, nem negar a parte dele que desejava cada minuto de cada dia a este homem. Sim, o membro do Jonathan estava em toda sua plenitude, duro e largo, revelado quase engenhosamente pelo brilho sutil do material de sua negra e cômoda calça.

A respiração do outro homem o surpreendeu de repente e, mesmo que Philip tivesse pensado que era impossível, sua ereção cresceu até maior. Philip seguiu seu olhar.

— Cristo, — sussurrou roucamente. Maggie tinha tirado o xale grande e não levava nada debaixo do diáfano vestido. Cada curva de seu peito, estômago, os quadris, a sombra escura de seu monte foi revelado, como esperando por alguém que a arrebatasse de sua cadeira. Philip recuperou seu julgamento quando jogou uma olhada detrás dela e viu o Jack, o garçom, profundamente absorto, com seus olhos pegos ao traseiro de Maggie.

— Pode retirar-se, Jack, — Philip lhe disse severamente. — Não o necessitaremos mais por esta noite.

Jack retirou seu olhar de Maggie rapidamente, sua cara tomou as irrevelantes e estóicas linhas de expressão de um bom servente. — Sim, senhor, — falou impassível saindo da sala. Um bom homem, este Jack, pensou distraidamente Philip.

Claramente ele ainda estava atordoado pela aparência de Maggie, por isso foi Jonathan quem se equilibrou para a cadeira dela. Antes de chegar se deteve diretamente

detrás de Maggie e se apoiou como a encerrando, mas não a tocando. Jonathan deslizou suas mãos simplesmente sobre seus braços, em cima de seus ombros, abrangendo suas costas. O toque causou um estremecimento delicioso sobre seus braços e seus magníficos peitos rosados subiam e baixavam ao ritmo de sua rápida respiração.

Philip viu como seus mamilos se arrepiavam enormes, enquanto sua cor rosada se voltava mais pronunciada sob o vestido escarpado de cor clara.

— Eu gosto deste vestido, Maggie, — disse Jonathan brandamente enquanto aproximava sua cadeira. — Tem uma aparência deliciosa.

— Amo este vestido, — adicionou Philip, apoiando-se na cadeira onde Maggie se sentava. — amei-o antes e agora se tem voltado meu vestido favorito de todos os tempos.

Maggie riu profunda e roucamente, uma risada segura de si mesmo que fez a ambos os homens reter de novo sua respiração. Ela retornava a ser a sereia da outra noite, a que os tinha tentado e os tinha vexado e dominado habilmente. Quando Maggie se voltou, pondo seu olhar reluzente no Jonathan, Philip viu o calafrio de antecipação do outro homem.

— Me alegro muito de que goste aos dois. Pensei que o poderia levar um pouco diferente esta noite. — Ela sorriu sedutoramente. — Gostam, mas dessa maneira ou quando não estou nua debaixo? — Seu sorriso se voltou quase selvagem enquanto esperava uma resposta.

Philip sentiu que seu próprio sorriso se tornou a resposta. — Eu gosto mais desta maneira, — disse-lhe silenciosamente, — simplesmente insinuando seus encantos à vista. Faz meu membro mais duro esperando o que possa encontrar e tomar quando o véu seja tirado.

— Meu amor, posso lhe assegurar a quem é que nunca tive nenhuma queixa sobre a dureza de seu membro, — Maggie disse em um tom gutural, enquanto alcançava seu vinho.

Jonathan ladrou com a risada. — Vai fazer-nos sofrer, Maggie?— perguntou-lhe em um tom divertido sentando-se em frente dela em sua postura usual. Ele estava uma vez mais à esquerda do Philip, Maggie a sua direita

— Por que demônios faria tal coisa? — O tom de Maggie sugeria que ela ia fazer justamente isso. — Chamo-o antecipação, não tortura. — Ela tomou um gole profundo de vinho, sua garganta se estirou para trás quando inclinou sua cabeça para beber da taça.

Philip olhou fixamente a longa extensão de seu elegante pescoço, revelado magnificamente pelo corte baixo do vestido, fora do ombro. Seu pescoço fluía brandamente arredondado, enquanto seus ombros brilhavam, incitando a todos. Muitas vezes Philip tinha deslizado os dedos através desse pescoço e ainda por cima da pele aveludada desses ombros, fazendo a Maggie estremecer-se e gemer. Ele soube que o faria um milhão de vezes mais nos anos por vir e nunca se cansaria de fazê-lo.

— Se sigo esperando mais, posso morrer de luxúria insatisfeita, — Declarou Jonathan. Foi o turno do Philip para gargalhar-se.

— Certamente sua resistência é maior que isto, Jonathan, — Philip se burlou dele. — A pergunta seria a tem Maggie?

Ambos os pares de olhos se voltaram para ele, confundidos. — Que demônios quer dizer, Philip? — Maggie disse. — Certamente estas insolente esta noite, mas não vou me atirar a seus pés como uma velha rapariga, declamando “Tome, OH cavalheiro, e me

faça tua!” Ela estirou sua cabeça para trás quando o disse, enquanto punha o reverso de uma mão contra sua frente com o gesto apático de uma péssima atuação.

— Graças a Deus, — disse Jonathan com um bufo, — porque isso me tiraria do sério, devo te dizer.

Os três riram, e Philip jogou com sua taça de vinho, enquanto desfrutava do companheirismo. Não era só o sexo com Maggie. Ele o tinha sabido desde o começo, ao igual a Jonathan. Infernos, o sexo ao começo tinha sido horrível. Era seu engenho e seu encanto, e o bem que eles encaixavam juntos em tudo. Para o Jonathan era o mesmo, Philip podia dizê-lo. Ele compreendeu que não estava esperando simplesmente por esta noite, se não por todas as noites por vir, noites justamente como esta. Bom, não gostava de tudo exatamente igual, já que mesmo que gostava da condição atual de seu vestido, esperava que Maggie o reservasse para as ocasiões especiais. E esta era uma ocasião especial, a primeira noite do resto de suas vidas juntos. Eles sabiam, podiam senti-lo, podiam lê-lo nos olhos de cada um.

— E bem? — Maggie inquiriu, e ao Philip se recordou que não tinha respondido sua pergunta anterior.

— OH nada, — respondeu Philip indiferentemente, enquanto bebia a goles seu vinho. — Faz muito calor aqui, verdade? — Ele estava de pé e começou a tirar sua jaqueta. Fê-lo devagar, seus olhos postos na Maggie. Fê-lo como se estivesse despindo-se para a cama, cada movimento deliberado e incitante.

Os olhos do Maggie aumentaram e logo se estreitaram compreendendo. — Sim, faz bastante calor. — Ela girou para o Jonathan. — Possivelmente você também estaria mais cômodo sem sua jaqueta, querido.

Philip olhou ao Jonathan e encontrou os olhos do homem sobre ele, intenso e escuro, tão escuro que o marrom quase se afogava dentro da pupila negra, como estava acostumado a fazer quando estava excitado. De repente as ações do Philip não eram só para Maggie, mas também para o Jonathan.

Ele se elevou e começou a tirar sua gravata. — Desde que estamos jantando em um tete a tete, — disse com uma careta zombadora. Quando terminou, pôs os objetos tirados sobre uma cadeira próxima, sua camisa se abriu em brecha a meio caminho sobre seu peito. Maggie estava respirando profundamente, suas bochechas ruborizadas.

— Certamente, meu amor, — respondeu ela descuidadamente, enquanto aceitava o desafio. Empurrou devagar e para trás sua cadeira, enquanto expôs mais sua frente aos dois homens, e começava a abanar-se descuidadamente com um guardanapo. A brisa ligeira que se criou fez que seus mamilos se enrugassem firmemente de novo e Philip ficou hipnotizado.

— Toma um pouco de champanha, — Jonathan a convidou brandamente, enquanto estendia a mão para vertê-la em outra taça para Maggie. — Sheldrake decidiu uma vez mais que nós precisamos nos divertir. — Quando terminou de encher a taça, a entregou ao Philip, lhe dirigindo o mesmo olhar sonolento com a que ele tinha cuidadoso ao Maggie.

— Está tentando me embriagar? — brincou Philip, enquanto recebia a taça cheia.

Jonathan tomou um momento para encher sua própria taça. — Preciso fazê-lo? — perguntou-lhe sugestivamente, enquanto dava um olhar para o Philip. Jonathan estava paquerando com ele?

Antes que pudesse decifrar o comentário, Jonathan se volteou e levantou sua taça para Maggie. — Por nós, — e então a levantou para o Philip.

— Por nós, — ambos repetiram e todos beberam profundamente.

Maggie se levantou de sua cadeira depois do brinde e passou ao redor do Philip para a cadeira do Jonathan. — Você não tem calor querido? — ronronou, enquanto estendia sua mão sobre o respaldo para acariciar seus ombros.

— Por que não tiramos isto, hum? Ela se estirou mais e começou a desfazer os botões que mantinham sua jaqueta fechada.

— Eu posso me despir, — disse-lhe Jonathan, ansioso outra vez.

— Claro que pode, mas onde esta a diversão nisso? — Maggie lhe respondeu fazendo uma piada. Ela o queria tão nu como Philip. Queria ver seus dois homens, seus pescoços fortes, seus peitos plenos e seus braços enérgicos. Se pudesse os poria em cima da mesa para que se despissem para ela. Isso viria em outro momento, entretanto, qualquer noite que dessem aos serventes a noite livre.

Ela tinha outro objetivo ao despir ao Jonathan, tinha visto as olhadas intercambiadas entre os dois homens, ouvido o comentário sugestivo do Jonathan ao Philip. Agora os conhecia o suficiente para saber que nunca haviam tranzado, provavelmente nunca haviam se desejado sexualmente um ao outro, absolutamente. Mas eles o desejavam, podia vê-lo em seus olhos. E ela queria que o fizessem. Desde o dia que tinha chegado ao clímax com a imagem dos dois tomando um ao outro, ela o tinha desejado. Fantasiava continuamente sobre isso. Hei ia incitá-los a isso. Se seu plano funcionava, não passaria muito tempo antes que eles fodessem para ela. Sentia-se novamente todo-poderosa, com todo o conhecimento. Tinha-os na palma de sua mão.

Ela fez que o ato de despir-se do Jonathan fosse tão sedutor como o do Philip tinha sido, olhou ao Philip por debaixo das pestanas, observou-o olhando cada nova polegada revelada do Jonathan, como lhe brilhavam os olhos. Ela estava muito orgulhosa e se alegrou o tempo que o viu olhando fixamente seu traseiro e seu peito.

Quando Jonathan se assentou em toda sua glória, Maggie caminhou lentamente para o aparador, recolheu um prato e voltou ao lado do Philip. — Gostaria de um bocado de comida, meu amor? — Parecia que não podia quase falar com essa voz gutural, e isto lhe fez sorrir. Deus! Ela amava a esta Maggie, a Maggie segura de si mesmo, a sedutora, a verdadeira Maggie. Ele assentiu, e quando lhe serviu se assegurou de apoiá-lo suficiente como para que seu sutiã se abrisse, lhe dando uma vista clara de seus seios, que já se sentiam quentes e inchados pelo desejo. Ele poderia senti-lo? Esperava que sim.

Depois de lhe servir, caminhou para o Jonathan, apresentando seu traseiro ao Philip, sabendo quanto amava ele essa parte dela, acariciá-lo, açoitá-lo, entrar nele. Seu vestido transparente lhe proporcionou uma visão brilhante do mesmo. Ela se aproximou furtivamente do Jonathan, mas não se inclinou, pressionou seu ventre contra o músculo superior de seu braço e se esfregou ligeiramente, apenas um pouco. Tinha-lhe confessado quão excitante encontrava seu estômago, algo que ela encontrava difícil de entender dado que a maior parte de sua vida o tinha considerado como um chateio não desejado.. Agora o usou para seduzi-lo. Observou como seus lábios se estiravam, e o pulso em seu pescoço se tornava errático.

— Tem fome Jonathan? — perguntou-lhe, jogando com as palavras da mesma forma em que jogava com eles.

— Tenho mais de uma fome, Maggie, — respondeu-lhe sem olhá-la. — Alguns mais exóticos que outros, — fez todo um espetáculo observando as opções no prato e escolhendo dois talhos pequenos de carne. Então a olhou intensamente, — Vai satisfazê-

las?

Então a pergunta ficou no ar, Maggie sabia que eles tinham estado dançando ao redor da idéia toda a tarde. Jonathan se tinha atrevido a expô-la finalmente. Embora ele não tivesse falado tão seguro como sempre o fazia diante a maioria dos problemas, ele tinha deixado claro o que estava perguntando.

— Não quero que esteja faminto, Jonathan, — respondeu-lhe ladinamente, — então procurarei te alimentar com o que desejas.

Philip atirou seu guardanapo e ficou de pé bruscamente. — Não poderia dar outra dentada. Vamos à cama.

Na risada de Maggie não havia nada de sedução. Era mais como um petardo explosivo de entretenimento. — Mas eu não comi, — protestou.

Jonathan tomou o prato de suas mãos e o pôs sobre a mesa, levantou-se de sua cadeira, deslizando-se em cima de seu corpo.

— Nós cuidaremos disso, — grunhiu, o olhar em seus olhos oferecia a promessa de que ela desfrutaria de sua comida tanto como eles o fizeram.

Capítulo Onze

Philip havia coberto a Maggie em seu xale e os dois se encaminharam com ela até o dormitório do Philip. Não encontraram a ninguém no caminho, graças ao Sheldrake, estava seguro Jonathan. Agora que eles estavam ali, Jonathan sentiu deslizar-se o controle. Só de saber que ele e Philip finalmente foderiam Maggie juntos esta noite faziam pedaço a calma que com tanto esforço tinha ganhado.

— Deixemos que a festa comece, — disse Philip lascivamente enquanto fechava a porta detrás deles e se apoiava contra ela com um libertino e zombador sorriso.

Maggie riu travessamente. — Festividades? Celebramos algo?

Philip seguiu rindo com picardia enquanto se aproximava e tomava a mão de Maggie.

Jonathan se moveu ao lado de Maggie, pegou a outra mão e colocou um comprido, ligeiro beijo sobre sua palma. — É obvio meu amor, celebramos nossas bodas, a tua e a minha. Desde este dia em adiante, é a esposa de meu coração, a possuidora de minha alma, a proprietária de meu corpo. — Suas palavras foram sortes brandamente, mas Maggie e Philip podiam sentir a profundidade de seus sentimentos detrás delas.

— OH Jonathan, — respirou Maggie. Ela girou sua mão na sua e, levantando-a a seus lábios, beijou sua palma tal como ele tinha beijado a sua. — Desde este dia em adiante, é meu marido. Estará em cada pulsado de meu coração e no ar que pausa. Viverei para amá-los, a ti e ao Philip. — Havia lágrimas em seus olhos e elas escaparam para rodar por suas bochechas quando terminou de falar.

Jonathan se aproximou e apagou suas lágrimas. — Então vêem a cama e nos deixe te amar. — Ele a puxou com força contra seu corpo, agarrando seus quadris e esmagando-a contra sua virilidade torcida.

— Quero-te, Maggie, agora e sempre, — sussurrou-lhe e seus lábios baixaram sobre os seus, quase os machucando com a intensidade de seu beijo. Os dedos de Maggie se cavaram em suas costas enquanto devolvia o beijo, abrindo sua boca para o varrido de sua língua. Ela gemeu em voz alta diante seu gosto e calor, seus quadris se moveram contra sua dureza.

Philip que ainda sustentava a outra mão de Maggie se moveu por detrás se

colocando a suas costas, sem soltá-la, mantendo-a suficientemente perto como para que sentisse seu calor como uma parede detrás dele. Ele deslizou com cuidado seu braço por suas costas, mantendo-a cativa para o beijo do Jonathan enquanto ele se apoiou para baixo e beijava a curva de seu ombro, lambendo sua pele lentamente, saboreando seu gosto e textura. Outro gemido escapou dela que a fez arquear-se para trás enquanto seu braço a mantinha apertada..

Philip levantou sua outra mão rodeando ao Jonathan até que também tocou suas costas. A respiração de Maggie era desigual, seu coração palpitava excitado Jonathan terminou seu beijo devagar e a olhou com olhos quentes que cintilavam perigosamente.

— Fará o que desejamos Maggie? — Lhe perguntou enquanto levantava sua mão e cavava com ela seu peito. Quando ele o apertou, Maggie ofegou. — É obvio, penso que o fará, — ele respirou com força seus olhos se moviam de sua cara a seu peito capturado e para trás de novo. Ele introduziu dois dedos debaixo do sutiã de seu vestido e o levantou, expondo seu peito nu. Ele estava franzido e vermelho em sua excitação, o peito subia e baixava com irregular respiração. Jonathan tomou a excitada ponta entre seus dedos, fazendo-os rodar e puxando alternativamente. Ele se agachou e tomou em sua boca, amamentando-se profundamente, quase dolorosamente.

Maggie gemeu, empurrando seus quadris contra Jonathan, para logo retroceder para esfregar seu traseiro contra Philip, ainda apertando-a detrás dele, sustentando-a como uma cativa. Ele transferiu seus pulsos a uma mão e logo tomou a taça de seu peito exposto, sustentando-o alto e firme para o prazer do Jonathan. Maggie choramingou e arqueou seu traseiro oferecendo sua generosa maturidade à busca da boca do Jonathan.

— Sim, Maggie, — sussurrou Philip em seu ouvido. — Deixa que Jonathan te prove. Vamos devorar-te esta noite, esposa. Vamos comer cada polegada de ti e logo conduziremos nossos duros membros dentro de ti até que grite de prazer, até que sinta que já não pode tomar mais. E logo vamos te dar mais, Maggie, mais, uma e outra vez.

Os joelhos de Maggie se afrouxaram sob o duplo ataque da boca do Jonathan e as palavras do Philip. Philip deixou ir seus pulsos, mas quando Jonathan estava a ponto de levantá-la entre seus braços, Maggie deu uma volta e se afastou deles.

— À cama, esposa, agora, — grunhiu Jonathan, espreitando-a.

A risada de Maggie foi baixa e sedutora. — Mas prometeu que eu comeria primeiro, Jonathan. Prometeu me alimentar, você Philip.

O tom das palavras de Maggie era sugestivo, seu olhar quente e cheio de ocultos desejos. Seu significado era claro e Jonathan e Philip se sentiram respirar bruscamente.

— Os dois, Maggie? — Philip perguntou com voz rouca. — Quão faminta estas?

Maggie se apoiava contra o alto respaldar da cama, suas mãos detrás dela, empurrando seus peitos e quadris de em uma provocadora postura, acentuada pelo diáfano material de seu vestido. — Muito faminta, — grunhiu ela ao Philip.

— Te dispa.

— O que? — perguntou-lhe Philip com incredulidade. Jonathan teve que suprimir uma risada em sua expressão. Maggie habilmente tinha girado as cartas sobre eles. Era claro que Philip ainda estava uns passos detrás dele.

— Qual de nós, Maggie? — Jonathan perguntou educadamente, embora soubesse que a qualidade ofegante de sua voz, sem dúvidas revelava sua excitação.

Maggie olhou a um e ao outro. — Os dois. Quero a meus homens nus para meu prazer. Agora. — Maggie se moveu de maneira sedutora, uma Vênus reencarnada,

enquanto lentamente se deslizava para a cama, balançando-se com cuidado sobre as colunas do leito, enquanto se dava volta, roçando-se contra eles como uma gatinha manhosa.

Por um momento o único som no dormitório foi a pesada respiração dos dois homens. Então devagar Jonathan levantou suas mãos e rasgou sua camisa de cima abaixo em sua frente, retirando os restos de seus ombros. Maggie parou seus movimentos, seus olhos se posaram sobre ele, quase acesos com a luxúria. — Sim—, ela murmurou baixo, — mais—. Seu olhar foi para o Philip. — Philip—, ela simplesmente disse, e diante seu tom imperativo, ele obedeceu.

Agora foi o turno do Jonathan de olhar fixamente. Philip estava despindo-se como se jogasse, uma lenta revelação de seus encantos obteve que o pulso do Jonathan falhasse, sua respiração agitada. Philip deslizou a camisa de seus ombros como uma mulher que revela seus segredos, logo a deixou cair devagar para baixo por braços. Ele era magnífico. Sob o brilho das velas pareceu um antigo deus grego, seu cabelo parecia de ouro sob as chamas, as sombras beijavam seu comprido torso e os duros músculos de seu peito e de seus braços. Maggie e Jonathan viram cair à camisa com o coração em um punho e Jonathan teve que morder os lábios para impedir-se de ofegar como Maggie fez quando caiu ao piso.

Sem deter-se, Philip levantou suas elegantes mãos, os dedos se alargaram sob o jogo da luz dentro do quarto e alcançaram os botões sobre sua calça. Maggie levantou uma mão lentamente e ele se deteve, inclinando sua cabeça inquisitivamente.

— Quer que me detenha? — Lhe perguntou brandamente, sua voz foi como um baixo pulsado no quarto. A mente do Jonathan gritava não.

Maggie lhe deu um sorriso zombador, quase desconjurado na tensão acalorada do dormitório. — Não deveria te tirar primeiro suas botas? — Lhe perguntou com um divertido sorriso.

Jonathan olhou inexpressivamente a suas botas. Tanto ele como Philip as tinham esquecido na pressa dos desejos de Maggie. Ele se jogou uma olhada e Philip parecia igualmente perplexo. A risada baixa gutural de Maggie ziguezagueou ao longo dos nervos do Jonathan e ele tremeu.

— Se ajudem a tirar as botas, — ela ordenou brandamente. — Ajudem-se a despir-se — sua cara estava inclinada para baixo; Jonathan não podia ler sua expressão diante a escuridão do quarto. Ela entendia o que perguntava? Seria um inferno para o Jonathan estar assim tão perto do corpo nu do Philip sem Maggie entre eles

Philip girou e atropelou ao Jonathan. Ele se deteve centímetros de distância, e Jonathan se congelou. Não podia arrancar seu olhar do peito nu do Philip e do cabelo dourado que o cobria, estreitando-se a uma magra linha para desaparecer sob sua calça. Ele se estremeceu quando Philip estendeu a mão e o tirou do braço, seus elegantes dedos envolveram seus bíceps. Philip impulsionou ao Jonathan para uma cadeira contra a parede e com cuidado o empurrou nela. Então Philip se deu volta dando as costas ao Jonathan e se inclinou agachando-se, lhe apresentando uma visão tentadora de suas musculosas nádegas perfilada por sua apertada calça.

Quando Jonathan não fez nenhum movimento, Philip o olhou por sobre seu ombro, um desejo divertido se refletia em seu olhar. — Seu pé? — Ele cravou ao Jonathan, assinalando sua bota esquerda.

— OH, é obvio, — gaguejou Jonathan, horrorizado por ceder. Maggie não devia saber quanto desejo ao Philip. Ela correria se suspeitasse o que ele queria. Ele levantou

seu pé e Philip o tirou do talão da bota, grunhindo enquanto tentava afrouxá-lo.

— Me dê um empurrão, — disse ao Jonathan enquanto lutava contra ele. Com vacilação Jonathan levantou seu pé direito e o pôs contra o doce traseiro do Philip, empurrando-o brandamente.

Philip riu e olhou por sobre seu ombro outra vez. — Assim não funcionará. Mais forte, Jonathan, empurra mais forte.

A alegria em seus olhos se mesclou com algo mais, algo que Jonathan teve medo de decifrar. Philip sabia que gostava de jogar com as palavras, o duplo sentido era um instrumento favorito em suas conversações e Philip acabava de usar uma frase que enviou a planejar a imaginação do Jonathan. Ele tinha que mantê-lo à distância. Colocou seu pé sobre seu traseiro e empurrou, Philip e a bota voaram. Philip se tirou do respaldo da cadeira com uma risada quente.

— Se pede recebe não? — Philip perguntou sugestivamente. Ele voltou e lhe apresentou sua parte posterior outra vez. Fez-lhe gestos com sua mão. — vamos—, disse-lhe simplesmente, e Jonathan levantou seu pé direito.

Jonathan teve que tomar um profundo fôlego antes de poder pôr seu pé esquerdo, coberto por uma magra meia sobre o traseiro do Philip. Os dedos de seu pé se frisaram com o firme músculo dali e ouviu o Philip inspirar com força também. Era pela mesma razão?

— Mais, — Philip disse brandamente, e Jonathan empurrou outra vez, não com tanta força como a última vez e a bota saiu limpamente. Philip o abandonou negligentemente. Ele se girou e fez gestos ao Jonathan na cadeira. Jonathan começou a mover-se para levantar assumindo que Philip desejava sentar-se para tirar suas botas. Seu movimento se deteve quando Philip estendeu a mão para os botões sobre suas calças.

— O que faz? — Jonathan lhe perguntou com seriedade, sua respiração era trabalhosa enquanto tomava a mão do Philip e o detinha.

Philip inclinou sua cabeça desse modo que acostumava, divertido, uma inclinação que voltou louco ao Jonathan. — Maggie nos disse que nos ajudássemos a nos despir. Ajudo, — ele disse normalmente. Antes que Jonathan pudesse responder, Philip liberou suas mãos e abriu os botões da roupa do Jonathan. — Um jogo emparelhado, — disse-lhe, indicando a camisa rasgada do Jonathan no chão. Philip começou a lhe baixar as calças, mas Jonathan o parou e esta vez se afastou um passo.

— Eu o farei, — disse-lhe brandamente. Philip devagar o deixou e afirmou com sua cabeça. Jonathan empurrou as calças sobre seus quadris e os sacudiu sob suas pernas, conscientes dos dois pares de olhos que o queimavam. Ele desceu sua roupa interior que caiu ao redor de seus tornozelos junto às calças, revelando uma escura e enorme ereção. Maggie gemeu, e Jonathan não pôde resistir jogar uma olhada à reação do Philip.

Não houve nenhuma. Philip o olhava como se ele estivesse esculpido em pedra. Sua cara estava branca, mas olhava fixamente o pênis do Jonathan, e ele não pôde de deixar de sentir um tremor, fazendo tremer o exposto membro do Jonathan e que se estirou comprido sobre seu estômago.

O movimento fez que Philip elevasse a vista, e Jonathan girou seus olhos longe de seu olhar.

— Meu turno, — disse Philip e se sentou.

Jonathan de repente compreendeu que ele estaria na mesma posição com que o

tinha atormentado, nu. Ele olhou ao Philip e soube que ele tinha planejado isto, embora a expressão do Philip não o demonstrasse. Ele jogou uma olhada a Maggie, e ela ofegava, olhando-os com olhos famintos.

— Depressa, Jonathan, — ela ronronou. — Tenho projetos para ambos. — Suas palavras o fez fechar seus olhos enquanto sentia disparar por ele a luxúria, e seu membro escapava. Cristo, ele nunca duraria. Ele seria feliz de que Maggie quisesse chupá-lo antes que eles a fodessem ou não duraria nem um minuto em sua apertada, e quente concha.

Sem uma palavra ele foi para o Philip e assumiu a posição. Tentou não pensar no Philip olhando fixamente seu traseiro nu ou seu saco, exposto entre suas pernas abertas. Sentia-se pesado e quente e desejando uma mão quente que tomasse e fizesse rodar suas bolas juntas até que gozasse. Ficou assim durante ao menos um minuto, enquanto esperava que Philip levantasse seu pé calçado. Finalmente se deu volta e o olhou por sobre seu ombro. Philip suave, agarrando aos braços da cadeira, olhando fixamente o traseiro do Jonathan. Quando Jonathan se deu volta para olhá-lo, Philip levantou seus olhos para o outro homem.

— Não quero te fazer mal, — sussurrou-lhe.

Jonathan sabia por que Philip se mostrava consternado. Philip sacudiu sua cabeça. — Ponha minha bota sobre... — ele indicou o traseiro nu do Jonathan com uma ondeio instável de sua mão.

— Fica tranquilo, — sussurrou Maggie, — você não lhe fará mal.

Ambos os homens deram volta para olhá-la, mas sua cara estava perdida entre as sombras. — Sei que nunca lhe faria mal Philip, — ela seguiu brandamente, — e ele tampouco.

As palavras de Maggie pareceram fazer reagir ao Philip e lhe apresentou seu pé e empurrou para que Jonathan atirasse primeiro de uma bota e logo depois da outra. Assim que isto foi feito ele deu um passo de distância para ficar de pé no meio do quarto não muito perto do Philip ou Maggie. Necessitava um minuto para compor-se, mas não teve a possibilidade. Philip tomou e despreendeu os botões de suas próprias calças como o tinha feito com o Jonathan, logo os desceu por suas longas pernas tomando sua cueca com ele. No espaço de uns segundos ele esteve maravilhosamente nu, parado algo entre as sombras que dançavam. Suas pernas eram duas colunas firmes, seu grosso pênis testemunhava sua excitação. Jonathan tomou fôlego e a risada gutural de Maggie enviou um delicioso calafrio por suas costas.

Maggie passou por sobre o Jonathan e se colocou um passo detrás dele, abraçando-o. Suas mãos o percorreram de acima a abaixo por sobre seu peito e estômago, finalmente descansaram sobre seus mamilos, onde ela deu voltas suas suaves palmas em movimentos de rotação contra os pequenos picos, inchados. Ela retrocedeu sua cabeça para trás e ele pôde sentir sua cara, seu cabelo acariciando-o. Ela apresentou sua mão ao Philip, chamando-o. Ele se aproximou, andando como um homem dormido, hipnotizado pelo encanto de Maggie. Jonathan nunca se havia sentido mais nu ou mais desejável que naquele momento, com Maggie que tentava avançar lentamente dentro de sua pele e Philip vindo para ele, devorando-o com seu olhar.

Philip tomou a mão de Maggie e ela saiu de atrás do Jonathan para ficar de pé entre os dois homens, ligeiramente de lado. Ela os atraiu juntos, enfrentando-os. Então ela devagar desceu a seus joelhos, e se inclinou a beijar primeiro o pênis do Philip e logo o do Jonathan. O beijo foi aprazível, seus lábios suaves só demoraram uns segundos,

mas o membro do Jonathan sentiu como se o fogo o queimasse e disparasse diretamente a sua cabeça. Ele olhou ao Philip e o outro homem olhava fixamente a Maggie enquanto colocava sua mão com cuidado sobre sua cabeça.

— Quero a ambos, juntos, — sussurrou Maggie, nunca separando seus olhos dos tesouros antes dela. — Posso fazê-lo? Deixar-me-ão?

Jonathan sacudiu sua cabeça. — Não entendo Maggie. Acaso não sabe que ambos tomaremos esta noite? Esse é nosso plano e temos toda a noite para lhe demonstrar isso juntos.

— Não, — Maggie sacudiu sua cabeça e agarrou seu membro, elevando-o até encontrá-la. — Digo agora, em minha boca. Quero a ambos. — Ela lambeu um caminho por sobre o pênis do Jonathan até deixá-lo gemendo então ela se girou e alcançou ao Philip. Ela se inclinou e lhe fez o mesmo. Sua respiração estava agitada.

— Está muito longe, — disse ao Philip, e o impulsionou para aproximá-lo mais com um pequeno puxão. O puxão o fez ofegar e ele tropeçou até ficar a somente uns centímetros do Jonathan. Os dois homens se olhavam fixamente aos olhos. Tão perto, Jonathan pensou, tão perto que posso cheirar sua colônia, seu suor, seu almíscar. Ele quase podia prová-lo. Assim que o pensamento cruzou sua cabeça, Maggie o lambeu outra vez e o sentimento foi tão intenso que instintivamente estendeu a mão para tomar algo de que agarrar-se. Ele encontrou o braço do Philip. Maggie o chupou em sua boca e ele não pôde deixar de temer cair. As sensações duais da boca do Maggie e a pele lisa, reaquecida do Philip sobre seus duros músculos o fizeram morder os lábios para impedir-se de gritar. Maggie o chupava com força uma e outra vez fazendo girar sua cabeça. Philip estendeu a mão e agarrou ambos os bíceps do Jonathan, enquanto as mãos do Jonathan rodeavam os braços do Philip e o abraçavam.

De repente a boca de Maggie se foi e o ar fresco banhou seu membro que queimava. Ele olhou para baixo um momento para vê-la lambê-los lábios justo antes de começar a chupar ao Philip em sua boca. Jonathan sentiu as mãos de o Philip apertar-se sobre seus braços, em um apertão quase doloroso. Ele não quis apartar sua vista de Maggie com o Philip em sua boca, saboreando-o. Arriscou-se dar uma olhada ao Philip, e o olhar do outro homem também estava ancorado na Maggie.

Jonathan viu que de algum modo os dois homens se aproximaram mais. Maggie só tinha que girar sua cabeça ligeiramente para ir de um pênis ao outro. Durante os seguintes minutos foi o que ela fez. Então sem advertir-lhe ela apertou dois membros juntos, suas longitudes se queimaram um contra o outro e Jonathan gemeu.

— Cristo, — Philip sussurrou e seus olhos se mantiveram fechados, sua cara era um estudo de intensa concentração.

Maggie roçou os dois enormes pênis juntos e ambos os homens geraram profundamente. — Não lhes importa verdade? — Maggie perguntou com voz rouca. — Eles são meus e quero jogar.

Jonathan a olhou lambê-los, passar sua língua ao redor de uma cabeça e logo pela outra, como se juntos fossem um gigantesco membro. Ela seguiu os esfregando juntos, primeiro com força, logo tão brandamente que parecia a carícia do veludo. Ambos os pênis eram suaves dentro da quente e molhada boca de Maggie e se deslizavam ao longo de um à outro com uma espécie de calor que Jonathan jamais havia sentido. O toque de seu membro contra Philip era diferente a quando tocava a Maggie, obviamente, mas em certo modo era o mesmo. Produzia o mesmo desejo, a mesma palpitação quente. Deus, ele o amava.

Tomou somente uns minutos dos movimentos de Maggie antes que ele soubesse que não ia durar muito mais tempo. Vê-la chupar a ambos, o seu membro esfregando-se contra o do Philip, sentir a ambos tocando-o, saboreando-o, empurrou-o ao lado. Sua respiração se fez desigual. Tinha deixado de morder os lábios por medo de sua própria impetuosidade, para sentir seus próprios gemidos escapar.

Seus sons pareceram afetar ao Philip enormemente. O outro homem estava rasgado entre olhar na cara do Jonathan e o jogo erótico debaixo. Cada vez que Jonathan gemia Philip levantava sua cabeça e seus olhos voavam para a cara do Jonathan. Ele sabia quão perto estava Jonathan.

— Sim, Jonathan, sim, — sussurrou-lhe, olhando-o gemer. — Maggie, Jonathan vai gozar, bebê. Toma-o em sua boca, meu amor. Toma-o. — Sua voz era baixa, sedutora, e tanto Maggie como Jonathan gemeram quando ela fez o que Philip lhe pedia.

Jonathan começou a foder dentro e fora da boca de Maggie rapidamente, seu prazer era agudo. Sua semente deixava um caminho que queimava em seu membro, pronta a explorar. Ele obrigou a seus olhos a abrir-se e olhou a Maggie tomar tudo que ele podia lhe dar, sua cara refletia sua alegria e sua fome. Ela ainda sustentava ao membro duro do Philip em sua mão. Philip estava tão perto de sua cara ao lado do Jonathan, e Jonathan podia sentir os golpes de fôlego contra sua bochecha, crescer cada vez mais e mais forte. O outro homem começou a mover seus quadris ao mesmo ritmo que Jonathan, quase inconscientemente.

— Deus, Maggie, eu... — Philip deixou o pensamento incompleto quando um gemido profundo estalou de sua garganta ao mesmo tempo em que seu membro explodia. Jonathan sentiu o sêmen quente orvalhar seu estômago enquanto Philip lhe apertava com seus braços até que lhe doeu. A cacofonia de sensações era mais do que podia suportar ao sentir os gemidos de Maggie enquanto lutava chupando-o desesperadamente e tragava sua semente, liberada em um orgasmo que o cegou enquanto se agarrava com tanta força ao Philip como o outro homem se aderiu a ele um momento antes.

Jonathan sentiu como se limpou de cada polegada de sua pele, suas emoções eram um tumulto tão selvagem que não podia conter. Olhou ao Philip sem forças, sabendo que revelava muito, mas era incapaz já ocultar seus sentimentos. Os olhos do Philip pareceram marcá-lo; possessividade e satisfação se refletiam em seus formosos e amados rasgos. .

Antes que Philip pudesse responder à mensagem nos olhos do Jonathan, Maggie se retirou, caindo ao piso para ficar somente apoiada de suas mãos. Ela elevou a vista aos dois homens tão esgotada como Jonathan acabava de olhar ao Philip.

— Me ajude, — lhe disse e parecia aturdida e sua voz tremia. Jonathan liberou os braços do Philip e se deixou cair imediatamente. Jonathan caiu sobre seus joelhos ao lado do Maggie e a abraçou.

— OH meu amor, foi maravilhosa. A próxima vez que tenha outra brilhante idéia não deixe de compartilhá-la. — Sua voz era débil, mas divertida. Philip não pôde menos que rir e se atirou para baixo ao lado dos dois. Nesse mesmo momento Jonathan se apoiou e lambeu ao longo da bochecha de Maggie, fechando seus olhos em êxtase e Philip compreendeu que a umidade sobre sua cara era sua semente. Ali tinha cansado quando ele gozou. Mal podia respirar enquanto olhava ao Jonathan lambê-lo.

— É doce, — murmurou Maggie, — verdade?— Ela levantou uma mão instável e a passou pelas escuras e grossas sobrancelhas do Jonathan. — me leve à cama, — lhe

disse enquanto passava seu braço ao redor de seu pescoço, — e me tire deste vestido tão rápido como é possível.

Jonathan ficou de pé e a tomou entre seus braços. Philip os seguiu detrás. — te cuide do que pede a este homem, Maggie. Recorda que arrancou sua própria roupa. — Ele manteve um tom luminoso em sua voz, tinha medo de deixar aparecer os confusos sentimentos dentro dele. Finalmente poderia foder a Maggie e ao Jonathan, finalmente seria capaz de deixar que o outro homem visse quanto o amava, ambas as experiências tinham promovido um tumulto de emoções confusas. Precisava controlar-se.

— Não me preocupa. Temos bastante dinheiro para comprar outro, — disse Maggie insensivelmente quando Jonathan a pôs sobre a cama e subiu a seu lado. — Quero que me dispam. — ela lhes sussurrou. Jonathan a fez rodar sobre seu estômago e começou a desfazer as cintas de seu vestido. Seus dedos pinçaram enquanto Philip subia sobre a cama do outro lado do Maggie e com cuidado apartava as mãos do Jonathan.

Philip habilmente afrouxou seu vestido, apartando-o. Ele compreendeu que o fazia só com a esperança de poder estar novamente em controle. Compreendê-lo o fez retirar-se e fisicamente se sacudiu, retornando ao momento. Ele não se havia sentido tão à deriva da guerra. Estes sentimentos não eram algo que pudesse ocultar. Queria abraçar cada momento com os dois, o homem e a mulher que amava. Não lhes faria esta declaração agora, esta noite era a noite de Maggie. Mas em seu coração sabia o que sentiu e já não seguiria negando-o mais.

Philip derrubou a Maggie e a pôs de joelhos. Então tanto ele como Jonathan agarraram a prega de seu vestido e o levantaram sobre sua cabeça. Ela era maravilhosa nua, como sabiam que o era. Poder vê-la por fim sem a coberta opaca com a que tinha estado ocultando-se durante toda a noite fez que deixou ao Philip tremendo. Ele olhou ao Jonathan e o outro homem estava igualmente hipnotizado por sua beleza. Soube Philip que sempre seria deste modo para eles.

Maggie os apartou e se estendeu sobre a cama, suas pernas se abriram amplas. — Meu turno, — disse-lhes, sua voz gutural com a necessidade.

Claramente ambos sabiam o que é o que queria, mas Philip e Jonathan se olharam fixamente um ao outro enquanto tentavam decidir quem seria o homem afortunado. Maggie tirou a decisão de suas mãos.

— Os dois, — ela ronronou, levantando seus braços sobre sua cabeça languidamente e agarrando-se pela cabeceira, — juntos.

Imediatamente o pulso do Philip começou a correr. Gostava de lambe a concha da Maggie, ela era tão doce e cremosa. Mas fazê-lo com o Jonathan, nunca tinha feito nada tão insinuante com ele antes. Bem, antes desta noite, antes que Maggie os tivesse chupado a ambos, tivesse-os feito tocar um ao outro. As lembranças lhe fizeram tremer e a carne de galinha se elevou por sobre seus braços enquanto olhava para abaixo e via o Jonathan já ali no sexo de Maggie e a sua formosa boca e inteligente língua trabalhando com força.

— Philip, — Maggie gemeu, — por favor, amor, ponha sua boca sobre mim com o Jonathan, por favor. — Ele não podia negar-se, não queria fazê-lo. Ele se moveu devagar e quando sua cabeça se colocou ao lado da do Jonathan, o outro homem se deteve e se arrancou de seu banquete, girando-se para lhe olhar fixamente. Os olhos do Jonathan estavam negros com o desejo, suas pupilas se dilataram, e um fino brilho de suor cobria sua frente. Estava totalmente excitado novamente. Philip soube sem olhá-lo, ele reconhecia os sinais.

Philip se inclinou e devagar lambeu com o passar da dobra de Maggie. Quando o fez Jonathan se apoiou nele e os dois simultaneamente lambeiram ao longo dos lábios um de cada lado de sua fatia. Maggie soluçou e seus quadris corcovaram. Philip colocou sua mão sobre seu estômago para mantê-la quieta enquanto que ao mesmo tempo Jonathan deslizava sua mão debaixo dela para levantá-la até suas bocas. Entre os dois a controlaram e ela soluçou e se tirou da cabeceira enquanto a lambiam e chupavam.

Finalmente Philip não pôde suportá-lo mais e deliberadamente pegou sua língua dentro de Maggie junto à do Jonathan. Sua língua se deslizou para o Jonathan, seu movimento foi tanto uma carícia sobre a suave carne de Maggie como um beijo ao Jonathan. Maggie gritou ao sentir a ambos os homens enchendo-a, lhes suplicando por mais. Jonathan se congelou no contato e Philip seguiu acariciando e beijando tanto a ele como a Maggie com sua língua. Sua mão subiu e se deslizou pelas costas do Jonathan, causando que Jonathan gemesse. Maggie gritou o nome do Jonathan em resposta.

Depois seu jogo se fez ainda mais intenso, Philip e Jonathan devoraram a Maggie enquanto todo o tempo enredavam suas próprias línguas uma com a outra em cada oportunidade. Escutaram os soluços de Maggie em seu intenso clímax, mas eles não os fizeram mais lentos. Como ela tremeu nas convulsões de sua liberação, Philip moveu sua boca até chupar e lambe sua pérola aumentada, obtendo que ela se arqueasse uma vez mais quando já tinha começado a relaxar seu corpo e uma vez mais gritou. Como ela gozou com um gemido profundo e convulsionou com força obrigando ao Philip a deixá-la ir. Ele olhou para baixo e viu a mão do Jonathan enterrada entre suas pernas, dois de seus dedos cavavam em seu ânus, lubrificado por seus próprios sucos.

— Deus sim, — ela gemeu ofegando, — sim. Quero a ambos, quero-os agora.

Philip devagar se empurrou até seus joelhos, onde pôde olhar a seus dois amantes. Sentia-se tremendamente concentrado e duro. Estava tão excitado que seu membro doía, sua pele estava tão sensível que podia sentir transladar o ar no quarto como se frescos dedos o acariciassem. Tudo no que podia pensar era que logo, muito em breve ele e Jonathan estariam dentro de Maggie juntos. Todos seus sonhos se realizariam. Ele queria agradar a Maggie, olhá-la perder o controle enquanto ambos a amavam. Ao mesmo tempo queria acariciar e amar ao Jonathan. Seus dedos zumbiram com a necessidade de tocar a suave, dura e ardente pele do Jonathan.

Ele olhou ao Jonathan pressionar outro dedo na Maggie, olhou-a tomá-lo com a mesma alegria com que sempre lhe dava a bem-vinda ali e quase chorou. Depois de tudo, esta vez, eles tinham ganhado. Eles tinham aberto caminho por sua defesa, tinham encontrado a esta criatura selvagem e sensual, e ela os amava. Ela os desejava. Deus saberia ela o que isso lhes significava? Quanto tinham lutado por seu amor, por sua aceitação, por sua paixão...?

Sem pensá-lo, ele se agachou e agarrou a Maggie sob seus braços, atirando-a sobre ele. Ele vagamente notou que Jonathan se fazia um lado enquanto retirava seus dedos de Maggie. Ela choramingou diante sua deserção, mas Philip não lhe deu tempo para sentir-se privada. Ele a abraçou e a arrastou sobre ele, tão perto que ninguém poderia saber onde terminava ele e começava ela.

— Maggie, amo-te, amo-te tanto, — sussurrou-lhe antes de esmagar seus lábios com os seus, tentando lhe mostrar o que era incapaz de expressar em palavras. Ela agarrou sua cabeça, suas mãos se enterraram em seu cabelo enquanto o empurrava para trás para beijá-lo apaixonadamente.

Philip se arrancou do beijo com um ofego, sua necessidade de estar dentro de

Maggie de repente foi inexplicavelmente urgente. — Não posso esperar, — ele gemeu, — agora, agora.

Maggie estava sem fôlego, retorcendo-se com sua paixão, tentando avançar lentamente dentro do Philip. Ela abrigou uma perna ao redor de sua cintura, seus braços ao redor de seu pescoço e empurrou contra a dureza que descansava longa e quente contra seu estômago. — Por favor—, ela pediu descaradamente, — por favor.

— Jonathan, — ele ofegou, contendo a Maggie. Algum resto de sanidade mental lhe fez recordar que Jonathan deveria entrar primeiro na Maggie, para que eles não lhe fizessem mal.

Jonathan estava ali, seu membro já grosso, lubrificado com a nata perfumada que gostava de usar o Philip somente para este objetivo. Ele se colocou detrás de Maggie e ela gemeu, agarrando-se ao Philip mais apertada ao mesmo tempo em que sua cabeça caía para trás para descansar sobre o ombro do Jonathan.

— O que quer Maggie? — Jonathan sussurrou com veemência, seu fôlego soprava por sobre suas bochechas para tocar a cara do Philip com seu calor. Philip tremeu como Maggie e suas palavras se repetiram em sua cabeça.

— Foda-me, Jonathan, por favor, Deus, foda-me, — ela sussurrou para trás, seu tom de algum modo era tanto de súplica como de exigência.

Jonathan condescendeu. Ele separou seus quadris e ajustou a Maggie contra Philip antes de deslizar-se avançado outra vez, um movimento liso e firme. Ele manteve a perna de Maggie abrigando a cintura do Philip, sustentando-a ali, sustentando-a aberta para ele. Maggie gritou quando ele entrou e suas unhas cavaram nos ombros do Philip. A dor foi direto para seu pênis enquanto seus sentidos se sobrecarregaram com suas próprias lembranças de haver-se deslizado naquela doce e suave passagem.

— Hum, — Jonathan gemeu e os olhos do Philip foram para a cara do outro homem. Jonathan tinha fechado seus olhos, havia lágrimas em suas bochechas e sua cara mostrava uma intensa concentração e satisfação. As lágrimas saltaram dos olhos do Philip quando compreendeu ao ver a cara do Jonathan quanto tinha estado perdendo. Cristo, ele estava tão emocionado esta noite.

— Que bom, Philip, — Jonathan sussurrou como se não tivesse voz para falar mais alto. — Compartilha-o comigo, Philip, compartilha este sentimento. — A mão do Jonathan se estendeu e agarrou o cotovelo do Philip, atirando-o mais perto a Maggie.

Philip riu e abraçou com mais força a Maggie, pressionando-a mais firmemente contra o duro abdômen do Jonathan. Ele parecia quase fraco com o desejo. Jamais o tinha visto tão afetado compartilhando a uma mulher antes, mas era Maggie, Deus querido era Maggie. — Sim—, disse-lhe Jonathan, — sim, corro-me.

Ele dobrou seus joelhos e colocou seu membro contra a molhada entrada de Maggie. Tomou seu tempo para deslizar-se dentro de sua vagem, tão apertada, Deus. A pressão do membro do Jonathan dentro de Maggie a fazia mais apertada do que tinha estado sua noite de bodas e Philip tremeu enquanto empurrava polegada por polegada em seu canal estreitado. A mão do Jonathan ainda agarrava seu braço, e quanto mais profundo se deslizava na Maggie, Jonathan mais duro o sustentava.

Philip se obrigou a não olhar ao Jonathan, e privar-se disso só o fazia excitar-se mais. Ele fechou seus olhos e se concentrou somente em sentir seu toque e seu aroma. Por um instante só pensou em saboreá-los. Ele podia cheirar a Maggie, seu sutil aroma de rosas e espécies em seu perfume, o doce almíscar de sua excitação. A forma em que ela se sentia, sua pele tão suave e tão quente. Em sua mente ele imaginou a pequena

constelação de sardas sobre seu ombro e às cegas dobrou sua cabeça, encontrando o ponto infalivelmente com seus lábios. O movimento o empurrou mais profundo e Maggie ofegou quando sua atenção se desviou pelo modo que sentia seu pênis apertar-se nela, abrigando-o. Por dentro ela era mais suave, muito mais suave que sua pele, parecia pura seda quente, molhada, aderindo a sua dureza enquanto se deslizava nela. E ele podia sentir ao Jonathan, Cristo, ele podia senti-lo. Jonathan era tão grande que enchia o traseiro de Maggie completamente. Philip em realidade podia sentir o pulso do Jonathan golpeando-o através da magra parede que os separava dentro de Maggie. Ele podia sentir o calor e seus batimentos do coração e seu próprio pulso golpeando ritmicamente.

Com um grande impulso ele se assentou totalmente e tanto Maggie como Jonathan gritaram. O som de suas vozes levantadas juntos no prazer que Philip lhes dava o fez gozar. Ele saiu e empurrou uma e outra vez, precisando ouvi-los ofegar e gemer seu nome, e eles o fizeram. Depois de vários minutos, Philip se deu conta de que a mão do Jonathan acariciava seu braço e ombro para finalmente tomá-lo pela nuca. Ele se deteve e se surpreendeu do difícil que lhe era respirar, de sua própria perda de controle. Maggie se aderiu a ele, sustentada por seus braços e os do Jonathan, fracos com a paixão e o sexo agressivo do Philip.

— Philip, — Jonathan disse brandamente, ofegando. — Tem que reduzir a velocidade. Trabalha comigo, faz amor com a Maggie junto comigo, — lhe suplicou, amassando a tensa nuca do Philip.

— Não pares, — gritou Maggie, seus braços se apertaram a seu redor, — OH Deus, não pára. Sente-se tão bom. Amem-me, queridos, me amem.

Philip sentiu o excesso de emoção que tinha estado combatendo toda a tarde subir com suas palavras. Ele enterrou seus lábios na curva do pescoço de Maggie, relaxando-se para trás sob a pressão da mão do Jonathan. — Amo-lhes tanto, — disse-lhes, assustado pelo tremor de sua voz.

— Sim, sim, — disse Jonathan, sua própria voz era instável. — Agora, Philip, por favor, agora. — Jonathan seguiu sua súplica com uma retirada lenta de Maggie e logo um impulso profundo. Esta vez foi o turno do Philip para ofegar com ela. — Encontra meu ritmo, Philip, me ajude, — Jonathan gemeu, e Philip se obrigou a mover-se, escapar do feitiço no que tinha estado fodendo a Maggie junto com o Jonathan.

Assim começou um baile que os dois homens recordariam sempre. Um empurrava enquanto o outro devagar se retirava, uma e outra vez, até que Maggie esteve delirante de prazer, soluçando e gemendo, pedindo pela liberação, em um fôlego e lhes suplicando que não parassem no outro. Ela o queria mais duro, mais rápido, mais profundo. Tomava como se tivesse nascido para isso e para eles, e Philip soube que assim tinha sido. Enquanto sua paixão se elevava, ele soube que Maggie era seu destino tão certamente como Jonathan o era. Ela era a mulher que lhes tinha trazido a paz e que, finalmente os traria um ao outro.

O pensamento levou os olhos do Philip ao Jonathan, e ele pôde sentir o calor de seu próprio olhar. Ele encontrou que o outro homem o olhava com o mesmo calor. Não se permitiu pensar, somente reagiu. Ele moveu sua cabeça até que sua boca esteve a um mero fôlego de distância do Jonathan. A cabeça de Maggie descansada sobre seu ombro e sua formosa juba caindo sob seu peito, ele se apoiou nele deixou que os lábios se apoiassem sobre os do Jonathan brandamente. Não aplicou nenhuma pressão, somente se esfregou contra ele com uma pequena torcedura de sua cabeça, e pôde ver os olhos

do Jonathan perto. Ele deslizou seus lábios ao longo do Jonathan outra vez e o ritmo do outro homem vacilou, uma vacilação breve, mas que Philip sentiu como sua rendição. De repente ele sentiu a lambida de língua do Jonathan ao longo de seus próprios lábios e Philip pressionou sua boca contra Jonathan, aberta e buscando-o, sem lhe dar permissão para retrair sua língua, chupando-a em sua boca enquanto afundou seu próprio o calor na boca do Jonathan.

O gemido de prazer do Jonathan foi profundo e Philip o sentiu ressonar em todo seu corpo, provocando um alto palpitante em seu membro enterrado nas doces e quentes profundidades da Maggie. Assim, assim deviam ser as coisas. Ele comendo da boca do Jonathan, chupando-o, provando cada esquina, e assim era como o tinha sonhado, tudo o que tinha desejado, mas se tinha negado todos estes anos. Maggie, Maggie, Maggie, pensou, você nos uniu, você me deu isso. Ele começou a empurrar mais rápido e mais duro e Jonathan emparelhou seu passo.

— OH Deus, Philip, Jonathan, — ela gemeu, — sim, amam-me e se amam um ao outro. — Em suas palavras, Philip sentiu uma emoção de triunfo. Maggie queria isto, queria-o e sua formosa e apaixonada esposa desejava que eles se tivessem um ao outro. Ele beijou ao Jonathan mais duro e moveu seus braços para abraçá-los a ambos, agarrando os músculos firmes das costas do Jonathan e tremendo de prazer enquanto os sentia mover-se e dobrar-se com cada empurrão na Maggie, contra seu próprio pênis.

Jonathan estava tão perdido como Maggie na paixão do Philip. Sua cabeça girou para que sua boca procurasse a do Philip e o desejo do outro homem o dominou. Ele deixou ao Philip conduzir o beijo, deixou ao Philip ter seu caminho com sua boca enquanto eles amavam a Maggie com fúria. As mãos do Jonathan se levantaram por sobre Maggie e ele agarrou ao Philip de atrás, atirando-o mais perto.

De repente Jonathan arrancou sua boca do Philip com um gemido. Philip grunhiu em frustração, para imediatamente procurar seus suaves lábios e a doce língua outra vez, mas Jonathan resistiu.

— Maggie, — Jonathan sacudia sua cabeça e tremia. — Maggie.

Philip grunhiu outra vez e Maggie choramingou quando sentiu como se incrementavam seus impulsos a fundo com força. Jonathan desceu sua frente ao ombro do Maggie e seguiu sua cabeça ainda tremendo.

— Maggie tem tudo o que tenho para dar, Jonathan, — sussurrou Philip, — tudo o que quero ou preciso está aqui, em vocês dois.

— Sim, — Maggie sussurrou, e Philip não estava seguro de se ela ouvia suas palavras, ou respondia à dura fodida que recebia. Ele não se preocupava. Ela e Jonathan estavam perto do êxtase que só ele podia lhes levar e Philip estava cheio de poder, luxúria e de uma egoísta alegria. Meus, pensou ele, são meus, admita-o Jonathan ou não. Ele ajustou seus impulsos para esfregar-se mais duro contra Jonathan através da magra parede do Maggie. O outro homem ofegou e tremeu e o sustentou mais apertado, mas ainda não o olhava estuário. Philip estava satisfeito, por agora. Logo ele faria que Jonathan o olhasse e reconhecesse que era dele, mas não esta noite. Esta noite seria suficiente havendo-o feito admitir sua paixão.

Maggie começou a gemer forte, e Philip reconheceu os sinais. Ela estava perto do clímax, e ele queria remontá-lo com ela e com o Jonathan.

— Goze conosco, Jonathan, — ele sussurrou contra o topo da cabeça do Jonathan enquanto descansava sobre o ombro de Maggie e as ondas grossas e suaves do cabelo do Jonathan acariciavam seus lábios. — me ajude, quero senti-los gozar, — ele

terminou, enquanto Jonathan tremia Philip sentiu edificar-se sua própria liberação, queimando-o como uma besta que espera ser colocado em liberdade.

Jonathan se arrancou do ombro de Maggie, afastou-se dos lábios do Philip, e voltou sua cabeça, bombeando dentro e fora de Maggie. Com uma explosão frenética, seus olhos se fecharam e um sensual prazer cobriu sua cara. E Philip lhe uniu, o mundo se reduziu ao toque destas três pessoas, os sons de seu prazer, a ascensão de seu orgasmo. Então os golpeou, como uma tormenta que esperava no horizonte até que a soltaram em uma cacofonia de som e fúria e Philip gritou sua alegria enquanto fluía no Maggie, no Jonathan. O grito de Maggie e os gritos roucos do Jonathan aumentaram o prazer do Philip quando teria jurado isso não poderia ser possível. Os músculos de Maggie se apertaram sobre ele uma e outra vez e ele sentiu o calor do sêmen do Jonathan nela, seus batimentos do coração e os empurrões do membro do Jonathan enquanto ele gastava seu glorioso traseiro e Philip começou a rir, a rir de prazer, de pura alegria e satisfação e quando eles todos se derrubaram sobre a cama, Maggie e Jonathan se uniram a ele, suas lágrimas se mesclavam com a risada.

Philip se elevou da cama depois de uns minutos e se voltou para limpar tanto a Maggie como Jonathan. Maggie lhe deixou, mas com o Jonathan teve uma batalha silenciosa pelo pano antes que o outro homem se tornasse para trás e fechasse seus olhos, apertando seus lábios enquanto Philip limpava seu membro e bolas com amor. Quando ele voltou para a cama, ambos os amantes tinham os olhos fechados. Philip sabia que havia coisas que tinham que ser sortes, mas a letargia da satisfação sexual em que estava submerso era muito capitalista para opor-se. Logo Maggie e logo Jonathan dormiram e pouco depois Philip lhes uniu, a cabeça de Maggie sobre seu ombro, sua perna cobria a sua e o braço do Jonathan abrigava a cintura de Maggie enquanto ele a apertava e sua mão que descansava com intimidade contra o estômago do Philip.

Capítulo Doze

Philip procurou seu estudo à manhã seguinte depois de um café da manhã solitário. Ele tinha deixado ao Jonathan e Maggie dormindo profundamente em sua cama, uma vista que o tinha comovido profundamente. Ele tinha compartilhado alguma cama com o Jonathan e outras mulheres antes, inclusive durante a guerra. Mas nunca a tinha compartilhado com ele como amante, entretanto, e em seu coração ele sentia que ontem à noite eles tinham sido amantes, não só com a Maggie, a não ser entre ambos. Parecia que não podia deixar de sorrir esta manhã, sentindo mais contente do jamais alguma vez em sua vida se havia sentido. Ele planejou falar com o Jonathan hoje, esclarecer o assunto com ele de uma vez por todas. Dizer ao Jonathan quanto o amava, quanto o necessitava. Ele não permitiria que nenhum deles ocultasse seus sentimentos nunca mais, sobre tudo desde que, se tinha entendido bem a Maggie, e pensava que o fazia, ela queria que seus dois homens fossem amantes tanto como o eram com ela..

Considerando a direção de seus pensamentos, Philip se surpreendeu de ver que Jonathan estava de pé diante da janela do quarto quando ele fechava a porta. Quase parecia que seu desejo o tinha evocado ali, parado, luzindo calças, botas e uma camisa aberta.. Seu cabelo estava enredado e suas bochechas avermelhadas. Ele pareceu exatamente o que era um homem que acabava de levantar-se da cama de seu amante, bem usado, e bem satisfeito. Julgando o olhar sobre sua cara quando se deu volta para

olhar ao Philip, não completamente feliz com isso. Philip trocou a direção de seu escritório para a janela e Jonathan.

— O que acontece, Jonathan? — Perguntou-lhe brandamente. — O que está mau, querido?

— Não me chame assim! — A resposta do Jonathan foi zangada, ainda quando havia também nela uma indireta tristeza.

Philip parou a vários pés de distância do Jonathan, o bastante perto para ver em seus olhos uma miríade de emoções, mas não tão perto para espantá-lo. — Por quê? — Sua pergunta foi simples, dita no mesmo tom tranqüilo que ele tinha usado antes.

A risada do Jonathan foi áspera e amarga. — Como pode perguntar isso? Você sabe o por que. — Ele se deu volta afastando-se e Philip recebeu uma vista de seu forte perfil, mas também tinha visto a confusão do Jonathan e o desespero claramente escrito sobre sua cara antes que se desse volta.

— Ao que parece não sei, — disse Philip em um tom cadencioso enquanto se girava e dirigia a uma cadeira diretamente em frente a Jonathan. Ele se sentou no braço da cadeira. — Por que não me explica isso?

Jonathan se voltou com uma expressão incrédula. — Como pode despedi-la tão facilmente? Pensei que a amava.

Philip se sentou direito, alarmado, sua cabeça inclinada para um lado. Jonathan apontava em uma direção completamente diferente da que ele tinha esperado. Eram suas dúvidas unicamente sobre Maggie? Ele não entendia seus desejos como Philip o fazia?

— Jonathan, sabe que amo a Maggie tanto como te amo. — Ele ficou de pé lentamente. — É com isso que se preocupa pela Maggie?

Jonathan se aproximou a parede e se apoiou para trás pesadamente contra ela, beliscando a ponta de seu nariz entre dois dedos e fechando seus olhos. — O que me preocupa? OH Deus, Philip, o número de artigos a essa lista é infinito.

— Jonathan, — Philip deu a sua voz um tom baixo e calmante, o mesmo tom que usava com Maggie quando ela estava alterada. Jonathan o cortou.

— Não o faça, Philip, — lhe suplicou, abrindo seus olhos e olhando ao outro homem com desespero. — Não te dirija para mim dessa maneira.

— De que maneira? — Philip perguntou perplexo.

— Como um amante, — sussurrou Jonathan.

Philip não pôde agüentar mais. Ele rapidamente se dirigiu através do quarto, não parando até que estar diretamente em frente do Jonathan, somente algumas polegadas os separavam. Jonathan não se moveu, permanecendo recostado com desalento contra a parede.

— Falo-te como um amante porque te amo, — disse ao Jonathan sério, colocando ambas as mãos sobre a parede a ambos os lados da cabeça do Jonathan. — E não ocultarei o fato mais. Em meu coração é um de meus amantes. Quando lhe foder, isso confirmará uma relação que já existe. Sabe e eu também sei.

A cabeça do Jonathan estava recostada contra a parede durante o discurso apaixonado do Philip. Seus olhos estavam fechados outra vez, sua cara apertada com a dor.

— Não posso ser seu amante, Philip, — lhe sussurrou. — Não posso.

O coração do Philip gaguejou em seu peito. Ele não tinha considerado que Jonathan o negaria. Ele sabia que Jonathan o amava, desejava-o. Por que não o admitiria?

— Não tente me dizer que não me quer Jonathan. Eu vi a verdade em seus olhos ontem à noite, senti-o em seu beijo.

Os olhos do Jonathan voaram abertos. Ele olhou aterrorizado, como se estivesse esquecido.

Philip utilizou sua vantagem. Ele se inclinou, levando seu corpo contra o do Jonathan. Jonathan se retirou, mas com a parede em suas costas não tinha nenhum lugar onde correr. Não pôde evitar ao Philip quando este apoiou primeiro seus quadris e logo seu peito contra ele. Ele deu volta sua cara afastando-a, mas Philip podia sentir a excitação do Jonathan embutida com intimidade contra ele tão certamente como Jonathan podia sentir a sua. Parecia pura maldade sensual, os dois membros duros, estirados em baixo das apertadas calças. Philip recordou como sentia o aveludado pênis quente do Jonathan esfregando-se contra o seu ontem à noite e pôs esse conhecimento em seus olhos para o Jonathan, enquanto com cuidado, girava sua cabeça para que o olhasse, colocando um dedo debaixo seu queixo. Sentiu o coração do Jonathan apressar-se em seu peito.

Philip dobrou sua cabeça a somente uma pequena distância, o bastante pequena para sentir seus lábios roçar a cara do Jonathan, logo tocou comovedoramente a pele de sua frente, para logo roçar para baixo por seu largo e aristocrático nariz, ao redor da curva de sua maçã do rosto, e logo percorrer sua mandíbula. O fôlego do Jonathan era errático quando Philip deteve seus lábios, mas não exatamente seu toque.

— Só responde uma pergunta, Jonathan, — ele sussurrou contra a boca do outro homem. Os lábios do Jonathan ligeiramente foram separados, seu fôlego quente se deslizou por sobre os lábios do Philip, faminto por provar o calor úmido que ali havia. — Quando me beijou ontem à noite, sabia o que significava? — Ele deliberadamente roçou seus lábios contra os de Jonathan em uma maneira similar ao que tinha feito a noite antes. O angustiante gemido da excitação do Jonathan foi quase muito baixo para escutar-se, mas Philip o sentiu por todo seu corpo. — Responde a pergunta, Jonathan, — insistiu Philip, colocando um beijo ligeiro contra a comissura dos lábios do Jonathan. Ele fez uma pausa para beijar a outra esquina, — Sabia—, outra pausa e um golpear de língua contra o cheio lábio inferior do Jonathan, — o que significava? — Ele pôs seus lábios totalmente contra Jonathan, ligeiramente separados enquanto Jonathan mantinha-se diante, mas não insistente pressão.

Philip teve que esperar um momento antes que Jonathan devolvesse a pressão, seus braços se deslizaram por cima dos flancos do Philip e o rodearam por detrás, seus punhos agarraram a jaqueta do Philip. Foi Jonathan quem aprofundou o beijo, Jonathan quem empurrou sua língua na boca do Philip, e esta vez foi o turno do Philip gemer excitado. A rendição do Jonathan ao seu desejo era uma das coisas mais apaixonantes que Philip alguma vez tinha experimentado. Sua luxúria rugiu com o triunfo e ele se esmagou contra Jonathan, querendo sentir cada polegada de seu musculoso corpo e a força de sua ereção palpitante.

O beijo continuou e sem cessar, os dois homens se alimentavam de suas bocas do mesmo modo em que bebiam da paixão de cada um. Os anos de desejo frustrado, de amor negado foram vertidos naquele beijo. Philip se ouviu murmurando palavras de amor contra os lábios do Jonathan. Ele capturou os suspiros e gemidos do Jonathan em sua boca e devolveu o mesmo ao Jonathan. Finalmente, suas mãos se enterraram no grosso cabelo do Jonathan, seus quadris empurraram contra os quadris do Jonathan, Philip rompeu o beijo com um ofego. Jonathan o agarrava com força fazendo-o levantar

seu traseiro e sustentando seu membro com força contra ele. Eles estiveram assim, de pé, por uma eternidade, olhando-se aos olhos, até que sua respiração se acalmou e Philip falou.

— Tomarei isto como um sim, — ele sussurrou, seus lábios se curvaram em um sorriso zombador.

Jonathan não sorriu detrás. — Sim—, ele sussurrou, — significava. Significava ontem à noite, e significa hoje, mas isto é tudo que alguma vez poderá haver entre nós, Philip, o saiba. Não farei mal a Maggie. O amo tanto como sempre te amou. Não a afugentarei. Não posso viver sem ela.

Philip dobrou sua cabeça de alívio, descansando sua frente contra Jonathan. Ele sacudiu sua cabeça para frente e para trás, e riu com força. — É um idiota, — disse ao Jonathan, sua voz era carinhosa. — Conhece tão pouco a Maggie? Ela quer isto, Jonathan, ela quer que nós sejamos amantes.

— O que? — A voz do Jonathan parecia confundida, como se não entendesse as palavras que Philip dizia, não só seu significado.

Philip se retirou e o olhou. — Ela o quer, Jonathan. Pensa nisso. Pensa em ontem à noite. Quem nos pediu para nos despir um ao outro? Quem esfregou nossos membros juntos e riu quando gememos com o êxtase que sentíamos? Quem pediu que lambêssemos sua concha juntos, sabendo que nos beijaríamos naquela quente caverna molhada? Quando me beijou ontem à noite, Maggie murmurou "Me amam, gostam de um ao outro". Não a ouviu?

Jonathan sacudia sua cabeça, um olhar obstinado sobre sua cara. — Não, não, isto não é possível. É suficiente lhe havendo pedido que tomasse a ambos em sua cama. Ela logo que poderia tratar com isto. Agora tenta me dizer ela quer que sejamos amantes, — ele olhou os olhos estreitos do Philip, — foder um ao outro, com sua bênção. Como pode ser certo?

Philip apertou para trás com força contra Jonathan e descansou seus lábios sobre o lado do ouvido do Jonathan. — Não sei como isto pode ser certo, só sei que o é. Penso que Maggie nos ama e ela sente nosso desejo um pelo outro. Ela sabe que te amo e quer que nós sejamos felizes. Faça-me feliz, Jonathan, faz a Maggie feliz. Não lute contra esta coisa entre nós.

Jonathan realizou várias inalações profundas. — Isto é muito, Philip, — sussurrou-lhe. — Nunca esperei tanto. É tudo o que alguma vez quis poder amar a ti e a Maggie. Não o mereço. Isto é muito bom para ser certo, entende-o?

Philip se retirou e passou suas mãos sobre o cabelo do lado da cabeça do Jonathan, inclinando sua cabeça para trás até que ele o olhará aos olhos. — Não, não o entendo. Realmente merece isso, Jonathan. Jamais volte a dizer algo assim outra vez. Esta é a forma em que cada um de nossos sonhos se realizam, o teu, o meu e o de Maggie. — Ele tentou obrigar ao Jonathan a aceitar a verdade em seus olhos. — Diga-me isso outra vez, Jonathan. Diga-o.

— Dizer o que? — Jonathan perguntou com um pequeno sorriso zombador.

Philip com cuidado golpeou a cabeça do Jonathan contra a parede. — Você sabe o que. Diga-me que me ama.

Jonathan olhou profundamente nos olhos do Philip e Philip viu a verdade antes que Jonathan pudesse dizer as palavras. — Amo-te, Philip, — sussurrou-lhe. — Sempre te amei. É minha lua, e Maggie minhas estrelas. Minha vida completa te foi dedicada. Sem ti murcharia e morreria.

— Cristo, — Philip murmurou quando ele se inclinou para beijar ao Jonathan quem elevava seus lábios para os do Philip, — só perguntei se me amava não um maldito soneto.

Jonathan ria quando Philip reclamou sua boca outra vez. A paixão flamejou a vida entre eles outra vez e a risada do Jonathan girou a gemidos.

Quando Philip começou a arrancar a roupa, Jonathan não sabia se devia protestar ou ajudá-lo. Ao final ele simplesmente deixou ao Philip fazê-lo a seu modo. Sua camisa desapareceu primeiro e o prazer que recebeu de somente sentir as mãos do Philip atropelando seu estômago e até seu peito roubou seu fôlego. Mordeu-lhe o lábio inferior do Philip e Philip grunhiu, beliscando os mamilos do Jonathan entre seus dedos, fazendo-os rodar ali enquanto ouvia os gritos baixos de prazer do Jonathan.

— Sim, querido, me diga que você gosta, — murmurou Philip, beijando o lado do pescoço do Jonathan. — Quer que lhe chupe isso, ou o morda? É isto o que você gosta?

— OH Deus, Philip, — gemeu Jonathan, seu quadril moveu-se de só pensar na boca quente e molhada do Philip trabalhando sobre seus mamilos.

Sem outra palavra a cabeça do Philip caiu abruptamente e ele mordeu com cuidado cada um dos mamilos do Jonathan logo tomou o sensível pedaço com sua língua e o moveu. Jonathan não pôde suprimir o estrondo de seu gemido. Phillip riu em silencio contra sua pele diante o som que também refletia sua própria emoção erótica. Philip se moveu e o mordeu para logo lambeu seu outro mamilo e as mãos do Jonathan se içaram para agarrar seu formoso cabelo brunido e apanhá-lo entre seus dedos. Ele começou a passar seus dedos pelo cabelo do Philip, algo que sempre tinha querido fazer.

Deus, ele era tão formoso, tão desejável, e era Jonathan. Seu cabelo era tão suave, a raspagem de sua língua e o mordiscar de seus dentes faziam sentir ao Jonathan como se cada nervo estivesse vivo e quente de desejo. Quando Philip passou um dedo de uma mão sob o lado de suas calças e ligeiramente roçou com sua outra mão seu membro ao mesmo tempo em que mordida seu mamilo, Jonathan gritou.

Philip se endireitou e falou no ouvido do Jonathan outra vez. — Você gosta assim? Diga-me isso Jonathan, me diga o que você gosta.

— Sim, — Jonathan gemeu sua voz era baixa e parecia retumbar de desejo. — Sim, eu gosto assim.

— Sabe o que eu gosto Jonathan? — Philip perguntou brandamente, movendo suas mãos sobre o membro do Jonathan, fazendo-o estremecer-se e suplicar,

— Não—, disse-lhe com voz estrangulada.

Philip passou suas mãos por sobre os braços do Jonathan e arrancou os dedos do Jonathan de seu cabelo. Ele colocou as mãos do Jonathan para cima, altas contra a parede e Jonathan entendeu que devia mantê-los ali. Philip as soltou e as passou as baixando por seus braços, Jonathan tremia. Philip deixou de acariciar seus bíceps para passar um dedo ao longo de cada um de seus ombros e para baixo através de seu peito e seus mamilos. Jonathan ofegava de desejo. Philip começou a passar sua língua com o passar do ombro do Jonathan e logo beijar por cima de seu braço o músculo inchado que parecia fasciná-lo. Ele mordeu com delicadeza no músculo como se provasse sua força, e Jonathan gemeu.

— Me pergunte, — exigiu Philip. — me pergunte o que eu gosto.

— O que, — Jonathan gaguejou quando Philip lambeu em sua pele outra vez, — O que você gosta? — Ele soava como se tivesse deslocado até Edimburgo. Sabia que deveria sentir-se envergonhado, mas Por Deus, desfrutava de cada momento de tortura

do Philip. Como tinha desejado ser o receptor cada uma de todas as vezes que tinha visto o Philip foder a uma mulher.

— Eu gosto de seu corpo. — Philip pressionou seu nariz contra o braço do Jonathan e a dirigiu para baixo até que respirou profundamente seu aroma na axila do Jonathan. — Eu gosto do modo em que cheira, sobre tudo agora, almíscar de sexo durante toda a noite e preparado para foder de novo outra vez. Eu gosto quão musculoso é, o escuro e pecaminoso que te vê. — Ele fez uma pausa e se arrancou para olhar para baixo. Devagar suas mãos se moveram para descansar contra o estômago do Jonathan. Jonathan seguiu seu olhar, olhando seu próprio nó de músculos abdominais sob o toque sensual. Ele deixou de respirar enquanto olhava a mão do Philip baixar até que cobrir seu membro. — eu gosto deste incrível e magnífico membro. Durante tantos anos o olhei crescer a longitudes impossíveis, e tão rapidamente. Deus excita-te tão rapidamente, anda quase todo o tempo semiduro. Isso foi uma tortura constante para mim, Jonathan. Quando te despia e te olhava foder a uma mulher, quase derramava minha semente diante a vista. Quando te correu com sua mão em meu estudo recentemente, sabia que fazia o mesmo debaixo o escritório? Ver-te se masturbando me fez gozar com força e quando gritei seu nome fingindo que era Maggie, era eu, realmente eu, Jonathan. Gozei com seu nome sobre meus lábios.

— Philip, — Jonathan gemeu, sua cabeça se torceu contra a parede quando Philip começou a esfregar seu pênis sob o magro pano que os separa.

Philip se inclinou para trás, mas não tirou sua mão do membro do Jonathan. A pressão fez gemer ao Jonathan e empurrar-se contra ele. Philip tomou sua boca meigamente, empurrou sua língua da mesma maneira em que deslizava sua mão. As mãos do Jonathan se moveram de onde elas ainda descansavam contra a parede. Ele não pôde suportá-lo mais e desceu seus braços, outra vez passando com suas mãos pelo cabelo do Philip. Philip rompeu o beijo.

Philip respirava pesadamente, tão pesadamente como Jonathan. — Sabe o que realmente eu gostaria Jonathan? — Ele sussurrou contra seus lábios. — O que me imaginei fazendo incontáveis vezes? Quero te chupar, Jonathan. Quero tomar a enorme longitude inteira de sua formosa ereção em minha boca e quero te chupar com força e lambe suas bolas e tragar cada gota que baixe. Isso é o que vou fazer Jonathan.

Um soluço se rasgou da boca do Jonathan quando sentiu ao Philip agitadamente abrir os botões de suas calças. Philip se distanciou e empurrou a roupa agora aberta para baixo por sobre os quadris do Jonathan, expondo o comprido e grosso pênis do Jonathan, quase púrpura com a excitação. — Sempre que vi uma mulher baixar-se e te chupar, sentia-me insanamente ciumento. Minha boca se inchava de somente imaginá-lo. Agora isto é meu, Jonathan.

Jonathan tinha estado olhando abaixo a seu próprio pênis, mas com as palavras do Philip sua cabeça se fez para trás e golpeio ruidosamente contra a parede. Philip lhe olhou surpreso. — Estas bem? — Lhe perguntou.

— Está-lo-ei se pensa fazer o que estas dizendo. — disse-lhe fracamente.

Philip realizou um som mais sedutor que cômico. — OH sim, claro que o farei. — Ele se desceu ficando sobre seus joelhos diante do Jonathan. Jonathan logo que podia estar de pé. Seus joelhos se sentiram fracos de desejo ao ver como Philip se preparava para chupar seu membro.

— Philip, — disse-lhe ele e esperou que Philip elevasse a vista. — Eu gosto disto. Sou muito afortunado, esta também é uma de minhas fantasias favoritas.

Philip riu com o humor esta vez. — Vê amor, somos perfeitos um para o outro. — Ele derrubou as calças do Jonathan até que tocaram suas botas. — Esta bastante longe do que quero, — disse-lhe ele, sua voz era apenas um sussurro, palpitando de desejo. De repente elevou a vista para o Jonathan. — Ambos fantasiamos sobre isto, Jonathan. Mas tem que saber que também te quero foder, Essa é minha última fantasia. Você também a tem?

Jonathan teve que fechar seus olhos na emoção de luxúria que disparou por ele. Ele sentiu seu traseiro contrair-se com o desejo. — Sim, Deus sim, Philip. Minha última fantasia é ser fodido por ti enquanto fodo a Maggie.

— Sim, sim, Jonathan, esta noite, com Maggie. Você fodera esta noite. A primeira vez Maggie tem que estar conosco, ela tem que ser parte disso. Ela fez que isto passasse.

Jonathan se obrigou a abrir seus olhos, a deter-se e pensar por um momento. Era difícil, o desejo nublava seu cérebro. — Sim. Não deveríamos nos deter aqui, Philip? Quer esperar? — Isso quase o mataria, mas ele se deteria se era o que Philip queria.

— Não, — Philip raspou, abrigando com sua mão o membro do Jonathan. Ele se apoiou e beijou o duro estômago do Jonathan e todos os músculos do Jonathan se contraíram, seu membro deu saltos com o apertão do Philip. — Não, isto é para mim. Sou um bastardo egoísta e isto é para mim.

Jonathan enterrou uma mão no cabelo do Philip. Parecia-lhe que não podia tocá-lo suficiente. Esta tinha sido uma das coisas proibidas mais duras que tinha tido que suportar durante todos estes anos, esse cabelo. Finalmente tinha o direito para passar seus dedos por ele, apertá-lo com seu punho. Esta noite, ele esfregaria seu membro nele.

Depois deste pensamento, Philip se inclinou e lambeu a ponta do pênis do Jonathan, sua língua se deslizou sobre a fatia ali. Jonathan se estremeceu profundamente, empurrando seus quadris contra Philip, mas Philip se retirou.

— Não, Jonathan. Minha fantasia. Quero te chupar a meu modo.

Jonathan gemeu, temendo a tortura sensual que sabia que Philip era capaz de lhe dar, tanta como ele a desejava. Ele queria que Philip o devorasse. Lambê-lo desde seu saco até a ponta, uma e outra vez, para chupar aquelas bolas em sua quente boca e as fazer rodar com sua língua.

Philip o obrigou. Ele começou com uma série de longas e lentas lambidas de acima a abaixo pelos lados de seu membro, sempre retornando para receber a escapada pré seminal da fatia do Jonathan, como se fosse um caramelo especial. Os estrondos de prazer do Philip vibraram com o passar do duro pênis do Jonathan e ele sentiu suas bolas apertar-se. Não ainda, suplicou não ainda me deixe desfrutar da quente boca do Philip e de sua áspera língua mais tempo.

— Meu saco, Philip, por favor, — pediu Jonathan, querendo que os chupasse antes que estivessem muito apertados pelo prazer.

Philip tomou o membro do Jonathan para que descansasse sobre a palma de uma de suas mãos enquanto ele lambeu ao longo do topo. Com a súplica do Jonathan o agarrou em seu punho e o levantou. Ele se sentou no piso sobre seu traseiro e Jonathan olhou como sua cabeça desaparecia entre suas pernas. Jonathan estendeu suas pernas tudo o que podia apanhado por sua calça baixada. Então ofegou e gritou quando sentiu ao Philip lhe chupar ambas as bolas, seu saco inteiro, tomou com cuidado em sua boca e amamentou, fazendo-os rodar com sua língua.

— Por Deus, Philip, — ele soluçou, — sim, amor, sim, as faça rodar justo como eu gosto. — Ele tirou o sarro do Philip com uma mão enquanto a outra voava para um flanco para agarrar-se à parede, procurando agarrar-se nesse torvelinho de entusiasmo e de excitação física que o assaltava. Philip manteve suas bolas em sua boca, trabalhando-as com sua língua durante um tempo curto. Quando ele as liberou, as lambendo com amor enquanto as soltava, Jonathan estava quase incoerente em sua necessidade.

— Deus sabia que isto você gostaria. Olhei a mulheres lhe fazer isso e isto é uma coisa que te volta louco. Agora sei que cada vez que lhe faça isso te voltará louco. Vou fazer freqüentemente. — Jonathan gemeu no prazer, além de palavras. Philip riu em silêncio, sua voz era instável com suas próprias necessidades. — Agora vou chupar seu membro, Jonathan, chupá-lo profundamente.

Jonathan não teve nada de tempo para preparar-se antes que Philip deslizesse seus lábios sobre a cabeça de sua torcida ereção e aplicasse uma sucção profunda, dura, levando sua boca regularmente até a raiz do pênis do Jonathan. Jonathan gritou outra vez e seus quadris atiraram, empurrando seu membro ainda mais profundo na garganta do Philip. Philip o apertou ligeiramente e logo se retirou instintivamente.

— Ah Deus, amor, sinto muito, — ofegou Jonathan, — sinto muito. Muito grande, eu conheço... muito grande para... — Suas palavras eram ligeiramente incoerentes enquanto ofegava com o prazer reprimido.

Philip riu em silêncio quando introduziu em sua boca o pênis do Jonathan. O prazer do Jonathan era tão intenso que parecia que via estrelas diante de seus olhos.

— Isto é bom, — Philip lhe disse, fazendo uma pausa com sua língua sobre sua fátia de onde novamente escapava sua semente, — pode foder minha boca.

Jonathan tomou a palavra. Assim que Philip pôs seus lábios ao redor do membro do Jonathan outra vez, os quadris do Jonathan começaram uma série de impulsos. Ele não podia controlá-lo, não podia parar, nem sequer se o tentasse. A mão do Philip se posou com doçura passando de acima para baixo pelos quadris do Jonathan, como se o domesticasse gentilmente. Ele começou a estudar atentamente seu prazer, recordando o que tinha feito essas incontáveis vezes antes e como o tinha feito agradável não só para ele, mas também para as mulheres que o acompanharam. Ele recordou como a Maggie gostava que o fizesse e fez o mesmo para o Philip. Seus golpes se fizeram duros e ele se assegurou de não empurrar muito profundamente na boca do Philip. Foi recompensado com um gemido de prazer do Philip, pela pressão crescente de sua mão contra seu quadril, e sua boca ao redor de seu membro.

De repente Philip tomou profundamente, empurrando sua cabeça adiante, sua boca tomou quase até a raiz de seu pênis e Jonathan sentiu sua ponta tocar a parte de atrás de sua garganta quando Philip o tragava. Isso foi muito, muito intenso, muito prazer. Era Philip e isso, meditou Jonathan, empurrava-o. Ele sentiu sua semente arrebentar por sua dura longitude e tentou retirar-se, mas Philip não o deixou. Jonathan tomou os lados da cabeça do Philip com força, suas mãos enredadas em seu cabelo. Ele pensou em fazer retroceder a cabeça do Philip, mas se encontrou atirando-o para frente em troca, cedendo diante sua silenciosa demanda, lhe dando o que ele queria. Ele explorou no calor da boca do Philip, gritando, dobrando-se e lutando para manter seus olhos abertos em seu orgasmo assim poderia olhar ao Philip devorá-lo, tragando-o uma e outra vez, tomando o que lhe dava com óbvio prazer.

O ponto culminante foi tão intenso que quase foi doloroso e Jonathan não pensou

que ele fosse a sobrevivê-lo. Quando terminou ele se derrubou como um boneco de pano, caindo a seus joelhos. Só as mãos do Philip sobre seus ombros o mantiveram direito. Philip com cuidado o atirou para frente até que sua cabeça descansou sobre o peito do Philip e seu amante devagar acariciou seu traseiro e seu cabelo enquanto esperava agarrar seu fôlego.

Quando esteve seguro de que ia viver, Jonathan provisoriamente se abraçou com o Philip e levantou sua cabeça para esfregar sua cara contra o pescoço do Philip. Ele se sentiu então, OH Deus, condenadamente bem, melhor do que quase alguma vez Jonathan tivesse experiente, exceto pelo calor do abraço de Maggie. Seus braços se apertaram e ele se deleitou em resposta respondendo o abraço do Philip. Ele beijou um lado do pescoço do Philip e passou seus lábios até o lado do ouvido do Philip

— Obrigado, — sussurrou-lhe e a risada do Philip retumbou contra seu peito.

— É bem-vindo, — sussurrou Philip, inclinando-se para baixo para beijar seu ombro, — embora sinta como se devesse te estar agradecido. Foi tudo o que sonhei e mais. — A mão do Philip correu por cima de seu traseiro e se enterrou em seu cabelo. — Levou-me até o lado, somente sabendo que está louco por mim, como eu, nunca havia sentido algo assim, Jonathan, não até a Maggie.

Jonathan retirou seus braços para trás e começou a controlá-los abaixo pelos lados do Philip, ao redor do seu estômago. Ele alcançava a frente da calça do Philip quando Philip agarrou suas mãos.

— Me deixe... — Jonathan murmurou, ligeiramente atirando contra o afeto do Philip.

Philip riu com genuína diversão. — Já o fez, — disse-lhe Jonathan secamente.

Jonathan se retirou na surpresa, olhando diretamente Philip. Philip jogou uma olhada abaixo a seu regaço e os olhos do Jonathan o seguiram. Ele claramente podia ver um ponto úmido estender-se à frente de sua calça.

— Mas... — Jonathan estava mudo. Ele tinha estado esperando devolver o favor ao Philip e agudamente foi decepcionado. Não só isso, ele não podia acreditar que o só ato de lhe chupar o membro tinha feito ao Philip gozar. Isso lhe provocou um sentimento embriagador, um sentimento poderoso.

— Disse-te que eu deveria te estar agradecendo, — disse-lhe Philip. Diante o silêncio do Jonathan, Philip estendeu a mão e tomou um lado da cabeça do Jonathan, seu polegar acariciou a aguda maçã do rosto do Jonathan. — Disse-te que jamais me havia sentido assim antes. A alegria de finalmente poder te amar, Jonathan, te sentir dentro de minha boca, o te degustar foi suficiente. Gozei contigo. Obrigado.

Jonathan sentiu um enorme sorriso zombador estender-se através de sua cara. Parecia arrogante, ele sabia, mas estava satisfeito e isso não lhe preocupava. Seu sorriso foi sua resposta ao Philip. Philip se apoiou para frente e tomou os lábios do Jonathan. Ele tomou como o tinha feito a noite antes, como o tinha feito esta manhã, como se ele o possuísse. Seu beijo foi dominante, abertamente sexual e emocionante. Jonathan se rendeu a seu poder, dando-se ao Philip com seus lábios a si mesmo, desfrutando deste beijo mais que do que tinha feito com aqueles porque tinham sido anteriores, ou seja, que o que mais se negava a acreditar no fim era verdade. Ele amava ao Philip e Philip o amava, e eles eram amantes. Esta noite Philip faria seu Jonathan e aquele conhecimento estava em seu beijo, despertando ao Jonathan outra vez.

Uma batida repentina na porta de estudo os surpreendeu. Jonathan perdeu seu equilíbrio e caiu para trás sobre suas mãos. Ele parecia completamente decadente, e Philip ficou hipnotizado. A camisa do Jonathan completamente desfeita e fora de seus

ombros, agarrada na curva de seus braços que fluíam ao redor de seu musculoso torso, emoldurando-o maravilhosamente. Seus bíceps se pronunciavam enquanto ele se sustentou com suas mãos e o tentavam quase tanto como o pênis ainda semierguido que se elevava reto do cabelo negro do Jonathan. Suas calças ainda estavam abaixo sobre suas botas, então Philip pôde admirar os músculos firmes de suas coxas, a curva lisa de seus quadris. Sem pensá-lo suas mãos se estenderam para tocá-lo, para reclamá-lo, para despertá-lo, para satisfazê-lo. Uma segunda batida o trouxe para seus sentidos.

— Que demônios quer? — Ele ladrou frustrado em seus desejos.

— Tem visitante Sr. Neville, — disse Cheldra com tom terminante do outro lado da porta.

De repente escutaram sons de cavanhaques movendo-se e outra voz falou.

— Nos deixe entrar, ancião, viemos nos entremeter em uma visita —. A voz do Tony soava divertida e eles podiam ouvi-lo e às risadas do Jason.

— Não entrem, — ordenou Philip forte, parando-se diante do Jonathan para bloquear o da vista da porta. Ele suspirou com alívio quando não foi necessário. Imediatamente, antes que se abrisse uma polegada, a porta se enfrentou a um estalo.

— Por que estamos de pé no vestíbulo? — A voz de Kate veio claramente da porta e Jonathan gemeu como Philip fechou seus olhos de frustração. Eles voaram a abrir-se outra vez com o próximo comentário.

— Atrever-me-ia a dizer que Philip e Maggie estão em uma posição comprometida, — disse Verônica secamente.

— OH Deus, — gemeu Philip com muita dor. Ele estava bastante seguro que ninguém alguma vez tinha sido tão pouco oportuno como seus amigos.

— OH certamente! — Kate trilou feliz do vestíbulo. — Bem esperamos no salão, hum? Há algum salão disponível?Correto Olá! Maggie! —

Philip e Jonathan se olharam um ao outro em um horror incipiente. Não havia modo algum de sair dali sem revelar que Maggie não estava aqui.

— Olá! Maggie? — Kate persistiu. — Realmente, querida, não é nenhuma necessidade de que se sinta envergonhada. Ainda são recém casados. — Eles ouviram o estalo continuado da porta outra vez e Jonathan começou a ordenar sua roupa, quase caindo contra Philip quem inutilmente tentava ajudar.

— Kate, Por Deus, — disse Jason, exasperado parando a agitação. — Somente diga olá! Maggie, então poderemos ir a tomar um chá morno.

Jonathan limpou sua garganta. Philip poderia sentir que seus olhos se alargam com incredulidade. Jonathan lhe dirigia com seu olhar uma pergunta frenética e ele não tinha nem idéia de como responder. Deixarei que Jonathan dita, pensou.

— Umm, — Jonathan disse diante o repentino silêncio repentino do outro lado da porta, — não é Maggie. Sou eu, Jonathan.

A risada de Verônica rompeu a tensão. — OH isto é muito! — Verônica rugiu. — OH que maravilhosamente delicioso! Devo dizer a todos?

— Verônica! — A voz de Kate foi severa, mas se abrandou bastante em seu seguinte comentário. — Bem, ninguém é tão parvo como para não ver as possibilidades, meus queridos. Estaremos no salão. Toma seu tempo.

Com seu último comentário Jason e Tony foram ao parecer incapazes de reprimir sua hilaridade um momento mais largo e sua risada animou a de Verônica a novas alturas.

Philip se deu volta para olhar ao Jonathan, e ele não podia ajudá-lo. Ele começou a sorrir abertamente para ser acompanhado quando Jonathan fez o mesmo.

— Bem, atrevo-me a dizer que vai ser duro entrar no salão, — Philip falou arrastando as palavras.

— Duro? — Jonathan soprou. — Nem sequer o diria assim. Vou por uma garrafa de brandi imediatamente. — Finalmente ele conseguiu ficar de pé com a ajuda do Philip e entre os dois prenderam suas calças. Riam com força enquanto tentaram prender um botão sua camisa durante ao menos um minuto ou dois.

Eles se dirigiram para a porta juntos e Philip não pôde a parar ao Jonathan para lhe dar um último beijo. Foi breve, mas sensível, com uma promessa da noite por vir. As palavras não foram necessárias quando se separaram e Philip abriu a porta.

Só para encontrar ao Cheldra do outro lado. — enviei refrescos ao salão, Sir, — disse ao Philip, enfrentando-o diretamente. — Também tenho feito subir a um criado com a água quente para barbear ao Senhor Everton e lhe apresentar roupa limpa. — Sua cara era impassível, mas seus olhos pareciam felizes alegres.

Philip limpou sua garganta enquanto olhava o rubor nas bochechas do Jonathan com a vergonha. — Sim, pois obrigado, Cheldra. Bem feito. — Ele agarrou o cotovelo do Jonathan e o dirigiu para a escada. Nem sequer tinha pensado em limpar-se antes de ver o Jason e a família. Estava muito maluco pelo amor e o desejo para pensar claramente. Agradeço a Deus pelo Cheldra. Ele se sentiu rir estupidamente e agarrando a mão do Jonathan o levou para a escada, arrastando-o e sorrindo detrás dele.

Jonathan descobriu meia hora mais tarde que se sentia aliviado de ser capaz de parecer amistoso e despreocupado ao redor de seus amigos e não duro. Estava aturdido, a experiência intensa desta manhã com o Philip quase tinha sido como um sonho. Seu melhor amigo realmente se feito seu amante? Ele fechou seus olhos brevemente e imaginou ao Philip como tinha estado àquela manhã, ajoelhando-se em seus pés, chupando vorazmente o pênis do Jonathan, tragando sua semente até que o mesmo Philip se correu com o prazer de ter o pênis do Jonathan em sua boca, seu corpo nu ao seu dispor. Encontrava difícil o concentrar-se no que Jason dizia, mesmo que falava do Robertson.

As lembranças fizeram que o membro do Jonathan começasse a inchar-se e seus olhos se abriram alarmados só para encontrar o olhar divertido do Tony. O outro homem se aproximou para ele de onde se encontrava apoiado perto da janela.

— Então devo acreditar que as coisas estão melhores que quando estiveram em nossa casa recentemente? — Tony lhe perguntou com cuidado, olhando-o com viveza.

Jonathan tomou um sorvo do chá e como Jason havia predito já estava na verdade morno. Ele usou o tempo para lhe dar uma resposta.

— Sim, tudo está bem, — respondeu-lhe evasivamente.

Tony riu baixo. — A ver, Jonathan, isso é muito circunspeto. É ao Tony ao que te dirige. Pediu-nos ajuda com a Maggie. Ela veio?

Jonathan suspirou e deixou sua taça. Era óbvio que Tony não seria dissuadido, e eles realmente tinham com ele, Jason e Kate uma dívida de gratidão. Sua intervenção, Jonathan acreditava lhes tinha ajudado a lhes trazer para Maggie.

— Sim, — ele riu do Tony, — Maggie aceitou aos dois em sua vida, da mesma maneira que você, Kate e Jason estão juntos.

Tony o aplaudiu sobre o ombro com cuidado. — Estou contente, Jonathan. Parece mais feliz do que alguma vez te vi, sobre vocês dois. Como se sente Maggie sobre

vocês?

Jonathan se esticou. Apesar das afirmações do Philip esta manhã, ele se sentia apreensivo sobre se Maggie havia se dado conta de que os dois homens que ela acabava de dar a bem-vinda a sua cama tinham girado e se feito amantes só umas horas mais tarde. Até fazia muito pouco Maggie tinha estado disposta ser amante de seu marido. Se, ela os tinha aceitado sexualmente, mas não retrocederia ao pensar em dois amantes que se fodiam um ao outro? Jonathan compreendia que seu maior medo consistia em que Maggie faria que ele e Philip se tomassem um ao outro sem que ela soubesse. Ele acreditava que não poderia fazê-lo. Nem tampouco estava disposto a fazê-lo oculto. Eles teriam que cortejá-la em sua cama outra vez para seduzi-la e que aceitasse esta nova relação física?

Seu silêncio prolongado alertou ao Tony que algo estava mau. — Ela não o aceita? — Perguntou-lhe, com voz neutra.

— Não, não, não é assim, — Jonathan se precipitou em assegurá-lo. Ele não queria que Tony pensasse mal de Maggie. Ela nunca havia dito uma palavra pouco amável sobre ele e Jason, e ela sabia a natureza de sua relação. O pensamento aliviou ao Jonathan.

— É somente que, pois ela não sabe, — Jonathan terminou de ouvir a culpa e a incerteza em sua própria voz.

— Ela não sabe? — Tony nem sequer tentou mascarar sua incredulidade, e sua voz se elevou. — O que é o que acredita que ela não sabe?

Seus comentários chamaram a atenção de outros presentes no quarto. Wolf Warrant e Michael Kensington tinham chegado com os outros quatro, mas esperaram corretamente no salão enquanto seu anfitrião aparecia, omitindo assim a cena na porta do estudo. Era evidente, entretanto, que eles tinham sido informados quando Jonathan e Philip tinham baixado.

Com o comentário do Tony, Philip se aproximou do Jonathan. — Temos a intenção de dizer-lhe Tony. Não é como se confabulássemos detrás dela.

Jason lhes aproximou, Kate ia detrás dele. — Não é assim se ela não souber? Quanto tempo veio acontecendo isto?

Diante o tom, a cara do Philip se deu volta e levantou uma sobrancelha arrogante para o Jason. Antes que ele pudesse falar, Jonathan estendeu a mão e pôs uma mão a seu braço. Quando Philip o olhou, ele sacudiu sua cabeça ligeiramente e ele sentiu que os músculos no braço do Philip se relaxam. Ele viu que outros notavam sua intimidade, mas não se preocupou. Eles já sabiam e não queria que Philip dissesse algo que poderia pôr em perigo sua amizade com o Jason.

— Sei que só te interessa o bem-estar de Maggie, Jason, mas isto fica entre nós três. — Jonathan disse o homem mais velho brandamente. — Como é um amigo, um bom amigo, como todos vocês, — ele fez uma pausa para olhar ao redor do quarto a outros, — dir-lhe-ei que este... aspecto de nossa relação é bastante nova e antes que nós o estabelecêssemos tomamos a decisão de incluir a Maggie quanto antes. E logo chegaram... — Isto último foi dito com uma risada pesarosa e conseguiu o efeito desejado. Jason riu e logo todos outros e a crise se afastou.

— Juro-o, nunca fui acusado de inoportuno antes e claramente nos colocamos onde não devíamos. Sinto muito, moços, tomaremos uma retirada. — parecia um general dirigindo a todos e cada um para a porta de salão.

— Realmente creio que é inteligente que o digam a Maggie o quanto antes, — disse

Kate da porta do salão abrindo-a para o exterior para deixar a entrar Maggie. Ela estava vestida em uma formosa bata de tom pêssego, a cor que dava um tom rosas a suas bochechas e destacava os brilhos de seu cabelo negro no contraste. Ela era tão formosa que por um momento Jonathan não pôde falar, muito menos pensar em lhe dizer a verdade.

— Me dizer o que? — Maggie perguntou com um sorriso como ela alcançou ambas as mãos ao Kate em bem-vinda. Kate tomou suas mãos e as mulheres intercambiaram ligeiros beijos nas bochechas ao saudar-se. Ninguém disse nada porque todos começaram a saudar a Maggie com beijos e no buliçoso tumulto Jonathan e Philip intercambiaram um olhar duro. A esperança do Jonathan de que Maggie esquecesse o comentário foi esmagada imediatamente apesar de tudo.

— Que amável são todos! — Ela exclamou. — Mas não partem já, verdade? Não me teria demorado na cama se tivesse sabido que estavam todos aqui. — Ela sustentou a mão de Kate enquanto se dava volta para o Philip e Jonathan com uma risada. — Ambos são horríveis por fazer uma festa sem mim. Agora, o que tem que me dizer?

Com sua pergunta várias bochechas avermelharam enquanto todos começaram a recordar de repente porque partiam. Maggie tentou falar eles para que ficassem, mas depois de vagas desculpas de coisas por fazer, outros compromissos, e promessas de voltar logo, avisando que viriam. Isto último o disse Jason com um sorriso zombador ao Jonathan e Philip, e logo eles se foram.

Maggie se deu volta com uma risada doce depois de que a porta se fechou. Jonathan não pôde resistir a aproximar-se para ela, apertando-a contra si, e sentindo seu calor elevar-se desde seu quadril para percorrer sua cintura e acariciar seu estômago e seu membro por sobre sua roupa.. Ele tomou sua mão para seus lábios e colocou um beijo ali sobre sua palma, seus olhos se fecharam diante seu aroma, seu gosto e seu toque.

— Os amo, — sussurrou Maggie, e Jonathan abriu seus olhos para ver o Philip sobre ela ao outro lado. Maggie estava entre eles, seu olhar era intenso e queimava como se refletisse as lembranças da noite passada. Philip também se apertou contra ela e fuçava seu pescoço. — Os senti falta esta manhã, moços travessos, me abandonando absolutamente só naquela enorme cama que cheirava como vocês.

Jonathan sorriu abertamente, e ele sentiu a risada do Philip, a vibração que passava pela Maggie. Que coisa gloriosa esta comunhão.

— Pensamos que poderia necessitar um pequeno descanso querida, — Philip falou arrastando as palavras enquanto se arrancava de seu pescoço. — Realmente temos uma vida, sabe. Não há nenhuma necessidade de te desgastar tão logo.

A risada de Maggie explorou terminante. — Me desgastar? Apenas. Acabou de começar, — ela ronronou e girou sua mão para o Jonathan para colocar um beliscão agudo sobre seus nódulos. A picada fez mover de quadris contra ela, e outra vez ela riu. Jonathan arriscou uma olhada no Philip e o encontrou olhando-os. A ele e Maggie avidamente. Ele sentia nestes dias seu pênis sempre, começar a crescer, e se retirou.

Maggie suspirou. — Ah bem, teremos que esperar até mais tarde, supondo. Agora, o que quer me dizer? O suspense é insuportável. — Seu olhar foi rápida e divertida enquanto ela olhava primeiro ao Philip e logo ao Jonathan.

Philip começou a falar, mas Jonathan o interrompeu. — É uma surpresa deliciosa, Maggie, a que terá que esperar até esta noite. — Esta vez foi seu turno para beliscar em seus nódulos, e Maggie gemeu.

— É muito cruel, — lhe disse e se deu volta para o Philip. Ela ficou sobre a ponta dos pés e estendeu a ponta de sua deliciosa língua rosada e lambeu ao longo de seu ouvido externo. — Me quer dizer isso meu amor? — Ela o enrolou.

Philip gemeu e se retirou o suficiente para girar sua cabeça e reclamar a boca de Maggie com a sua. Jonathan viu seus lábios, suas línguas entrelaçadas enquanto eles se beijaram apaixonadamente. Sem pensá-lo estendeu a mão e acariciou a ambos, uma mão se deslizou pelas costas de Maggie e seu traseiro, outra mão a apertou sobre o corpo do Philip. Ambos gemeram, e Jonathan retirou sua mão do Philip antes que Maggie pudesse vê-lo.

Philip terminou o beijo, seu fôlego era rápido e instável. — Ah é uma empregada encantadora, — disse ao Maggie com fingida cólera. — Não me seduzirá por meus segredos neste dia, mulher, — ele grunhiu, e aproximou seu pescoço para fuçar nela monotonamente.

Maggie chiou e se separou de ambos. Ela se afastou a uns pés de distância e assumiu uma postura descarada, suas pernas abertas, seus punhos descansando sobre seus quadris. Com audácia inspecionou a ambos os homens, detendo uma quantidade de tempo excessiva sobre as torcidas entre pernas de ambos. — Bem, meu trabalho aqui está feito por agora, — ela lhes disse com desdém e deu volta para a porta. — Mas cuidado com minha ira se não me disserem seu segredos esta noite.

Capítulo Treze

Antes que Maggie entrasse na sala de jantar soube que algo passava. Nem Philip nem Jonathan tinham aparecido a acompanhá-la para jantar, em troca o criado de Philip, François, aproximou-se para dizer que eles a esperavam na sala de jantar. Ela descia lentamente pelas escadas e se aproximou da porta com agitação. Antes de aproximar-se, um lacaio lhe abriu a porta e pôde ver que ambos os homens estavam de pé perto do final da mesa. Eles deram a volta para confrontá-la e ela teve a impressão de ter interrompido uma conversa.

Ela riu, corajosamente esperou. — Devo sair e me anunciar? — Ela perguntou, tentando ocultar sua inquietação.

Philip sorriu. Esse sorriso lento, sedutor que curvava as comissuras de sua boca obtendo que seu coração se pusesse a correr. Isso significava que ele tinha coisas deliciosas planejadas e que já se sentia impaciente por seus experimentos íntimos.

— Nada pode nos preparar para ver-te, Maggie, — ele disse congenitamente. — Anunciada ou não, sua beleza para toda a conversa e desconcerta a mente.

Ela jogou uma olhada nervosamente ao Jonathan e lhe fez uma careta zombadora que deteve seu coração. Sob a luz ele parecia aberto e contente. Até fazia tão somente umas semanas tinha sido sério e zangado. Ela tinha feito isto? Tomá-lo por fim em seu coração e em sua cama sem reservas tinha liberado a este maravilhoso homem de seus demônios? Ela o esperava. Seu comportamento brincalhão aliviou o nervosismo de Maggie. Philip podia dissimular se algo desagradável passava, mas Jonathan não era muito bom em ocultar seus sentimentos.

— Exageraste o louvor para ganhar? — Maggie gracejou ao Jonathan enquanto se aproximava para eles. Philip deu um passo para frente para encontrá-la a metade do caminho, enquanto Jonathan ficava onde estava. Ele apoiou seus braços no alto

respaldar de uma das cadeiras da sala de jantar e inclinou sua cabeça para um lado, olhando-a com uma risada brincalhona.

— Eu não sabia que tinha que ganhar, — disse-lhe ele, sua voz soava divertida. — Assumi que queria fazer sexo tanto como nós.

Suas palavras fizeram Maggie afogar-se detrás de sua risada. Ela jogou uma olhada ao Philip com a comissura de seus olhos e o viu levantar uma sobrancelha para o Jonathan sugestivamente. Seu coração tropeçou em seu peito com o que aquele gesto poderia significar. Seu plano tinha funcionado? Tinha obtido que se seduziram com seu desejo por eles?

Ela limpou sua garganta com delicadeza. — Vamos, Jonathan, — ela o arreganhou enquanto Philip retirava sua cadeira e ela se sentou com exagerado decoro. — Essa é a maneira correta de falar com uma dama no jantar? Posso ver que teremos que trabalhar sobre suas maneiras. — Ela apoiou seu queixo na palma de sua mão, seu cotovelo descansava sobre a mesa diante dela. — Philip? Não acreditas que temos muito que ensinar ao Jonathan? — Ela deixou a seus olhos arder sem chamas no Jonathan enquanto piscava lentamente e lhe respondeu com um olhar quente enquanto dobrava sua cabeça ligeiramente.

— Minhas desculpas, Maggie. Mas não havia nenhuma dama em nossa cama ontem à noite. Só uma gata selvagem.

Foi o turno do Philip de afogar-se detrás da risada. — É obvio Maggie, definitivamente teremos que ensinar ao Jonathan algumas lições esta noite.

Maggie olhou ao Jonathan lhe dar o mesmo olhar quente que Philip tinha dirigido a ela, e já não pôde seguir respirando normalmente, o entusiasmo a afogava. Philip se afastou de sua cadeira com um ligeiro golpe sobre seu ombro, somando-se ao tinido de calor que corria por ela. Jonathan afastou a cadeira da cabeceira da mesa e a retirou para o Philip. Philip descansou sua mão sobre o Jonathan um momento antes que ele se desse volta e se afastasse. Uma vez que ele se sentou, Philip olhou diretamente ao Maggie. Seu olhar falou e Maggie teve suas respostas. Compreendeu que também Philip esperava uma resposta dela.

Com muito cuidado desdobrou seu guardanapo e o pôs através de seu regaço. Sem olhar diretamente em nenhum deles, Maggie disse, — Hum, sim, esta noite. Tenho algumas ideias sobre como educar ao Jonathan nos pontos mais finos Philip, mas se você já tem projetos estou mais que disposta a participar deles também. Então ela elevou a vista para o Philip e viu o suave sorriso em seus lábios. É obvio, ele tinha entendido. Ela olhou de forma significativa ao Jonathan, e foi claro que ele também tinha entendido.

— Maggie, — Jonathan começou com voz afogada.

Maggie o interrompeu. — Estou completamente encantada em que você e Philip tenham encontrado o modo de satisfazer-se mutuamente esta manhã enquanto eu dormia Jonathan. Mas a próxima vez, por favor, me desperte.

Philip abertamente riu. — Satisfação mútua não, minha querida, não ainda. Deixamos-lhe dormir e nos asseguramos de que você não perdesse nada. — Jonathan se ruborizou, o que fez que Maggie o amasse mais.

— Bom, — Maggie disse sucintamente. — Teria lamentado ter que castigá-los a ambos.

— Não, não, — disse Jonathan brandamente e Maggie o olhou para vê-lo imitar sua anterior postura, seu queixo em sua mão, enquanto a olhava com adoração. Ela

absorveu esse olhar por completo deixando-a cheia da alegria, de amor e luxúria. Jonathan seguiu quando teve sua atenção. — Enquanto nos beije antes, ou depois, ou melhor, ainda, durante...

Maggie podia sentir sua cara avermelhar, mas não com vergonha. — Jonathan, se não deixar de me olhar assim nos encontraremos com outro jantar interrompido e tenho fome.

Jonathan riu em silêncio. — Não posso fazer nenhuma promessa, Maggie, mas o tentarei. Come rápido.

Maggie alcançou a campainha a seu lado para chamar que sirvam o jantar. — Fá-lo-ei. — ela disse com uma risada.

Durante o jantar a conversação girou a temas ligeiros. Perto do final da comida eles especularam sobre a presença dos dois jovens, Kensington e Tarrant, com as visitas do dia.

— Claramente eles não são estranhos na casa do Jason, — Philip disse enquanto bebeu a goles seu vinho. — Sua interação com Verônica, e até com o Jason, Tony e Kate, é muito familiar, quase íntima em realidade. Não me surpreenderia se algumas intenções já foram declaradas.

— OH não sei, — respondeu Maggie. — Não estive presente durante a maior parte de sua visita, mas é verdade, senti certa vacilação no Kensington e alguma confusão entre Lorde Warrant e Verônica. Penso que eles ainda provam as águas por ali.

Jonathan riu. — Não muito mais prova, espero. Creio que Kensington provou suficiente paciência de parte do Jason Tony faz vários meses quando ele e Verônica foram agarrados em uma posição um pouco comprometida.

— Sério? — Maggie respirou, escandalizada. — Que tem Lorde Tarrant que fazer com eles? Ele é também um pretendente?

Philip riu ironicamente. — Do mesmo modo em que Jonathan foi também um pretendente para sua mão, meu amor, só que seu não o compreendia. Creio que Verônica sim o faz.

— OH. — Maggie bebeu a sorvos seu vinho enquanto ela considerava sua declaração. Como teria atuado se ela tivesse compreendido que tanto Philip como Jonathan lhe faziam a corte, com a intenção de compartilhá-la em sua cama e em sua vida? Provavelmente com a mesma confusão que Verônica mostrava. Ela os disse tanto ao Philip como ao Jonathan.

— Possivelmente, — respondeu Philip.

Jonathan suspirou. — Não possivelmente, mas com toda probabilidade. Verônica é jovem, Philip, e se ela já conhece a natureza não só da relação que eles desejam ter com ela, mas também a relação que já existe entre o Wolf e Kensington, então ela está naturalmente turvada.

— Relação? — Maggie perguntou. — Que acredita?

Philip lhe sorriu ironicamente. — Ele acredita que eles são amantes, meu amor.

Maggie quase deixou cair sua taça de vinho. Philip a olhou, sua surpresa descolorou a cara do Maggie ao branco. — São-o? — Ela perguntou, sua voz traiu sua confusão.

— Maggie, eu acreditei... pareceu-me que você... — Jonathan olhou ao Philip com consternação.

— Maggie, — Philip perguntou, sua voz era séria, — O que te alarma?

Maggie o olhou sinceramente surpreendida. — Por que isto deveria me alarmar? Apenas os conheço. Somente me surpreendi. — Ambos os homens visivelmente se

relaxaram. A cara de Maggie se acendeu com a compreensão. — Ah pensou... — ela riu com alegria. — Não, não, me deixe que o esclareça. Estou muito impaciente por que ambos sejam amantes. É isto bastante claro? Eu somente não tinha nem idéia de que Kensington e Lorde Tarrant fossem. Eles não mostraram nenhum sinal de intimidade.

Philip não tinha compreendido que tinha estado sustentando seu fôlego até que Maggie falou e de repente sentiu seu peito apertar-se. Ele não a tinha lido incorretamente então. Ela realmente queria a mesma coisa que eles.

— Quanto ao último, amor, não tenho nenhuma resposta. Cada par, — ele fez uma pausa e riu tanto de Maggie como Jonathan, — ou trio de amantes é diferente supondo. Quanto a seu primeiro comentário, — ele fez retroceder sua cadeira e esteve de pé, sacudindo seu guardanapo à mesa, — penso que nós deveríamos explorar a viabilidade daquele plano imediatamente.

Maggie riu outra vez, e Philip poderia ver a gata selvagem da que Jonathan tinha falado mais cedo espreitando no brilho de seus olhos. — Imediatamente, — ela se ergueu com cuidado colocando seu guardanapo ao lado de sua taça de vinho vazia sobre a mesa. Philip veio para retirar seu respaldo, e ela ficou de pé.

Philip descansou sua mão sobre seu pequeno traseiro e jogou uma olhada ao Jonathan, esperando vê-lo elevar-se tão impaciente como ele e Maggie o estavam. Em troca Jonathan estava sentado congelado em sua cadeira, olhando-os fixamente com incredulidade.

— Jonathan? — Ele perguntou brandamente, inconscientemente escorregando em seu tom de voz, o suave e escuro tom que tinha empregado quando fizeram amor na manhã.

Jonathan elevou a vista para ele, sua expressão era pesarosa. — estive pensando nisso todo o dia, mas agora que isto finalmente passa, encontro-me bastante nervoso. — Ele jogou uma olhada a Maggie e Philip desamparadamente. — Não estou seguro do que fazer.

— OH meu amor, — gritou Maggie, precipitando-se a seu lado. Jonathan empurrou seu respaldo enquanto ela se aproximava e se ajoelhou a seu lado, suas mãos sobre suas coxas. — Não tenha medo, te tranqüilize, é somente quanto Philip e eu lhe amamos. Não faremos nada que você não goste, prometo-lhe isso.

Jonathan a levantou e a atirou sobre seu colo. Ele enterrou sua cara em seu pescoço, e Philip pôde vê-lo pressionar um beijo ali em um ponto sobre seu pulso. Como sempre vê-los junto fazia ferver seu sangue, seu membro se endureceu com força e dolorosamente pelo que devia vir. As seguintes palavras do Jonathan o obrigaram a rir, em que pese a tudo.

— Alguém mais vê a ironia de uma doce e inocente Maggie tentando acalmar meus nervos sobre uma nova proeza sexual?

— Apenas uma proeza, amor, — Maggie ronronou quando passou seus dedos pelo cabelo do Jonathan. — Esta é a primeira vez para ti. Confie em mim, entendo isto. E me deixe te tranqüilizar, Philip é muito bom tomando sua virgindade.

Jonathan levantou sua cabeça, com expressão sobressaltada. Philip tinha estado movendo-se em sua direção, mas ele também fez uma pausa.

— Meu Deus, Maggie, — raspou Philip, de repente vencido por uma luxúria tão chamejante que se não se detinha cairia. — Nunca pensei nisso assim. Que eu sou o primeiro para o Jonathan, seu único. — Ele olhou ao Jonathan. — Jonathan, amor, sinto-me humilhado pelo presente que me dá.

— Eu... eu tampouco nunca pensei em mim como uma virgem, — confessou Jonathan com vergonha. — Que noção estranha, mas adequada supondo. Nunca pensei tomar a outro homem como amante, só ao Philip. Sempre foi ele. Ele me disse esta manhã que já somos amantes, e que isto é sozinho uma formalidade, e adivinho que em meu coração sinto da mesma maneira. Minha cabeça, entretanto, reconhece a verdade da observação de Maggie. — Seu olhar viajou entre os dois. — Não posso pensar em duas pessoas mais agradáveis com a quais perder minha virgindade.

Seu zombador sorriso brincalhão enquanto falava fez que o coração do Philip se apertasse com seus sentimentos. Tenho que me controlar, Philip se exortou. Não posso me deixar vencer pela emoção sempre que estou com eles. Mas enquanto tentava pensar com lógica sentia nublar seus olhos e suas mãos tremer. Ele cruzou o quarto rapidamente, com compridos passos, e foi seu turno de ajoelhar-se aos pés do Jonathan e Maggie, quem estava ainda em seu regaço.

— Deus, amo a ambos. Os hei dito? Quanto os amos? — Philip perguntou com voz instável, mas cheia de vulnerabilidade, diante do comentário do Jonathan, diante a situação inteira.

Jonathan riu e esta vez foi uma risada cheia e baixa e emprestada de sexo. — Qual é nosso ponto, Philip? Aqui temos uma formosa e disposta mulher, em meu regaço, e nos pomos sentimentais. Não hei passado os últimos quinze anos a não ser procurando o favor de uma mulher que queira estar em meu regaço.

Maggie riu com grande alegria. — Logo que quero. OH bem, adivinho que o faço, mas não tenho medo de deixar passar desse estado. O pensar no que realmente virá me tem zumbindo em todos os lugares adequados, entretanto, vamos levar se bem com isso.

De repente ela ofegou enquanto a frente de seu vestido se abria. Jonathan riu com maldade para o Philip. — Parece que não perdi minhas habilidades, — ele disse enquanto tomava com sua mão o vestido de Maggie afastando-o de seus peitos e deixando-os livres, lentamente. .

Philip se levantou mais alto sobre seus joelhos e enganchou com um dedo a regata de Maggie, baixando-a sobre seus peitos, expondo-os aos olhares famintos de ambos os homens. — OH não, amor, e eu tampouco Maggie quer ser uma parte de nosso jogo e naturalmente será meu prazer lhe conceder seu desejo. — Ele se apoiou e colocou sua boca ao redor da auréola de seu mamilo, tomando e o chupou profundamente. Maggie ofegou outra vez e se agarrou pelo Philip. Pelo lado de seus olhos Philip viu como Jonathan rodeava a taça do outro peito de Maggie, amassando-o devagar e profundo. Então Jonathan abrigou com seu polegar e índice a excitada ponta. Beliscou-o e atirou com força. Maggie gemeu e empurrou seus peitos para frente e Philip se retirou e lambeu o vermelho mamilo franzido por seu chupar.

Jonathan falou e suas palavras quase fizeram que Philip rasgasse e abrisse os botões de suas calças, para toma ao primeiro companheiro disposto que pudesse tirar da cadeira.

— Maggie, quando Philip me foder esta noite quero que o meu membro enterrado dentro de sua doce concha quente envolta ao meu redor como uma luva de seda. Quero senti-los aos dois, foder com os dois. Saberá o que sinto porque também o sentirá. Quero que ambos me amem, beijem-me, chupem-me, enquanto lhes faço o mesmo. Quero fode-los a ambos toda a noite durante muito tempo. — Ele fez uma pausa, seu fôlego era desigual. — Mas não quero fazê-lo na sala de jantar.

Tanto Maggie como Philip riram ofegando. — Sim, creio que necessitamos um alojamento mais suave para isto, — esteve de acordo Philip. Ele esteve de pé enquanto soava uma batida na porta.

Jonathan puxou a Maggie para si para tampar seus peitos nus e Philip se girou para enfrentar a porta, bloqueando-os a ambos detrás dele. — O que acontece?— Ele perguntou, sua voz denotava com clareza que a interrupção era inoportuna.

— Há uma mensagem para você, senhor, — disse Cheldra com calma do outro lado da porta. — É de Lorde Randal, e o moço disse que era urgente.

Philip jogou uma olhada sobre seu ombro ao Jonathan. — Robertson—, disse severamente e rapidamente se dirigiu para a porta. Ele o abriu somente um pouco, bloqueando a vista do Cheldra, e pôs sua mão imperiosamente. Uma vez que ele teve a nota sem cerimônias fechou a porta sobre o Cheldra sem uma palavra.

Jonathan começou a levantar colocando a Maggie no chão e imediatamente começou a ajudá-la com sua roupa. — Está tudo bem, Philip? — Perguntou Maggie, sua preocupação era evidente.

Philip terminou de ler a nota e elevou a vista para seus companheiros. — Jason pede que Jonathan e eu vamos imediatamente. Algo há passado, mas não diz o que.

— OH Philip, é Kate, está bem? É o bebê? — Maggie já estava outra vez vestida, embora um pouco despenteada. Ela se aproximou do Philip e Jonathan por detrás.

— Não sei Maggie, — Philip lhe disse, frustrado. Ele girou e abriu a porta para encontrar ao Cheldra que esperava através do corredor, bastante longe como para não ouvir nada da conversação privada que tinham mantido os três. Philip se surpreendeu novamente com força de ver quanto confiava naquele ancião. .

— Agradeço a Deus o que você esteja ainda aqui, Cheldra, — disse-lhe, aliviado. — Poderia selar nossos cavalos? O moço que trouxe a mensagem ainda está aqui?

— Não, senhor ele se retirou assim que a entregou. Não levava o brasão de Lorde Randal.

Philip pareceu mais preocupado que antes. — Traga os cavalos, Cheldra. — Ele se deu volta para o Jonathan. — Necessita algo antes que nos partamos?

— Não, estou preparado. — Jonathan se deu volta a Maggie. — Enviar-lhe-emos notícias assim que saibamos algo, meu amor. — Ele se apoiou para frente e beijou sua têmpora. — Contarei os minutos, Maggie, até nossa volta.

— OH Jonathan, sejam cuidadosos, — sussurrou Maggie, seus próprios lábios roçaram ligeiramente sua bochecha.

Philip sabia que ambos tinham muitas vontades de dizer ou fazer mais, mas para então a um lacaio tinha aparecido com chapéus e luvas e Cheldra esperava na porta de entrada.

Jonathan a contra gosto se arrancou e Philip cruzou de um limiar para a Maggie. Ele a arrastou aos seus braços e a abrigou em um apertado abraço, sua boca caiu sobre a sua. Ele a beijou como se eles estivessem sozinhos, como se o único lugar aonde devia ir era a sua cama sem preocupar-se de nada neste mundo mais que de seus suaves e doce lábios, enquanto seu corpo se curvava contra o seu. Logo se arrancou Maggie, aderida a ele.

— Philip, — ela sussurrou, sua palma foi descansar sobre sua bochecha quando ele a olhou.

— Tenho projetos para esta noite, Maggie, — ele sussurrou em seu ouvido enquanto aspirava seu aroma. — E nada arruinará isso, nada.

Capítulo Quatorze

Quando eles chegaram onde Jason morava, Jonathan esperava ver a casa iluminada e imersa em um rajada de atividades apoiado na nota concisa do Jason. Em troca, havia poucas luzes nela e se via quase como se a casa se retirou durante a noite. Ele compartilhou um duro olhar com o Philip. Eles deixaram seus cavalos sobre a rua, apressando-se para a escada. Philip golpeou com força a aldrava na porta. Teve que chamar duas vezes antes que a porta fosse aberta pelo mordomo.

— Sim, senhor? — Perguntou-lhe corretamente. Ele não parece transtornado, pensou Jonathan, mas era somente um mordomo.

— Lorde Randal chamou por nós, — Philip disse de maneira cortante, empurrando-se por diante dele para a casa enquanto tirava o chapéu e suas luvas e os passou ao laçao. Jonathan o seguia detrás. Algo não está bem aqui, pensou.

— Lorde Randal? — O mordomo lhe perguntou, sua expressão era confusa. — Está você seguro, senhor?

— Certamente que estou seguro, — Philip disse com irritação, — vá e traga-o. Diga-lhe que Sir. Neville e o Senhor Everton estão aqui.

— Philip?

A voz era jovem, doce e feminina. Jonathan se deu a volta para ver Verônica na porta de salão. Esta se abriu mais ampla e Kensington apareceu. Ele podia ver o Wolf Warrant deixando uma taça de vinho enquanto se levantava no quarto mais à frente.

— Passa algo mau? Posso ajudar? — ofereceu Verônica. Ela ria de maneira incitante e Jonathan pôde ver quando Philip começou a suspeitar que algo estivesse mau.

— Jason me enviou uma mensagem urgente, — disse Philip, perplexo. — Ele pediu ao Jonathan e a mim que viéssemos imediatamente.

Esta vez foi o turno de Verônica para parecer confusa. — Certamente você se confunde — lhe disse ela.

— Jason, Kate e Tony se retiraram faz um momento, — disse Kensington com uma risada sardônica. — Duvido que eles tenham lhe enviando mensagens urgentes.

Verônica girou para ele com força. — Kensington, realmente, — disse-lhe ela, exasperada. Wolf havia passado a seu lado e se colocou onde tinha estado apoiando-se contra o marco de porta.

— Tem ainda a nota, Philip? — Perguntou-lhe Wolf, dirigindo-se perto do Kensington e Verônica apresentando sua mão ao Philip.

Philip tomou a nota do bolso de sua jaqueta interior e o passou ao Wolf.

— Não há nenhum selo, — observou Wolf antes de abrir a nota. — diz que lhes solicita que se apresentem aqui imediatamente, mas não diz por que, e tampouco aparece assinado. Verônica é possível que Jason a tenha enviado antes ou quando logo que chegasse? Isto realmente diz urgente.

— Bem, não posso imaginar por que, — disse Verônica, surpreendida. — Nós os vimos esta tarde, depois de tudo. É possível que fale de algum negócio urgente? E não creio que se retirasse se os esperava.

— Esperava a quem? — Disse uma voz da escada, e todos eles deram a volta para ver o Jason baixar os degraus, ainda assegurando o laço de sua bata enquanto ele seguia ao mordomo para baixo.

Jonathan lançou um suspiro de alívio. Agora o mistério estaria solucionado.

Philip deu um passo para frente. — Jason, graças a Deus. O que é tão urgente que necessita do Jonathan e de mim para mandar nos buscar?

Jason tinha alcançado o último degrau e parou diante da pergunta do Philip. — De que falas? — Perguntou-lhe com irritação. — Não te enviei nada.

— Bem, alguém o fez. Sua nota dizia que viéssemos com urgência a sua casa. — Philip deu a volta para o Wolf que tinha aproximado do Jason a nota. Jason o encontrou a metade de caminho e tomou a nota. Depois de uma rápida leitura se deteve, elevou a vista com preocupação.

— Bem, obviamente não escrevi isto. Esta não é minha letra e não tem meu selo.

Philip suspirou com frustração. — Pensei possivelmente que seu secretário a teria escrito por você ou alguém mais. Minha mente corria com vários guias catastróficos com o Robertson em liberdade.

O olhar do Jason era grave. — Possivelmente Tony ou Kate? Mas duvido disso. Esta não é sua escritura tampouco. — Ele se voltou para seu mordomo. — Jenkinsita—, disse-lhe e indicou com um movimento rápido de sua cabeça que subisse, pelo visto queria ao Tony e Kate.

Ele estava à metade de caminho sobre a escada quando se fez óbvio que Tony e Kate já vinham. Jonathan ouviu suas risadas enquanto eles foram pelo corredor para a escada.

— Tony, Kate, — chamou-os Jason, — enviaram uma nota para Philip e Jonathan?

Os dois chegaram ao alto da escada também se atando suas batas. — De que falas, Jason? — Kate perguntou. — por que demônios nós enviaríamos para eles em meio da noite? — Tony o olhou completamente confundido.

Jonathan começava a estar desesperado. Algo estava mau. Ninguém mais o sentia? Ele olhou ao redor e viu que Kensington tinha perdido seu ar divertido e que Verônica tinha tomado sua mão. Ele se voltou e viu o Wolf e ao Jason intercambiar um olhar preocupado. Ele finalmente olhou ao Philip e isto o golpeou imediatamente.

— Alguém nos queria fora da casa, — ele declarou. Corria para a porta ainda antes que terminasse a oração, Philip ia atrás dele.

— Robertson! — Jason bramou. Jonathan ouviu mais gritos enquanto as pessoas pediam cavalos e roupa.

Jonathan e Philip não ficaram o suficiente para inteirar-se de mais.

Quando eles chegaram a casa eles a encontraram com as luzes acesas. Lançaram-se de seus cavalos e correram. Philip alcançou primeiro a porta e a golpeou abrindo-a, entrou no saguão correndo. Jonathan podia ouvir suas palpitações e os gritos de acima. Ele e Philip não reduziram a velocidade enquanto subiam de dois em dois os degraus. Quando chegaram acima os gritos tomaram forma.

— Lady Nevile! — gritava Cheldra em médio do ruído. — Abra a porta!

Como viu o Philip e Jonathan à volta da esquina, à esposa do Sheldrake gritou de alívio. — oh Lorde Neville! Agradeço a Deus que este em casa! Não possamos conseguir que Lady Neville responda e nos abra a porta.

Philip empurrou ao Sheldrake do caminho e tentou com a fechadura. Esta girou facilmente, mas quando ele foi empurrar a porta não se moveu.

— Algo bloqueia a porta, senhor, — disse Cheldra, sem fôlego. — Ouvimos lady Nevile gritar e viemos correndo, mas a porta está bloqueada.

Philip começou a lançar-se contra a porta. — Maggie! — Ele gritou, sua angústia era

evidente. — me responda Maggie! Maggie!

Jonathan girou e se lançou para trás pela escada. Ele transpassou a casa e saiu para sua parte traseira, debaixo da janela da antecâmara. Ele se levantou de um salto agarrando-se por um ramo robusto, subindo pela árvore que passava ao lado do dormitório de Maggie. Só foi questão de segundos antes que ele subisse no balcão. As portas janela se abriram e Jonathan se controlou com frieza diante o caos do quarto. Ele poderia ouvir o Philip ainda gritando o nome de Maggie e vários outros corpos se uniram para golpear a porta.

Ele deu um passo dentro e seu coração deixou de golpear quando viu o corpo do Maggie em uma esquina no chão. Sua roupa de noite estava rasgada e sua cara virada para o lado. Algo estava aceso sobre seu cabelo.

— Maggie, — ele gritou, mas seu horror o fez soar como um ronco.

Ele tropeçou a seu lado e a levantou. Tinha uma mordança em sua boca e sua cara estava machucada e com sangue. Seus peitos estavam expostos por um enorme rasgão em seu vestido e quando a virou pôde ver arranhões sobre suas coxas expostas. Mas estava viva, Deus obrigado, estava viva. Seus olhos estavam fechados com força e sua respiração era errática.

— Maggie! — Ele gritou outra vez, e esta vez sua voz soou forte. Ele agarrou seus ombros e a sentou, sem notar que ela caía sobre ele. Ele passou seus dedos por seu cabelo, até ao nó detrás de sua mordança e o desatou, atirando-o. Ela gritou.

— Não, não, por favor, — ela gritou fracamente, sua voz era áspera e dolorosa.

Em seu alívio Jonathan se esqueceu de suas feridas. Ele a deixou imediatamente e Maggie voltou para rincão da esquina, afastando-se, como um animal ferido. Tomou um momento entender o que ela dizia.

— Não mais, por favor, — ela choramingou. — Não me toque não me toque. — Ela virtualmente tentava arrastar-se para a parede.

— Maggie, amor, sou eu, Jonathan, — ele sussurrou e tentou tomá-la em seus braços outra vez. Ela gritou sem parar.

Jonathan estava em estados de choque. Ele ficou de pé e se afastou.. Ele logo que poderia ouvir as vozes que gritam do outro lado da porta. Tudo o que ele podia ouvir era a Maggie, pedindo para não tocá-la, gritando uma e outra vez. Ele girou e correu para a porta, desesperado por escapar.

Havia um enorme armário bloqueando a porta. Jonathan começou a empurrá-lo e apenas se movia. Os corpos que empurravam do exterior da porta lhe ajudaram a movê-la só um pouco, mas parecia muito lento. Os gritos de Maggie se fizeram quase silenciosos, sua voz estava consumida. Jonathan estava frenético. Ele agarrou um lado do armário e o inclinou até que caiu de lado. Maggie choramingava de medo.

A nova posição do pesado móvel proporcionou a abertura necessária para que Jonathan e Philip e quem quer que estivesse ajudando-o, empurrassem-no o suficiente para abrir a porta. Quando se abriu, Philip, Kensington, Wolf e Cheldra e até o criado Jack se precipitaram no quarto. Eles se pararam, congelado em seus pés ao ver a Maggie sangrenta e machucada, seu terror era visível. Jonathan se precipitou para a cama e agarrou uma manta e tentou abrigar a Maggie, mas ela se encolheu no chão, afastando-se lentamente dele, sacudindo sua cabeça e soluçando brandamente.

— Maggie, — Philip lhe sussurrou sua voz cheia de mais dor do que Jonathan alguma vez tivesse percebido nele, nem sequer durante a guerra. — Maggie—, Philip disse outra vez e se precipitou a ela. Jonathan não pôde suportar mais e correu do

quarto.

Duas horas mais tarde eles esperavam no salão. O Doutor Thomas Peters, um amigo da guerra, tinha chegado fazia bastante tempo e imediatamente tinha ido acima para ver a Maggie. Philip não sabia quem enviou ele, mas estava agradecido. Pouco depois de sua chegada, começaram a chegar outros amigos, Freddy o Duque do Ashland e Brett Haversham, Daniel Steinberg, Simon Gantry, Ian Witherspoon e Derek Knightly. O quarto se voltou tão lotado que perdeu a conta de quem chegou depois.

Jonathan não falava. Nem a ele nem a ninguém mais. Ele se tinha sentado em uma cadeira na esquina do quarto, seus cotovelos sobre seus joelhos, seu corpo para frente. Philip não podia tratar com isso agora mesmo. Ele não podia deixar de pensar na Maggie, sangrenta, machucada, lutando contra dele e contra Jonathan como se eles fossem monstros. Deus, o que lhe havia passado? Tinha sido Robertson? Eles não tinham sido capazes de conseguir nada dela.

Kate tinha tirado todos do quarto, exceto a ela, a Very e à senhora Sheldrake, tinham-na limpo e colocado sobre a cama até que Thomas chegasse. Até que o doutor tinha entrado em seu quarto, Philip tinha ouvido seus gritos, para logo assumir que lhe teriam dado algum láudano para tranquilizá-la, por que depois disso não tinha ouvido nada. A espera o estava voltando louco. Tinha sido violada? Tinha-na prejudicado de algum modo? Ele tinha ouvido que algumas mulheres morriam depois de uma violação brutal. Ele teve que sentar-se diante este pensamento. Sentia-se enjoado, acreditou que devia levantar-se e deixar de preocupar-se com quem o visse.

Alguém pressionou uma bebida em sua mão, e ele bebeu profundamente. O uísque estava aliviado, queria uma garrafa sem diluir, mas também sabia que tinha que ficar lúcido, tinha que manter a cabeça clara para a Maggie. Ele procurou o Daniel e fracamente lhe deu as obrigado. Outro homem ficou com ele, sua mão sobre seu ombro e Philip se sentiu agradecido por esse apoio.

Houve um rangido no quarto e o mar de corpos que o separam da porta aberta. Kate estava ali, de pé, olhando a seu redor. Jason veio a seu lado e tomou seu cotovelo e ela se deu volta, enterrando sua cara em seu peito enquanto ele a consolava. Philip sentiu que o cristal em sua mão se rompia. Morta, Maggie estava morta. Houve um rugido em seus ouvidos e ele não pôde ouvir as palavras de Kate enquanto ela se movia, só podia olhá-la com horror enquanto Daniel tirava um lenço e detinha o sangue em sua mão.

Seu ouvido retornou para os presentes — Bem! Ela vai estar bem, Philip! — Kate lhe gritava. Ele compreendeu que havia várias mãos que o sustentavam, e Kate o sacudia. Quando ela compreendeu que tinha recuperado seus sentidos, ela se ajoelhou a seu lado. — Ela não foi violada, Philip, embora ele o tentasse. Ao que parece não pôde e saciou sua fúria sobre ela com seus punhos. — Ela teve que parar e fechar seus olhos um momento para compor-se. Quando ela os abriu outra vez, as lágrimas se derramaram. — Robertson, por sua descrição foi Robertson. Suas palavras eram desconexas, erráticas, mas ele se referiu ao Jason, Tony e a mim, e ti e Jonathan. Ele quer vingança e crê, penso, que é alguma causa divina devido a nossos enlacs imorais. — Ela levantou os olhos angustiados para os outros dentro do quarto onde Jonathan estava. — Ele tentou estrangulá-la, matá-la. Ela não está segura do que o parou possivelmente a gente que golpeava sobre a porta. Sua garganta... — ela levantou as mãos e tocou sua própria garganta, sem poder continuar. Começou a soluçar e Tony chegou a seu lado, sustentando-a. — OH Deus, isto é minha falta. Sinto-o tanto, Philip,

lamento-o, Jonathan.

Pela primeira vez desde que escapasse do quarto do Maggie, Jonathan falou. Sua voz quebrada pela dor. — Não, Kate, isto não é sua culpa, é a minha.

Philip girou para ele, viu-o ficar de pé, Brett e Freddy estavam a seu lado e tentavam consolá-lo. Ele os tirou. — Eu nunca deveria ter vindo. Não deveria ter obrigado a Maggie a me aceitar. Trouxe isto sobre vocês dois. Se eu tivesse estado longe, meus pecados não lhe teriam corrompido. — Seus olhos eram febris com a culpa e confusão.

— Jonathan, — Philip sussurrou, horrorizou que o homem o que ele amava acreditasse tais coisas. — Sabe que isso não é verdade. Maggie e eu lhe amamos, quisemos-lhe aqui. Necessitamos-lhe. Robertson está louco, louco. Não nos faça isto.

Outras vozes no quarto se levantaram, tentando acalmar ao Jonathan, mas ele não tinha consolo. — Não o entende! — Ele gritou, afastando-se de seus amigos, apoiando mais longe do sofá onde estava sentado Philip. — Não mereço este amor! Sabia, soube sempre, mas o queria, Philip, queria-te e a Maggie tanto que não fiz caso a minha consciência, não fiz caso de tudo que me dizia que devia permanecer longe.

Philip devagar cruzou o quarto para onde Jonathan se apoiou contra a parede. — Entendo sua dor e o que diz Jonathan, — lhe falou devagar, com calma. Podia ver que Jonathan estava perto de um colapso, possivelmente além dele. — Maggie nos necessita agora, Jonathan não pode vê-lo?

Jonathan lançou uma risada que soou áspera, feia no quarto. — Não, Philip, esta é minha culpa. Devo ser castigado por Deus, sabe. — alguns ofegos se levantaram no quarto seguidos de murmúrios. — Não por amá-los, mas sim por acreditar que era digno de seu amor em troca. Ele nunca me deixará ser feliz, Philip, este é meu castigo. Eu sabia e embora o tentasse de todos os modos. Arrastei-os a ti e a Maggie a meu inferno.

Philip o tinha alcançado e quando o segurou nos ombros, Jonathan se deslizou ao piso. Philip o seguiu, embalando a cabeça do Jonathan sobre seu ombro. Jonathan lhe deixou, mas não respondeu, não pôs seus braços ao redor do Philip. — Isto é absurdo, Jonathan. Por que Deus quereria te castigar? Como alguém poderia te encontrar indigno de amor? Amo-te, Maggie te ama.

— Tem que te deter. — Jonathan se separou e olhou Philip fervorosamente. — Tem que deixar de me amar antes que Deus te castigue também. Ele me castigou pela Maggie já. Não lhe deixe te usar também, Philip.

Philip tinha tido o bastante. Ele sacudiu ao Jonathan violentamente. — Não seja idiota, — bramou. — Robertson fez mal a Maggie, não Deus. Esta não é uma vingança divina, são as ações de um homem louco.

Jonathan riu outra vez, o som enviou uma chicotada de frieza sob a espinha do Philip. — Você não sabe o que tenho feito Philip, — gritou-lhe. Ele perdeu o equilíbrio completamente atirando-se ao chão, afastando-se dos braços do Philip, e descansando sua cabeça contra a parede detrás dela, fechando seus olhos. — Meus sonhos, meus pesadelos, quer saber quais são? — Ele abriu seus olhos cheios de lágrimas para olhar fixamente ao Philip sem esperanças. Para o Jonathan, não havia ninguém mais no quarto.

— Sim me diga isso amor, se o quiser. — disse-lhe Philip brandamente. — Mas os conhecer não trocará nada, não há nada que possa ter feito, alguma vez, que me faça deixar de te amar.

A risada do Jonathan esta vez foi curta e amarga. — Odiar-me-á o suficiente, —

disse-lhe. Ele se sentou mais direito, sem fazer caso das lágrimas sobre sua cara. — Matei-o, — disse-lhe rotundamente. Philip esperou um momento mais, mas Jonathan tinha fechado seus olhos outra vez e mordida seu lábio para parar seu tremor.

— Matou a quem?

— Durante a guerra, — respondeu Jonathan, sua voz era instável.

— Matamos durante a guerra, — disse Brett Haversham brandamente detrás do Philip, — assim é a guerra. Não pode te culpar por isso, Jonathan.

Jonathan olhou a seu redor como se nesse momento recordasse que havia outros no quarto. — Mas realmente me culpo Brett, porque ele não era um soldado. Ele era um jovem moço de possivelmente dez ou onze anos. Saiu das árvores e o reduzi como um cão com minha espada. Nunca teve nem sequer uma possibilidade. Desorientado depois de ter recebido um golpe na cabeça, perdi meu cavalo e quando fui buscá-lo a batalha tinha seguido adiante. Ele deu um passo de entre as árvores e o estripei. Estava desarmado. Quando morreu, uma mulher, sua mãe supondo, saiu gritando por entre as árvores e detrás dela, seguiam-na três pequenas meninas. Era sozinho um moço, tentando proteger a sua mãe e a suas irmãs, e o matei.

Jonathan desceu sua cabeça. — Nunca o disse ninguém porque me envergonhava profundamente. E esse dia soube que algum dia Deus me castigaria. Que eu não merecia felicidade nesta vida, ainda quando sempre sofreria por meus atos. — Ele elevou a vista para o Philip outra vez, seu olhar parecia torturado. — Mas não podia te deixar, Philip, tanto como sabia que devia fazê-lo. E logo Maggie... — ele deixou que o pensamento o acalmasse.

Philip sentiu as lágrimas sobre sua cara. Jonathan tinha levado tudo isso durante tanto tempo, acreditar que estava condenado. Tinha estado tão mal depois da guerra e ninguém se deu conta, mas não o tinham estado todos? Jamais tinha considerado nem por um momento que Jonathan pudesse ocultar um segredo assim, tão horrível. Encontrava difícil falar, sentindo que ele de algum modo tinha defraudado ao Jonathan.

— Devo ir, — disse Jonathan de repente, levantando-se bruscamente. — Não posso ficar mais aqui e pô-los a ambos em perigo. Tenho que partir.

Phillip estendeu a mão para tomar a sua desesperadamente. Apertou-a com força, enquanto Jonathan tentava arrancar-se. — Não, Jonathan, isto não troca nada. Ainda te amo, e Maggie também. Necessitamos-lhe.

Jonathan se arrancou violentamente. — Eu meditei Philip, não mais. — antes que Philip pudesse responder, Jonathan saiu rapidamente do quarto.

Philip ficou de pé, os acontecimentos da tarde começavam a pesar sobre ele. Ele se precipitou para a porta depois do Jonathan, atropelando uma cadeira com sua pressa. — Jonathan! — Ele gritou, só para aparecer na entrada enquanto a porta central era fechada de repente. — Maldição! — Ele amaldiçoou sua dor, a culpa e sua preocupação o fizeram dar-se a volta e retornar zangado. .

Ele voltou para o salão e tão de repente assim como sua cólera se elevou, evaporou-se. Ele olhou a outros indefeso. Podia ver que alguns gritavam, outros estavam zangados, muitos confusos. Kate e Very gritavam, abraçadas uma à outra, dando-se consolo. A quem Philip poderia pedir-lhe agora? Finalmente Jason falou.

— Freddie, encontre-o. — Imediatamente o duque juntou a vários homens e saiu do quarto. — Quando o faça, manda a alguém a me dizer isso imediatamente! — Jason lhes disse enquanto saía detrás deles.

Brett deu um passo adiante. — Enviarei para o Stephen Matthews. — Stephen era o

vigário quem tinha a seu cargo a paróquia do condado hereditário do Freddie, e outro amigo da guerra. — Que melhor ajuda em uma crise de fé que um homem de Deus? — Sua risada, pequena embora fosse, deu esperanças ao Philip.

Os pensamentos do Philip foram rompidos por uma pequena voz da escada. Ele girou rapidamente e viu a Maggie vacilar no alto. — Philip? — Ela coaxou.

Philip correu pela escada enquanto a gente saía do salão. — Maggie! — Ele gritou, horrorizado diante as contusões que agora podia ver sobre sua garganta, no som de sua voz destrocada. Uma parte sua se encheu de alegria, entretanto, o que lhe pedisse, encheu-lhe de medo.

Ele agarrou seus ombros quando a alcançou e desceu a ambos para sentar-se sobre os degraus. — Não deveria te levantar meu amor, — ele disse meigamente, abraçando-a, acariciando seu cabelo. Sua resposta, a necessidade que ela mostrava por afundando-se nele, era parte do comprido caminho por volta da cura da mais recente de suas penas. Suas seguintes palavras o devolveram ao pior disso.

— Onde está Jonathan? — Ela sussurrou com muita dor. Seus braços se apertaram a seu redor, embora se sentisse fraca pelo ocorrido e o láudano. — Queria ao Jonathan, também.

Philip sentiu as lágrimas juntar-se outra vez. — Jonathan teve que sair um momento, meu amor, mas ele retornará. — Sua própria garganta se fechava de necessidade de uivar sua raiva diante o mundo. Raiva por seu destino, pelo Robertson e pelo Jonathan.

— Não, — Maggie disse fracamente. Ela começou a sacudir sua cabeça e empurrar fracamente no Philip. — Foi horrível. Quero ao Jonathan. Jonathan! — Sua tentativa de pedi-lo tinha um pateticamente débil volume, a necessidade e a dor corriam debaixo de sua voz, Philip olhou para baixo e viu Kate chorar. — Jonathan! — Maggie chamou outra vez, sua agitação aumentou até que ela começou a derrubar-se sob a influência da droga.

Philip a levantou e tomou em seus braços, logo girou para levá-la a seu quarto. — Jonathan retornará amor, nem que tenha que arrastá-lo a patadas e gritando todo o caminho.

Capítulo Quinze

Ian Witherspoon olhou o rosto do Jason enquanto entrava novamente no salão e fechava a porta detrás dele. Se fosse um inimigo, correria. Jason estava furioso, mas Ian não esteve seguro de por que. Havia tantas opções. Jogou uma olhada ao redor do quarto e viu o mesmo olhar em muitos dos queridos rostos ali.

Sentiu a mesma raiva impotente. Conspiravam contra a guerra? Muito banal. Contra Jonathan? Muito fácil e muito duro. Contra uma sociedade que rechaçava aceitá-los? Inutilidade outra vez. Contra Robertson? Sim, que era um objetivo tão bom como algum.

— O que devemos fazer com o Robertson? — Ian perguntou ao Jason—. Deveríamos estar perseguindo-o? Há alguma opinião?

Jason se voltou a olhá-lo com um grunhido, e Ian deu um passo atrás. Tony se aproximou e lhe pôs uma mão no braço do Jason, e Jason se girou para ele. Tony se apoiou nele e lhe sussurrou algo, e Jason descansou sua cabeça brevemente sobre o ombro do Tony enquanto se endireitava novamente.

Ian se deu conta de que Kate e Very não estavam no quarto. Ah, era um conselho de guerra então. — Sinto muito, Jase, mas tenho que fazer algo — lhe disse Ian tranquilamente.

Jason sacudiu sua cabeça. — Não, eu o lamento. Sinto-me tão como a merda com tudo isto — Se deslocou sobre o sofá e passou suas mãos através de seu cabelo já despenteado—. Sim, caçaremos-lo. Provavelmente não o encontraremos esta noite, partiu com muita antecipação. Mas o perseguiremos de qualquer forma — Ele se tornou adiante e descansou seus braços sobre suas coxas, suas mãos apertadas entre seus joelhos — Agora mesmo, só estou preocupado pelo Jonathan — Olhou ao redor do quarto a cada um deles—. Algum de vocês sabe sobre isto? — Houve um murmúrio coletivo. Jason se tomou um momento fazer contato ocular com cada homem—. Alguém guarda segredos que possam explodir em nossas caras?

Frente à pergunta, o olhar do Ian foi ao Derek Knightly. Derek não tinha dormido uma noite completa da guerra. Ian devia sabê-lo, já que compartilhava uma cama com ele. Não falaria sobre os pesadelos tampouco, mas do que Ian tinha deduzido dos confusos murmúrios do Derek durante os sonhos, eram sobre o que ele tinha visto, não sobre o que tinha feito. O olhar fixo do Derek encontrou e sustentou o seu como desafiando ao Ian a falar. Ele sacudiu sua cabeça ligeiramente para dizer ao Derek que não falaria, e Derek fechou brevemente seus olhos de alívio. Tinham chegado a isto então? Derek já não confiava nele com seus segredos. Isso doía mais do que Ian teria sonhado possível.

Ian podia ver a mudança no rosto do Derek, e sabia que ele experimentava uma de seus relampagueantes oscilações de humor. A cólera faiscava em seus olhos.

— Preocupado pelo Jonathan? — mofou-se Derek—. Um homem que escapa correndo de seus amantes quando eles mais o necessitam? Deixa-os que se apodreçam, digo eu.

— Derek! — ofegou Daniel—. Estava ali, como pode falar assim? Jonathan está atormentado pela morte desse moço. O impacto do ataque a Maggie, sua própria culpa — Cristo espero que o encontremos a tempo.

— Ele não tem uma casa de campo em algum lugar? — Perguntou Brett ao quarto em geral—. Seria um lugar para começar.

— Sim, sim tem — disse Ian—. No Distrito Lake, Derek e eu fomos ali faz uns meses, quando ele estava afastado da Maggie e Philip.

— A história se repete... — murmurou Tony de onde estava parado detrás do Jason.

Derek se deu volta e se encaminhou para a porta. — Bom, merda, vou colocar lhe um pouco de sentido comum a golpes. Maldito idiota.

Enquanto ele se precipitava fora da casa, todos os olhos se voltaram para o Ian. Ele suspirou e se deu volta para a porta. — Perdoem-no, cavalheiros. Conhecem seu caráter. E temo que o esteja dirigindo de maneira incorreta — Ian sorriu ironicamente quando se deteve na porta e inspecionava o quarto—. Já vêem, as felicitações estão à ordem do dia. Casei-me — Seu anúncio se encontrou com um sobressaltado silêncio—. O que, nenhuma felicitação? — disse com fingida jovialidade.

— Não disse a nós — respondeu Tony.

Ian se girou longe — Não, não o fiz, verdade? — Suspirou outra vez—. Bem, creio que é melhor que vá e lhe ponha rédeas a meu antigo amante — fechou a porta detrás dele.

— Bem — disse Daniel depois de que Ian abandonasse silenciosamente o quarto—,

estamos todos bastante abertos hoje, verdade? — Ele ajustou seu casaco enquanto se sentava.

— O que quer dizer? — perguntou Jason com irritação, ficando de pé para passear-se. A mais antiga parte do quarto se dividiu em pequenos grupos e estava discutindo o que fazer sobre o Robertson e Jonathan, assim como as alarmantes notícias do Ian. Só ele, Tony, Brett, Kensington, Wolf, Simon e Daniel estavam reunidos ao redor do sofá.

— Bem, você e Tony certamente não ocultam o fato que são amantes — disse Daniel e Jason se girou para fulminá-lo com o olhar—. E Philip e Jonathan estão claramente próximos de que também o suspeite, e agora Ian abertamente reconheceu que dorme com o Derek. Creio que todos sabiam há anos, mas alguma vez tinha ouvido admiti-lo, vocês sim? — fez uma pausa e ninguém respondeu. Então supondo que estou um pouco mal-humorado. Fui a única pessoa por aqui o bastante valente para admitir que tenho sexo com outros homens de forma tão regular como posso dirigi-lo. Agora simplesmente sou outro membro do grupo.

— Não é certo, Daniel — Simon sorriu maldosamente. Todos sabem que poderia dormir com qualquer que se mantenha em pé o tempo suficiente.

— Pelo amor de Deus... — começou Jason, mas Daniel o interrompeu, sua voz amarga.

— Isto deve ser amor — sorriu com afetação. Ah, esse aroma, o amor está no ar, e toda essa putrefação.

— Daniel — disse Brett tranqüilamente. Harry...

— Foi — terminou Daniel rotundamente. Faz muito, e muito tempo esquecido — foi o turno do Daniel de girar-se e ficar de pé — Bom, vou ao Clube Fogos do Inferno.

— O que? — perguntou Jason, impressionado. O Clube Fogos do Inferno era um buraco amoral, tinha membros licenciosos e liberais por toneladas. Certamente Daniel não tinha a intenção de passar à tarde de putas e jogando?

— OH Jason, não seja tão Puritano — riu Daniel, seu bom humor restaurado. Vou ver se posso encontrar a qualquer dos camaradas do Robertson ali. Talvez possam dar um pouco de luz sobre seu paradeiro.

Jason sacudiu sua cabeça com arrependimento. Por que não tinha pensado nisso? — Sinto muito, Daniel. Sim, é uma boa idéia. Leva ao Simon contigo e possivelmente a alguns outros. Nem Robertson nem seus velhos camaradas são confiáveis.

— Tampouco eu, quando ponho minha mente nisso — comentou Daniel enquanto fazia gestos a uns homens para que o seguissem. Tampouco eu.

* * * *

Jonathan despertou com uma dor de cabeça terrível. Tinha uma vaga lembrança de ter sido golpeado na mandíbula pelo Derek antes de ser tirado pelo Ian e... Freddie pensou. Distraidamente esfregou a dor. Ao menos tinha a honra de ter vomitado sobre o Derek por seu problema. A lembrança quase o fez rir. Então notou que estava esfregando uma barba de três -ou quatro- dias, não o restolho de uma noite. Quanto tempo tinha estado bêbado?

Com cautela se levantou de onde estava convexo ao lago da cama. Levava posta roupa suja e enrugada, e pelo aroma que expeliam deviam ser quão mesmas tinha levado postas quando perdeu suas contas em cima de Derek. Seus olhos turvos

exploraram o quarto, e se sobressaltou por sua condição. Trastes vazios e garrafas cobriam quase toda a superfície, com copos sujos. Havia roupa espalhada no chão, e móveis derrubados. Cheirava como o interior de uma garrafa de uísque.

De algum modo conseguiu baixar suas pernas pelo lado da cama, mas teve que sentar um momento e esperar que sua cabeça deixasse de girar antes de poder levantar-se. Tropeçou e chamou um criado. Mataria por água e um banho.

Uns minutos mais tarde se ouviu um murro na porta. Jonathan se inclinou fracamente contra a parede e se estremeceu quando os murros se repetiram em sua cabeça.

— Entre — coaxou apenas capaz de conseguir que as palavras saíssem de sua garganta ressecada.

Jack Thompson entrou e olhou ao redor, repugnado. — Chamou senhor?

— Onde estamos? — perguntou Jonathan, movendo-se lentamente para a cadeira mais próxima.

— No Briarlake, senhor — o tom do Jack era implacável.

Ah, sua casa de campo. Bem, isso era bom. Não tinha deixado feito um asco a casa de ninguém.

— Quanto tempo estive bêbado?

— Esteve bêbado durante três dias, senhor. Além dos dois que passou fora.

Cinco dias! Não era assombroso que se sentisse como se tivesse sido atropelado por um carro e pisado pelo cavalo que o atirava. — Necessito um banho desesperadamente — não fez caso do bufo do Jack. — E, por favor, traz alguém para que limpe este desastre — Jack começou a partir, e Jonathan o deteve com uma petição mais—. E outra garrafa de uísque.

Esta vez o bufo do Jack foi de repugnância. — E o que direi aos cavalheiros que esperam lhe ver? — perguntou com uma nota definida de cólera.

Jonathan se congelou. — Philip? — sussurrou.

— Não, senhor, vendo como está provavelmente não será capaz de viajar até um ratito — disse Jack, seu tom um pouco mais conciliatório—. É o Duque e outros cavalheiros.

Jonathan suspirou. — Ihes diga que morri — disse aborrecido, afundando na cadeira, sua mão sobre sua frente tentando manter sua cabeça unida.

— Já o digo eu, Jonathan, não é gracioso — disse uma voz secamente da entrada. Jonathan jogou uma olhada e viu o Freddie entrar enquanto Jack partia. Freddie olhou ao redor do quarto e seu nariz se enrugou de repugnância. Puff. Depois do dia dois, decidimos te abandonar para que te derrubasse em sua miséria. Adaptou-te bastante bem, deveria dizer.

— Adeus, Freddie — disse Jonathan firme, mas tranqüilamente. Inclusive assim, sua cabeça doía com cada palavra. A voz do Freddie era suficiente para fazer que até seus dentes doessem.

Freddie entrou mais no quarto. — Esta foi minha viagem para comprovar como estava, e realmente não posso esquivar meus deveres, Jonathan. Decidiste voltar para a vida?

— Não — Jonathan fechou seus olhos para bloquear ao Freddie.

— Vais seguir cheirando assim?

— Sim, se isso mantiver a distância.

— Não precisa atuar como se eu fosse o inimigo. Resgatei-te de que Derek te

golpeasse depois de tudo — Ele ouviu o Freddie sentar-se na cadeira frente a ele. Uma casa agradável a propósito. Não é Ashton Park, então o que é?

Jonathan suspirou. — Não tem que me cuidar, Freddie. É pouco provável que fatie minha garganta hoje. Nem sequer poderia encontrá-la em minha condição. Além disso, prefiro beber lentamente até a morte.

Freddie suspirou. — Bem, não permitirei isso tampouco, temo-me. Agora levanta o queixo, te banhe e baixa e toma o café da manhã conosco.

— Nós? — perguntou Jonathan, abrindo um olho aberto. Derek ainda espera me golpear até me converter em uma polpa sanguinolenta?

— Recorda isso, verdade? — Freddie rio em silencio. Ele está ainda aqui com o Ian, e não é nenhum picnic, posso te assegurar. Têm as adagas fora porque Ian decidiu casar-se com alguma mulherzinha a que esteve prometido do berço. Tentamos não nos colocar em seu caminho.

Isso capturou a atenção do Jonathan. — É um matrimônio de três caminhos?

Freddie sacudiu sua cabeça. — Ao Ian gostaria que fosse assim, mas Derek não é muito bom compartilhando.

— Pobre Ian, cruel Derek. Ou é cruel Ian, pobre Derek? — perguntou Jonathan ironicamente. Estamos reconhecendo abertamente que foram amantes durante anos agora?

— Ao parecer — Freddie se encolheu de homens. O mesmo com o Jason e Tony, e agora você e Philip, logo que parece merecer o esforço ocultar estas coisas.

— Não há mais eu e Philip — disse Jonathan severamente. Parou-se muito rapidamente e sua cabeça se sentiu ligeira enquanto sua visão começava a obscurecer-se nos borde.

— Vamos, meu moço — disse Freddie, levantando-se de um salto e agarrando o cotovelo do Jonathan. Vamos tomar com calma, Está bem? Não está em condições de te precipitar. Temos que conseguir algum alimento para ti.

Justo nesse momento Jack voltou com uma criada. — Aqui, moço, limpa este desastre agora — a instruiu. A ver, senhor Overton, fiz que subissem um banho à antecâmara do lado — Ele levava uma bandeja com uma garrafa de uísque e um copo limpo.

— Guarda em seu lugar isso — lhe ordenou Freddie, e traz algum alimento em troca. Algo simples, torradas e chá, e possivelmente um ovo.

Jack sorriu abertamente. — Sim, senhor, sua Graça. Em seguida — deixou a bandeja a alguém que estava justo fora de vista — leva essa comida a seguinte antecâmara — Ele agitou uma mão, e dois criados com bandejas atravessaram a porta.

— É uma maravilha, Jack — lhe disse Freddie gentilmente, impulsionando ao Jonathan para frente com uma mão em seu braço.

Jonathan foi tirado. — Esta ainda é minha casa, Freddie, duque ou não, e quero o uísque, não as torradas e os ovos. Não sou um inválido — sabia que sua voz parecia mal-humorada, e não lhe importava. Inclinou-se sobre o Freddie enquanto abandonavam o quarto.

— Certamente, Jonathan — disse Freddie diligentemente, mas Jonathan notou que não fazia nada para revogar suas ordens anteriores.

Assim que entraram no quarto, Jonathan soube que tinha sido um engano - um engano não compreender a qual quarto foram, um engano que o fez ficar sóbrio de tudo. Deu-se volta bruscamente. — Não posso... não posso estar aqui.

— O que? — perguntou Freddie, atirando o de volta outra vez. Está louco? Tem que te banhar e comer. Sentir-se-á humano outra vez.

Jonathan fechou seus olhos. Não podia olhar o quarto, as femininas roupas de cama e cortinas, a fina penteadeira e as suaves selas. — Este é seu quarto, o espaço que eu tinha preparado para a Maggie — sussurrou roucamente.

Sentiu que Freddie ficava ao lado dele. — E se vê maravilhoso, estou seguro — disse lealmente depois de um momento. Qualquer mulher estaria feliz de tê-lo. Mas isto é somente um quarto, e você o necessita.

Freddie lhe obrigou a entrar no quarto e o deixou nas mãos do Jack. Em segundos esteve nu e na tina que jogava vapor colocada em frente ao lar. Enquanto molhava a imundície, empurraram o alimento em suas mãos e ele comeu mecanicamente. Quando esteve banhado e vestido realmente se sentiu humano outra vez. Ia por sua terceira taça de chá, desejando algo mais forte, quando ouviu alguém limpar sua garganta na porta. Elevou a vista e gemeu em voz alta.

— Declarei que vivo no inferno, então me enviam um santo — disse secamente, pondo a um lado a taça.

— Creio que me dá muito crédito — disse Stephen Matthews. Posso entrar?

— Posso te deter? — perguntou Jonathan agressivamente.

— Certamente — respondeu brandamente Stephen. O resto de nós não abandonou suas boas maneiras.

Jonathan riu. — Entra e faz seu pior esforço.

Stephen entrou e se sentou em frente à pequena mesa do Jonathan. — Há algo sobre o que você gostaria de falar?

Jonathan o olhou distraidamente. — Não.

Stephen simplesmente levantou uma aristocrática e bem definida sobrelanceira para ele. — Bem, fá-lo-ei. Há várias pessoas abaixo que estiveram preocupadas com ti, e ousaria dizer que muitos mais em Londres. Está preparado para deixar de te derrubar na lástima de ti mesmo? — Olhou ao Jonathan com espera, mas Jonathan não disse nada. Pelo geral eu estaria trabalhando neste momento, mas estive sentando aqui girando meus polegares durante cinco dias, e tenho uma vida a que retornar gente que realmente me necessita.

— Não te preciso — grunhiu Jonathan, e se elevou rigidamente para caminhar para a janela. Se estiver maldito, estou maldito, e se perdoar a redundância, não há uma maldita coisa que você possa fazer sobre isso.

— Hmmm, muito inteligente — refletiu Stephen. Por que está maldito outra vez? Há passado bastante tempo, esqueci.

Jonathan se voltou para confrontá-lo com ira. — Você, bastardo auto-suficiente. Não te atreva a julgar a mim ou meus pecados. Não sabe nada deles.

— Não sei nada do pecado? — perguntou Stephen curiosamente.

— Alguma vez há fodido a um homem? — respondeu Jonathan grosseiramente. Ou fodido a alguém se estivermos com isso?

— Não ao primeiro, sim ao segundo — respondeu Stephen alegremente. Passei a prova? Consegui me unir a algum clube?

— Então o homem de Deus não é tão piedoso? — Jonathan podia ouvir a cólera amarga de sua voz, mas não podia controlá-la.

— Você o disse, sou primeiro homem. Mas sim, ainda piedoso, tanto como sou capaz.

— Alguma vez mataste a um homem? — A voz do Jonathan era um mero sussurro. Stephen se parou e caminhou para ele. — Sim — Sua simples resposta impressionou ao Jonathan.

— Eu estava ali contigo, Jonathan. Era a guerra. — Stephen pôs seu braço ao redor do Jonathan e o dirigiu para sua cadeira.

— Mas como vigário, ficou depois das linhas — Jonathan o olhou e de repente o olhou de maneira diferente.

— Poderia havê-lo feito. Mas como podia ajudar a ti e a todos outros se eu não soubesse o que estava passando? Tive a intenção de matar a alguém? Não, mas aconteceu. Rezo por suas almas cada dia? Sim — Ele se sentou e aproximou sua cadeira ao Jonathan, apoiando-se amavelmente. E ainda creio que Deus me ama, Jonathan. Ele estava comigo naquele campo de batalha e não me abandonou. Tal como estava contigo nos bosques. Pensaste que possivelmente ele enviou ao Philip e a Maggie para ajudar a curar essas feridas?

Jonathan sacudiu sua cabeça firmemente. — Não, o que fiz não foi um ato de guerra, Stephen, foi um assassinato. Assassinei a um moço inocente.

— Em tempo de guerra, um tempo de confusão, e medo, e pânico — Stephen tomou os ombros do Jonathan com suas mãos e lhe deu uma sacudida aprazível. Não é Deus quem não quer te perdoar, Jonathan, é você quem não pode perdoar-se.

* * * * *

Três dias mais tarde todos partiram. Stephen foi o primeiro em partir. Jonathan lhe emprestou seu carro e cavalos, já que Stephen não gostava de montar a cavalo. Ele demandou que também estava preocupado, e invariavelmente terminava a cem milhas perdidas de seu destino. Jonathan acreditou que ele exagerava, mas só ligeiramente. Stephen com freqüência estava preocupado por cada um dos problemas de outros. Tentava com muita força salvar o mundo. Jonathan suspirou. Tinha sido imperdoavelmente grosseiro com o Stephen, mas o outro homem tinha aceitado sua desculpa e se separaram como amigos.

Freddie partiu em uma rajada. — Mantive-me longe do Brett quase duas semanas, Jonathan. Creio que não posso te perdoar. Não espere conversa ao menos em um ano — Jonathan simplesmente soprou com ceticismo. Sabia que só tinham sido oito dias. E era conhecido que Brett e Freddie não podiam manter seus narizes longe dos negócios de outros. Não pareciam fazer nada mais que rondar as casas de todos seus amigos, metendo-se em seus assuntos e tentando arrumar o impossível. E pelo geral era o que acontecia, Jonathan teve que admitir ironicamente, mas não esta vez. Freddie tinha uma coisa mais que dizer antes de partir. Olhava severamente ao Jonathan desde seus magníficos arreios - os duques pareciam ter os melhores cavalos, pensou Jonathan. — Não corte sua garganta ou bebas até a morte depois que me parta. Brett estaria bastante molesto — Com isto subiu a seu cavalo e galopou.

Ian e Derek esperavam para ir-se também e ouviram a última observação do Freddie. Ian riu, mas Derek só franziu o cenho. Internamente, Jonathan suspirou outra vez. Freddie tinha tido razão, o matrimônio do Ian pesava sobre o Derek. Faria uma aposta de que sabia aonde Brett e Freddie iriam depois.

— Continua adiante e se mata — disse Derek com desprezo. Voltarei e golpearei seu

cadáver até que seja uma polpa sanguinolenta.

Jonathan não pôde conter sua risada. — Sim, mas estarei morto, então não importará.

Derek logo que soltou uma risada. — Golpear-te-ei com tanta força que o sentirá no inferno — grunhiu, baixando ligeiramente a escada. Derek era alto, pesadamente musculoso, mas tinha uma enorme graça quando se movia. Era desconcertante, já que era também um bruto e um valentão. Parecia como se flutuasse por cima da terra onde andava. Derek quase saía de seu caminho de alienar às pessoas, mas havia algo tão vulnerável nele, que dava vontade de abraçá-lo junto ao peito e protegê-lo. Então ele te golpeava na mandíbula, e a gente via a loucura que significava.

As reflexões do Jonathan foram interrompidas pelo Ian quem o apertou em um abraço. Jonathan apreciou o gesto do Ian. Não queria admitir quão bem se sentia a comodidade física de um simples abraço.

— Bem, também fui mantido muito tempo longe de Londres — disse Ian jovialmente. Ainda tenho que ver minha prometida. Escrevi e solicitei que ela estivesse ali à semana passada. Isto será uma verdadeira prova de seu caráter. Reagirá com zanga ou como uma mártir?

— O que? — perguntou Jonathan, impressionado. Como pôde deixá-la esperando, Ian? Sabia que eu estaria bem.

Ian o olhou seriamente, algo que Ian pelo general evitava. — Você é muito mais importante para mim que uma noiva vagamente recordada, Jonathan. Ela se recuperará enquanto me espera em minha magnífica casa de Londres e reflete assim que me custará isso.

— Ela parece encantadora, Ian, — comentou Derek. Como encantada será sua vida de casado. Posso ver por que tem tanta pressa para ir ao altar.

Ian não fez conta. — E não estou ainda seguro que esteja bem, Jonathan — continuou. Todos lhe abandonamos em massa. Possivelmente Derek e eu deveríamos ficar um tempo mais longo?

— OH, então ainda estou incluído em sua vida? — disse Derek com frieza. Por favor, sinta-se livre de arrumar meu programa como creia conveniente.

Ian suspirou. — Derek, poderíamos, por favor, nos focar no Jonathan durante uns minutos mais? Então poderá me acossar todo o caminho a Londres.

Esta vez Derek ignorou ao Ian. — Adeus, Jonathan — disse Derek, montando seu cavalo. Deixa de te castigar. É um idiota.

— Sempre posso contar contigo para que diga o que passa pela cabeça — disse Jonathan secamente.

Derek olhou para trás. — E que outra coisa falaria? — perguntou.

Ian avançou e montou devagar seu cavalo. — Se necessitar algo, só envia uma palavra. Minha nova noiva estou seguro, apreciaria nossa ausência — o último foi dito com um divertido e zombador sorriso. Então girou seu cavalo e galopou Derek seguindo sua esteira.

Capítulo Dezesseis

Maggie rodou e viu que também Philip estava acordado. Ele não a tocava, não o

tinha tentado desde o ataque fazia quase três semanas. Ele estava sendo incrivelmente considerado, sabia. Ela em realidade tinha temido que ele tentasse fazer o amor ao princípio e não tinha estado preparada. Sua cabeça sabia que era Philip, mas ainda sentia pânico de só pensá-lo. Realmente acreditava que estava por cima disto agora, em que pese a tudo. Ele também tinha sido muito cuidadoso sobre o que lhe dizia sobre a busca do Robertson, especialmente a respeito do Jonathan.

Era o momento. Ela tinha que saber onde estava Jonathan, não só que ele estava bem. E ela desejava ao Philip. Queria que lhe fizesse o amor. Necessitava-o. Rodou o resto do caminho para ficar de lado, olhando-o de frente. Ele girou sua cabeça para olhá-la.

— Desejo-te — sussurrou Maggie.

Philip fechou seus olhos como se lhe doessem. — Está segura? — sussurrou de volta. Os sussurros criaram uma atmosfera extremamente íntima.

Maggie não podia deter seu sorriso. Pareciam meninos intercambiando segredos na escuridão. Só que os segredos que ela queria compartilhar não tinham nada de infantil.

— Sim, estou segura. Quero-te dentro de mim agora, logo. Por favor.

Philip imediatamente rodou, empurrando-a de costas em baixo dele. Maggie podia sentir a tensão nele, podia dizer que ele se sustentava rigidamente em seu controle. Esperou o pânico que viria, só que nunca apareceu. Não tinha compreendido quanto se esteve preocupando com o medo que voltaria até que não o fez, e sentiu as quebras de onda de alívio percorrendo-a. Seus braços estavam ao redor do Philip e o abraçou perto.

— Maggie — a voz do Philip era desigual, necessito-te tanto. Dói, Maggie, dói.

Maggie moveu seus braços até que pôde colocar suas mãos sobre o rosto do Philip. — me deixe fazê-lo melhor, Philip, me deixe — sussurrou enquanto estendia suas pernas amplamente, as abrigando ao redor dele como o abraço de uma verdadeira amante. Ela empurrou sua boca para a dele e o beijou, um beijo mais sensível que apaixonado, mais de cura que de excitação. De todos os modos o sabor e a textura dele, o calor sensível de sua boca tiveram ao Maggie molhada e dolorida em questão de momentos.

Como se lesse sua mente, Phillip ajustou seus quadris e seu pênis encontrou sua entrada palpitante. Ele não empurrou nela imediatamente. Separou sua boca e descansou sua frente contra a dela. — Não quero te machucar — A dificuldade de refrear a si mesmo foi revelada pelo fino tremor que Maggie podia sentir em todas as partes de seu corpo sustentado com tanta intimidade contra o seu.

Maggie agachou à cabeça dele outra vez e pôs seus lábios contra seu ouvido. Ela lambeu o lóbulo da orelha com sua língua e logo lhe percorreu o lado externo. Philip gemeu seu fôlego desigual. — Quero foder, profundamente e com força, agora mesmo — sussurrou ela. É o bastante claro?

— Sim — respondeu Phillip, sua voz áspera. Sem demora, ele introduziu seu pênis nela até o punho, e Maggie gritou de prazer.

— Assim? — A voz do Phillip ainda era áspera, e Maggie sentiu a familiar emoção cantando em suas veias. Ela agarrou um punhado de seu cabelo e puxou com força, fazendo retroceder sua cabeça, seu pescoço em um arco cheio de graça. — Sim — gemeu ela, e logo afundou seus dentes na carne sensível exposta ali.

Philip riu ofegando, empurrando sua cabeça para trás, lutando contra o apertão de sua mão em seu cabelo até que ela soube que isso devia ser doloroso. Obrigou-lhe a deixar livre seu pescoço e logo agarrou suas mãos, as trazendo sem esforço sobre sua cabeça e as sustentando com uma mão.

— Gata infernal — lhe sussurrou enquanto tirava sua rígida longitude dela. Maggie ronronou como uma gata, e Phillip riu outra vez, agora sem piedade—. A gatita necessita que lhe ensinem uma lição — lhe disse, inclinando-se e apertando seu ombro com seus dentes enquanto se conduzia nela duro e profundo outra vez.

— OH Deus — gritou Maggie, já sentindo o princípio de seu orgasmo ondulando dentro dela, ameaçando lançá-la do lado do mundo.

Phillip deixou livre seu ombro com um gemido gutural. — Deus, adora isto, Maggie, com força e selvagem — Phillip começou a palpitar nela, seus impulsos rápidos e selvagens. O cabelo sobre seu peito roçava seus sensíveis mamilos com cada impulso enquanto seu pênis raspava sua carne sensível, forçando o prazer nela até que se transbordasse com ele.

Maggie gritou outra vez enquanto seu orgasmo a golpeava com o poder de uma tormenta repentina, emocionante. Soluçou enquanto continuava, Phillip golpeava o doce ponto interior com um ritmo perfeito. Muito logo ele grunhiu severamente e ela sentiu o pênis explorar dentro dela, lavando sua concha com sua semente quente, acendendo de novo o ponto culminante que tinha começado a diminuir.

Philip se derrubou em cima dela depois de que ambos haviam passado sua paixão. Ele respirava rápido e com força, como se tivesse deslocado costa acima várias milhas. Maggie compreendeu que ela fazia o mesmo. Precipitaram-se para culminar, ambos atirando para isso como se procurassem o Santo Graal. Havia passado tanto e ela o tinha necessitado tanto, com a mente nublada, o prazer intenso que só Philip e Jonathan alguma vez lhe tinham dado. Tinha estado aqui, jogando com eles apaixonadamente, o que Maggie sentia que ela realmente podia ser. Podia ser exigente e selvagem, inclusive violenta, na busca de seu prazer. Eles a empurraram a isso, e agradecia.

Philip começou a rir em silêncio brandamente contra seu ombro. — O que? — perguntou ela, ligeiramente sem fôlego ainda. Ao som de sua voz, Philip se levantou ligeiramente, seu peso sobre seus braços. — Melhor? — perguntou ele, inclinando-se para beijar sua testa. Ela assentiu, e ele se retirou outra vez para olhar seu rosto. Ela viu seu olhar ir de seu cabelo a seu queixo e finalmente a seus olhos.

— Por que ria? — perguntou-lhe tranqüilamente, estendendo sua mão para acariciar um cacho caprichoso na frente dele.

Ele sorriu malvadamente. — Não creio te haver amado tão rápido desde os primeiros dias de nosso matrimônio.

Maggie se uniu a sua risada. — Não, não creio que o tenha feito, embora agora saiba o que fazer quando o faz. Acredite-me, consegui tanto prazer disso como você.

Philip rodou para ficar ao lado de Maggie e a atraiu até que a abraçou contra ele, sua cabeça sobre seu ombro. — Outra vez? — perguntou-lhe com maldade, afundando o nariz no cabelo sobre o topo de sua cabeça.

Maggie riu uma risada baixa e sedutora que nunca tinha sabido que possuía até que o Philip lhe tinha mostrado que o sexo podia ser entre um homem e uma mulher. Já não se surpreendia de ouvi-lo. Cada vez se sentia mais como essa mulher com eles, inclusive quando não estavam na cama. Sentia-se tão livre às vezes, somente queria rir a gargalhadas e girar com seus braços abertos para abraçar o mundo.

— Logo — lhe disse ela e se abraçou mais perto, abandonando sua perna em cima dele e recostando-a entre suas coxas.

— Mantém isso em cima, e será muito em breve, — grunhiu Philip em seu cabelo.

Maggie riu outra vez e percorreu com sua mão através de seu peito, esfregando

seus mamilos e acariciando os cachos loiros ali. Ela beijou seu ombro. — diga-me isso lhe disse simplesmente.

Philip estava quieto. Ele sabia o que ela queria dizer, ela podia lhe contar. — dizer o que? — afastou-se do tema. Quanto te desejo outra vez?

— Philip — o admoestou, seu tom com extrema gentilmente.

Ele suspirou. — Supondo que falas do Jonathan — disse com resignação.

— Tenho que saber. O sinto falta — Lágrimas inesperadas vieram a seus olhos e caíram ao ombro do Philip.

— Cristo — se queixou Philip, girando a Maggie para sua cara. Por favor, não chore, querida. Ele está bem.

— Então por que não está aqui? — choramingou ela. O necessito. Ele não me deseja mais?

— O que? — A voz do Philip foi alta devido à consternação. Como pode sequer pensar isso? Ele te ama, Maggie, certamente que te deseja.

— Ele não está aqui — Isto parecia a mais indiscutível evidencia para a Maggie. Se ele ainda a amasse e a desejasse estaria aqui, não? Ele não teria estado aqui para ela às três semanas passadas? — Ele sabe que não fui violada? — Sua pergunta foi tranqüila, quase um sussurro.

Philip a abraçou com força. — Acreditas que importaria a qualquer de nós? O que nos faria te amar menos? — Sua voz era desigual com a emoção. Maggie odeio o que passou não porque te tenha prejudicado a meus olhos, amor, mas sim porque odeio o pensamento de que tenha sido ferida de qualquer modo. Sinto que te defraudei, que deveria te haver protegido melhor — Maggie poderia ouvir a dor de sua voz.

— OH Philip — choramingou silenciosamente, como poderia havê-lo sabido? Como poderia haver predito as ações de um louco? Não é culpa de ninguém — De repente ela entendeu. É por isso que Jonathan se foi? Ele se culpa?

Ela sentiu ao Philip suspirar. — Sim, ele o faz. Ele pensa que ter estado aqui, fazendo que o aceitasse, ele atraiu a ira do Robertson sobre ti.

Maggie não podia parar de soluçar quando escutou isto. Soava tão próprio do Jonathan, aceitar a culpa. Quanto devia lhe doer tudo isso.

Philip tomou outro fôlego desigual. — Há mais, Maggie — Philip então lhe contou sobre a experiência de guerra do Jonathan, seus pesadelos, e como ele realmente acreditava que Deus o castigava pelo ataque de Maggie.

Maggie chorou silenciosamente para ouvir toda a história. Sentiu como se toda a dor e a culpa e a angústia que Jonathan tinha sustentado dentro dele todo esse tempo estivessem dentro de Maggie, rasgando-a. E agora ele estava sozinho outra vez.

— Philip, temos que encontrá-lo — disse ela urgentemente, sentando-se bruscamente e limpando seus olhos com mãos ásperas.

Philip se sentou também, e com cuidado recolheu suas mãos. — Sei onde está — lhe disse.

Ela o olhou e ao olhar seu rosto ela sorriu. — Você o necessita também, verdade?

— Sim — foi sua simples resposta, e o sorriso de Maggie cresceu.

* * * * *

Jonathan estava sentado em cima da cama. Não havia nenhuma utilidade de estar

ali quando sabia que não ia dormir. Com um suspiro apartou os cobertores e caminhou nu até a janela. Como era seu hábito ultimamente se apoiou contra o marco da janela aberta, escutando os sons da noite e respirando profundamente o ar fresco. Havia passado quase cada noite durante a semana passada aqui, contemplando as estrelas e a vida em geral.

Uma vez que tinha aberto as eclusas de suas lembranças da noite do ataque de Maggie, Jonathan tinha voltado a viver esse dia durante a guerra uma e outra vez. Agora que já não enterrava mais a lembrança, que tinha deixado de emergir em seus sonhos quando realmente dormia. Possivelmente finalmente compartilhando sua vergonha secreta tinha diminuído a carga de algum modo. Outra coisa que devia ao Philip supôs. Suspirou. Não, não era só isso o que devia ao Philip. Devia-lhe sua vida, sabia agora. Sem o Philip, ele teria terminado faz muito.

Pensar no Philip fazia que esse vazio interior se enchesse de dor e solidão. Esses três meses sem ele ao princípio de seu matrimônio com a Maggie tinham parecido infinitos. Era a primeira vez que ele tinha estado longe do Philip da guerra. Agora isso parecia uma pequena gota de água no oceano da solidão que se estirava frente a ele. Ele tinha sentenciado a si mesmo a uma vida sem o Philip. Não acreditava poder agüentá-lo. As recentes noites infinitas lhe tinham mostrado quanto necessitava realmente ao outro homem. Era uma parte tão integral da vida do Jonathan como a respiração. Ele sabia que um dos motivos pelos que não podia dormir de noite agora era porque se acostumou a ter ao Philip e Maggie a seu lado, na cama, cada noite.

Maggie. A propósito não tinha pensado nela nas poucas semanas passadas. Quando o fazia, a culpa que o atacava era quase muito para levar. Tinha-a abandonado quando mais o tinha necessitado. Como poderia lhe perdoar, quando ele não acreditava poder perdoar-se a si mesmo?

Esfregou suas mãos sobre sua cara asperamente. Hoje tinha compreendido que esse era seu mais velho pecado. Perdoou-se o que havia passado durante a guerra. Stephen o tinha ajudado a ver que precisava perdoar-se, que o que havia passado era uma tragédia de guerra e circunstancial. Ainda o lamentava em cada momento acordado, mas isso já não o controlava. Seu pesar pela Maggie e Philip o controlava.

Tinha que vê-los. Tinha que saber se eles o tinham perdoado. O pensamento lhe trouxe a primeira medida de paz que tinha sentido em semanas. Sim, tinha que ir com eles. Tinha que ver que Maggie estava bem. Philip tinha estado enviando cartas com regularidade, pondo-o ao dia sobre o progresso de Maggie, de modo que sabia que ela estava bem fisicamente. O fato de que Philip nunca escrevesse uma palavra sobre como havia Maggie reagido a sua ausência era uma omissão evidente. Significou que ela não se preocupava, ou que isto a tinha partido em dois? Sua consciência estava de acordo com seu coração sobre qual opção rezava que fosse a real.

Voltou para a cama com a convicção de que esta noite, por fim, seria capaz de dormir. Amanhã iria a Londres.

Capítulo Dezessete

Jonathan despertou com um sentimento lânguido em seu corpo, como se o movimento não só fosse indesejável, a não ser impossível. Tomou só uns segundos registrar que a dor queimava em seu pênis. Ele gemeu ao sentir quão duro estava. Ele

nunca tinha despertado tão rígido antes, positivamente palpitava. Ao sentir que uma boca mordiscava brandamente seu peito, seus olhos voaram abrindo-se.

A primeira coisa que registrou foi ver que ainda era de noite. O quarto estava banhado pelo brilho de uma brilhante lua. Então seus olhos se posaram de repente sobre o Philip. Philip se ajoelhava a seu lado, sobre a cama nu. Seu cabelo loiro brilhava a luz da lua, seus olhos como chamas de vela queimaram ao Jonathan.

— Olá Jonathan! — disse-lhe brandamente.

Naquele momento Jonathan sentiu uma mordida aguda sobre seu mamilo e ele gritou, esquivando sobre a cama no doloroso prazer. Ele olhou para baixo a seu outro lado e viu a Maggie inclinada, lambendo seu duro mamilo picante com sua língua. — Maggie, ele se afogou. Ele levantou sua mão para sua cabeça e correu uma em seu formoso cabelo que fluía para debaixo de suas costas nua como um rio noturno.

Ela elevou a vista para ele e logo se estirou ao seu lado cobrindo-o com seu próprio corpo, transbordando-se sobre seu peito e estômago. Ela insinuou sua perna entre as suas, roçando-se sensualmente contra ele. — Não volte a partir nunca mais, Jonathan, — lhe disse severamente. — Entende-o? — Ela beijou seu pescoço, chupando-o com cuidado e Jonathan arqueou seu pescoço para dar seu mais acesso.

— Sim, — ele ofegou, e não estava seguro se estava respondendo a uma pergunta ou só respondendo-a como de bom se sentia ela contra ele.

— Parece-me que não o entendeu bem, Philip, — ronronou Maggie, enquanto seguia lambendo e chupando sobre seu ombro e peito.

O prazer do Jonathan era tão intenso que o fez ofegar. — Entendo que te sente tão bem, Maggie, — ele disse com voz rouca.

— Certamente que o faço, idiota, — disse-lhe ela carinhosamente. — Eu sempre me sinto bem, você é o maldito mártir que se nega. Não tem a ninguém mais a quem culpar por sua condição desesperada, somente a ti.

Jonathan lhe girou olhos tristes. — Sei que sou culpado. Por Deus, Maggie, pode me perdoar? Afastei-me quando você...

Maggie o interrompeu. — Sim, sobre isso. Decidi que definitivamente tem que ser castigado. — Ela o mordeu com força sobre o lado suave de seu ombro e ele não pôde parar um pequeno ganido. Tampouco pôde parar de mover seus quadris com o prazer. Maggie riu, sua risada foi baixa sedutora, e enviou uma fria corrente de excitação pela espinha do Jonathan. — Não acreditas que deveria pedir perdão ao Philip também? Ele te necessitou tanto como eu.

Os olhos do Jonathan se giraram outra vez ao Philip quem tinha estado ajoelhado ali silenciosamente desde seu primeiro olá! — Philip, disse Jonathan em voz baixa, sendo sozinho capaz de dizer seu nome, pigarreando para procurar que sua garganta afrouxasse sua emoção. Philip brandamente se apoiou para frente e estirou todo o comprido de seu firme corpo, como um gato. Então ele se colocou ao lado do Jonathan tão perto como podia ficar sem subir sobre ele. Ele estava sobre seu lado e se acomodou até acomodar todo o comprido do Jonathan, para deixá-lo cavado sobre seu próprio corpo. Jonathan ofegou na emoção escarpada de sentir o corpo nu do Philip com o passar do dele. Seu fôlego se fez rápido quando Philip languidamente estendeu a mão e a pôs sobre seu peito, roçando-o brandamente. Seus quadris ondularam contra Jonathan e ele sentiu a enorme ereção do Philip, quente e dura.

— Sim? — Philip sussurrou, inclinando-se para baixo para fuçar procurando o ponto suave que estava sozinho detrás de seu ouvido. Jonathan gemeu.

— Não mereço isto, — Jonathan se obrigou a sussurrar. — Abandonei-lhes...

Maggie o mordeu outra vez e Philip se retirou. Jonathan de forma audível ofegava de desejo. Philip devagar tomou um punhado do cabelo do Jonathan, atirando-o até que sua cabeça se arqueou para trás, obtendo outro profundo gemido de prazer do Jonathan.

— Não o merece, desgraçado ingrato, — Philip disse brandamente, — mas depois de esta noite, terá ganhado isso.

Em um movimento coordenado quase como um baile picante, sensual Maggie se retirou do Jonathan ao mesmo tempo em que Philip liberou seu cabelo e o colocou de barriga para baixo. Maggie se fez para trás ao seu lado e ele girou sua cabeça para olhá-la.

— Amo-te, Jonathan, — ela sussurrou, colocando beijos ligeiros sobre seu rosto. — Sempre te amarei. — Ela colocou a sua boca sobre a sua e a apertou. Jonathan de bom grau abriu sua boca para aceitá-la. Ela conduziu sua língua dentro e o varreu como se ela tivesse que estar segura de que ainda provava e estava igual. Ela chupou sua língua e mordeu seus lábios com cuidado e Jonathan tomou o prazer que lhe dava. Depois de um tempo muito curto ela se retirou, opondo-se aos esforços do Jonathan para sustentá-la ali. Ele levantou sua cabeça para seguir sua boca que se retira e de repente sentiu uma palmada aguda sobre seu traseiro. A picada fez que ele se surpreendesse. Ele sentiu o batimento do coração do golpe sobre sua bochecha e de repente já não pôde respirar. Ele soube o que eles lhe tinham preparado.

— Esta noite só fará o que lhe digamos Jonathan, — Philip lhe disse brandamente. — Sobre seus joelhos, te levante e coloca seus ombros para baixo sobre a cama.

Jonathan devagar girou sua cabeça para olhar a Maggie. Seus olhos brilhavam entusiasmados. Suas bochechas estavam avermelhadas. Uma inspeção próxima lhe revelou que seus mamilos estavam escuros e inchados com o desejo. Ele poderia cheirar sua excitação e isto fez água sua boca. Com seus olhos sobre sua cara, Jonathan fez o que lhe disseram.

Maggie se tinha elevado para ajoelhar-se também, e ela se inclinava agora. Ela passou sua mão com amor por seu negro cabelo grosso e logo colocou seu nariz ali e inalou profundamente como se ela tentasse memorizar seu aroma. — Agarra os sulcos da cabeceira, amor, — sussurrou-lhe. Jonathan fez o que lhe pedia e sentiu seu sorrisinho em seu cabelo. — É um moço tão bom, Jonathan. Eu gosto muito deste teu lado.

O próprio entusiasmo do Jonathan o fez falar com força. — O que queira Maggie. Tudo o que você e Philip queiram. — Ele se assombrava do débil som de sua própria voz. Soava baixa e palpitante com a luxúria. Deus, ele queria isto. Ele quis que Philip o açoitasse como o tinha visto açoitar a mulheres no passado, e queria que Maggie o olhasse.

— Isso é bom, Jonathan, porque vamos fazer o que queremos, — Maggie lhe disse normalmente, sua voz estava cheia de uma profunda sensualidade, que provocou puxões na virilha do Jonathan. Ela moveu sua cabeça e com cuidado tomou seu ouvido em seus dentes, não para mordê-lo, a não ser para tomá-lo possessivamente. A ação fez apertar suas vísceras. Ela o liberou e lambeu o ponto, fazendo-o tremer. — E o que queremos Jonathan, — ela respirou em seu ouvido, — é fode-lo, os dois.

Jonathan soube quando o ouviu que jamais em sua vida tinha feito esse som, não pôde evitá-lo, era em parte um gemido e em parte desejo puro. Sua mente ficou em

branco durante um momento, incapaz de compreender que por fim todos seus sonhos se realizariam.

— Te agarre forte, Jonathan, — disse-lhe Philip enquanto sentia afundar a cama e o Philip sentar-se escarranchado sobre suas pernas. Philip passou um dedo brandamente abaixo de sua espinha, e Jonathan arqueou seu traseiro, inconscientemente empurrando atrás para o Philip. Philip seguiu, — mas antes que eu monte este magnífico traseiro, vou açoitá-lo até que grite para mim.

Jonathan gritou quando sentiu a picada e ouviu a palmada da mão do Phillip na outra bochecha de seu traseiro. Ele não teve nada de tempo para recuperar-se antes que outro golpe viesse do outro lado. Ele se agarrou aos travesseiros da cama com força e montou a dor, os batimentos do coração em seu traseiro pelos açoites se converteram em um pulsar de seu membro. Ele perdeu a conta de quantas vezes Phillip o golpeou, logo que registrou seus próprios gemidos e os sons suplicantes que fazia com cada palmada. Maggie se deslizou para baixo a seu lado e ele girou sua cabeça, olhando como ela começava a acariciar-se seus próprios peitos, beliscando seus mamilos e empurrando seus quadris no ar ao mesmo ritmo dos golpes do Philip. Ele gemeu quando ele viu que uma de suas mãos se deslizou para debaixo de seu estômago e para os curtos cachos de seu sexo. Maggie gritou quando ela empurrou seu dedo dentro dele, dobrando seus joelhos e estender suas pernas enquanto ela se masturbava.

Os açoites terminaram tão de repente como tinham começado. Em vez de um golpe, as mãos do Philip acariciaram as bochechas quentes de seu traseiro e o movimento apazível fez que Jonathan quase gozasse. Jonathan sentiu Philip colocar ali um momento antes que uma língua suave molhada lambesse a pele que queimava, acalmando-a. Então Philip o beijou e Jonathan não pôde tomar mais.

— Detenha Philip, por favor, — ele pediu. — Não quero gozar ainda, não ainda.

Philip se retirou imediatamente. — Não, amor, não ainda, — ele sussurrou de acordo. — para Jonathan, — disse-lhe com cuidado e ajudou ao Jonathan a subir a seus joelhos.

Jonathan tremia tanto que não poderia ter conseguido elevar-se sozinho. Ele estava tão embargado com a emoção que ele não se surpreendeu ao sentir escorregar duas lágrimas por suas bochechas. Philip o abraçou, puxando-o para trás em um abraço apertado. Jonathan girou sua cabeça, enterrando sua cara no pescoço do Philip. Quando Philip sentiu as lágrimas, disse-lhe. — Não chore amor, — sussurrou-lhe com o tom de um amante e Jonathan sentiu mais lágrimas cair. — Não chore, — disse Philip brandamente outra vez e beijou sua frente.

Maggie se elevou sobre seus joelhos diante dele. — Jonathan, meu amor, — ela sussurrou, abraçando-os a ele e ao Philip. Jonathan podia sentir seu coração golpeando contra seu peito em um ritmo frenético, e compreendeu que ela não tinha chegado a seu clímax antes.

— Maggie, me deixe te provar, por favor, — pediu-lhe, não fazendo caso de suas próprias lágrimas. De repente sentia um apetite voraz por ela.

— Sim, — Philip sussurrou, beijando a curva do ombro do Jonathan brandamente. Philip o derrubou sob seu regaço enquanto ele se recostou sobre suas ancas, e Jonathan sentiu o membro do Philip pulsar com o passar da dobra de seu traseiro. Ele se estremeceu do desejo. — Maggie, te deite — Philip lhe pediu, — e deixa ao Jonathan te provar antes que nós a fodemos.

O aviso do que devia vir fez ao Jonathan fechar seus olhos um momento. Sentia-se

em uma tortura, mas era delicioso, como só Philip poderia fazê-lo.

Maggie se colocou diante do Jonathan, estendendo-se para seu prazer e o seu próprio. Jonathan tentou afastar-se do Philip, apoiar abaixo e beijar a concha de Maggie, brilhando à luz da lua, mas Philip o sustentava desde atrás prolongando a antecipação. Maggie passou suas mãos pelos flancos de seus peitos e os cavou e espremeu. Ela gemeu com o desejo, arqueando-se para trás, tentando ao Jonathan, jogando com ele. Ela riu de maneira sedutora dos pequenos e débeis sons que fez quando Philip o manteve preso.

— Estiveste fazendo pratica de tortura antes de chegar? — Ele ofegou.

Philip riu a gargalhadas. — Só em nossos sonhos, — ele disse com um pequeno beliscão ao ombro do Jonathan antes que ele o liberasse.

Jonathan não afrouxou suas mãos e joelhos, mas desceu sua cara para enterrá-la na concha molhada da Maggie. Ele imediatamente se dirigiu ao duro botão de seu prazer exposto, passando sua língua ao redor antes de tomá-lo com cuidado entre seus dentes. Maggie gritou e Jonathan liberou o broto só para chupá-lo em sua boca profundamente. O grito de Maggie rasgou de noite, e enquanto ela culminou ele introduzia seu dedo em seu canal choroso. Ele sentiu seus músculos que se ondulavam com sua liberação e empurrou outro dedo. Maggie soluçava do prazer..

Jonathan recordou a presença do Philip detrás de si um pouco depois quando sentiu ao outro homem acariciar seu traseiro outra vez. Esta vez Philip não parou em suas bochechas, mas seguiu a dobra entre eles e passou seus dedos com cuidado pela raia, cada um de seus dedos, roçava ligeiramente sua entrada. Jonathan ofegou e agarrou os quadris de Maggie com força, lutando consigo mesmo para permanecer em sua posição total. Maggie gemeu e com um tremor Jonathan lambeu sua concha outra vez, determinado a lhe dar sua atenção um pouco mais.

Sem preâmbulos Jonathan sentiu de repente o dedo do Philip, fresco e úmido com o lubrificante líquido, empurrar em seu traseiro. — OH Deus, — gemeu Jonathan. Incapaz de seguir seus ministérios a Maggie, posou sua cabeça sobre seu estômago, abrigando-a ao redor de suas coxas e atirando suas pernas para que o rodeassem.

— Sim, bebê, — sussurrou Maggie, — é muito bom, verdade? Philip é tão bom. — Sua voz era rica e espessa com a satisfação. Ela passava seus dedos com cuidado por seu cabelo. — Mmm, eu gosto de ver-te assim, saber como você gosta do que Philip te faz quão bom se sente. Diga-me como se sente de bom, Jonathan.

Jonathan gritou, suas eram palavras ininteligíveis, mas o significado era claro enquanto Philip começava fodendo com um dedo em seu traseiro. Ao princípio Philip se moveu devagar, mas quando sentiu que o traseiro do Jonathan se relaxava e começava a sentir o prazer, Philip começou a mover-se mais e mais rápido.

— Sim, Philip, — sussurrou-lhe, — isso é bom, muito bom, Maggie. Quero mais, Philip, mais. — Ele sabia que lhe pedia e não se preocupava. Era o que Philip queria, o que Maggie tinha exigido e que Jonathan ansiava.

— Mais? — Philip ronronou brandamente. — Posso te dar mais, Jonathan. Vou-lhe dar isso logo, bebê. — Jonathan corcoveou quando sentiu um segundo dedo entrar em seu traseiro, o ritmo do Philip apenas se rompeu. A nova pressão por um instante quase foi muito e ele vacilou sobre o lado de dor antes de sentir-se ampliar e queimar-se sob sua plenitude. Ele gemeu profundamente e começou a empurrar para trás contra a mão do Philip torpemente até que ele tomou seu ritmo.

— Tão suave, Jonathan, — disse Philip com essa voz que Jonathan tinha ouvido

usar com a Maggie quando ele a elogiava durante uma quente fodida. O timbre de sua voz fez Jonathan começar a tremer de desejo. — foste feito para mim, Jonathan, meu doce moço, meu doce traseiro.

Maggie escolheu aquele momento para recordá-los de sua presença. Ela riu com maldade e os dedos que tinham estado correndo com cuidado pelo cabelo do Jonathan se apertaram até que a pressão fosse um agradável queimar. — Não é teu, Philip, é nosso. Logo terei minha marca nesse doce traseiro também, Acreditas que um dildo trabalharia sobre o Jonathan também, verdade? — Ela riu outra vez quando Philip e Jonathan gemeram com suas palavras. — É obvio, posso ver que isto é algo que teremos que tentar muito em breve.

Ela ficou sobre o cabelo do Jonathan outra vez, esta vez levantando sua cabeça e levantando sua cara à sua. — Está preparado, querido? Estou preparada. Quero seu membro em mi. E quero ver o membro do Philip te penetrar. Está preparado?

— Sim, sim, — ofegou Jonathan, suas palavras seguiam o mesmo ritmo que os empurre dos dedos do Philip.

Maggie não necessitou mais estímulo. Ela fez que Jonathan subisse seus trementes braços e se deslizou debaixo dele, acomodando sua concha justo debaixo de seu duro membro — Dê-me isso Jonathan. Estive muito tempo sem ti. Dê-me isso e logo te entregue ao Philip.

Philip retirou seus dedos do Jonathan e Jonathan ofegou no prazer gemendo no vazio. Ele fechou seus olhos e saboreou a antecipação. Em minutos todas suas fantasias se realizariam. Foder a Maggie outra vez e finalmente foder ao Philip, juntos. Ele se estremeceu e tentou um pouco de controle antes de abrir de seus olhos outra vez.

— Preparado? — Maggie lhe perguntou brandamente, e ele pôde ver seus olhos brilhar com a luxúria, mas esta se escurecia com seu amor, mais amor do que Jonathan alguma vez tivesse esperado ver nos olhos de outro.

— Sim, — ele disse simplesmente, seu tom foi firme e ele desceu seus quadris nela, ainda sustentando-se sobre seus braços. Ela fez um som deliciosamente profundo em sua garganta. Logo tomou para baixo e agarrou sua ereção, rapidamente a moveu e colocou sobre sua entrada, que queimava de tão quente e cremosa com sua excitação. Jonathan apertou seus dentes quando refreou seus desejos, determinado a não gozar ainda. . Ele colocou seus quadris e introduziu seu membro profundamente e com força na concha de Maggie até que ele alcançou seus limites, tão profundamente como podia ficar. Maggie gritou e se empurrou contra ele, empurrando uma vez, duas vezes, de modo incontrolável, montando-o.

Philip agarrou os quadris do Jonathan, sustentando-o ainda. — Maggie—, Philip disse severamente, e logo se repetiu quando seguiu fodendo o membro do Jonathan sem parar. — Jonathan tem que sustentar-se para que possa lhe colocar meu pênis. Tem que espera um momento, meu amor.

Maggie choramingou na decepção. — Não quero esperar! — Ela gritou. — Quero foder!

Logo que conseguindo refrear-se com cada nervo de seu corpo queimando, Jonathan se surpreendeu ouvir-se rir. Sua voz estava sem fôlego quando lhe respondeu. — Sim, também o queremos, Maggie.

Ele ouviu a risada do Philip detrás dele. — Eu não poderia havê-lo dito melhor, Jonathan. Agora fica quieta, Maggie.

A breve risada ajudou a Jonathan a relaxar-se ligeiramente e o devolveu do lado.

Ele olhou para baixo à cara de Maggie e ela parecia uma gata a quem lhe tinha tirado seu leite. — Quietos? — Ela perguntou com voz risonha.

— Sim, pequena pícara, — disse-lhe e inclinando-se beijou seus lábios com força e rápido.

— Mmm, não, — murmurou Maggie. Ela deslizou seus braços ao redor de seus ombros e o atirou para trás. — Quero mais.

Ela pôs má cara de maneira exagerada e Jonathan riu em silêncio. Ele esfregou seus lábios tocando-os com os seus e sussurrou, — Dar-te-ei mais. Deixará que Philip dê isso a mim, não?

Ouvindo-o, Philip se moveu para trás. Ele arrumou suas pernas entre a Maggie e Jonathan e logo Jonathan viu que suas mãos baixam a seus lados enquanto seus quadris tocavam seu membro e o colocava na dobra do traseiro do Jonathan. Jonathan riu outra vez firme. — Cristo, isto é tão bom. Quero dizer que agora mesmo não sou responsável por meu funcionamento durante esta noite. Sei que no minuto que me fodas, Philip, vou encher a Maggie com tanto como ela possa sustentar.

Maggie se levantou e agarrou seu cabelo outra vez, mas não forte. Então Philip separou as bochechas de seu traseiro e ele sentiu a ponta de seu pênis molhar-se com o lubrificante e escorregar quase sem esforço no lado de seu ânus. Ele ofegou com o prazer quando sentiu a dura pressão de suas bolas, sentindo-se a só momentos de alcançar seu clímax. Então Maggie deu um puxão sobre seu cabelo com toda sua força, e por um momento ele esqueceu o enorme membro em seu traseiro e grunhiu com dor.

— Ainda quer gozar? — Maggie ronronou, lambendo seu pescoço.

Jonathan ofegava, mas já estava de novo em controle. — Não, pequena bruxa. Obrigado. — Ele caiu abruptamente e a beijou sem piedade, obrigando a sua boca a abrir-se grosseiramente com a língua e dentes. Ela gemeu e não pôde controlar um pequeno menear de seus quadris, e apertar seus músculos vaginais com força sobre ele.

Como Jonathan beijou ao Maggie, Philip empurrou seu membro mais profundo no traseiro do Jonathan. Jonathan estendeu suas pernas mais longe, relaxando seu ânus e o fez retroceder. O prazer agora era profundo, mas controlado. Ele sabia como foder um traseiro e ele usou aquele conhecimento para tomar ao Philip dentro dele. Ele gemeu de êxtase enquanto Maggie o beijava vorazmente e Philip escorregava mais e mais profundo nele até que pôde sentir as bolas do Philip embutidas contra ele, seu cabelo grosso pubiano roçando em seus próprios testículos.

Ele teve que romper o beijo com a Maggie. Ele se retirou com um ofego, e logo começou a foder. Ele os fodeu a ambos e ambos o foderam a ele. O calor molhado de Maggie por diante, e detrás a longa, dura e quente longitude do Philip. Era tudo que ele sempre tinha sonhado, tudo que alguma vez pôde querer. As palavras estavam além dele, mas ele bebeu das palavras que saíam de Maggie e Philip enquanto eles o amavam.

Maggie sentiu as lágrimas sobre suas bochechas enquanto fodia ao Jonathan. Como tinha sentido falta dele! Que maravilhoso se via em sua paixão enquanto finalmente fodia ao homem que amava, quão doce e maravilhoso era deixá-la ser parte disso.

— Sim, amor, meu querido Jonathan. Meu amor. Como te amo, como te senti falta. Não me abandone outra vez, Jonathan, não poderia suportá-lo, não poderia. — Ela não podia controlar sua voz e não podia parar o tremor em seus membros mais do que podia controlar as palavras que saíam dela.

Ela o beijou amorosamente, lhe murmurando palavras de amor contra seus lábios.

Ambos se retiraram com um ofego. — Necessito-te, Jonathan, desesperadamente. Necessito isto, a ti e ao Philip, me amando e amando-se um ao outro. Quis isto, quis que estivessem juntos.

Ela teve que deixar de beijá-lo outra vez. Ele gemia quase sem parar e ela sabia que seu clímax estava quase sobre ele. Ela poderia sentir a profundidade dos impulsos do Philip nele cada vez que seus quadris empurravam para frente. A emoção de senti-los, de vê-lo, de saber como se sentia ser fodido pelo Philip no traseiro, tudo se combinava para levá-la muito perto, ela estava na agonia.

— OH Deus, OH Deus, — ela cantava, montando-o com força agora, elevando-se para encontrar seus impulsos profundos, quase completamente perdida no êxtase. O prazer aumentava só de saber que ela e Philip controlavam ao Jonathan, agora ele era deles. Seu para amá-lo quando quisessem. Ele tomaria e com muito gosto faria tudo o que eles quiseram. O controle era estimulante.

Ela ouviu o Philip detrás do Jonathan. Suas palavras eram similares às suas, mas também eram palavras de louvor, de estímulo, tão similar ao modo em que lhe tinha falado quando ele tinha estado lhe ensinando a foder corretamente. Ela tremeu com o entendimento de que possivelmente era Philip quem controlava a ambos agora. O pensamento a fez arquear-se e sua concha tremeu com o glorioso pênis do Jonathan. Seu orgasmo a golpeou com força.

— Sim, — Philip assobiou quando ouviu o grito de Maggie. — Sim—, ele gritou enquanto levava seu membro mais profundo dentro do doce traseiro do Jonathan. Deus, fode-lo era quase tão maravilhoso como foder a Maggie. Dois traseiros magníficos e todos dele. É obvio, deles. Eles faziam tudo o que ele quisesse. Ele se sentia como um deus, como se possuísse ao mundo.

—Foda-a, Jonathan, foda-a duro e profundo do modo que gosta, do modo que gostam. Por Deus te amo, amo tudo sobre ti. Seu corpo firme, seu magnífico traseiro, seu enorme membro. Dê-lhe seu membro, Jonathan.

Philip movia sua cabeça no êxtase enquanto Jonathan começou a palpitar mais duro dentro de Maggie, e saindo e entrando com força e profundo. Ele a fodia tão a fundo que não estava segura de que este formoso homem pudesse ser capaz de andar pela manhã e Jonathan amava a cada segundo disso.

Philip sustentava os quadris do Jonathan mais apertados, seu próprio pênis palpitava do mesmo modo em que Jonathan esmurrava ao Maggie. Ela estava perto do topo outra vez, como sempre fazia quando a gente seguia fodendo duro e profundo uma vez que tinha alcançado seu clímax. Ela poderia gozar repetidamente, esta era sozinho uma das coisas que gostava dela, e muito conveniente quando fodia a dois homens.

Assim que Philip aumentou seus impulsos, Jonathan gritou e começou a tremer. — É obvio também você gosta com força e profundo, meu amor. Você fode bem, Jonathan, justo como isto, uma e outra vez. Está tão apertado e quente, Cristo, amo-te. Quero fode-lo cada noite, a ti e a Maggie. Foda-me, Jonathan, me mostre como você gosta.

O tremor do Jonathan aumentou. Philip estava determinado para empurrá-lo sobre o lado. Ele poderia contar que não só seria pelo sexo, mas sim pelas palavras, ao Jonathan gostava das palavras.

— Tão doce tão doce amor, — a voz do Philip era desigual, viajando para seu próprio orgasmo, ele que sem piedade suprimia. — Amo-te tanto, tanto. Necessito-te, Jonathan, a ti e a Maggie. Nunca volte a me abandonar outra vez, Jonathan, jamais volte a fazê-lo.

Com suas últimas palavras Philip se conduziu no Jonathan com toda a força que pôde, ao mesmo tempo em que Jonathan se retirou da concha de Maggie, congelou-se e gritou, sua voz foi um grito rouco e logo ele começou a estremecer-se e introduziu novamente seu membro na Maggie. Philip podia sentir as pulsantes repetições do orgasmo do Jonathan ondular por seu traseiro contra seu membro e ali se afastou de todo controle. Retirou-se uma última vez e logo empurrou com força contra Jonathan, lhe dando a bem-vinda o calor proveniente da explosão de semente que banhava seu membro. Sua liberação fez que Jonathan gritasse outra vez fracamente, um grito que terminou em um soluço.

Quando ele recuperou seu fôlego, Philip compreendeu que seus olhos estavam fechados, mas ele ainda se sustentava em seus trementes braços, tentando não esmagar ao Jonathan ou a Maggie quem ainda estava debaixo de ambos. Como se viesse de longe ouviu os soluços de Maggie e ele devagar se tirou do Jonathan, seu pênis parecia luzir, mas muito agradável. Ele sentiu o tremor do Jonathan e logo caiu de lado ao lado de seus dois amantes.

Philip teve que fechar seus olhos outra vez um momento, lutando contra a vertigem. Ele sentiu o movimento da cama enquanto ouvia o Jonathan deitar-se, e girou sua cabeça para ver o Jonathan do outro lado do Maggie.

— Não chore meu amor, — sussurrava a Maggie, — não chore. Amo-te, Maggie, amo-te. — Jonathan apertou a Maggie entre seus braços e Philip se acomodou contra as costas dela.

— Sei Maggie, — ele sussurrou com sua bochecha embutida contra a pele suave entre suas omoplatas. Seus braços a abraçavam com força e Jonathan se acomodou mais perto do outro lado, apertando-a contra eles. — Foi assombroso, querida, e o recuperamos. Temos Jonathan e ele nunca vai partir outra vez. —

— Não, não, — sussurrou Jonathan, colocando beijos suaves contra a cara de Maggie. — Nunca te abandonarei outra vez, Maggie. Adoecer-te-á até a morte comigo, já verá. Segui-los-ei a ti e ao Philip como um cão esperando um osso. Pedirei-lhe para foder-me da noite para o dia e da manhã à noite. Começará a lamentar ter vindo detrás de mim.

Maggie riu fracamente, e Philip riu contra suas costas. — Não acredito que seja provável, — ela sorveu os mucos. — Só lhe açoitaremos profundamente e lhe lançaremos sobre a cama. Ou o piso. Ou alguma mesa.

Philip riu a gargalhadas. — Ou na sebe do parque. Ou nessa banca que está perto da fonte, sabe qual, essa que esta na frente, creio que é bastante ampla. Penso que pode ser bastante amplo, embora tenhamos que estar sentados. Ou...

Jonathan se permitiu interromper com um suspiro. — Sim, compreendo a idéia. Um pouco de açoites, e lançamentos. Esse será meu castigo de toda a vida?

— Isto te pareceu castigo? — Maggie perguntou sugestivamente. Ela limpou uma lágrima de sua bochecha, mas seguia chorando.

— Absolutamente... não, — Jonathan brincou. Philip se retirou e revisou ao Maggie para vê-la rir tranquilamente. Philip ligeiramente descansou seu queixo sobre o ombro de Maggie.

— Quer nos açoitarem e te vingarem? — Philip lhe perguntou, seu tom era brincalhão, nada sério.

Jonathan procurou seu olhar e enrugou sua frente. — Não esta noite. Mas quando estiver de mau humor, já se inteirará.

Philip esteve a ponto de responder quando a voz irritável de Maggie interrompeu. — Necessito um banho.

Ambos os homens riram. — Não temos nenhum banheiro, mas penso que possamos esquentar um pouco de água, — disse Jonathan, divertido. — Poderia te lavar eu mesmo. — O olhar que deu ao Philip foi como um oferecimento, como uma promessa de paixão para vir.

Jonathan despertou bruscamente, perguntando o que o tinha despertado. Tomou um momento recordar onde estava e logo as lembranças da noite anterior chegaram a ele. Ele sentiu uma mão sobre seu estômago e jogou uma olhada a seu lado para ver o Philip ainda dormindo. Sua mão estava sobre o Jonathan enquanto ele sonhava. Jonathan não pôde ver sinal da Maggie.

Ele tomou seu tempo desfrutando da vista de um nu e adormecido Philip. As lembranças de seu membro enchendo-o na noite provocaram nele um agudo desejo. Ele tocou a mão do Philip ligeiramente, passando seus dedos por sobre o braço do Philip para acariciar seus bíceps. Os músculos se incharam e os olhos do Jonathan voaram para o Philip, agora acordado e olhando-o com veemência.

A mão do Philip se moveu com o passar do estômago do Jonathan, acariciando sua carne enquanto ele a movia para baixo e agarrava seu membro, duro como uma rocha agora. Jonathan ofegou brandamente e devagar bombeou seus quadris, seu membro seguiu o movimento dentro e fora no punho do Philip. Ele sentiu uma pressão sobre sua perna, e como olhou para baixo, Philip atirou seus quadris para trás então Jonathan pôde ver seu erguido membro. Jonathan tomou e o abrigou em seu próprio punho. Estava quente, e muito duro. Os olhos do Philip se fecharam, e durante uns minutos os dois se moveram, empurrando-se mutuamente, às mãos do outro, enquanto seus punhos bombeavam seus membros.

Finalmente Jonathan se separou ligeiramente e liberou a virilidade do Philip. Os olhos do Philip se abriram e ele não fez nenhum protesto quando Jonathan o fez cair de costas. Jonathan subiu sobre o Philip, com cuidado alinhando seu membro, para colocá-lo completamente sobre o do Philip, suas pernas estendidas aos lados do Philip, suas longitudes descansavam com força um contra o outro. O peso do Jonathan e sentir seu membro esfregando sobre Philip lhe provocou um delicioso tremor.

— Jonathan, — ele gemeu.

— Shhh, — Jonathan sussurrou em seu ouvido, sua língua saiu correndo para lambar nas volutas ali. Ao mesmo tempo, Jonathan começou a mover-se, empurrando seus quadris, golpeando ao Philip com seu pênis.

Um som estrangulado vinha da garganta do Philip e ele agarrou os quadris do Jonathan, pressionando-o mais firmemente contra seu membro. As mãos do Jonathan tinham estado descansando junto à cabeça do Philip, mas agora elas se moveram, enterrando-se em seus fios de ouro. Jonathan se levantou ligeiramente, até que seus lábios estivessem um fôlego de distância do Philip.

— Sim, — ele sussurrou, — foda-me justo assim, Philip.

Roçou com seus lábios sobre o Philip, e a língua do Philip saiu disparada, procurando o calor da boca do Jonathan.

— É obvio, — Jonathan gemeu, sua própria boca se fechou quente e molhada sobre a do Philip, que empurrou sua língua para enredá-la com a do Philip enquanto eles

lutaram pelo predomínio do beijo, explorando as bocas de cada um em um duelo silencioso.

Seus quadris começaram a empurrar mais duro, mais rápido, seus membros bombeavam de acima para baixo ao longo de cada um, acariciando um ao outro com suas duras, quentes, aveludadas longitudes. Jonathan se retirou do beijo, respirando pesadamente, e descansou sua cabeça sobre o ombro do Philip, seu fôlego quente úmido soprava a garganta do Philip.

As mãos do Philip devagar acariciaram o traseiro do Jonathan, bombeando sobre ele. Com cuidado ele permitiu a seus dedos explorar a dobra ali e sentiu o resíduo pegajoso de sua própria semente. A emoção de luxúria que disparou por ele fez que seu membro corcoveasse e sentiu surgir o quente suco preseminal, enquanto se esfregavam. Isso provocou a seus dentes chiar como se mordessem areia e ao Jonathan gemer profundamente.

Philip experimentalmente inseriu a ponta de seu dedo no casulo rosa do Jonathan, o gemido do Jonathan de prazer foi gutural. Quando ele tentou inseri-lo mais longe, entretanto, ele se encontrou com sua resistência. Jonathan beijava e lambia seu pescoço e mordiscava sobre seu ouvido, murmurando as palavras de estímulo.

— Sim, sim, foda-me, Philip. OH Deus, foda-me outra vez, — ele gemeu, empurrando seu traseiro contra o dedo do Philip.

— Espera amor, espera, — sussurrou Philip, sua outra mão se ergueu para acariciar o cabelo do Jonathan, acalmando-o. — Necessito lubrificante, Jonathan, consegue o lubrificante da mesinha.

Jonathan elevou a vista, ao princípio o olhou perplexo, mas quando viu o Philip estender-se pelo lubrificante sobre a mesa da noite, ele se deslizou parcialmente dele e o alcançou ele mesmo. Philip tomou e o colocou sobre a cama, dentro de seu alcance. Então ajudou ao Jonathan colocar-se para trás ficando sobre ele, reajustando seu membro assim eles poderiam foder outra vez.

Ambos os homens gemeram profundamente no prazer escarpado de seus membros esfregando-se juntos. Depois de um momento, Philip estendeu a mão e cobriu seu comprido dedo médio com lubrificante enquanto Jonathan o olhava, segurando sua respiração com a antecipação. Ele fechou seus olhos no êxtase enquanto o cremoso dedo do Philip esfregava ao longo de seu ânus, lubrificando-o. Então o dígito dentro, torceu-se com cuidado exercendo uma apertada pressão.

— Ah Deus, — gemeu Jonathan, seus quadris empurraram para trás.

— O que quer? — Philip sussurrou no ouvido do Jonathan quando a cabeça do Jonathan descansou fracamente sobre seu ombro. Ele seguiu a pergunta com um beliscão agudo sobre o lóbulo da orelha do Jonathan.

Jonathan ofegou e voltou-se para vê-lo. Ele olhou diretamente nos olhos do Philip, lhe deixando ver ali seu desejo. .

— Foda-me, Philip, — lhe respondeu, logo deixou a sua boca outra vez capturar ao Philip e chupá-lo.

Philip gemia no desespero do doce beijo do Jonathan enquanto inundava seu dedo até o punho no traseiro do Jonathan. Seus nódulos grandes tocaram brevemente o anel de apertado músculos que protegiam sua entrada, mas então forçou seu caminho para dentro. O gemido do Jonathan refletia uma satisfação visceral enquanto ele começava a empurrar seus quadris, Philip esfregava seu próprio pênis ao mesmo tempo em que com seu dedo fodia dentro e fora de seu traseiro.

Durante alguns minutos os dois homens se foderam, voltando-se mais selvagens, empurrando mais duro. Outro dedo se uniu ao primeiro no traseiro do Jonathan e finalmente um terceiro. Seus fôlegos eram desiguais, seus gemidos quase incessantes, enquanto subiam para sua liberação.

De repente Jonathan se arrancou, sentando-se. Philip separou seus dedos e agarrou os quadris do Jonathan e o empurrou. Jonathan levantou mais alto suas pernas enquanto tomava a enorme longitude do Philip e a dirigiu a sua entrada traseira.

— Sim, Jonathan, — respirou Philip, mordendo seu lábio para impedir de gritar enquanto a ponta de seu membro procurava a entrava no traseiro do Jonathan.

Jonathan deixou seu pênis e se apoiou para frente para descansar seu peso sobre suas mãos. Philip estendeu a mão e o agarrou por cima dos quadris, empurrando-o um pouco mais direito, e quando o ângulo esteve bem, ele brandamente embainhou seu membro completamente dentro do apertado buraco do Jonathan.

— OH Deus, — gritou Jonathan, movendo-se ligeiramente, provocando que o membro do Philip se empurrasse mais profundo nele.

Os dois homens pararam, o único som era sua desigual respiração enquanto eles se olhavam fixamente um ao outro.

— Amo-te, Jonathan, — Philip sussurrou enquanto ele o levantava devagar e movia a longa lança de seu membro até que ficou totalmente empalada.

— Amo-te também, Philip, — disse-lhe, enquanto ele mesmo se baixava outra vez. Ele moveu sua cabeça no êxtase ao sentir o comprido pênis fodendo com força. Outra vez a alegria de deixar que Philip o possuísse, a alegria de possuir ao Philip o venceu. Além de todo raciocínio, de toda emoção, apoiou-se para frente e beijou ao Philip com todo o amor e o desejo que se negou durante muito tempo.

Philip gozou primeiro. Ao sentir os lábios do Jonathan arrastar beijos sobre sua garganta, enquanto o membro acariciava seu estômago e o traseiro do Jonathan o agarrava foi muito para levar.

Ao sentir a quente gozada do Philip em seu traseiro fez que Jonathan gozasse. Os dois homens gemeram com força enquanto se empurravam com força e desesperadamente um ao outro. Eles se beijavam desesperadamente, suas línguas soavam seus dentes raspavam enquanto por eles corriam enlouquecidos orgasmos simultâneos.

Assim foi como Maggie os encontrou. Já estava amanhecendo e ela tinha ido até a cozinha por algum café da manhã e trazia uma bandeja ao quarto quando ela os ouviu gemer e entrou para ver os dois homens que a havia fodido ontem à noite beijar-se apaixonadamente, empurrando-se um ao outro. O quarto cheirava a sexo quente, fresco e os próprios sucos de Maggie imediatamente começaram a fluir. Ela apressadamente colocou a bandeja de alimento sobre uma mesa e correu para a cama.

Jonathan acabava de derrubar-se em cima de Philip, satisfeito e repleto, quando Maggie saltou na cama e sobre suas costas. Tanto ele como Philip não se deram conta, nem a tinham ouvido entrar, e gritaram com a surpresa. Maggie riu com prazer quando ela abraçou ao Jonathan e estendeu beijos exuberantes sobre seu traseiro.

— Ah isto vai ser tão divertido! — Ela gritou feliz.

Philip gemeu sob o peso do Jonathan e da Maggie. — O que? — Ele disse ofegando, saindo do Jonathan para os dois derrubar-se sobre a cama. Maggie imediatamente subiu atrás sobre o Jonathan e o abraçou, sua cabeça sobre seu peito, sua cara sorridente girada ao Philip. Ele se via tão satisfeito e Maggie tão feliz que encontrou impossível

mostrar-se alterado com sua chegada aos saltos.

— Nossa vida, tolo! — Maggie respondeu, girando sua cabeça para beijar o peito do Jonathan. Jonathan passou sua mão sobre seu cabelo e riu de suas palhaçadas. Em sua resposta ele elevou a vista para o Philip, um sorriso zombador se estirava através de sua cara. Ele parecia mais feliz do que Philip alguma vez tinha visto antes.

— Sim, Maggie, — disse Jonathan, seus olhos acesos no Philip. — Assim será.

FIM



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>